UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE LETRAS, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Aline Fernanda Maciel

***Nosotros gobierno!* Participação e organização dos trabalhadores nos
cordones industriales de Santiago e empresas nacionalizadas de Tomé
durante o governo de Allende (1970-1973)**

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2015

Aline Fernanda Maciel

***Nosotros gobierno!* Participação e organização dos trabalhadores nos
cordones industriales de Santiago e empresas nacionalizadas de Tomé
durante o governo de Allende (1970-1973)**

Tese apresentada ao Programa de Pós
Graduação em História Social da
Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade
de São Paulo para a obtenção do
título de Mestre em História

Orientador: Prof. Robert Sean Purdy

De acordo:

A handwritten signature in black ink, reading "Robert Sean Purdy", is centered within a light gray rectangular box.

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo

2015

Nome: MACIEL, Aline

Título: *Nosotros gobierno!* Participação e organização dos trabalhadores nos *cordones industriales* de Santiago e empresas nacionalizadas de Tomé durante o governo de Allende (1970-1973)

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de Mestre em História

Aprovado em: 14 de agosto de 2015.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Marcia Cury

Instituição: Universidade Estadual da Bahia

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Everaldo Andrade

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Robert Sean Purdy

Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Agradeço à toda minha família, em especial à minha mãe e meu pai, ao meu orientador, aos amigos, ao meu companheiro, e também aos pesquisadores e entrevistados chilenos, indispensáveis para a realização deste trabalho.

Resumo

Nosotros gobierno!: participação e organização dos trabalhadores nos cordões industriais de Santiago e empresas nacionalizadas de Tomé durante o governo de Allende (1970-1973)

Em 1970, Salvador Allende foi eleito presidente do Chile através de uma coalização de esquerda, a Unidade Popular (UP), que propunha um conjunto de profundas transformações políticas, econômicas e sociais para o país como forma de transição ao socialismo. O governo da UP gerou inúmeras expectativas nos trabalhadores, camponeses e demais setores pobres do país e propôs um sistema de participação popular que junto com a nacionalização das riquezas formava um dos eixos centrais do seu programa. Esta dissertação trata das experiências dos trabalhadores nos *cordones industriales* (cordões industriais) localizados em Santiago e das indústrias têxteis nacionalizadas da cidade de Tomé. Os cordões foram complexos industriais de trabalhadores formados inicialmente como resposta a um paro patronal que ocorreu em outubro de 1972. Nas empresas nacionalizadas de Tomé os trabalhadores também participaram fortemente nas operações das empresas e no processo político. Houve inúmeras mobilizações dos setores populares no período em defesa do governo e como forma de pressioná-lo para avançar nas mudanças que extrapolou os meros níveis institucionais. Buscamos compreender a dinâmica de funcionamento destes organismos de poder popular e como se deu a participação dos trabalhadores nas estruturas de funcionamento das indústrias e a relação dos cordões e dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas com o governo, os partidos políticos e os sindicatos. Embora com dinâmicas distintas, os cordões e as organizações de trabalhadores nas indústrias têxteis representaram novas formas de organização dos trabalhadores baseados na solidariedade de classe. Inúmeras ações conjuntas, como greves e mobilizações, foram articuladas, fortalecendo os laços solidários entre os trabalhadores e possibilitando um maior envolvimento no processo de mudança social e econômica. A dissertação está baseada em doze entrevistas com trabalhadores dos cordões e empresas nacionalizadas na época bem com uma leitura extensiva da imprensa sindical e política.

Palavras-chaves: Chile, Unidade Popular, Poder Popular, organização dos trabalhadores, solidariedade de classe

Abstract

Nosotros gobierno!: Participation and organization of workers in the *cordones industriales* of Santiago and nationalized companies in Tomé during the Allende government (1970-1973)

In 1970, Salvador Allende was elected president of Chile as leader of a leftist coalition, Popular Unity (UP), proposing a set of deep political, economic and social transformations in the country as a form of transition to socialism. The UP government generated many expectations for workers, peasants and other poor sectors and proposed a system of popular participation which, along with nationalization of wealth, formed one of the central axes of its program. This dissertation deals with the experiences of workers in *cordones industriales* located in Santiago and nationalized textile industries in the city of Tomé. There were numerous mobilizations of the popular sectors organized in cordones and nationalized companies during this period both in defense of the government against the employers' and right-wing offensive and also as a way to advance changes that went beyond mere institutional levels. I seek to understand the working dynamics of these organizations of popular power and the relationship of cordones and nationalized companies with the government, political parties and trade unions. Despite their different dynamics, the cordones and workers' organizations in the nationalized textile industries represented new forms of worker organization based on class solidarity. Numerous joint actions, such as strikes and demonstrations were articulated, strengthening the bonds of solidarity between workers and enabling them to take a greater role in the process. The thesis is based on fourteen interviews with workers in the cordones and the nationalized industries of the period as well as an extensive reading of the union and political press.

Keywords: Chile, Popular Unity, Popular Power, workers' organizations, class solidarity

Lista de Siglas

API	Ação Popular Unificada Independiente
APS	Área de Propriedade Social
CORFO	Corporação de Fomento à Produção
CIDU	Centro Interdisciplinário de Desenvolvimento Urbano e Regional (Universidade Católica do Chile)
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CTCH	Confederação de Trabalhadores do Chile
DC	Democracia Cristã
DIRINCO	Departamento Nacional de Indústria e Comércio do Ministério da Economia
EUA	Estados Unidos
FOCH	Federação dos Operários do Chile
FTR-MIR	Frente de Trabalhadores Revolucionários – Movimento de Esquerda Revolucionário
IC	Esquerda Cristã
JAP	Juntas de Abastecimento e Preço
MAPU	Movimento de Ação Popular Unificado
MIR	Movimento de Esquerda Revolucionária
ODEPLAN	Oficina de Planificação Nacional
PC	Partido Comunista do Chile
PCBR	Partido Comunista Bandera Roja
PDC	Partido Democrata Cristão
PR	Partido Radical
PS	Partido Socialista
PSD	Partido Social Democrata
SOFOFA	Sociedade de Fomento Fabril
UP	Unidade Popular

Mapa dos Cordones Industriales¹

¹ *Que Pasá*, 12 de abril de 1973, p. 3.

Sumário

Apresentação.....	02
 Capítulo 1 – América Latina, a Unidade Popular e a Tradição Sindical Chilena...	17
1.1 – A conjuntura da América Latina nos anos 1960 e 1970.....	17
1.2 – Antecedentes da Unidade Popular e a Tradição Sindical.....	26
1.3 - A experiência da Unidade Popular.....	34
 Capítulo 2 - O Sistema de participação dos trabalhadores proposto pela UP, o surgimento dos <i>cordones industriales</i> e debates sobre o poder popular.....	44
2.1 – O Programa da Unidade Popular e a participação dos trabalhadores.....	44
2.2 - A conjuntura do <i>paro de octubre</i> e o nascimento dos <i>cordones</i>	55
2.3 - Debates sobre o poder popular e as posições dos partidos políticos.....	70
 Capítulo 3 - Dinâmica de funcionamento dos <i>cordones industriales</i> e das indústrias têxteis de Tomé.....	84
3.1 - Estrutura de funcionamento dos <i>cordones</i> e participação dos trabalhadores.....	84
3.2 - Indústrias têxteis da cidade de Tomé: história e dinâmica de funcionamento.....	107
 Capítulo 4 – Desenvolvimento dos <i>cordones industriales</i> e as formas de organização da classe trabalhadora chilena durante a UP.....	121
4.1 - Desenvolvimento dos <i>cordones</i> , radicalização da luta e o golpe militar.....	121
4.2 – A Organização dos trabalhadores e as novas formas de sociabilidade: a questão da solidariedade de classe.....	141
 Considerações Finais.....	151
Referências Bibliográficas.....	160
Notas de Fim (Traduções).....	163

Apresentação

“Si nuestra tierra nos pide
tenemos que ser nosotros
los que levantemos Chile,
así es que a poner el hombro.

Vamos a llevar las riendas
de todos nuestros asuntos
y que de una vez entiendan
hombre y mujer todos juntos.

Porque esta vez no se trata
de cambiar un presidente,
será el pueblo quien construya
un Chile bien diferente...”

(Música “Cancion del Poder
Popular” de Inti Illimani)

O tema de pesquisa desta investigação está centrado no estudo da participação e organização dos trabalhadores chilenos nos chamados *cordones industriales* localizados em Santiago do Chile e nas indústrias têxteis da cidade de Tomé durante o governo de Salvador Allende (1970-1973). O governo de Allende foi formado por uma frente de esquerda e trouxe inúmeras expectativas aos trabalhadores com relação às propostas de transformação da sociedade chilena contidas em seu programa. Neste contexto, a participação dos setores populares no processo foi intensa e marcada por inúmeros debates realizados pelo governo e pelos movimentos e partidos da esquerda na época que expressaram as posições políticas e divergências entre eles sobre o tema. A Unidade Popular concorreu às eleições no Chile em 1970 através do candidato à presidência, o socialista Salvador Allende e tinha como premissa a construção do socialismo no país. Tal contexto será aprofundado no capítulo I desta dissertação, porém é importante ressaltar que embora a UP tenha representado uma inovação na trajetória da esquerda ao incorporar a via institucional como estratégia de luta na transição para o socialismo, a mobilização dos trabalhadores e setores populares foi extremamente importante, pois através das suas atuações construíram novos organismos de base pautados no apoio ao governo e na luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

Os cordões surgiram então durante o governo de Allende, e como uma expressão da forte atuação dos trabalhadores diante de um momento de intensa polarização

ideológica. Os *cordones* eram regiões integradas territorialmente e com grande concentração de indústrias de natureza diversa localizadas nas regiões periféricas da cidade de Santiago, cujas fábricas foram ocupadas pelos trabalhadores durante o governo da UP. As demandas dos trabalhadores eram relacionadas a conflitos trabalhistas de caráter reivindicativo, mas principalmente reflexo da disputa política que marcou a conjuntura do país. Quando Allende assumiu o poder no Chile e iniciou as reformas propostas no programa de governo da Unidade Popular, como a nacionalização de empresas do setor estratégico da economia, o controle dos bancos, a reforma agrária, entre outras, o país se transformou em uma zona de intensa polarização ideológica. Os setores ligados à elite dirigente e politicamente contrários ao programa de governo começaram a se articular para impedir o avanço principalmente das nacionalizações, através de ações como o boicote da produção, a retirada em massa dos dividendos que foram enviados a outros países, a criação do mercado paralelo, entre outras. Neste contexto, em meados do segundo ano de governo da UP, ocorreu uma greve geral de motoristas de caminhões com a adesão posterior de setores patronais e gremialistas que atingiu diretamente o abastecimento do país. Diante do clima de intensa instabilidade, trabalhadores em sua maioria, militantes e simpatizantes da esquerda, começaram a ocupar as fábricas para fiscalizar e manter a produção no intuito de conter as ações de boicotes e sabotagens e de pressionar o governo. Como forma de conter a crise instaurada, o governo, junto a CUT convocou os trabalhadores para atuarem em sua defesa, na manutenção do processo produtivo, contra a greve nos transportes e nas organizações que visavam à garantia do abastecimento de produtos de primeira necessidade à população, contribuindo assim para uma maior integração das demandas dos trabalhadores e de moradores dos bairros vizinhos aos cordões. A participação se deu em vários setores populares de bairros pobres que se relacionavam diretamente com os cordões. Muitos dos trabalhadores destes organismos viviam nos bairros próximos a eles e articularam ações para enfrentar as ações da direita contra o governo. Com isso, moradores dos bairros populares vizinhos participaram de forma intensa, por exemplo, das juntas de abastecimento direto, proposta pelo governo como forma de fiscalizar o abastecimento e impedir o mercado negro, juntamente com os trabalhadores das fábricas ocupadas organizaram feiras para a venda de produtos diretamente à população, entre diversas outras ações em defesa do governo e como forma de pressioná-lo a avançar nas mudanças.

Os cordones industriales foram um complexo industrial que envolvia inúmeros

setores e ramas da produção, localizados em determinadas regiões chilenas, integrados territorialmente e organizados pelos trabalhadores durante o governo de Salvador Allende. Nas principais zonas industriais do Chile existiam cerca de 20 *cordones industriales*¹ resultantes das ocupações de fábricas pelos trabalhadores. Tinham o intuito de garantir a produção e a distribuição de produtos de primeira necessidade à população e como resposta a um paro patronal que ocorreu em outubro de 1972, uma paralisação iniciada por proprietários de caminhões e depois absorvida por empregadores e organizações patronais, (SOFOFA, Confederação da Produção e do Comércio), do comércio (Confederação do Comércio), profissionais liberais (advogados, médicos, etc.) e setores ligados à direita.²

Os cordones estudados para a realização desta dissertação foram três: *Cerrillos-Maipú* e *Vicuña Mackenna*, ambos localizados na cidade de Santiago, foram os primeiros a se constituírem e os principais dado ao número de empresas integradas e a importância política de suas ações; e *San Joaquín*, um cordão menor em extensão e estrutura, porém com forte atuação dos trabalhadores. Acrescento ainda nesta investigação o estudo sobre três indústrias têxteis da cidade de Tomé, duas delas estatizadas e uma que sofreu intervenção do governo, ambas por pressão dos trabalhadores. A cidade de Tomé está localizada a aproximadamente 400 km de Santiago do Chile e a indústria textil Bellavista-Tomé foi a primeira a ser nacionalizada no governo de Salvador Allende. Portanto este trabalho integra o estudo de três *cordones industriales* e três empresas da indústria têxtil nacionalizadas durante o governo da UP. A decisão por incluir o estudo das fábricas de Tomé partiu da oportunidade de viajar até a cidade e entrevistar alguns dos trabalhadores do período, e essa experiência foi fundamental para compreender a dinâmica de uma região que embora não estivesse no epicentro dos debates políticos, contou com uma forte mobilização dos trabalhadores em apoio ao governo. A partir disso, busco compreender as contradições entre a estrutura de funcionamento proposta pelo governo (nas indústrias nacionalizadas e nas que sofreram intervenção) e aquela construída na prática e o nível de participação real dos trabalhadores nas decisões das fábricas e nas estruturas dos cordões. O objetivo deste estudo é compreender a dinâmica de funcionamento dos

¹ SOTO, Sandra Castillo. *Cordones Industriales: Nuevas Formas de Sociabilidad Obrera y Organización Política Popular (Chile 1970-1973)*. Concepción: Ediciones Escapate, 2009, p. 220.

² GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales: Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973*. Santiago: LOM Ediciones, Centro de Investigaciones Barros Arana, 2004, p.34.

cordões e das fábricas têxteis de Tomé e a participação dos trabalhadores no contexto do governo da UP, bem como a relação destes organismos com o governo e os partidos, além da questão da solidariedade entre os trabalhadores dos *cordones* e das fábricas de Tomé durante o governo.

O cordão de Cerrillos³ foi o primeiro a ser criado em junho de 1972 no contexto em que o país era marcado por altas taxas inflacionárias, uma crise de desabastecimento e ações contraofensivas da direita. O cordão era composto por mais de 45.000 mil trabalhadores e aproximadamente 250 indústrias de diversos setores produtivos (alimentícias, metalúrgicas, têxteis, etc.). Entre elas estavam Perlak, Fantuzzi, Aluminios El Mono, Polycron, Lan Chile, American Screw, Conservas Copihue, Pizarreño, etc.⁴ Ele agrupou empresas do setor industrial das comunas de Maipu e Cerrillos, zonas de importantes mobilizações, relacionadas, por exemplo, à luta por moradia, representava um dos setores mais dinâmicos em termos de produção industrial. Os setores populares dos bairros pobres vizinhos, junto aos trabalhadores e militantes se organizaram para enfrentar as ações de boicote e pressinar o governo a avançar nas transformações e formaram então o “Comando de Coordenação das lutas dos trabalhadores do Cordón Cerrillos-Maipu”, cuja principal reivindicação foi a “passagem das indústrias ao setor estatal.”⁵

O cordão Vicuña Mackenna foi criado em outubro de 1972 e era composto aproximadamente por 320 fábricas e 8.000 trabalhadores, entre elas estavam: Elecmetal, Easton, Indumet, Fabrilana, Vinex, Luchetti, Easton Chile, Textil Progreso, Standart Electric, Vidrios Liquen, Cristelerias de Chile, Alusa, etc e era o segundo maior em termos de número de empresas, de trabalhadores e importância das ações políticas.

O cordão *San Joaquin* era menor em relação ao número de empresas e trabalhadores participantes, mas com intensas mobilizações como greves, paralisações e ações em solidariedade aos trabalhadores de outras empresas. O cordão foi criado em junho de 1973, era uma extensão do cordão Vicuña Mackenna e localizava-se no centro da cidade de Santiago. O cordão San Joaquin era composto pelas empresas: Sumar

³ Localizado na periferia de Santiago, junto à comuna de Maipú, o cordón Cerrillos aglutinava importantes setores fabris que produziam bens de capital, a chamada “gran indústria por excelência” e sindicatos combativos como assim observado no livro: CORDEIRO, Cristina; SADER, Eder; THRELFALL, Monica. *Consejo Comunal de Trabajadores y Cordón Cerrillos-Maipú: balances y perspectivas de um embrión de poder popular*. Documento de trabajo n. 67. CIDU-U.Católica de Chile, agosto 1973, p. 58.

⁴ SOTO, op. cit., p. 221.

⁵ SADER, Emir. *Cordón Cerrillos e poder proletario no Chile em 1972*. IN: SARTRE, Jeal P. (org.). revista “Les Temps Modernes” n. 347, junho de 1974. p. 2.

(têxtil), Coca Cola (refrigerantes), Tecnical Harsen (explosivos), Famasol (maquinaria), entre outras. Os cordões localizavam-se em sua maioria nas regiões em torno de Santiago o que os tornavam importantes pontos estratégicos de onde ecoavam os produtos para o restante do país.

Os cordões surgem como novos organismos de representação da classe trabalhadora, distinto da organização tradicional representada pela CUT e, com isso, novas formas de sociabilidade se deram entre os trabalhadores que deles participaram. A solidariedade de classe empreendida pelos trabalhadores no período foi um dos elementos fundamentais no processo e foi apontada pelos entrevistados. De acordo com suas perspectivas, a solidariedade de classe referenciada neste trabalho era baseada na união dos interesses em comum dos trabalhadores dos cordões e foi criada a partir das experiências compartilhadas no mundo do trabalho, que visava à efetivação de tais interesses numa sociedade que estava vivenciando um processo de profundas mudanças. A solidariedade entre os trabalhadores durante greves e mobilizações de determinadas fábricas, com o intuito de apoiar as ocupações de fábricas, por exemplo, foi constantemente apontada tanto nos depoimentos como nas demais fontes consultadas. Outro exemplo de solidariedade citada nas entrevistas era o intercâmbio de matérias-primas entre as empresas, cujos trabalhadores se articulavam para enfrentar as ações de boicote da direita, principalmente de integrantes do grupo de extrema direita *Patria y Libertad*. Outras atividades frequentemente abordadas foram: a organização de mutirões para a construção de casas, de bibliotecas comunitárias, hospitais e outros serviços públicos para os trabalhadores e suas famílias.

O período da UP foi marcado pelos intensos esforços da direita em deslegitimar o governo. Por outro lado havia fortes divergências entre setores da esquerda. Tais divergências políticas refletiram no interior dos cordões. Os comunistas eram contrários a muitas das ocupações, pois defendiam que elas ameaçavam a possibilidade de uma aliança com os setores progressistas da classe média. Os socialistas, militantes do MIR (Movimiento de Izquierda Revolucionário) e da IC (Izquierda Revolucionária) acreditavam que o processo de transformação deveria avançar e viam nas ocupações de fábricas uma possibilidade real de aprofundar o desenvolvimento do poder popular. Nesta conjuntura e após o paro patronal as divergências se intensificaram e este processo é abordado ao longo deste trabalho. Outro aspecto importante de ser analisado é a continuidade da tradição sindical chilena. Porém, ao mesmo tempo, os trabalhadores se sobrepuseram à CUT ao criarem uma nova forma de organização com base no

critério territorial. A atuação dos sindicatos foi fundamental nos cordões e nas empresas têxteis de Tomé; dessa forma, é fundamental compreender como se deu a participação dos partidos e dos sindicatos nestes organismos.

Os cordões não devem ser vistos como fruto somente da atuação espontânea dos trabalhadores nem tampouco dos partidos políticos da esquerda chilena. Não há como estabelecer um corte rígido entre a participação dos trabalhadores, partidos e sindicatos. A complexidade das relações construídas entre os partidos da esquerda e os movimentos populares na época impede estabelecer limites rígidos entre eles, visto que houve interação em diversos momentos.

Para a realização deste trabalho utilizei como fontes documentos dos partidos da coalizão, do governo, da central sindical, periódicos dos cordões industriais (principalmente o *Tarea Urgente*, jornal oficial dos *cordones*), depoimentos de trabalhadores e militantes desses cordones, livros e teses sobre o tema. Realizei três viagens para Santiago do Chile para pesquisar fontes e fazer entrevistas com os trabalhadores do período da UP. Durante a viagem foram feitas 12 entrevistas com trabalhadores e dirigentes do período que trabalharam nas fábricas dos cordões industriais. Os trabalhadores entrevistados eram militantes do Partido Socialista e, em menor quantidade, do Partido Comunista, da Frente dos Trabalhadores Revolucionários (um braço operário do MIR) e sem filiação partidária. São eles: Armando Coloma (comunista e trabalhador da fábrica Paños Oveja, localizada na cidade de Tomé), Arsênio Vasquez (sem filiação partidária e trabalhador da empresa FIAP localizada na cidade de Tomé), Carlos Cortez (mirista e trabalhador da fábrica Tecnical Harsen, cordão San Joaquin), Hernan Ortega (socialista e interventor da fábrica Fantuzzi, presidente do cordão Cerrillos-Maipu e presidente da Coordinadora Provincial dos Cordones Industriales), Hugo Valenzuela (socialista e trabalhador da fábrica Sumar, cordão San Joaquin), Joaquin Abarzua (comunista e trabalhador da Sumar, cordão San Joaquin), Juan Carlos Espinosa (socialista), Luis Raul Silva (socialista e interventor da empresa Bellavista, localizada na cidade de Tomé), Mario Olivares (mirista e trabalhador da indústria Easton Muebles, cordão Vicuña Mackenna), Miguel Pizarro (comunista, trabalhador da Sumar, cordão San Joaquin), Rafael Krie (socialista e participante do cordão Vicuña Mackenna) e Ramiro Reyes (socialista). Ao material colhido somam-se documentos dos partidos e organizações políticas e do governo da UP, periódicos do período, textos sobre o tema e documentos da CUT pesquisados em diversas instituições chilenas como: Biblioteca Nacional do Chile, Arquivo Nacional,

Arquivo da Pontifícia Universidade Católica de Santiago, Centro de Memória de Salvador Allende e o Ministério do Trabalho, entre outros. Na cidade de Santiago foram realizadas oito entrevistas com trabalhadores dos três cordões estudados. Nas entrevistas foram contemplados assuntos relacionados à natureza das indústrias, à composição social, à estrutura de funcionamento e seus limites, à relação dos cordões com os partidos e sindicatos, o contexto histórico do período e a solidariedade entre os trabalhadores. Viajei também para a cidade de Tomé, aproximadamente seis horas de Santiago do Chile, onde foi realizada a primeira nacionalização do governo de Allende, a indústria têxtil Bellavista. Durante a viagem foi possível realizar quatro entrevistas com trabalhadores das três empresas têxteis estudadas neste trabalho, fundamentais para entender, junto a outras fontes, como era o processo de nacionalização e como se dava a participação dos trabalhadores nas estruturas das empresas. Durante a ditadura muitos documentos foram destruídos e tal fato dificulta a ampliação do conhecimento sobre aspectos importantes, como por exemplo, se haviam e a quantidade de materiais produzidos pelos próprios trabalhadores, como panfletos, informativos, notas, textos, etc. Sabemos que existe um conjunto de fontes que foram consultadas, mas são poucas. O que existe em quantidade razoável são análises e reflexões de militantes, pesquisadores e trabalhadores sobre as organizações político-partidárias, os movimentos populares; dos membros de jornais de grande circulação e da imprensa alternativa, neste caso, em sua maioria ligada aos partidos, e relacionadas a aspectos do tema. Porém os documentos existentes constituem um razoável universo de informações sobre como se deu a participação dos setores populares no governo de Allende. A partir das notícias de jornais, dos documentos dos partidos políticos, dos movimentos populares, do governo, das entrevistas realizadas com alguns trabalhadores do período, da bibliografia sobre o tema, dos documentos do Ministério do Trabalho e da CUT pode-se extrair elementos fundamentais para uma melhor compreensão do processo. A própria forma como os jornais dos partidos e da grande imprensa, por exemplo, noticiavam as greves, as mobilizações e ocupações de fábricas relacionando-as com a conjuntura política da época nos mostram visões que estavam em disputa no período. O Partido Comunista (PC), por exemplo, não apoiava integralmente as ocupações de fábricas, como acima mencionado, e em seu periódico oficial apresentava fortes críticas ao processo de radicalização. Os jornais de grande circulação geralmente financiados e editados por grupos políticos ligados à direita e ao capital internacional publicavam notícias de caráter extremamente crítico às iniciativas de organização popular. Os jornais ligados às

organizações políticas da esquerda que defendiam a radicalização do processo junto com o “*Tarea Urgente*” (jornal dos cordões industriais) alertavam para a importância em aprofundar o processo de construção do poder popular. Todas essas visões juntamente com a conjuntura política do período e os estudos realizados sobre o tema contribuem para ampliar o universo de conhecimento sobre a UP e a participação dos trabalhadores durante o governo de Allende.

A análise sobre a construção destes organismos de base foi realizada a partir da perspectiva dos próprios trabalhadores e das suas memórias sobre o processo, compartilhadas nas entrevistas e presentes em alguns documentos. Com o propósito de comparar e integrar estas visões compartilhadas entre os trabalhadores e dirigentes entrevistados com outras fontes como a bibliografia sobre o tema e os demais documentos, busco compreender aspectos do processo, como a relação dos cordões com os partidos, a CUT e o governo e analisar a sua construção a partir das vivências destes trabalhadores.

A história oral é um dos principais eixos que estruturam este trabalho. A complexidade que esta área do conhecimento possui bem como a relação entre a história e a memória foi levada em consideração para a problematização das fontes orais principalmente no que se refere ao caráter dinâmico da construção destas percepções no tempo. E por isso, não devemos tomá-las como a história em si, mas parte dela, visões de um processo que integradas e confrontadas aos demais depoimentos e a outras fontes de pesquisa formam um conjunto mais amplo de entendimento sobre o período. A metodologia da história oral, que vem crescendo nas últimas décadas e tornando-se uma frente de trabalho em inúmeras instituições nacionais e internacionais, contribui para a ampliação das fontes de investigação ao incluir os registros orais no conjunto de possibilidades documentais para a pesquisa. Os acontecimentos são lembrados pelos entrevistados recuperando a dimensão vivida da história e de como ela é evocada no presente por aqueles que vivenciaram tais processos históricos. Assim a própria forma de apreensão da história torna-se um objeto de pesquisa.

Neste sentido, para a realização deste trabalho a história oral é entendida, de acordo com a visão da historiadora Marieta Ferreira de Moraes, como metodologia de pesquisa que “estabelece e ordena procedimentos de trabalho [...] funcionando como ponte entre teoria e prática [...] A história oral é capaz apenas de suscitar, jamais

solucionar, questões”, cujas explicações devem ser buscadas na teoria da história.⁶ Para a autora a história oral como metodologia consegue formular perguntas, por exemplo, de como os entrevistados se esquecem de determinados acontecimentos ou confundem datas, porém é no campo da teoria da história que estas perguntas seriam solucionadas. Neste sentido a história oral por ser uma metodologia “não dispõe de instrumentos capazes de compreender os tipos de comportamentos descritos [...] Apenas a teoria da história é capaz de fazê-lo, pois se dedica entre outros assuntos, a pensar os conceitos de história e memória, assim como as complexas relações entre ambos.”⁷ Para além dos questionamentos sobre a veracidade dos testemunhos e a subjetividade que os envolve, sua contribuição esta localizada na problematização das próprias formas de construção destas memórias e sua relação com as necessidades individuais e coletivas no presente. Os testemunhos constituem importantes fontes de estudo do passado e da sua construção no presente que, como qualquer outra fonte, deve ser analisada de forma crítica, como afirmou Marieta: “fazer história oral significa, portanto produzir conhecimentos históricos, científicos e não simplesmente fazer um relato ordenado da vida e da experiência dos “outros.”⁸

A novidade em relação aos outros trabalhos desenvolvidos sobre o tema situa-se nos esforços para integrar as experiências dos trabalhadores dos cordões de Santiago com os trabalhadores das indústrias têxteis na cidade de Tomé, no intuito de ampliar o entendimento sobre a atuação dos trabalhadores nas zonas que não estavam no epicentro do processo, mas que constituíram experiências importantes de luta em defesa do governo. A cidade de Tomé está localizada próxima à cidade de Concepción, que foi um importante pólo de luta no período. Além disso, o presente estudo inclui depoimentos de trabalhadores que não contém nos estudos acima citados, como o caso de Arsênio Vasquez e Raul Silva ambos da cidade de Tomé, e de Juan Carlos, militante socialista que participou dos cordões, de forma a contribuir para ampliar as visões sobre o processo.

Não existem muitos estudos sobre os cordones. Há seis trabalhos principais que abordam diretamente os cordones. São eles: o da historiadora chilena Sandra Castillo Soto, outro do francês Franck Gaudichaud, uma tese de doutorado da historiadora brasileira Elisa Campos Borges, o de Hugo Cancino Troncoso e dois outros resultantes

⁶ FERREIRA, Marieta de Moraes;. AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 2006, p. 16.

⁷ Ibid p. 16.

⁸ Ibid p. 17.

de investigações realizadas na época, o de Miguel Silva e o de um grupo de pesquisadores da Universidade Católica do Chile.

O estudo realizado pela chilena Sandra Soto⁹ constitui um dos mais completos trabalhos sobre o tema, no qual ela analisa os cordões como germens do poder popular que gerou novas formas de sociabilidade entre os trabalhadores, destacando a solidariedade de classe. Porém sua análise não explora a fundo a estrutura de participação e funcionamento dos cordões, centrando-se nas relações de sociabilidades geradas a partir das experiências compartilhadas entre os trabalhadores. Tal opção não invalida de forma alguma o trabalho que contribui fundamentalmente para os estudos sobre a participação dos setores populares no processo.

O trabalho de Gaudichaud¹⁰, “*Poder Popular y Cordones Industriales, testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973*”, apresenta uma série de testemunhos de trabalhadores sobre suas experiências nos *cordones*, constituindo uma fonte fundamental para o estudo do tema. Nele há entrevistas de inúmeros trabalhadores, de lideranças políticas da esquerda, e representantes do governo, apresentando assim a complexidade das concepções políticas e as diversidades no interior da esquerda chilena. Porém o autor não apresenta uma análise detalhada da dinâmica de funcionamento dos cordões, o que não diminui a importância do seu trabalho, que contribui para novos estudos sobre o tema.

O trabalho da historiadora brasileira Elisa Campos Borges¹¹, “*Con la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende*” é essencial no que se refere a análise crítica da participação dos trabalhadores nas estruturas de funcionamento dos cordones, bem como a complexidade da dinâmica do período como a atuação dos partidos de esquerda nos cordões, as divergências e disputas políticas, a relação dos cordões com a CUT e o governo, etc.

O trabalho de Miguel Silva¹², “*Los Cordones Industriales y el socialismo desde abajo*”, foi provavelmente um dos primeiros a ser realizado sobre o tema. Porém não temos informações precisas sobre a data da publicação e apresenta uma descrição da participação de trabalhadores e militantes políticos no *cordones industriales*. Parte de

⁹ SOTO, op. cit.

¹⁰ GAUDICHAUD, op. cit.

¹¹ BORGES, Elisa Campos. *Con la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011.

¹² SILVA, Miguel. *Los Cordones Industriales y el Socialismo desde Abajo*. Santiago: Imprenta Lizzor, sem data.

uma perspectiva da base dos trabalhadores em contraposição às concepções presentes nas estruturas do governo e da CUT, das quais parte delas defendia o desenvolvimento do processo através das reformas graduais e em diversos momentos criticaram a atuação dos trabalhadores dos cordões.

Hugo Cancino Troncoso em seu livro¹³ abordou a problemática do poder popular durante o governo da UP e um dos capítulos foi direcionado à análise dos cordões. Nele Hugo apresenta o que foi a experiência dos cordões e analisa sua formação e desenvolvimento, integrando importantes reflexões sobre o surgimento e desenvolvimento de tais organismos.

O último é de um grupo de pesquisadores do *Centro Interdisciplinario de desarrollo urbano y regional (CIDU)* que apresenta uma análise com importantes dados quantitativos, mas não aprofundaram nas análises sobre as situações conjunturais que influenciaram estes organismos, provavelmente porque foram escritos durante o período da UP, cuja dinâmica impedia a construção de abordagens extremamente detalhadas, visto que o processo estava em curso. Neste sentido busco integrar o estudo destes organismos de base com uma análise comparada entre eles, levando em consideração dois eixos fundamentais: a estrutura de funcionamento e participação dos trabalhadores nas fábricas e as novas formas de sociabilidades construídas a partir destas experiências e baseadas na solidariedade de classe.

Para além destes trabalhos que tratam dos cordões existe ainda um estudo do historiador Peter Winn que aborda a experiência dos trabalhadores da fábrica têxtil Yarur, uma das mais importantes no ramo produtivo do país, ocupada pelos trabalhadores em meados de 1971, durante o governo de Allende e que foi um símbolo de luta social contra os abusos cometidos pelo dono. Tal estudo aborda as experiências dos trabalhadores na primeira empresa ocupada e cogestionada durante o governo de Allende.

Apesar dos estudos sobre os cordões serem escassos contribuem fundamentalmente para ampliar o entendimento sobre o processo e abrem caminho para aprofundar outros aspectos que ainda não foram analisados. Como por exemplo, a participação das mulheres neste processo, não há quase trabalhos que abordam tal experiência fundamental no período. As indústrias têxteis, por exemplo, eram compostas quase que majoritariamente por mulheres. Tal participação contribuiu para

¹³ TRONCOSO, Hugo C. *La problemática del poder popular en el proceso de la vía chilena al socialismo. 1970-1973*. Aarhus: Aarhus University Press, 1988.

constituir um universo mais amplo sobre a participação dos setores populares na UP, e durante a realização deste trabalho percebi o quanto foi importante a atuação das mulheres no processo. O papel das mulheres nas ocupações de fábricas, nas ocupações de terrenos, nas organizações de bairros, nas juntas de abastecimento, nas organizações político-partidárias foi de extrema importância não apenas no período de Allende, mas em toda história do país. Muitos trabalhadores faziam referência às mulheres e a sua participação, mas faltam estudos que investigam o papel destas mulheres no período. Espero realizar trabalhos futuros sobre a atuação das mulheres no período, mas esta dissertação somente aborda brevemente esta questão.

A hipótese central deste projeto de pesquisa está apoiada no entendimento de que os cordones industriales eram ao mesmo tempo produto da conquista do poder pela UP, da luta histórica do movimento operário chileno e das correlações de forças políticas internas à UP na conjuntura do período, bem como da experiência vivida por estes trabalhadores no processo de luta. Neste sentido pode-se perceber que eles não lutavam apenas pela melhoria das condições de vida ou refletiam somente as disputas internas à UP. A participação e o envolvimento era fruto de um processo político intenso de politização, cujos trabalhadores se inseriram na dinâmica das transformações políticas no período levando consigo referenciais fundamentais que iam desde as experiências acumuladas na história do movimento operário até aquelas adquiridas e compartilhadas no curso do processo de construção do governo.

As discussões teóricas e metodológicas desenvolvidas no trabalho serão orientadas pela tradição da história de baixo para cima, cujos pioneiros foram de E. P. Thompson e Eric Hobsbawm. O pensamento destes historiadores e seus seguidores são essenciais nesta reflexão, no que se refere à importância de estudar as atuações dos setores populares como agentes de sua própria história.¹⁴

Para contribuir na análise utilizei ainda textos e artigos do que se convencionou chamar de História Social com a dimensão política incluída (os dois campos estão imbricados um no outro), ou seja, uma análise a partir da história social que busca apreender também a dimensão do político, bem como sua relação com a formação das

¹⁴Sobre essa tradição, ver KAYE, Harvey. *The British Marxist Historians: An Introductory Analysis*. Oxford: Polity Press, 1984; BLANK, Gary. "The Centrality of Social Relations: E.P. Thompson's Concept of Class and the Renewal of Historical Materialism". *Workers of the World: International Journal of Strikes and Social Conflicts*. vol.1, n.4, January 2014, pp.6-33; MATTOS, Marcelo Badaró. "E.P. Thompson no Brasil". *Outubro*. n.14, 2006, pp. 83-110; MUNHOZ, Sidnei. "Fragmentos de um possível Diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos". *Revista de História Regional*. vol.2, n.2, 1997, p. 153-185.

identidades populares na perspectiva dos sujeitos populares.¹⁵ O objetivo é analisar a construção do socialismo na perspectiva da participação popular. O caráter social da história política, neste sentido, se dá através da ênfase na experiência dos setores populares e da classe trabalhadora na luta pelos seus interesses, com especial atenção para a formação da identidade de classe construída a partir do compartilhamento de experiências de lutas dos trabalhadores. Assim, reflete o historiador chileno Sérgio Grez Toso:

“Como pressuposto teórico e metodológico, rejeito a dicotomia maniqueísta do social versus o político (ou a política) assim como a tentação de buscar refúgio no reino supostamente imaculado do social popular [...] Suponho que a história social tem uma dimensão política, que a política não é simplesmente um reflexo de outras áreas (como a economia ou cultura), mas goza de certa autonomia e tem lógica e tempos próprios. Uma parte da minha opção como historiador consiste em *fazer uma história social da política*, descobrir as *condicionantes* da política no social e, por sua vez, desvendar as influências da política sobre o social. Quais são os caminhos e as formas de incorporação dos trabalhadores às lutas políticas? Quais tem sido as relações entre as opções políticas populares e suas reivindicações? São algumas das perguntas que guiam minhas investigações.”¹⁶ [Tradução nossa]

Hobsbawm apresentou algumas ideias centrais no que se refere ao estudo do movimento operário e lembrou que ele durante muito tempo ficou restrito a história tradicional das organizações, partidos e instituições, muitas vezes às instâncias dirigentes dos partidos, operando numa disputa essencialmente ideológica, produzindo e perpetuando “uma versão esotérica da história”, atomizada a certos eventos determinados e distanciada do conjunto do assunto.¹⁷ Hobsbawm apontou alguns elementos essenciais no estudo do movimento operário tais como a necessidade de relacionar a história de classe com o conjunto da sociedade, que possui especificidades.

¹⁵Para alguns exemplos da história social e política da classe trabalhadora influenciada pela tradição thompsoniana, ver MATTOS, Marcelo Badaró. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009, pp.51-64; BATALHA, Cláudio; Fernando Teixeira da Silva; Alexandre Fortes. (Orgs.). *Culturas de Classe. Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2004 KLUBOCK, Thomas M. “From Welfare Capitalism to the Free Market in Chile: Gender, Culture, and Politics in the Copper Mines”. In: JOSEPH, Gilbert; LEGRANDE, Catherine and SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of United States-Latin America Relations*. Durham: Duke University Press, 1998, pp.369-399; KELLEY, Robin. *Hammer and Hoe: Alabama Communists During the Great Depression*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

¹⁶ TOSO, Sérgio Grez. “Escribir la historia de los sectores populares. Con o sin la politica incluida? A proposito de dos miradas a la Historia Social (Chile siglo XIX)” *Politica*, vol. 44, Santiago: Otoño, 2005, p. 25.

¹⁷ HOBBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000, p. 18.

Porém, as diversas realidades estão conectadas com o todo por isso é necessário uma leitura e reflexão não isolada, mas sobre como a sociedade se organiza historicamente. Além disso, o historiador acrescentou que devemos levar em consideração os diversos níveis que a compõem como o socioeconômico, cultural, político, etc, buscando uma leitura mais complexa e abrangente.¹⁸

Thompson analisou as classes sociais como um processo em formação que ocorre na luta/experiência vivida, cujos aspectos objetivos e subjetivos estão ligados. As classes são um processo em formação, o fazer-se de homens tornando-se sujeitos, assim a noção de classe e consciência de classe se formam juntos na experiência¹⁹. Ambos os autores, Thompson e Hobsbawm, compartilharam da ideia de que as classes só começam a existir a partir do momento que elas tomam consciência de si como tal. Essa consciência de si se dá através das mudanças vividas no cotidiano e que criam as experiências. As experiências exercem pressões na consciência e propõe novas questões. Assim o fazer-se da classe operária é um processo que para sua apreensão exige uma compreensão que engloba aspectos políticos, socioeconômicos e culturais. Thompson ao estudar o movimento operário inglês no século XVIII buscou incluir os costumes na sua análise por pensá-lo como campo de disputa de direitos opostos e por constituir um campo de legitimação de quase todo uso, prática ou direito reclamado.²⁰

Emilia Viotti da Costa também escreveu sobre as novas tendências de abordagens do movimento operário, cujas ideias foram bastante influenciadas pelos estudos culturais ingleses, especialmente de E. P. Thompson. A autora em seu artigo intitulado “Estrutura versus experiência. Novas tendências da historiografia do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha” analisou as novas tendências historiográficas sobre o movimento operário que privilegia a análise das experiências e subjetividades dos trabalhadores com a relação aos estudos “superestruturais” de caráter tradicional que privilegiam as histórias dos grandes personagens, instituições e organizações.²¹ Neste artigo a autora concluiu seu pensamento alertando para a necessidade de uma síntese entre as novas abordagens que privilegiam os campos da cultura e da experiência com as abordagens tradicionais

¹⁸ HOBBSBAWN, op. cit., p. 27.

¹⁹ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das LETRAS, 1998, p. 17.

²⁰ Ibid p. 27.

²¹ COSTA, E. V. da. “Estrutura versus experiência. Novas tendências da historiografia do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha”. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*. Rio de Janeiro, n.29, 1º sem. 1990, p. 3-16.

sobre os “mundos do trabalho”. Para a autora, os historiadores não podem prescindir da análise das “estruturas” no campo da cultura e da experiência e nem tampouco desconsiderar as subjetividades construídas. Além disso, faz uma crítica à falta de estudos que levam em consideração os problemas étnicos e de gênero.

Também é importante acrescentar o artigo escrito por George Haupt intitulado “Porque a história do movimento operário?” que inclui as questões apresentadas pelos historiadores citados acima. A partir dos anos 1960, como observa Haupt, esses debates metodológicos ganham novas aspirações principalmente com os trabalhos de Hobsbawm, Thompson, Michelle Perrot, entre outros, cujo debate coloca em questão o modo tradicional de pensar e abordar o movimento operário. Haupt observa que essas novas formas de abordagem buscam explorar novos campos de pesquisa com caráter mais abrangente.²²

Neste contexto ao estudar a participação dos trabalhadores nos cordones industriales busco ampliar a análise política e socioeconômica, para os campos da cultura e da experiência, privilegiando as vivências destes trabalhadores em seus locais de trabalhos e nos bairros operários, junto com a construção de uma identidade de classe e articulando-as com a conjuntura do país no período mencionado.

A dissertação é composta de quatro capítulos além da introdução e da conclusão. No primeiro capítulo trato de analisar a conjuntura da América Latina nos anos de 1960 e 1970 para inserir o surgimento dos cordones industriales num contexto mais amplo. No mesmo capítulo inclui uma abordagem sobre os antecedentes da experiência da UP junto com a trajetória do movimento sindical chileno, seguido da experiência da própria UP nos mil dias de experiência do governo. No segundo capítulo, faço uma abordagem de como era o sistema de participação dos trabalhadores proposto pelo governo, do contexto de surgimento dos cordões e dos principais debates sobre o poder popular empreendido pela esquerda chilena. O terceiro capítulo é composto de uma análise sobre o funcionamento dos cordões e a organização dos trabalhadores de Tomé nas fábricas têxteis nacionalizadas e que sofreu intervenção do governo. No quarto capítulo abordo as novas formas de sociabilidades construídas a partir das experiências dos trabalhadores dos cordões, como a solidariedade de classe, que geraram ações articuladas frente à ameaça dos seus interesses comuns. As citações em língua estrangeira foram traduzidas para o português e constam nas notas de fim.

²² Haupt, Georges. “Por que a história do movimento operário?” *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol.5, n. 10, março/agosto 1985, p. 211.

Capítulo 1 – América Latina, Unidade Popular e a tradição sindical chilena

1.1 – América Latina e a conjuntura nos anos 1960 e 1970

Neste primeiro capítulo abordo temas que estão relacionados direta ou indiretamente com o surgimento dos *cordones industriales*. No primeiro item do capítulo busco traçar um panorama geral sobre alguns acontecimentos políticos na América Latina, durante os anos 1960 e 1970, principalmente o cone sul, para situar a experiência chilena num contexto mais amplo e ao mesmo tempo abordar as proximidades existentes entre os países com relação à conjuntura política, econômica e social do período. Em seguida, incluo observações sobre a trajetória sindical chilena e os antecedentes da Unidade Popular e, por fim, apresento o que foi o governo da UP. O objetivo neste capítulo é localizar o processo de construção dos cordones industriales partindo das experiências do governo da Unidade Popular e da conjuntura da América Latina no período.

As experiências vividas pelos trabalhadores dos cordones estão inseridas em um período da América Latina que foi marcado por intensas mobilizações contra as ditaduras militares e os esforços para a implantação do neoliberalismo no continente. O Chile do governo Allende foi uma importante referência para a esquerda da América Latina. Embora houvesse inúmeras divergências táticas, as transformações ocorridas no país no curto prazo de três anos foi um exemplo prático de luta pela construção do socialismo. Países como Bolívia, Uruguai, Argentina, Brasil, Chile vivenciaram momentos de grandes agitações sociais juntamente com as mobilizações ocorridas em outras partes do mundo como o maio de 68 na França.

Nos anos 1960 e 1970, como afirma Michael Lowy na introdução do livro *O Marxismo na América Latina*, a América Latina passava por conflitos sociais marcados pela desigualdade estrutural e, no fim deste período, em meados de 1970, a implantação e, posteriormente, a consolidação do neoliberalismo. Ao mesmo tempo esse processo era marcado por um período de ascensão e consolidação das correntes políticas da esquerda revolucionária, cuja natureza da revolução era o socialismo legitimando em

certos casos a luta armada, simbolizada no guevarismo.²³

Não por coincidência, nestas duas décadas, muitos países americanos principalmente sul-americanos voltam a ser governados por regimes militares e na maioria das vezes, por longos períodos, como foi o caso do Chile depois do golpe militar de 1973. A guerra declarada contra o comunismo e os esforços dos EUA para impedir seu avanço foi sistematicamente planejada e representada na prática, por exemplo, na criação da Escola das Américas, lugar de estudo e treinamento de técnicas de tortura que formou inúmeros militares latino-americanos. A repressão instaurada foi brutal: - os militares através dos seus órgãos de tortura assassinaram milhares de trabalhadores, militantes, sindicalistas, mulheres, estudantes, indígenas, entre outros. Houve supressão das liberdades democráticas, exílios forçados, sequestros de crianças que eram filhos de militantes da esquerda, um verdadeiro cenário de terror e aniquilamento de qualquer forma de oposição. Somente na Guatemala foram 150 mil entre mortos e desaparecidos e mais de 30 mil desaparecidos na Argentina. Este cenário somente sofreu mudanças a partir de meados de 1980 com a formação de governos democráticos embora permaneçam até os dias atuais práticas autoritárias e violentas advindas por parte dos Estados, principalmente nas zonas periféricas e pobres dos centros urbanos e no campo, como por exemplo, a atuação da polícia nas favelas e em territórios de comunidades indígenas.

Os golpes militares implantados no continente neste período eram respostas autoritárias e conservadoras ao comunismo, mas principalmente preparou o terreno para a implantação e consolidação do neoliberalismo e sua economia de livre mercado. Um dos exemplos, foram os *chicago boys*, grupo de jovens economistas chilenos que foram para Chicago estudar a economia de livre mercado sob a influência de Milton Friedman e que foram os responsáveis pelas medidas econômicas implantadas durante a ditadura de Pinochet, como a abertura econômica ao mercado internacional afetando os setores tradicionais da economia chilena, como a agricultura e o têxtil. Tal política econômica era diametralmente oposta à experiência anterior vivenciada pelo governo da Unidade Popular na qual propunha uma maior independência ao capital internacional.

A Revolução Boliviana de 1952 juntamente com a Comuna de 1971 formaram duas das mais importantes experiências de protagonismo popular latino-americano no século XX. A COB (Confederação Operária Boliviana) é uma das centrais sindicais

²³ LOWY, Michael (Org.). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. 2ª Edição Ampliada, 2006. p. 9.

mais tradicionais da história do continente e teve papel fundamental na revolução operária e camponesa boliviana de 1952. Os mineiros assumiram um papel extremamente importante, dado a importância econômica da exploração de minérios, na luta pelo fim da exploração e constituíram uma força política de esquerda que marcou a história do país. Na Bolívia nos anos 1960 e 1970 a população vivenciou uma forte crise econômica, política e social. Houve uma forte polarização das classes antagônicas representada de um lado pela direita (empresários, políticos e militares) e de outro pela esquerda (trabalhadores, estudantes e camponeses). Tal radicalização gerou uma crise de desabastecimento e mercado paralelo e o país foi marcado ainda por conspirações da direita contra o governo (de caráter nacionalista) e uma radicalização da esquerda através de ocupações de terras, terrenos urbanos e greves. O país teve ainda que pagar uma alta indenização a Gulf Oil Co. para não sofrer sanções derivadas da emenda de lei de Hickenlooper (que proibia os EUA de ajudar financeiramente países que tivessem nacionalizado as indústrias norte-americanas sem justa indenização).²⁴ As estatizações empreendidas pelo governo de Ovando Candia e a constituição de empresas mistas com a participação de trabalhadores deixaram os empresários ainda mais insatisfeitos. Os setores mais conservadores entre os militares, junto à direita com apoio da CIA e com a colaboração do serviço brasileiro de inteligência se articularam para derrubar o governo nacionalista em um novo golpe militar.

Neste contexto, houve na América Latina algumas expressões particulares de golpes com caráter nacionalista ou populista. É o caso da Bolívia em 1968, como observou Oswaldo Coggiola, um golpe dentro do golpe e realizado pelo mesmo general que tinha comandado o assassinato de Che Guevara, Alfredo Ovando Candia contra o governo do pró-norteamericano Rene Barrientos que havia derrubado em 1964 o governo do MNR (Movimento Nacionalista Revolucionário) e imprimido forte repressão aos movimentos sociais.²⁵ A primeira medida de Candia foi nacionalizar as empresas petrolíferas.²⁶ Porém o governo perdeu grande parte da sua base de apoio que inicialmente era de setores populares, estudantis e de jovens oficiais de baixa patente por permanecer entre as frações radicalizadas; de um lado estava o grupo formado pela oposição ao governo e de direita e por outro, camponeses, estudantes e operários numa

²⁴ BANDEIRA, Luiz A. M. *Fórmula para o caos: a derrubada de Salvador Allende (1970-1973)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 207.

²⁵ ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução Boliviana*. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 139.

²⁶ COGGIOLA, Oswaldo. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p. 20.

intensa luta de classes. Soma-se a isso o fato de ter fortemente reprimido os guerrilheiros remanescentes do Exército de Liberação Nacional (ELN) criado por Che Guevara em 1967 para a campanha de Nancahuazu. Dois anos depois do golpe há uma tentativa de contragolpe por parte de militares que foi impedido pelos trabalhadores, principalmente dos fortes sindicatos de setores industriais nacionalizados, através de uma greve geral. Um dia depois dessa tentativa ocorrida em 1971, Juan Jose Torres empreendeu um novo golpe com apoio da COB e tentou cogovernar junto à assembleia popular realizada no mesmo ano. Esta por sua vez, se negou e exigiu o cumprimento do seu programa e a maioria absoluta dos ministros no governo.²⁷ Na assembleia popular foi definido como estratégia o poder popular e operário.

No mesmo ano, em 1968 no Peru, ocorreu um golpe militar encabeçado pelo general Juan Velasco Alvarado também de caráter nacionalista. Entre as medidas iniciais tomadas ele nacionalizou as instalações de petróleo (que estava nas mãos de companhias norte-americanas como o caso das indústrias de cobre no Chile), realizou uma reforma agrária, estimulou o desenvolvimento econômico nacional e defendeu o fim das medidas contra Cuba.²⁸ Formou ainda, a partir de uma perspectiva “de cima” e de controle dos movimentos sociais, o Sistema Nacional de Mobilização Social (SINAMOS). Era uma tentativa de desenvolver economicamente o país e, ao mesmo tempo, impedir uma guerra revolucionária de esquerda. Neste sentido, suas medidas feriram profundamente os interesses dos EUA no país dado ao caráter nacionalista do governo.

O Uruguai, no final dos anos 1960 e início de 1970, passava por uma situação parecida no que diz respeito à crise econômica e intensa agitação social que aprofundou a radicalização da luta entre setores populares e a direita como na Bolívia e no Chile antes do golpe contra Allende. O país era governado por Jorge Pacheco Areco, do Partido Colorado, cujo governo foi marcado pela participação de empresários industriais e rurais nos ministérios e pela repressão empreendida contra sindicatos, trabalhadores, estudantes e organizações da esquerda. O *Movimiento de Liberación Nacional-Tupamaros* (MLN-T) da esquerda revolucionária uruguaia, formado em sua maioria por egressos do Partido Socialista, realizou inúmeras ações contra o governo. Neste período formou-se a Frente Ampla, uma coalisão de esquerda integrada pelos Partidos Socialista, Comunista, Democrata-Cristão e setores do Partido Colorado e Blanco, cujo

²⁷ Ibid., p. 22.

²⁸ Ibid., p. 189.

programa de governo tinha um caráter mais nacionalista que radical. O temor com que a FA ganhasse as eleições fez com que grupos de extrema direita com apoio norte-americano e do serviço de inteligência brasileira planejassem inúmeras ações para impedir tal evento. Houve fraude nos resultados e foi “eleito” o empresário rural Juan Maria Bordaberry, vinculado à organização da ultradireita Tradição, Família e Propriedade (TFP). Na Argentina, em 1966, Juan Carlos Ongandia comandou um golpe militar contra o governo do Partido Radical. Tal governo teve origem na Assembleia Constituinte de 1957, convocada pelo governo militar de Aramburu depois que Peron foi derrubado do poder em 1955.²⁹ Nos anos seguintes o país vivenciou uma forte instabilidade política e econômica, agravada pela proscrição do partido peronista, cujo líder Peron estava exilado na Espanha. Soma-se a isso a política econômica comandada por Krieger Vasena, um industrial que foi também diretor de empresas filiais norte-americanas e que cooperava com os EUA e o capital financeiro internacional. Tal crise foi agravada nos anos de 1968-1969 com a onda de mobilizações sociais, não apenas no país, mas no mundo, além da capitulação sindical ocorrida durante o governo de Ongandia que representou um grande retrocesso para o movimento operário. Porém novos sindicalistas mobilizaram-se para enfrentar a direção da antiga burocracia sindical, cuja expressão maior se deu com as explosões sociais na cidade de Córdoba.³⁰ Em 1969 a indústria automobilista em Córdoba entrou em crise e o governo reduziu salários e direitos dos trabalhadores, que responderam com fortes mobilizações junto a estudantes e dos quais aderiram progressivamente vários setores da sociedade. A polícia reprimiu fortemente o movimento o que resultou em inúmeras mortes. O general Roberto Marcelo Levingston, como ressaltou o historiador argentino Osvaldo Coggiola, tomou o poder e substituiu Juan Carlos Ongandia. O governo de Ongandia foi caracterizado por tentar adotar uma “orientação econômica nacionalista”, mas que na prática não significou muitos avanços com relação à defesa das questões nacionais.³¹

Em 1971, ocorreu um novo golpe liderado por Alejandro Augustin Lanusse, representante da oligarquia latifundiária do país. Em 1973 quando Perón já estava de volta do exílio, o Frejuli (*Frente Justicialista de Liberación Nacional*), uma ampla coalizão, majoritariamente de peronistas, mas que abarcava desde setores ligados ao

²⁹ COGGIOLLA, op. cit., p. 18.

³⁰ Ibid., p. 18.

³¹ Ibid., p. 28.

capital estrangeiro até os *montoneros*³² se articularam no intuito de realizar eleições e ganharam. No contexto de grandes mobilizações o objetivo do governo era de frear o seu avanço e conter as políticas sindicais mais combativas o que progressivamente foi obtendo sucesso até a chegada de um novo golpe militar e o mais brutal, em 1976. Paralelamente, outras organizações político-partidárias surgem no início do ano 1970, como por exemplo, o *Ejército de Revolucionario del Pueblo* de origem trotskista e que empreendeu diversas ações armadas e tinha certo apoio popular.

No Brasil, o presidente Médici estreitou os laços de cooperação com os norte-americanos e em 1972 enviou um comunicado alertando Nixon sobre a intenção do governo de Allende em treinar guerrilheiros para formar um governo marxista na Bolívia. Hoje em dia com os milhares de documentos liberados e divulgados que provam a cooperação dos governos militares da América Latina com os EUA e que receberam inclusive ajuda financeira e militar, tal cooperação não é mais novidade e indica o grau de intervenção de órgãos como a CIA nos assuntos políticos e econômicos dos países da América Latina.

No final dos anos 1960 houve um processo de radicalização das lutas populares na América Latina, cujos eventos como o massacre de estudantes de Tlateloco, no México e as lutas empreendidas por trabalhadores, estudantes, militantes da esquerda e movimentos populares contra as ditaduras na América Latina e na tentativa de defesa das riquezas nacionais contra o imperialismo norte-americano expressaram tal movimento. Entre final dos anos 1960 e meados da década de 1970 a possibilidade de atuação política via meios institucionais foi banida em muitos países latino-americanos devido à instauração das ditaduras. A luta armada foi fortemente difundida por grupos da esquerda dada as práticas autoritárias instituídas pelos regimes ditatoriais e o apoio financeiro e militar recebido dos EUA pelos militares.

A organização argentina Exército Revolucionário do Povo (ERP) de origem trotskista, a Ação Libertadora Nacional (ALN) de Marighella no Brasil, o Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros (MLN-T) foram alguns dos exemplos de grupos no que aderiram a luta armada, além de muitos outros. Porém novos golpes militares ocorreram no continente, na Bolívia em 1971, no Chile e Uruguai em 1973, na Argentina em 1976. No Chile, por exemplo, antes mesmo de Salvador Allende assumir

³² Os montoneros foram uma organização política, que atuou nos anos 1970 e aderiu a luta armada contra a ditadura. De apoio a Perón e de caráter nacionalista-popular progressivamente perdeu apoio da população devido aos abusos cometidos em suas ações.

a presidência, o general Rene Schneider (que representava uma postura “legalista” dentro das forças armadas) foi assassinado por um comando financiado pela CIA. Até 1976 todo o cone sul e parte do restante do continente eram governados por regimes militares, tais como Argentina, Chile, Brasil, Uruguai, Equador, Bolívia, Peru, Paraguai.

Carlos Altamirano, dirigente do Partido Socialista chileno escreveu em seu livro “*Dialética de uma derrota*”, no qual realiza um balanço e autocrítica do governo da Unidade Popular (UP), sobre o papel institucional da igreja e dos militares, junto com as velhas oligarquias e as burguesias emergentes aliadas ao imperialismo na trajetória de dominação e subordinação do continente:

“O poder das velhas oligarquias – posteriormente aliadas às burguesias emergentes e ao domínio onipotente do imperialismo – descansa sobre uma curiosa dualidade: a Igreja e os militares. Quer dizer, a história da América Latina, se escreve entre indulgências e fuzis. Ambas as instituições constituíram os pilares da estrutura de dominação, sustentando-a e aproveitando-se dela. Durante mais de um século, a Igreja corroborou a ordem oligárquica. Os exércitos constituem-se, até aos nossos dias e de forma cada vez mais definitiva, na guarda e garantia dessa mesma ordem [...] Em 1975, os exércitos controlavam de maneira direta ou não o governo de 18 nações. Ou seja: controlam o destino de mais de 200 milhões de seres humanos. O que não impede que a América Latina seja considerada como parte integrante do “mundo livre”.³³ [Tradução nossa]

A América Latina ocupou e ainda ocupa um lugar primordial nos interesses imperialistas. Os países latino-americanos representavam uma fonte incalculável de importantes riquezas e matérias-primas num momento em que os EUA perderam terreno no Vietnã devido à derrota na guerra e perderam influência na Europa, principalmente depois da derrota em Angola.³⁴

Com relação às organizações políticas de esquerda, Michel Lowy atribuiu genericamente, salvo algumas exceções, três períodos da história do marxismo na América Latina que marcaram as definições sobre o caráter da revolução, baseadas na análise da sua formação e desenvolvimento. O primeiro, período revolucionário de um comunismo mais original e aberto, dos anos 1920 aos 1930, expresso teoricamente nos escritos de Mariátegui e na prática pela revolução Salvadorenha de 1932 (única revolução de massa liderada por um partido comunista) era caracterizado pelo caráter socialista, democrático e anticapitalista, negando uma aliança com a burguesia. O segundo período, o stalinista, expresso hegemonicamente na interpretação soviética da

³³ ALTAMIRANO, Carlos. *Dialética de uma derrota*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979. p. 228.

³⁴ *Ibid.*, p. 229.

revolução por etapas, na aliança com a burguesia nacional e caracterizado pela hierarquização, burocratização e autoritarismo do aparelho do Estado. O terceiro período – pós-revolução cubana – o autor denomina como “novo período revolucionário”, cujas correntes mais radicais, identificadas como a Nova Esquerda,³⁵ operaram um movimento ofensivo de consolidação estratégica e tática, cuja luta armada era vista como um caminho indispensável e legítimo.³⁶

Lowy afirmou que tanto as leituras dos *apristas* peruanos (absolutização da cultura e negação do marxismo) tanto do eurocentrismo (tentativa de transplantar para o continente latino-americano a realidade de formação e desenvolvimento europeia) foram devastadoras para a esquerda, à medida que, no primeiro caso, derrocou para um populismo, e no segundo, para uma leitura errônea da realidade latino-americana, levando até mesmo a uma política de alianças com setores da direita e liberais.³⁷

As duas correntes no fim opinavam que a revolução não estava na ordem do dia, ou seja, as condições não estavam amadurecidas, porém havia críticas a tal leitura, de pensadores como Caio Prado, Sérgio Bagu, Marcelo Segall e alguns anos depois de André Gunder Frank, Luis Vitale e outros.³⁸ As críticas estavam centradas principalmente na leitura equivocada por parte da esquerda (partidária da revolução por etapas) em analisar a América Latina como parecida com a Europa, quando na realidade o subdesenvolvimento, a miséria e a desigualdade são resultantes não do feudalismo, mas do caráter particular que assume o capitalismo (formas coloniais, semicoloniais e dependência) nos países latino-americanos.³⁹ Lowy analisou as oposições de esquerda formadas desde os anos 1930 e a trajetória dos trotskistas nos países da América Latina, como Brasil, Chile e Bolívia além da ofensiva norte-americana durante a Guerra Fria contra a esquerda e o contexto da Revolução Cubana, bem como os movimentos surgidos a partir de 1968, de caráter mais radical. Entre eles: os *Tupamaros* uruguaios, o PRT-ERP argentino (*Partido Revolucionário de los Trabajadores -Ejército Revolucionário del Pueblo*), ALN e MR-8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro) no Brasil e MIR no Chile.

As reflexões sobre a trajetória da esquerda latino-americana são essenciais para a compreensão dos processos de transformação ocorridos nestes países e sua relação

³⁵ REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. (Orgs.). *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. p. 20.

³⁶ *Ibid.*, p.9.

³⁷ *Ibid.*, p. 10.

³⁸ *Ibid.*, p. 10.

³⁹ *Ibid.*, p. 12.

com outras partes do mundo, bem como as discussões apresentadas pela esquerda na interpretação da realidade dos países do continente. As condições para a revolução estariam amadurecidas, na visão geral destes grupos, já que o desenvolvimento das forças produtivas estaria bloqueado visto à aliança entre a burguesia nacional, os latifundiários e o capitalismo internacional. Entretanto havia divergências no que se refere aos projetos revolucionários, principalmente sobre questões que envolvem a estratégia, a organização e o conteúdo programático. Os partidos e organizações da esquerda armada foram inspirados em novos modelos revolucionários advindos de outras partes da América Latina e do mundo que incorporava como estratégia na luta contra o imperialismo, a ação armada, a guerra popular prolongada e a guerrilha no campo. A guerrilha cubana tornou-se nesta conjuntura um modelo que influenciou fortemente parte dos grupos da esquerda que aderiram à luta armada.

Nesta conjuntura os comitês de fábricas constituíram-se como importantes embriões de organismos independentes de luta que refletiu as tentativas de construção pelos trabalhadores do poder popular e fortaleceu as organizações locais. A experiência dos cordões não foi caracterizada pela luta armada como nos exemplos acima citados, embora alguns grupos presentes nestes organismos e identificados com a esquerda revolucionária tenham enfatizado a sua importância. Os trabalhadores dos cordões exigiram principalmente o controle operário da produção, porém a questão armada era discutida e reivindicada por eles à medida que o processo se radicalizava. Há inclusive um documento, produzido em conjunto pelos cordones no qual os trabalhadores alertaram Allende sobre a possibilidade iminente de um golpe e o questionavam sobre a necessidade de enfrentar os setores golpistas na defesa do governo. Mesmo em conjunturas distintas, as ações, por exemplo, de ocupações de fábricas formaram-se como germens do poder popular. No Chile os cordones industriales surgem durante o governo eleito diferentemente da Argentina, mais especificamente em Córdoba, onde as ocupações de fábricas ocorreram durante a ditadura. Porém são experiências que surgem no intuito de tornar a sociedade mais igualitária e como forma de enfrentar os interesses da elite nacional e do capitalismo. Abordar a conjuntura da América Latina é fundamental para compreendermos que a implantação do neoliberalismo nestes países foi acompanhada de inúmeras mobilizações e lutas contrárias a tais esforços.

1.2 Antecedentes da Unidade Popular e a tradição sindical chilena

No final dos anos 1950 até 1964 ocupava a presidência do Chile o conservador Jorge Alessandri, cuja política representava o modelo conhecido como “Aliança para o Progresso” de caráter reformista que posteriormente também foi incorporado pelo presidente seguinte Eduardo Frei. O modelo foi criado como uma resposta à Revolução Cubana e para impedir o avanço do comunismo. Foi proposto pelo presidente John Kennedy em um discurso realizado no ano de 1961 e ratificado numa reunião da OEA (Organização dos Estados Americanos), cujo objetivo era incrementar o desenvolvimento econômico e social dos países da América Latina através da ajuda financeira norte-americana e, principalmente, controlá-los através do combate ao avanço comunista. No Chile tal modelo foi assumido por Alessandri que buscou incorporar os setores pobres do país nas mudanças e promover um desenvolvimento econômico através da substituição das importações e da criação de fábricas como as têxteis, de indústria branca, de eletrodomésticos, automobilística, etc. localizadas nas principais entradas da cidade de Santiago do Chile. Nessas regiões foram formando-se indústrias, cuja mão-de-obra era caracterizada por uma massa de operários do setor industrial e que posteriormente formaram os cordões industriais no governo de Salvador Allende. No governo de Alessandri foi realizada uma tímida reforma agrária chamada de “*reforma de los maceteros*”⁴⁰ e também houve uma tentativa de controle sobre os movimentos populares em relação à aproximação desses setores com militantes da esquerda. Nesse período foi criado ainda a *Junta de Vecinos* e o Ministério da Habitação.

O governo anterior ao de Salvador Allende, cujo presidente era o democrata cristão Eduardo Frei Montalva eleito em 1964, representava uma plataforma política que ficou conhecida como “*revolución en libertad*”, era uma espécie de socialismo comunitário com uma face apoiada no humanismo cristão que ganhou força e apoio de trabalhadores e setores populares desde sua fundação no ano de 1957, além da eleição de inúmeros senadores e deputados. O programa de governo tinha como propostas mudanças que incluíam uma reforma agrária, a *chilenização* do cobre e a participação

⁴⁰ O termo foi cunhado para se referir à reforma agrária empreendida pelo governo de direita de Jorge Alessandri devido ao seu caráter limitado.

de setores populares nas reformas. Porém no seu governo as mudanças propostas concretizadas foram mínimas deixando o país numa profunda crise econômica causada pela inflação e um descontentamento dos setores populares frente às tímidas transformações realizadas. Nesse período houve o fortalecimento dos organismos de luta *poblacional*⁴¹ por melhores condições de vida nas regiões periféricas. As primeiras ocupações de terrenos ocorreram a partir do final dos anos 1950. Uma das principais ocupações no Chile foi Herminda de La Victoria, ocorrida em 1967, fruto da organização de setores marginalizados que viviam na miséria absoluta, cujo nome foi em homenagem a um bebê morto na ocupação por uma bomba atirada pela polícia. Tais ações, de ocupações de terrenos, tornaram-se marcos no que se refere à trajetória de luta das organizações poblacionais. A construção da identidade desses setores a partir das tomas e das ocupações de terrenos foi a raiz da formação de uma solidariedade entre os *pobladore*s transmitida entre as gerações, compartilhada e fortalecida nos anos seguintes e no governo da Unidade Popular e massacrada com o golpe em 1973. Como relatou Charly, filho de mineiro e militante do *Movimiento de Izquierda Revolucionário* (MIR), sobre as ocupações e a vida nos acampamentos:

“No final de 1950 eu participava das ocupações de terrenos e também comecei a participar das brigadas de saúde. A ocupações de terrenos foram muito importantes no Chile e contribuíram fortemente para o desenvolvimento de uma solidariedade de classe, nas poblaciones. A ocupação Nueva Havana e Fidel Castro foram duas áreas ocupadas por iniciativa dos militantes do MIR. Na ocupação Fidel, por exemplo, havia brigadas, como a brigada de lixo, de auto-defesa e o formato era próprio do MIR, um formato diferente daqueles adotados pelos comunistas, socialistas e democratas-cristãos. A presença do MIR nas ocupações não era muito significativa visto que naquele ano haviam aproximadamente 340 e tínhamos como oito ocupações, mas foi significativa em relação à forma. Dividimos a ocupação em quatro, cerca de 40 brigadas, e muitos dos problemas eram discutidos na Assembleia Geral, todos ajudavam na construção da ocupação.”⁴²ⁱⁱ
[Tradução nossa]

O Chile era marcado por inúmeros problemas sociais, políticos e econômicos no período que antecede a eleição de Allende. O país possuía uma enorme riqueza nacional, o cobre, mas estava completamente nas mãos do capital estrangeiro, principalmente norte-americano, passava ainda por um momento de estagnação (estagnação econômica e inflação), vivenciava um forte processo de migração com uma

⁴¹ *Poblaciones* são até hoje as comunidades localizadas nas regiões periféricas de Santiago fruto principalmente das ocupações de terrenos das quais em maior parte são carentes de condições básicas de vida e tiveram e têm um papel essencial na luta por moradia, saúde, educação, etc.

⁴² Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de setembro de 2013.

crescente população urbana de migrantes rurais desempregados ou subempregados que começam a viver nas *poblaciones*. Também houve uma forte representação da ala conservadora na gerência do Estado, encabeçada principalmente pelo Partido Nacional.⁴³

O presidente democrata cristão Eduardo Frei, tinha um programa que canalizava reivindicações dos trabalhadores e setores populares, como a reforma agrária, denominado “socialismo comunitário”, uma mescla de um humanismo cristão com socialismo. Porém, na prática suas realizações não chegaram a um quarto daquilo que havia prometido e defendido, deixando o país imerso num alto índice inflacionário e numa crise econômico-social avassaladora.⁴⁴

A classe trabalhadora chilena era extremamente mal remunerada, mas combativa e política: os sindicatos de esquerda filiados a Central Única dos Trabalhadores-CUT e a sua forte tradição sindical possibilitou a aproximação com o marxismo, principalmente via o Partido Comunista (PC) e o Partido Socialista (PS), partidos representantes da esquerda chilena. O PC e o PS sempre disputaram as bases do operariado e tentavam orientar suas lutas e estratégias, por isso, a história do movimento operário chileno foi marcada por momentos de maior independência dos sindicatos com relação aos partidos e outros de maior subordinação, dependendo da conjuntura do período.

Jorge Barria, um dos mais importantes estudiosos sobre o movimento operário chileno, escreveu que desde fins do século XIX, com a criação das *mancomunales* e sociedades de resistência, o movimento sindical assumiu um papel protagonista no desenvolvimento histórico da sociedade, o que lhe permitiu dar uma unidade de classe.⁴⁵ Mário Gárces e Pedro Milos dividem a história do movimento operário em cinco períodos, utilizando como critério sua relação com o Estado, são eles: período de formação (1820-1880), de exclusão (1880-1920), de integração (1920-1970) e finalmente de exclusão com o golpe militar (1973-1990), reforçando a ideia de que sua trajetória era marcada por períodos de independência e períodos de subordinação ao Estado.⁴⁶ Porém não devemos esquecer que este corte não deve ser compreendido de forma rígida, visto a atuação fortemente combativa de inúmeros sindicatos locais na

⁴³ WINN, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010, p. 59

⁴⁴ WINN, op. cit., p. 55.

⁴⁵ SERON, Jorge Barria. *Breve Historia del Sindicalismo Chileno*. Facultad de Ciencias Economicas de la Universidad de Chile. Santiago: Insora, 1967, p.134.

⁴⁶ MILOS, P.; GARCES, M. *Cuadernos de historia popular: serie Historia del movimiento obrero*. Santiago, CETRAL/CEAL N. 1, 1983.

trejetória do movimento operário chileno.

O movimento operário no Chile no século XIX teve um caráter democrático, liberal e laico, marcado pelo ideário de “regeneração do povo”, aglutinados em *mancomunales* (sociedades organizadas por território e não por tipo de trabalho e fortemente representada no sindicalismo chileno) e sociedades de resistência (importantes principalmente entre os trabalhadores industriais e portuários)⁴⁷ que progressivamente vão se identificando com os ideais anarquistas e socialistas, fortalecendo-se em sindicatos no decorrer do século XX.⁴⁸

As *mancomunales* eram mais comum no norte do país entre os mineiros e as sociedades de resistência entre os trabalhadores portuários e manufatureiros de Santiago e Valparaíso. As *mancomunales* integravam trabalhadores de uma mesma unidade produtiva e politicamente estavam mais próximas do socialismo, mas possuíam elementos característicos das sociedades mutualistas como a solidariedade, princípios morais como o controle do álcool, cujas reivindicações eram dirigidas ao estado e aos patrões em relação a melhorias das condições de vida e do trabalho. Sua particularidade pode estar centrada no esforço dos trabalhadores em transcender as relações produtivas e traçar relações mais integrativas que contribuiu para a construção de uma cultura entre esses operários que viviam mais isolados por conta dos trabalhos que envolviam a mineração. As sociedades de resistência eram anarquistas e tinham uma política mais radical nas suas ações, contrárias a qualquer tipo de negociação do conflito.

O Chile no fim do século XIX se tornou depois da Guerra do Pacífico o único produtor de salitre e a produção de minérios se intensificou. A sociedade tornou-se mais complexa, o país passou por um grande crescimento urbano e populacional com aumento dos operários nas indústrias de cobre, salitre e prata, principalmente no norte e centro do país junto com a construção de ferrovias. Através desses trabalhadores as ideias anarquistas e socialistas foram difundidas no país, como observa a historiadora Marcia Cury:

“As relações estabelecidas na mineração e a migração para o norte mineiro geraram uma corrente de transmissão política com o sul, com operários, camponeses e familiares que se deslocavam em ambas as direções, disseminando ideias e comportamentos que afloravam entre os trabalhadores do salitre. Estas são algumas das condições que motivaram o precoce surgimento de partidos operários, de franca definição socialista, como o Partido Democrático (1887), ainda antes

47 ANGELL, Alan. *Partidos políticos y movimiento obrero em Chile*. México: Era, 1974, p. 27.

48 SOTO, op. Cit., p. 119.

da revolução bolchevique de 1917, e de um importante número de correntes anarquistas que se filiaram à IWW (*Industrial Workers of the World*).⁴⁹ [Tradução nossa]

No início do XX com o desenvolvimento do capitalismo e de ideologias da esquerda como o anarquismo e o socialismo surgiram essas novas formas de organização no movimento sindical que como diria o historiador Sérgio Gres Toso apontou para um sentido de maior radicalidade (de sociedades organizadas pelo caráter de cooperação à luta de classes), porém representou uma continuidade no movimento popular que era o caráter emancipatório desses movimentos.⁵⁰

A forte repressão contra operários em fins do século XIX e início do XX foi traduzida em eventos como o episódio ocorrido na cidade de Iquique, no norte do país, em 1890 no qual uma greve geral dos trabalhadores do nitrato foi violentamente reprimida; a semana vermelha em 1905 em Santiago, onde operários foram reprimidos por participar do movimento contra o aumento do custo de vida; e o massacre de Iquique em 1907 onde trabalhadores do salitre foram também brutalmente reprimidos depois de uma grande greve e que terminou com centenas de assassinados. Todos esses eventos configuram marcos históricos no país. A partir de 1920, dada a forte repressão contra o movimento sindical, as *mancomunales* e sociedades de resistência começaram a enfraquecer dando lugar ao surgimento de novas formas de organização dos trabalhadores.

O Chile no século XX foi palco de experiências importantes relacionadas à atuação da esquerda e de uma ala centro esquerda na luta pelo socialismo, embora representassem visões bem diferentes umas das outras. Como, por exemplo, o atuante papel dos trabalhadores no movimento sindical do início do século XX que culminou na criação da Federación Obrera de Chile (FOCH) de referenciais anarquistas e, em 1935, quando foi estabelecido um governo baseado na política da Frente Popular com referencia no Movimento Internacional Comunista. A FOCH acabou em 1927, como resultado da repressão do Estado e do crescimento do sindicalismo legal apoiado na legislação trabalhista de 1924 de caráter intervencionista, com isso, o chamado sindicalismo revolucionário dos anarquistas e comunistas sofreram um grande golpe.

⁴⁹ CURY, Márcia C. O. *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2013, p. 37.

⁵⁰ TOSO, Sérgio G. “Salvador Allende en la perspectiva histórica del movimiento popular chileno”. *Revista Universum* v.19 n.2 Talca, 2004. Disponível em: < http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-23762004000200014&script=sci_arttext > Acesso em 05/10/2013.

Nos anos 1930 a esquerda e os movimentos populares associados a ela se incorporaram no jogo politico institucional de caráter mais reformista, inaugurado com a política da Frente Popular e a aceitação dos termos do “estado de compromisso” criado pela Constituição de 1925 que segundo o historiador Gabriel Salazar tal conceito ocultou o seu caráter liberal.⁵¹ O caráter aliancista caracterizou a esquerda e o movimento popular na luta por unidade através de frentes como a popular nos anos 1930, seguida da *Frente del Pueblo*, depois da *Frente de Acción Popular* e a Unidad Popular.

O movimento operário chileno refletia as relações entre capital e trabalho num país historicamente marcado pela exploração dos trabalhadores. A precarização do trabalho em setores como o industrial e o mineiro fazia com que os trabalhadores vivessem em péssimas condições, porém constituíram um papel importante de luta contra a exploração. No setor de minérios até o ano de 1958 o trabalho quase não era remunerado e os trabalhadores viviam sob o sistema de *pulperia*, como observou Charly, dirigente do cordon industrial Panamericana Norte:

“Cheguei aqui muito joven, tinha 17 anos, meu pai não queria que a gente trabalhasse na mina de cobre porque as condições de vida eram muito precaria não nos pagavam em dinheiro era através da pulperia até 1958: 90% em alimento e 10% em dinheiro que era o que a gente chamava suple, aquilo que falta. Na pulperia conhecíamos somente tres tipos de frutas, a maçã, a banana e a laranja, somente estas, tínhamos que buscar o pão todos os dias na pulperia, tinha uma fila para pegar as listas de alimentos, outra para pegar o pão, carne, verdura, isto todos os dias. Para a gente que era criança e tinha que ir todos os dias até a pulperia, os gringos eram visto de forma ruim, por isso, porque todos os dias perdíamos de três a quatro horas do nosso tempo, que era a hora de jogar bola. Tínhamos uma escola primária de homem e de mulheres, estudávamos seis anos no máximo, porque o pensamento deles, dos donos, era que para os filhos de mineiros bastava que soubessemos ler e escrever, então esperavam que saíssemos da escola fizessemos o serviço militar e entrássemos na companhia.”⁵²ⁱⁱⁱ [Tradução nossa]

Inúmeras greves e mobilizações foram construídas pelos operários na luta por melhores condições de vida e no trabalho. Acrescenta-se a isso os esforços em superar a fragmentação sindical e articular de forma ampla as reivindicações, que resultaram na criação de entidades como a Federación Obrera de Chile (FOCH) em 1909, a Confederación de Trabajadores de Chile (CTCH) em 1936 e a Central Única dos

⁵¹ BAÑO, Rodrigo (org.). *La Unidad Popular 30 años despues*. Santiago do Chile: Lom Ediciones, 2003, p. 217.

⁵² Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de setembro de 2013.

Trabalhadores (CUT), em 1956.

Contudo, pode-se perceber ainda uma forte intervenção do Estado nos sindicatos a partir de meados do século XX. Durante o governo de Carlos Ibañez del Campo e a promulgação do *Código del Trabajo* de 1931, por exemplo, houve uma forte repressão aos sindicalistas e trabalhadores, um aumento do custo de vida e maior regulação dos sindicatos do país exercida pelo Estado através da *Dirección del Trabajo*, que buscou controlar o sindicalismo e impedir sua radicalização. Essas leis ainda vigoravam quando Allende chegou ao poder. Nesse período existiam três tipos de sindicatos: o operário (sindicato industrial), o de empregado (profissional) e o agrícola. De acordo com a legislação de 1931, para formar um sindicato a empresa deveria ter mais de 25 pessoas, excluindo assim grande parte dos trabalhadores da atividade sindical. Neste sentido, mais de 50% do operariado industrial, principalmente de pequenas e médias fábricas, estavam à margem do movimento sindical devido às limitações existentes na legislação trabalhista.⁵³

Havia, portanto, uma grande quantidade de pequenos sindicatos e certa debilidade, necessitando, do apoio partidário dos partidos de tendência proletária para se fortalecerem, canalizando assim suas lutas e reivindicações⁵⁴. Dessa forma, aqueles que estudam o movimento operário, como observou Allan Angell, devem se preocupar também em estudar a relação do movimento sindical com os partidos políticos, atentando-se para os conflitos e disputas internas nos sindicatos.⁵⁵

Nos anos 1950, década de criação da CUT, a organização sindical foi marcada por um período de maior autonomia e radicalização, com caráter anticapitalista. Nos anos de 1960 a CUT passou por um momento de inflexão e maior interferência dos partidos, principalmente o PS, o PC e a *Democracia Cristiana* (DC) que passaram a dividir sua direção até o golpe de 1973, perdendo de certo modo sua autonomia em relação aos partidos.⁵⁶ Historicamente os partidos da esquerda com mais representatividade na classe operária chilena e nos sindicatos eram o PC e o PS.

O PC foi criado em 1922 e nasceu do Partido Obrero Socialista fundado por Emilio Recabarren, considerado um dos principais líderes sindicais do país. Adotou em sua trajetória as linhas políticas da URSS tanto a originada da insígnia “classe contra classe” como, posteriormente, da revolução por etapas, o que permitiu ampliar sua

⁵³ GAUDICHAUD, op. cit., p. 85.

⁵⁴ ANGELL, op. cit., pg. 13.

⁵⁵ Idem., p. 13.

⁵⁶ GAUDICHAUD, op. cit., p. 13.

política de alianças com os setores médios da sociedade e participar da Frente Popular. Foi fortemente reprimido durante a ditadura de Carlos Ibañez, no final dos anos 1920 e esteve na clandestinidade de 1948 a 1958 como fruto da promulgação, ocorrida no governo do radical Gonzales Videla, da chamada *ley maldita* que colocou na ilegalidade o PC.

O PS foi criado em 1933 devido à fusão de uma série de grupos socialistas - o Partido Socialista Marxista, a Nova Ação Pública, a Ação Revolucionária Socialista e a Ordem Socialista - e se definia marxista, porém era crítico da tese da ditadura do proletariado. A trajetória foi marcada por sua heterogeneidade em relação às frações que o compuseram e por inúmeros rachas, cujas divisões internas sempre representaram um desafio para o partido, como ressaltou Juan Carlos Espinosa, militante socialista que participou dos cordões: “O PS tinha muitas frações, tinha de tudo, anarquistas, pró-china, maoístas, etc. e isso era sua riqueza, mas também sua principal debilidade.”^{57iv} O PS experimentou um processo de radicalização política desde o final da década de 1940 e oficialmente adotou o marxismo-leninismo, a partir de 1967. O PS e o PC eram partidos hegemônicos no movimento sindical chileno.

⁵⁷ Entrevista realizada com Juan Carlos Espinosa 15.09.2013.

1.3 – A experiência da Unidade Popular

Em 1970 foi eleito o socialista Salvador Allende, da Unidade Popular, uma coalizão de esquerda formada inicialmente pelo PS, PC, Partido Radical (PR), Partido Social Democrata (PSD), Movimento de Ação Popular Unificado (MAPU) e Ação Popular Unificado Independiente (API).⁵⁸ A Izquierda Cristiana se incorporou à coalização no ano de 1971. Há argumentos sobre o caráter revolucionário do processo que ocorrera no Chile, cuja chegada ao poder de um presidente socialista não significava que uma revolução estava ocorrendo, por ter sido resultante de uma disputa eleitoral via institucionalidade do Estado e, portanto, no âmbito ainda dos instrumentos burgueses de disputa⁵⁹. Porém houve, ao longo do governo, importantes processos revolucionários de radicalização embora não completamente em oposição ao governo, muitas vezes foram em sua defesa, mas em muitas outras, foram críticos a ele. Como por exemplo, podemos citar as ocupações de fábricas e terras, por trabalhadores e camponeses, cujo intuito era pressionar o governo para avançar nas propostas frente à forte oposição da direita.

O programa da UP representava uma experiência nova que se denominou a “via chilena ao socialismo” e tinha como objetivo uma profunda transformação social pacífica, ou seja, sem uso de armas, através da institucionalidade do Estado, da conquista do poder executivo e legislativo, com participação popular e através da nacionalização de setores estratégicos da economia.⁶⁰

A Unidade Popular trouxe como premissa central na sua proposta programática a transição política de um governo popular para o socialismo. Porém sua estratégia não estava centrada classicamente na busca pelo controle político, mas inicialmente na tomada do controle econômico para então conseguir a consolidação do poder político.⁶¹ Allende acreditava que diante do cenário de estagflação, de problemas sociais como a

⁵⁸ AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo: A Experiência Chilena*. São Paulo: Annablume, 1998, p.15.

⁵⁹ Tal pensamento advinha principalmente de militantes e dirigentes de organizações da esquerda, mas que não concordavam inteiramente com os caminhos seguidos pela Unidade Popular, pois acreditavam que o governo deveria avançar nas propostas e não se iludir com o apoio político de setores de centro-esquerda como os democratas cristãos. Além da crítica à questão da via pacífica, das nacionalizações que deveriam atingir muito mais empresas e do poder que não deveria ser algo verticalizado, mas sim reflexo de uma real participação popular, entre outras que discutirei ao longo da dissertação.

⁶⁰ BORGES, op. cit., p. 19.

⁶¹ SOTO, op. cit., p. 54.

pobreza, altas taxas inflacionárias, o desemprego e o controle da riqueza nacional (principalmente do cobre) concentrado nas mãos do capital estrangeiro, era necessário, primeiramente organizar o sistema produtivo através da nacionalização de setores estratégicos da economia, como a indústria de minérios e os bancos, reestruturando o sistema econômico e garantindo que a riqueza nacional fosse controlada e gerida pelo conjunto da sociedade e com um caráter antimonopolista e anticapitalista.⁶²

Tal processo se daria de forma gradual e pactuada com setores da burguesia, propondo uma conformação entre economia mista e privada, refletindo inúmeras discordâncias e polarizações internas à UP, entre os partidos da coalizão. Allende posicionou-se sobre tal fato em um informe ao plenário nacional do Partido Socialista, da seguinte forma:

“a negação do atual regime institucional chileno não pode ser concebida como produto da ação voluntariosa de uma minoria ousada, mas sim como fruto da ação consciente e organizada das grandes massas que percebem a necessidade de transformações e que criam mecanismos que as tornam possíveis”.⁶³ [Tradução nossa]

Em seguida se manifestou reconhecendo que “mudar o sistema capitalista respeitando a legalidade, a institucionalidade e as liberdades políticas, exige adequar nossa ação no econômico, político e social a certos limites.”⁶⁴

A construção do governo popular se daria principalmente pela noção de transferência do poder do Estado para o povo e as massas assumindo assim os trabalhadores um papel de sujeito histórico nesse processo. A ação e participação organizada seriam as bases desse princípio do poder popular defendido pela UP, via representatividade sindical da CUT, cuja direção era composta por representantes do Partido Comunista que apoiavam a transição gradual.

Nesse caminho as prioridades eram a nacionalização de setores estratégicos da economia, estatização dos sistemas produtivos e construção do poder popular, assim a participação dos trabalhadores no governo popular assumia cada vez mais um papel fundamental nesse processo.⁶⁵ Portanto, as disputas internas da UP eram refletidas diretamente no processo de desenvolvimento das ocupações das fábricas que ora retroagiam (seguindo mais as orientações do partido Comunista e setores do Socialista)

⁶² WINN, op. Cit., pg. 64

⁶³ Informe ao Plenário Nacional do Partido Socialista, Santiago, mar. 1972. In: BITTAR, Sergio. *Transição, Socialismo e Democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 1989. pg. 67.

⁶⁴ Ibid., pg. 67.

⁶⁵ BORGES, op. Cit., pg. 45.

ora radicalizavam-se (seguindo orientações de uma esquerda mais radicalizada como o MIR, a IC, MAPU, e os setores mais radicalizados do PS) refletindo também a correlação de forças políticas presente no movimento dos trabalhadores e sindicatos.⁶⁶ O intuito de Allende era a consolidação do processo político e a transformação gradual apoiada num pacto com setores da “elite progressista” e da Democracia Cristã, por isso, as ocupações deflagradas de fábricas, e sem o aval do governo, eram condenadas por Allende e os reformistas. Eles defendiam que estas ações deveriam ser coordenadas pela direção da CUT (ocupada majoritariamente por comunistas) já os setores da esquerda como MIR e parte do PS defendiam a luta armada e viam na participação popular “a real tomada do poder pelas massas.”⁶⁷ A presença desses setores mais a esquerda da UP e o MIR eram claras nas ocupações de terras e terrenos urbanos, mas também havia forte presença dos comunistas nas ocupações. O PS defendia que os trabalhadores das companhias de cobre deveriam assumir a vanguarda econômica do processo e junto com os operários e camponeses se prepararem ideologicamente para a batalha contra a burguesia no processo de construção do socialismo. A orientação era de aprofundar as mudanças ocupando as fábricas que estavam nas mãos da burguesia e assim atacando de frente o problema do mercado paralelo, do boicote e do desabastecimento.

A participação popular durante o governo da UP se deu em vários níveis tais como: comandos comunales, conselhos camponeses, cordones industriales, atuação de organizações tradicionais do movimento popular (Junta de Vecinos, Centros de Madres, sindicatos), além da chamada *Asamblea de Concepción*, ou Assembléia do Povo, composta por militantes principalmente do MIR e da esquerda do PS que colocava a dualidade de poderes e o poder popular na centralidade das discussões, cujo controle operário seria o meio para alcançar a autonomia e consciência das massas, ideia buscada principalmente nos soviets da Revolução Russa.⁶⁸ Os cordones eram reflexos da atuação dos trabalhadores nesse processo revolucionário de busca pelo controle da produção nacional em oposição às ofensivas contrarrevolucionárias. Porém não se pode dizer que os cordones foram expressões chilenas dos *soviets* russos porque não eram contrários ao governo, mas atuavam de forma a apoiar criticamente o governo.

A construção e desenvolvimento dos cordones industriales se intensificou após o chamado paro patronal, cujo objetivo tornou-se claro nos momentos seguintes a tal

⁶⁶ BORGES, op. cit., p. 46.

⁶⁷ GAUDICHAUD, op. cit., p. 22.

⁶⁸ SANDRA, op. cit., p. 107.

paralisação que era desestabilizar o governo popular para legitimar uma intervenção da direita que minaria a sua continuidade.⁶⁹ Tal processo estava inserido num contexto de ofensiva da direita contra o governo da UP, marcado por ações terroristas por parte da extrema direita (como é o caso do grupo *Pátria y Libertad*) e pressões no âmbito do parlamento para a destituição de ministros e intendentes que fez com que o governo decretasse Estado de Emergência.⁷⁰ Nesse processo as ocupações das fábricas pelos trabalhadores cresceram e se consolidaram numa luta contra o boicote patronal. Através da ocupação de diversas fábricas de propriedade mista e privada e da mobilização dos setores populares no processo, houve o enfrentamento às ações da burguesia, como lembra a militante socialista Carmen Silva:

“Quase todas as fábricas de Santiago funcionando sem patrão, os operários dando andamento aos trabalhos mais sofisticados, desenhando sapatos, enfim [...] vendíamos as coisas nas feiras. Eu fiquei responsável por organizar a mobilização, fazer uma lista dos caminhões por indústria, levar os produtos, ver quantos trabalhadores tinham nas fábricas busca-los e deixa-los, íamos com os lixeiros buscar gás em Maipú e levávamos para toda Santiago, os estudantes iam à estação buscar verduras e as distribuíam nas poblaciones. E tudo isso durou mais de um mês.”^{71v} [Tradução nossa]

Em junho de 1972 foi criado o primeiro cordón industrial de Cerrillos-Maipú em um dos setores mais industrializados de Santiago. Em seguida, no chamado “*octubre chileno*” há uma proliferação dos *cordones industriales*, dos *comandos comunales* e *comitês coordinadores*.⁷²

A defesa da participação dos trabalhadores na administração das fábricas do setor público era um projeto dos democratas cristãos levados para UP pelos militantes do MAPU e defendidos nos cordones pelos socialistas de tradição trotskista mesmo a revelia dos “comunistas que se opunham à criação de representantes dos trabalhadores fora das estruturas sindicais que eles, em grande parte, controlavam.”⁷³ A posição do PC era que esses novos organismos de poder popular não deveriam converter-se em poder paralelo ao governo e assim os cordones deveriam estar organizados dentro das unidades de base da CUT; o PS apoiava a formação dos cordones industriales como organismos representantes dos setores populares e que fortaleceriam a luta rumo ao socialismo. Já o MIR, a IC e o MAPU viam tais organismos como “órgãos embrionários

⁶⁹ ANGELL, op. cit., p. 44.

⁷⁰ GAUDICHAUD, op. cit., p. 94.

⁷¹ Ibid. p. 94

⁷² BANDEIRA, Luiz M. op. cit. p. 207.

⁷³ WINN, op. cit., p. 122.

de um poder alternativo” no sentido de afirmar a independência de classe do proletariado.⁷⁴

Julio Pinto, historiador chileno, afirma que o caráter da revolução chilena era o caminho socialista, ou seja, pretendia-se realizar uma profunda transformação estrutural, cujo objetivo era construir um modelo de sociedade sem exploradores nem explorados, com a abolição da propriedade privada, apoiada nos princípios de justiça social e de solidariedade e não no individualismo e competitividade como na sociedade capitalista.⁷⁵ Essa possibilidade da “via pacífica” era vista pelos partidários da UP como um caminho legítimo ao socialismo, já que a história do Chile trazia consigo uma herança democrática de certa estabilidade no sistema eleitoral e certo respeito dos partidos políticos e forças armadas a esse sistema, ideais firmados a partir de 1925 pelo então chamado “Estado de Compromisso.”⁷⁶

Assim que Allende foi eleito iniciou-se uma série de mudanças com foco em dois principais pontos: a criação e desenvolvimento da APS (Área de Propriedade Social) que era a parte nacionalizada da economia e a participação popular. A nacionalização de setores estratégicos da economia era visto pelo governo como uma forma de minar a dependência do capital estrangeiro e enfraquecer o poder da oligarquia. Já a participação popular, que se daria através “da transferência da base do poder do Estado para o povo, o chamado poder popular”⁷⁷, era uma forma de incluir os setores populares nas estruturas do governo e nas tomadas de decisões. No entanto a prioridade do governo foram as nacionalizações. Dentre esses eixos centrais, de transformação política e econômica, estava incluso também no programa do governo popular de Allende, a reforma agrária e mudanças que envolviam a educação, saúde e habitação.⁷⁸

Nesse período iniciou-se um processo de boicote ao governo de Allende por parte de empresários e industriais que contribui fortemente para a crise: como o corte de crédito, a remessa massiva de dinheiro da burguesia chilena a outros países, a desvalorização do preço do cobre no mercado internacional como manobra para

⁷⁴ SOTO, op. cit., p. 211.

⁷⁵ PINTO, Julio (org.). *Cuando Hicimos História: la Experiencia de La Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005, p. 12.

⁷⁶ SOTO, op. cit. p. 39.

⁷⁷ BORGES, op. cit., p. 4.

⁷⁸ Alguns livros de referência que tratam do tema das reformas programáticas do governo da Unidade Popular: ALTAMIRANO, op. cit.; AGGIO, op. cit.; GAUDICHAUD, op. cit.; PINTO, op. cit.; Winn, op. cit.

desestabilizar o governo entre outras ações. Acrescenta-se o endividamento com os EUA deixado por governos anteriores principalmente de Alessandri e Frei. Porém o governo, para muitos dos trabalhadores dos cordones, tinha parte nesse processo, porque que não expropriou as grandes indústrias, os latifúndios, as grandes empresas distribuidoras, pelo contrário estimulou os investimentos de setores da burguesia, reforçando desta forma uma política reformista. Porém a curta duração da UP impediu também o avanço do processo.

Como bem lembra Peter Winn, tratava-se de uma coalizão de esquerda que pretendia a transição para o socialismo - severamente combatida pelos setores da direita que era composta principalmente por empresários e industriais agrupados em torno do Partido Nacional.⁷⁹ Soma-se a isso o apoio à direita de muitos estrangeiros que investiam no cobre chileno e em outros setores, que mantinham contato direto com o governo norte-americano, de Nixon, além do apoio e conspirações desses setores para desmoralizar o governo de Allende, cujas reações conservadoras vão desde greves no setor de transporte e distribuição da produção até culminar no golpe de 1973 que acabou por implantar uma brutal ditadura militar no Chile.⁸⁰

O país transformou-se numa verdadeira zona conflitiva que envolveu a direita e seus ataques ao governo, além dos conflitos entre os setores da esquerda. Entre esses, de um lado estavam os que defendiam a via pacífica, uma “revolução gradualista”, via legalidade eleitoral e aliança com setores da burguesia “progressista” que eram principalmente setores dos socialistas e comunistas e do outro lado um setor da esquerda que defendia a radicalização da revolução através da construção do poder popular e da luta armada, polo identificado pelos teóricos do tema como “rupturista” e representado pelo MIR, MAPU, setores radicalizados do PS e pela IC (vindos de setores que romperam com a Democracia Cristiana).⁸¹ Estes últimos alertavam para a inevitabilidade do confronto dado à radicalização do conflito de classes e das ofensivas contrarrevolucionárias apoiadas inclusive pelos Estados Unidos nas quais envolviam tanto medidas de carácter econômico como o corte de créditos e impossibilidade de refinanciar a dívida externa quanto de carácter político como o financiamento dos

⁷⁹ WINN, op. cit., p. 65.

⁸⁰ WINN, op. cit., p.70.

⁸¹ PINTO, op. cit., p. 15. Muitos documentos posteriormente vieram à público das mais variadas formas, mostrando a relação entre os setores da direita chilena e o governo e serviço secreto norte-americano, articulando ações contra o governo da UP e estão reunidos no site do Arquivo de Segurança Nacional: http://www.gwu.edu/~nsarchiv/latin_america/chile.htm.

movimentos de oposição ao governo.⁸²

O polo gradualista tinha como estratégia a via eleitoral, ou seja, as disputas deviam seguir nos marcos da democracia burguesa através da aliança com os chamados “setores progressistas” (setores da classe média e burguesa politicamente representada pela Democracia Cristã e pelo Partido Radical), numa busca para acumular forças dentro do Estado burguês, sem romper violentamente com a ordem estabelecida. Essa estratégia estava exposta na insígnia *avanzar consolidando*.⁸³ Os rupturistas rejeitavam a teoria das etapas de que primeiro era necessário passar pela etapa democrática burguesa para depois seguir para a tomada do poder pelos trabalhadores, proposta sintetizada no slogan *consolidar avanzando*, pois a classe dominante (oligarquia e industriais) jamais permitiria o avanço das propostas do governo popular sem se opor. O contexto latino-americano já teria provado tal inadmissibilidade em casos como da Guatemala (1954) e Brasil (1964) de golpes militares apoiados pelos EUA e a chamada Doutrina Johnson que se referia à revolução cubana e à inaceitabilidade do governo norte-americano com relação à formação de novos governos revolucionários na América Latina.⁸⁴ Por isso, para os setores mais radicalizados a construção do poder popular e a luta armada eram necessários para dar continuidade às reformas propostas pela Unidade Popular em um determinado momento de acirramento das disputas políticas.⁸⁵

A revolução cubana influenciou essencialmente a radicalização de setores da esquerda nesse processo, principalmente do MIR e do PS, este último adotou o marxismo-leninismo revolucionário como orientação ideológica, cuja violência revolucionária era vista como legítima e inevitável, mesmo validando como instrumentos as formas legais e pacíficas e sua atuação tornou-se importante em determinados cordones industriales e em outras organizações populares.⁸⁶

Dessa forma, podemos afirmar que existia uma divisão dentro da própria UP relacionada ao mesmo tempo à tática e estratégia e que essas posições eram mais aguçadas em momentos de acirramento do conflito de classes. A estratégia utilizada pela UP era a busca pelo controle do sistema econômico para então alcançar o controle do sistema político. Essa estratégia na prática, como observa a historiadora Elisa Campos Borges, “transformou os meios de produção e a ação dos trabalhadores nos dois núcleos

⁸² PINTO, op. Cit., p. 16.

⁸³ WINN, op. cit., p. 133.

⁸⁴ PINTO, op. cit., p. 25.

⁸⁵ PINTO, op. cit., p. 26

⁸⁶ SOTO, op. cit., p. 42.

centrais das ações da UP”.⁸⁷ Nesse momento a atuação dos trabalhadores no processo produtivo representava uma força de extrema importância para a continuidade do governo popular.

O primeiro ano da UP foi marcado pela ofensiva política da esquerda. As eleições municipais de abril de 72 na qual a UP saiu vitoriosa e as realizações no plano econômico (como as nacionalizações do cobre, o controle de bancos) mostraram uma aprovação do governo por uma parcela significativa da população e, principalmente vinda dos setores populares. Depois disso, começou a se debilitar devido à crise econômica, política e social que se intensificou. Expressada das mais variadas formas a crise era resultado de uma maior polarização das forças políticas. No campo da esquerda, tal crise evidenciou a mobilização e atuação dos movimentos de base em torno da defesa do governo e da pressão para o avanço nas transformações. Por outro lado, a elite chilena e setores da classe média se articulam em torno de movimentos de oposição, como greves patronais, boicotes, manifestações da Marcha das Panelas Vazias. Esta última era realizada por mulheres majoritariamente de classe média e alta contra uma suposta escassez de alimentos, muitas vezes provocada pelos comerciantes e empresários e que atingiam mais fortemente os setores populares, além das ações do grupo fascista *Patria y Libertad* na tentativa de debilitar o governo e criar condições para o golpe.

Como forma de garantir a produção, distribuição e abastecimento os trabalhadores, camponeses e moradores (moradores dos bairros pobres e periféricos) organizaram-se num sistema de participação criado pelo governo, bem como fruto da atuação dos movimentos sociais como, por exemplo, os comandos comunales, os comites coordenadores, as juntas de abastecimento (JAP – coletivos de representação popular, criados pelo governo, com intuito de fiscalizar o abastecimento nos bairros) e os consejos camponeses.⁸⁸ Neste contexto, também surgem os cordones industriales como uma tentativa dos trabalhadores de minar e impedir o boicote da burguesia ao governo popular de Allende, dar continuidade a produção e distribuição no país e reivindicar o avanço nas propostas do governo.

Em outubro de 1972 ocorreu um paro patronal que contribuiu para o desabastecimento do país, para a paralisação da produção por parte dos donos das fábricas e, como consequência, muitos produtos eram vendidos no mercado paralelo a

⁸⁷ BORGES, op. cit., p. 4.

⁸⁸ GAUDICHAUD, op. cit., p.34.

preços muito alto causando uma crise geral de desabastecimento, com perdas econômicas substanciais.⁸⁹

A atuação dos trabalhadores e setores populares nos cordones industriales e em outras organizações dos setores populares refletiram tanto o esforço para sobrevivência num contexto de conflitos, desabastecimento e boicotes quanto o resultado do processo de conscientização a partir das experiências vividas por estes setores no período, dada pela radicalização da disputa política diante da chegada ao poder de Allende. Além disso, a questão do poder popular foi essencial no período, mesmo com a UP defendendo a participação dos trabalhadores na gestão das empresas estatizadas, a ocupação de fábricas pelos trabalhadores durante o paro patronal e a pressão para estatizar mais empresas foram criticadas pelo governo, principalmente pelos comunistas, contrários a tais ações.

Contudo, o sociólogo chileno Tomás Moulian afirmou que grande parte das causas do desfecho desse processo foi resultado da falta de esforço da esquerda em teorizar sobre o processo novo, cuja “originalidade impedia a existência de uma teoria preconcebida”.⁹⁰ Era uma situação completamente diferente das outras, como analisou Moulian, por isso, era necessário não apenas produzir as reformas de conteúdo programático, mas também produzir um extenso debate sobre a estratégia e os avanços até o socialismo por meio de reformas profundas de caráter anticapitalista e antimperialista dentro do aparato do Estado e da ordem burguesa⁹¹. Moulian ressaltou que tal esforço deveria ter ocorrido principalmente no primeiro ano da Unidade Popular, que estava numa posição ofensiva, cuja preocupação deveria orientar-se não apenas pelo horizonte das reformas econômicas, mas no campo político das alianças com setores populares e de centro-reformista. Por outro lado, Waldo Mermelstein (militante brasileiro exilado no Chile na época da UP) afirmou que seria impossível e ilusória a aliança com a Democracia Cristã, pois esta estava atrelada a burguesia e ao imperialismo.⁹² Dessa mesma forma, intelectuais como Rui Mauro Marini e Theotônio dos Santos, ambos também brasileiros que estavam no Chile no período,

⁸⁹ Ibid., p. 95.

⁹⁰ MOULIÁN, Tomás. La vía chilena al socialismo: itinerário de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular. pg. 40. In: PINTO, Julio (orgs.). Cuando Hicimos Historia: la Experiencia de La Unidad Popular. Santiago: LOM, 2005.

⁹¹ Ibid. p. 40.

⁹² MERMELSTEIN, Waldo. “Poder Popular no governo de Allende.” Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6749_Mermelstein_Waldo.pdf> Acesso em 20/05/2014.

compartilharam da mesma ideia e aderiram ao MIR.⁹³ Vale ressaltar que tais críticas, com exceção daquelas realizadas no período da UP, foram realizadas posteriormente, quando o processo já havia sido interrompido pelo golpe e inúmeros balanços já haviam sido feitos por militantes partidários e intelectuais que com o passar do tempo puderam teorizar com maior tranquilidade, contribuindo sem dúvida, para os debates sobre os limites do governo da UP.

O governo da UP rompeu parcialmente com o funcionamento da economia capitalista ao nacionalizar as empresas estratégicas e monopólicas que estavam em sua maioria nas mãos do capital estrangeiro, ao controlar os bancos e ao realizar uma ampla reforma agrária num curto tempo de 18 meses. Desde antes mesmo da eleição de Allende os setores da direita e o governo norte-americano através da CIA e dos empresários já expressavam sua preocupação com o Chile e a possibilidade de construção de um governo socialista no país. Neste sentido o governo da UP tinha um enorme desafio a enfrentar tendo que lidar tanto com os boicotes e ações de sabotagem contra o governo como com a expectativa dos trabalhadores.

⁹³ Theotônio dos Santos e Rui Mauro Marini, intelectuais da teoria da dependência que durante o exílio no Chile no contexto do regime militar brasileiro, aderiram ao MIR e tiveram uma vasta atividade acadêmica e militante no país.

Capítulo 2 – Sistema de Participação dos trabalhadores na UP, o surgimento dos cordones industriales, os debates sobre o poder popular e a participação dos partidos políticos

2.1 Sistema de Participação dos trabalhadores na UP

Neste capítulo farei uma abordagem sobre a constituição da Área de Propriedade Social (APS) acima citada e, como se daria o sistema de participação dos trabalhadores no governo da UP, tendo em vista que a classe trabalhadora era representada no programa como a “vanguarda” do processo. Busco ainda apresentar a conjuntura política durante o surgimento dos cordões, dada a importância da atuação dos movimentos populares e de trabalhadores na luta pela transformação da sociedade que resultou em novas formas de organizações políticas e que transpassaram estruturas tradicionais de representação dos trabalhadores, como a CUT, representando os conflitos surgidos entre a própria esquerda chilena. E, por fim, apresento os debates sobre o poder popular no período e as posições dos partidos políticos.

De acordo com o programa, os trabalhadores deveriam ser sujeitos do processo, cuja participação deveria ser organizada através dos sindicatos e da CUT. Allende defendia a ação conjunta dos trabalhadores através do seu órgão de expressão máxima, a CUT, condenando assim, qualquer forma “espontânea” de atuação que transpusesse as organizações tradicionais de representação e pusesse em risco o governo.

No programa de governo da UP, os setores que deveriam passar prioritariamente pelo processo de nacionalização e compor a APS, eram: os minérios, o sistema financeiro em especial os bancos e seguradoras, o comércio exterior, as grandes empresas e os monopólios de distribuição, os monopólios industriais estratégicos, produção e distribuição de energia elétrica, o petróleo e seus derivados, o transporte, as comunicações, a siderurgia, a petroquímica, celulose e papel e o cimento.⁹⁴

O número de empresas a serem nacionalizadas inicialmente era de 91. O governo logo em novembro de 1970 chegou a controlar completamente os setores de cobre, iodo, salitre, ferro, aço, 90% do setor bancário e financeiro, 80% das exportações e 50% das importações, o controle de 70 empresas de diversas áreas (têxtil, indústria,

⁹⁴ Programa Básico de Gobierno de La Unidad Popular, 6 edição, 1969, p.20.

cimento, etc). O quadro abaixo nos mostra as indústrias controladas pelo estado.

Quadro 1 - Número de estabelecimentos comerciais controlados pelo governo.⁹⁵

Formas de Controle	Nov. 1970	Dez. 1971	Dez. 1972	Mai. 1973
Propriedade Estatal	31	62	103	165
Sob intervenção ou requisição	—	39	99	120
Total	31	101	202	285

Em meados de 1973 a APS compreendia 320 indústrias representando 1% das 35.000 existentes no país, constituindo 40% da produção total e empregando aproximadamente 140.000 trabalhadores que compunham 30% da força de trabalho industrial.⁹⁶ Os critérios para a expropriação da APS eram flexíveis e não muito claros, pois grande parte das expropriações adivinha das greves e mobilizações feitas pelos próprios trabalhadores que eram convertidas, através da pressão ao governo, em decretos de intervenção, requisição ou expropriação.⁹⁷ Neste contexto muitas das expropriações e intervenções era fruto da própria ação dos trabalhadores que se organizavam para exigir do governo a nacionalização das fábricas.

Os pequenos e médios empresários que inicialmente não eram contra a nacionalização dos monopólios, acabaram em grande parte apoiando os grandes empresários, conforme o processo se radicalizava. Joan Garces escreveu sobre a falta de critérios claros e bem definidos para a APS e seus impactos na conjuntura do período que culminou no golpe:

“[...] a ausência de uma política precisa e realista da UP para criar, nos primeiros meses que se seguiram à instalação do governo, uma área de propriedade social de contornos e funções bem delimitados, contribuiu decisivamente para configurar a situação econômica, política e social de 1973 [...] A formação da Área Social, ponto de convergência da

⁹⁵ TRONCOSO, op. cit., p. 223.

⁹⁶ ESPINOSA, Juan G.; ZIBALIST, Andrew. *Democracia Economica: La participación de los trabajadores em la Industria Chilena, 1970-1973*. México: Fondo de Cultura Economica México, 1984, p.66

⁹⁷ SOTO, op. cit., p. 132.

necessidade de criar as forças e relações de produção da futura transição ao socialismo, exige um poder político, social e econômico sobre a burguesia que só a aliança entre a classe operária, setores populares e pequena burguesia pode dar.”⁹⁸ [Tradução nossa]

No programa de governo da UP estava descrito a necessidade de organizar a participação dos trabalhadores chilenos na área de propriedade social, uma participação que deveria ser real e que formaria as bases do poder popular. Sendo o desenvolvimento do poder popular um dos principais eixos contidos no programa:

“Com respeito às empresas do setor público, seus conselhos diretivos e seus comitês de produção devem contar com mandatários diretos de seus operários e empregados [...] Mas, não se trata unicamente destes exemplos, e sim de uma nova concepção em que o povo adquire uma intervenção real e eficaz nos organismos do Estado.”^{99vi} [Tradução nossa]

Na proposta estava garantida a participação dos trabalhadores nas estruturas e decisões do Estado e isto também era defendido nas organizações poblacionais, ou seja, a construção do poder popular seria um dos eixos fundamentais do governo: “Através de um processo de democratização em todos os níveis e de uma mobilização organizadas das massas se construirá desde a base a nova estrutura do poder.”¹⁰⁰ No programa fala-se de uma Assembleia do povo que seria órgão superior de poder:

“Será criado uma organização única do Estado estruturado a nível nacional, regional e local que terá uma Assembléia do Povo como órgão superior de poder. A Assembléia do Povo será a Câmara Única que expressará nacionalmente a soberania popular. Nela confluirão e se manifestarão as diversas correntes de opinião. Este sistema permitirá suprimir a raiz dos vícios que tem sofrido no Chile tanto o presidencialismo ditatorial como o parlamentarismo corrompido. Normas específicas determinarão e coordenarão as atribuições e responsabilidades do Presidente da República, ministros, Assembléia do Povo, organismos regionais e locais de poder e partidos políticos, com o fim de assegurar a operatividade legislativa, a eficiência do governo e, sobretudo, o respeito a vontade da maioria [...] A geração de todo organismo popular deverá se realizar por sufrágio universal, secreto e direto, dos homens e mulheres maiores de 18 anos, civis e militares, alfabetos e analfabetos.”^{101vii} [Tradução nossa]

⁹⁸ GARCES, Joan. Allende e as armas da política. São Paulo: Scritta Editorial, 1993, p.191.

⁹⁹ Programa...,op. cit., p. 13.

¹⁰⁰ Ibid p. 7.

¹⁰¹ Ibid p. 7.

Estava descrito ainda no programa de governo os setores que deveriam ter papel protagonista no processo:

“As transformações revolucionárias que o país necessita somente podem ser realizadas se o povo chileno tomar em suas mãos o poder e exercê-lo de forma real e efetiva. O povo do Chile conquistou, através de um largo processo de luta, determinadas liberdades e garantias democráticas, cuja continuidade depende da manutenção do estado de alerta e combate sem trégua. Mas o poder mesmo é alheio ao povo. As forças populares e revolucionárias não têm se unido para lutar pela simples substituição de um Presidente da Republica por outro, nem para substituir um partido por outro no governo, e sim para levar a cabo as mudanças de fundo que a situação nacional exige sobre a base de transferência do poder dos antigos grupos dominantes aos trabalhadores, campesinos e setores progressistas das camadas médias da cidade e do campo.”^{102viii} [Tradução nossa]

No final do ano de 1970 foi realizado um acordo entre a CUT e o governo sobre a incorporação dos trabalhadores nas transformações estruturais que estavam em curso no país que versou sobre a participação destes trabalhadores na área de propriedade social e mista. De acordo com a ata era necessário criar espaços de participação direta dos trabalhadores e sindicatos no processo de produção do país e nas profundas mudanças iniciadas no governo da UP.

Os pontos acordados para o convênio foram: a garantia de participação dos trabalhadores na APS e nos comitês setoriais da CORFO (Corporação de Fomento à Produção) e que estes deveriam ser eleitos pela CUT, a formação de uma comissão paritária entre CUT-ODEPLAN (Oficina de Planificação Nacional) para planificar a produção e que deveria haver uma ampla participação dos trabalhadores, a reforma da legislação trabalhista com o reconhecimento da CUT, o reajuste salarial e uma política de previdência social. Além destes pontos constou ainda a aceleração da reforma agrária, o controle dos preços e abastecimento com participação dos sindicatos, a criação das JAP'S pelos trabalhadores, o estabelecimento nacional de uma pensão familiar e a construção de uma política educacional para todos e de qualidade. O acordo foi assinado por representantes do governo, o Presidente, os Ministros da Economia, do Trabalho e da Fazenda e dirigentes da CUT, o comunista Luis Figueroa (Presidente da CUT), o radical Bayardo Gonzales (vice- presidente do Partido Radical), Eduardo Rojas do MAPU (vice- presidente da organização) e o socialista Hernan del Canto (Secretario

¹⁰² Ibid pg. 10 e 11.

Geral da CUT).

Em fevereiro de 1971, em uma Conferência Extraordinária da CUT, foi aprovado um projeto que versou sobre a participação dos trabalhadores na APS. O projeto foi discutido entre os representantes dos ministérios da Economia e do Trabalho, da ODEPLAN e do INACAP (Instituto de Capacitación Técnica). Como resultado destas discussões, em julho de 1971 foi apresentado um documento intitulado “*Las normas básicas de participación de los trabajadores en las Empresas del Area Social y Mixta*” que definiria as formas de participação. O documento foi redigido conjuntamente pela CUT e o governo significando, segundo Trancoso, uma integração entre estas instâncias:

“Desta maneira, a CUT inicia um processo de integração orgânica no aparato do Estado, principalmente no âmbito das instituições de planificação nacional, tais como a CORFO, e se constitui como um dos agentes promotores do sistema de participação dos trabalhadores, tal como concebe a UP, distanciando-se assim de seu papel tradicional de reivindicação econômica e salarial.”^{103ix} [Tradução nossa]

Na introdução do documento há uma citação do programa de governo na qual era ressaltado que: “As transformações revolucionárias que o país necessita somente poderão se realizar se o povo chileno tomar em suas mãos o poder e exercê-lo de forma real e efetiva.”¹⁰⁴ Em seguida, destacou-se a importância dos trabalhadores participarem das decisões no âmbito das empresas:

“A participação dos trabalhadores é um problema político, que permitiu a consolidação das transformações das estruturas econômicas e sociais. Isto se reflete na capacidade dos trabalhadores para tomar decisões e de que estas se cumpram adequadamente”.^{105x} [Tradução nossa]

A participação dos trabalhadores se daria em dois níveis: a) na planificação econômica nacional, regional e setorial e b) na direção das empresas da área social e mista. De acordo com o primeiro nível a participação dos trabalhadores estaria garantida através de representantes da CUT e das federações sindicais nos “organismos superiores de planificação do desenvolvimento nacional, regional e setorial” tais como: “*Consejo Nacional de Desarrollo, Consejos Regionales de Desarrollo, ODEPLAN, Comités*

¹⁰³ GAUDICHAUD, Franck. *Construyendo “Poder Popular”: El movimiento sindical, la CUT y las luchas obreras en el periodo de la Unidad Popular*. IN: PINTO, Julio (orgs.). *Cuando Hicimos Historia: la Experiencia de La Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005, p. 88.

¹⁰⁴ *Las normas básicas de participación de los trabajadores en las áreas social y mixta*. Santiago, Mayo de 1972, p.01.

¹⁰⁵ *Ibid.*, p. 01

Regionales de Desarrollo, Ministerios e outros”. Com relação ao segundo nível, a participação dos trabalhadores na APS se daria através: a) da assembleia de trabalhadores da empresa, b) da assembleia das unidades produtivas, c) dos comitês de produção das unidades produtivas, d) de um Comitê Coordenador dos trabalhadores da empresa e e) do Conselho de Administração.¹⁰⁶

As estruturas internas de funcionamento das empresas nacionalizadas eram compostas hierarquicamente, por um Comitê de Administração, órgão superior e integrado por cinco representantes do governo, cinco representantes dos trabalhadores e um administrador indicado pelo governo. Os trabalhadores eram eleitos em assembleia por maioria de voto. Isto era seguido de um Comitê de Produção com delegados de cada seção produtiva, eleitos pelos trabalhadores em assembleia. Os comitês de produção seriam os responsáveis por acompanhar a produção e relatar os problemas ao Conselho Administrativo, não tinham poderes deliberativos. Havia ainda um Comitê Coordenador, responsável por articular a comunicação entre os Comitês de Produção e Administrativo, presidido por membros da comissão sindical eleitos em assembleia e trabalhadores membros dos comitês de administração e produção.¹⁰⁷

A preocupação dos trabalhadores e dirigentes sindicais locais era de que houvesse uma real participação dos trabalhadores nas decisões tomadas pelo Conselho de Administração. Para o governo, os representantes no sistema de participação não deveriam ser dirigentes sindicais, para manter a autonomia sindical. O objetivo era separar as questões relativas à produção das reivindicações dos trabalhadores¹⁰⁸, o que na prática não se estabeleceu porque muitos administradores e delegados eram dirigentes sindicais.

A assembleia dos trabalhadores seria o “organismo máximo de participação a nível de base”¹⁰⁹ e deveria ser convocada e presidida pela direção do sindicato único ou organização gremial única. Ela teria a função de discutir os planos de produção da empresa, eleger cinco representantes dos trabalhadores, compor os conselhos de administração e fixar sua política no conselho e solucionar conflitos apresentados ao Conselho Coordenador de trabalhadores.

A assembleia das unidades produtivas que compunham a empresa teria a função de discutir o plano de produção da fábrica nas respectivas unidades, eleger os

¹⁰⁶ Ibid., p.01.

¹⁰⁷ SOTO, op. cit., p.61.

¹⁰⁸ Ibid., p. 180.

¹⁰⁹ Ibid., p. 180.

representantes do comitê de produção de cada unidade, definir a política dos seus representantes no comitê de produção respectivo e votar censuras aos seus representantes. Para o comitê de produção seriam eleitos de três a sete representantes dos trabalhadores que teriam a função de assessorar os chefes de cada unidade produtiva na aplicação da política da empresa. As tarefas do comitê incluíam: assessorar o chefe da unidade produtiva com o fim de melhorar o funcionamento da unidade, estudar e propor formas de aplicação do plano da empresa, melhorar e acompanhar as medidas de segurança e higiene da empresa, contribuir para a conscientização dos trabalhadores sobre a importância da propriedade social dos meios de produção, sugerir novos métodos de trabalho para otimizar a produção, entre outras atribuições.¹¹⁰ O Comitê Coordenador seria composto por cinco representantes dos trabalhadores no Conselho de Administração da empresa e teriam a função de instruir os representantes sobre as pautas das assembleias, propor solução dos problemas apresentados pelo comitê de produção e instruir para que estes comitês funcionassem da melhor forma.¹¹¹ O Comitê de Administração podia impor normas obrigatórias a todos os trabalhadores, seria composto por cinco representantes do governo, cinco trabalhadores eleitos nas assembleias, divididos de forma que três fossem do setor produtivo, um do setor administrativo e um do setor técnico profissional. E por fim seria destinado um representante do presidente da república para compor o conselho de administração. Os representantes poderiam ser reeleitos somente uma vez e os cargos no conselho de administração e de dirigente sindical seriam incompatíveis. Para concorrer à maioria dos cargos, os candidatos deveriam ser filiados a um sindicato, ter os requisitos para ser dirigente sindical e ter experiência mínima de dois anos na empresa ou unidade produtiva. Seriam eleitos por voto direto e secreto.

Em julho de 1972 foi realizado em Santiago um “*Encuentro de Trabajadores Textiles*” no qual trabalhadores expressaram suas insatisfações com relação aos mecanismos de participação na APS. No encontro foram discutidas as deficiências no sistema de participação proposto pelo governo e a burocratização das instâncias de participação, apontando seus limites. De acordo com as críticas realizadas, os trabalhadores apontaram como problemas “a superficialidade das decisões nos comitês produtivos” e exigiram “a reestruturação total do comitê textil pela sua inoperância, substituído por um organismo que assuma realmente a direção e a planificação do setor

¹¹⁰ TRONCOSO, op. cit., p.225.

¹¹¹ Ibid., p.225.

textil”.¹¹²

Segundo Espinosa e Zimbalist até junho de 1972 os Conselhos de Administração das empresas de propriedade social funcionavam em apenas 56% delas.¹¹³ As críticas dirigidas ao sistema de participação nos organismos de planificação da economia incluíram um “papel meramente acessor e consultivo das instâncias de base contempladas no referido esquema e que na prática se limitava a legitimar decisões já tomadas nos níveis administrativos”.¹¹⁴

O dirigente Julio Silva Solae dirigente da IC escreveu um artigo na revista *Chile Hoy*, no qual apontou a existência de duas posições contraditórias do governo com relação à participação dos trabalhadores: “por uma parte, uma atitude burocrática, que na verdade deixa os trabalhadores a margem de toda participação (...) e por outra parte uma atitude que quer prescindir do Estado e estabelecer desde já a administração direta dos trabalhadores”.^{115xi} O MIR neste contexto formulava a necessidade de aprofundar o controle operário da produção tanto nas indústrias privadas pequenas e médias como na grande indústria e latifúndios agrícolas.

Na área de propriedade privada foi proposto pela CUT a formação de comitês de vigilância que tinham as seguintes funções: vigiar a produção para manter a sua continuidade regular, informar sobre a capacidade da produção e sua real utilização, informar sobre os produtos de consumo popular produzidos nas empresas, prevenir a sabotagem e o mercado paralelo, etc. De acordo com as instruções da CUT, os comitês de vigilância deveriam ser compostos de cinco à dez representantes dos trabalhadores eleitos por voto direto nas assembleias. Ainda de acordo com estas instruções devia formar-se um comitê superior de vigilância composto por dirigentes sindicais.¹¹⁶

Para que as normas ratificadas no acordo entre a CUT e governo fossem implementadas de forma rápida e efetiva formou-se um Comitê Executivo composto de quatro representantes da CUT, dois do Ministério da Economia, um do Ministerio do trabalho, um da ODEPLAN e um do INACAP. Estas normas valeriam para as empresas da APS e para aquelas da área mista controladas pelo governo.

Assim, no governo da Unidade Popular, trabalhadores e governo deveriam

¹¹² *Encuentro de los trabajadores del sector textil*. Santiago: Quimantu, 1972.

¹¹³ ESPINOSA, Juan G.; ZIMBALIST, Andrew. *Democracia Economica: la participacion de los trabajadores em Industria Chilena, 1970-1973*. México: Fondo de Cultura Econoica México, 1984, pg.53.

¹¹⁴ TRANCOSO, op. cit., p.231.

¹¹⁵ SILVA, Julio. “Em torno al Estado”. *Revista Chile Hoy*, año 1, n. 7, 28 de julho a 3 de Agosto, 1972, p.4.

¹¹⁶ TRANCOSO, op. cit., p.226.

participar conjuntamente da administração das empresas da Área de Propriedade Social e Mista. Nas empresas médias e pequenas Allende também defendeu a constituição de Comites de Produção, indispensável para o desenvolvimento econômico e complementou da seguinte forma:

“Tenho dito que nas empresas privadas e públicas deve haver comitês de produção porque nossa necessidade fundamental, nossa prioridade básica, é aumentar a produção [...] Também é conveniente saber que o novo sentido do trabalho implica novas obrigações. Antes, quando o Estado estava a serviço dos capitalistas, os trabalhadores do setor público ou privado adotavam necessariamente uma atitude requiritiva, postulando aumento de salários frente ao alto custo de vida. Ou seja, lutavam reivindicativamente. Hoje temos que entender que os trabalhadores são o Governo; o povo é Governo. O setor público não está financiando uma minoria. Está colocando os excedentes econômicos a serviço de vocês, a serviço do povo e do Chile. Por isso é necessário olhar para o outro lado da barricada, para assumir a responsabilidade, a enorme, a transcendente responsabilidade que implica ser Governo [...] Fortalecer, ampliar e consolidar o poder popular significa ganhar a batalha da produção”.^{117xii} [Tradução nossa]

A maioria dos entrevistados afirmou que a produção em geral aumentou nas indústrias nacionalizadas, em consonância com a afirmação de Espinosa e Zimbalist. Mesmo com a existência de problemas como faltas excessivas de alguns trabalhadores, a priorização, em alguns casos, da atividade política em detrimento da produção, o aumento produtivo era uma dos elementos mais citados. Os problemas configuravam casos isolados que não interviram determinantemente de maneira a impedir o aumento da produção. No estudo realizado na época por Espinosa e Zimbalist no qual analisaram 35 empresas, concluíram que deste total, 29 delas obtiveram um aumento na produção e o restante manteve de forma constante o processo produtivo.¹¹⁸

A implementação do sistema de participação dos trabalhadores na administração das fábricas que faziam parte da APS tinha inúmeros limites, de acordo com Hugo Trancoso, devido à:

“A lentidão do processo de implementação das Normas Básicas, a ausência de motivação dos trabalhadores com relação à eficácia destas estruturas e, em geral, o crescente transbordamento da CUT e os sindicatos desde o paro patronal de outubro de 1972, pela dinâmica das mobilizações dos trabalhadores que começam a criar organismos de

¹¹⁷ Discurso de Salvador Allende no dia 1 de maio de 1971. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/allende/1971/mayo01.htm>> Acesso em 15.03.2014.

¹¹⁸ ESPINOSA; ZIMBALIST, op. cit., p. 39.

base, impulsionaram a direção da CUT, a revisar o convenio CUT-Governo.”^{119xiii} [Tradução nossa]

Na revista *Chile Hoy* foi publicada uma matéria na qual o interventor da empresa Yarur, Andres Van Lancker, durante o encontro nacional de fabricas têxteis, criticou o sistema de participação:

“A participação não funcionou como deveria por razões regulamentares e do âmbito das decisões. E vemos como estas ficam remetidas ao critério de um burocrata do Comité Têxtil ou de outro órgão. Então, é um escárnio falar sobre participação. A única coisa que pode ser garantia realmente que este processo é em benefício dos trabalhadores, é que estes tenham um poder verdadeiro de decisão em todos os níveis [...] O sucesso da área social é garantido pelos próprios trabalhadores, impondo seu critério de classe, seus interesses sem que ninguém atue em representação deles [...] Temos de estabelecer o controle operário da produção. Temos que estabelecer a vigilância revolucionária e nesta tarefa os trabalhadores da área social tem que ser vanguarda dos trabalhadores do setor privado”^{120xiv} [Tradução nossa]

Por conta dos problemas citados acima, começou-se a discutir, nos sindicatos, entre os meses de maio e junho de 1973 o projeto de complementação das normas básicas de participação que versava sobre a necessidade de elevar a 50% a participação dos trabalhadores nas empresas nacionalizadas. Este projeto seria discutido na Conferência da CUT em outubro de 1973, o que não se realizou devido ao golpe militar.

Miguel Silva afirmou que a planificação foi feita sem o controle exercido pelos trabalhadores, causando a instalação de uma burocracia tanto no governo como na CUT.¹²¹ As limitações referentes ao sistema de participação dos trabalhadores impediram que tais estruturas se constituíssem como germens de um poder popular ou de uma democracia de base e que os trabalhadores ocupassem um lugar efetivo na tomada de decisões, pois em última instância era o Estado que decidia. Como afirmou a historiadora Marcia Cury:

“A estrutura verticalizada comandada por representantes governamentais, cujo papel deliberativo se concentrava em apenas um dos órgãos dificultava a real participação dos trabalhadores na gestão das empresas. E isso, não permitia a transformação das relações sociais de produção, ao manter a divisão do trabalho e o controle da produção por parte de gestores.”¹²² [Tradução nossa]

¹¹⁹ TRANCOSO, op. cit., p. 31.

¹²⁰ *Chile Hoy*, n.8, p. 19

¹²¹ SILVA, op. cit., p. 285.

¹²² CURY, op. cit., p. 209.

No entanto o fim trágico da UP impossibilitou a formulação de novas propostas sobre o tema por parte dos trabalhadores que apontavam tais limites.

No entanto, a participação extrapolou os níveis institucionais e os organismos tradicionais de representação da classe trabalhadora. Os trabalhadores em muitos casos pressionaram o governo a estatizar um numero de empresas além daquelas que estavam na lista das nacionalizações. As razões eram diversas, entre elas: conflitos laborais, principalmente por acordos não cumpridos pelos patrões, boicotes e sabotagens dos empresários à produção e ao governo e medidas conservadoras impostas pelos patrões aos trabalhadores. Isto possibilitou, dessa forma, o surgimento dos cordões, ou seja, de novas formas de organização dos trabalhadores para além das instâncias tradicionais de representação, gerando, inúmeros conflitos, caracterizados pela dinâmica complexa e diversa com relação ao papel dos sindicatos e partidos políticos, que contribuiu sem dúvida para maior envolvimento dos setores populares no processo político.

2.2 – Conjuntura Nacional e o Surgimento dos *Cordones Industriales*

Neste item farei uma abordagem sobre a conjuntura nacional durante o surgimento dos cordões. Os cordones estudados, *Cerrillos-Maipú* e *Vicuña Mackenna*, foram os primeiros a se constituírem e os principais dado ao número de empresas que os constituíam e a importância política de suas ações. O surgimento destes organismos se deu principalmente com o advento do paro patronal de 1972 - exceto *Cerrillos-Maipú* que surgiu antes do paro - e o acirramento de uma intensa luta política no nível nacional.

O governo adotou a estratégia de aliança de classes, mas tinha que lidar com a expectativa dos trabalhadores e dos movimentos populares que durante o processo radicalizou-se e pressionou o governo, por exemplo, a intervir nas indústrias para passá-las à área de propriedade social. As empresas que faziam parte da APS seriam aquelas que representavam o grande monopólio e eram consideradas de caráter estratégico para a economia chilena. Porém conflitos laborais e o boicote da produção por parte dos empresários fez os trabalhadores tomarem a iniciativa de intervir nas fábricas sobressaindo muitas vezes às orientações do governo e da CUT.

O acirramento da luta de classes ultrapassou a institucionalidade do Estado e a radicalização do processo refletiu o clima de polarização da sociedade que de um lado apoiava o governo, mesmo de forma crítica e de outro queria seu fim, caso representado principalmente pelos grandes e médios empresários. Os setores populares começaram a pressionar o governo a tomar medidas de caráter mais radical frente à iminência do golpe na tentativa de defender o governo. O governo nesse momento realizou o Congresso de “*Lo Curro*”, em junho de 1972, no qual reafirmou sua posição de respeito à institucionalidade do Estado e de não apoio às tomas e ocupações, como ressaltou o membro do PC e Ministro da Fazenda naquele momento, Orlando Millas:

“O característico da conjuntura hoje [...] é que a correlação de forças tem sido afetada, a ponto de ir contra a classe operária e o governo popular, por erros políticos e econômicos que podemos dizer que constituem transgressões ao programa da UP [...] Seria funesto seguir ampliando o número de inimigos e, pelo contrário, concessões devem ser feitas.”^{123xv}

¹²³ *El Siglo*, 5 de junho de 1972.

Os trabalhadores próximos de uma visão mais radicalizada do processo criticaram essa posição e empreenderam jornadas para criar e fortalecer o poder popular. O ano de 1972 representou um período crítico do governo da UP que desde o início começou a apresentar problemas e vivenciar um processo de crise e instabilidade política, social e econômica. O auge da crise ocorreu com o paro patronal iniciado pelos donos de caminhões e absorvido pelos empresários de vários setores. Os atores sociais neste processo se mobilizaram e intensificaram as ações seja em apoio ou em oposição ao governo. Os trabalhadores juntos aos partidos e movimentos de esquerda organizaram-se para apoiar e pressionar o governo a avançar no processo, já o governo buscou uma aproximação com os setores médios, principalmente os democratas cristãos com intuito de ganhar o apoio dos setores médios progressistas.

O contexto que marcou o surgimento dos cordones industriales além da paralização patronal de Outubro de 1972 contou com uma forte crise de abastecimento. As causas foram inúmeras e entre elas estavam: o aumento de 100% dos salários dos trabalhadores e, conseqüentemente, do poder aquisitivo das camadas populares e médias que começaram a consumir mais, além da insuficiência do setor produtivo para responder a esse aumento da demanda de consumo. Mas o principal fator que contribuiu para a crise foram as ações de boicote ao governo empreendidas pelos donos de fábricas, cujo ápice foi o paro de outubro. Na visão do periódico *Tarea Urgente*, publicação que se intitulava órgão de expressão dos *cordones industriales*, a crise econômica não era apenas reflexo do aumento do poder aquisitivo das classes populares e médias, do aumento dos salários e da falta de capacidade produtiva que acompanhasse tal avanço. Tal crise, expressada nos textos publicados no periódico, era reflexo também de um capitalismo dependente que estava dominado pelo imperialismo norte-americano, cujas riquezas básicas do país estavam em suas mãos há décadas e a burguesia nacional estava totalmente atrelada a ele.

O primeiro ano do governo como já mencionado foi de avanço nas transformações. Iniciou-se a implantação do programa de governo de forma rápida e exitosa mesmo com a oposição dos setores da direita e da democracia cristã. Contudo já no final do primeiro ano a estratégia econômica começa a dar sinais de esgotamento. O segundo ano da UP foi marcado por uma contenção do ritmo das mudanças, uma profunda crise econômica e por ações contraofensivas, cujo intuito era criar um ambiente de instabilidade que justificasse o golpe militar. No âmbito econômico os altos índices inflacionários causados tanto pela melhoria do poder aquisitivo dos

trabalhadores como pela crise de desabastecimento já mencionada, permitiram que setores médios juntamente com a direita se mobilizassem no sentido de atacar o governo. O periódico *La Prensa*, por exemplo, publicou uma notícia na qual informou sobre as manifestações ocorridas nas ruas de Santiago composta majoritariamente por setores médios e da elite e contra o pronunciamento do Ministro da Economia, o socialista Carlos Maltus e do diretor do Departamento Nacional de Indústria e Comércio (DIRINCO), o comunista Patricio Palma no qual comunicaram que os estabelecimentos que se mantivessem fechados sem atender o público seriam requisitados pelo governo no sentido de dar início ao processo de intervenção.¹²⁴ Tal pronunciamento foi em resposta a uma greve patronal de 24 horas chamada pela Câmara de Comércio do Chile para mobilizar os comerciantes e industriais contra as intervenções e nacionalizações fortalecendo a polarização ideológica. A greve foi realizada em apoio ao dono da têxtil Yarur, que tinha sido ocupada pelos trabalhadores para pressionar o governo a estatizá-la em 1971. A empresa foi uma das primeiras a ser ocupada e cogestionada e se tornou um símbolo de luta da atuação dos trabalhadores dado a histórica exploração por parte de seus donos.

Neste contexto a postura do governo foi de defender uma política de crescimento da produção nas empresas da APS, apoiada numa forte disciplina no trabalho e que foi chamada de Batalha da Produção. A batalha da produção era crucial para o governo da UP e a participação dos trabalhadores deveria estar alinhada à estratégia de governo. O objetivo era aumentar a produção, dinamizar a economia e ampliar as fontes de trabalho como descrito no programa político:

"Os lucros das empresas serão em parte, para melhorar os salários e vencimentos dos que trabalham nas fábricas, mas a maior percentagem desses lucros e os excedentes devem ser investidos para criar novos empregos, novas empresas, para mobilizar capacidade ociosa em muitas delas".^{125xxvi}

Esta política era defendida pelo PC e setores mais reformistas do PS que se colocavam contra as ocupações de novas fábricas pelos trabalhadores. Nesse período em meados de 1972, como acima mencionado, a posição do governo foi de buscar um diálogo com a DC na tentativa de conseguir uma maioria no legislativo. Por outro lado as ações dos setores populares contribuíram para acelerar as mudanças, mas também,

¹²⁴ *La Prensa*, Santiago, 22 de agosto de 1972.

¹²⁵ Discurso de Salvador Allende no dia 1 de maio de 1971. Disponível em: <<https://www.marxists.org/espanol/allende/1971/mayo01.htm>> Acesso em 15.03.2014.

como bem lembra Sandra Soto, provocaram uma maior polarização entre os setores da esquerda sobre o caminho das transformações, o seu ritmo e o papel das massas nesse processo.¹²⁶ Armando Coloma, militante comunista e dirigente sindical da indústria nacionalizada FIAB-Tome comentou sobre o que foi a batalha da produção: “A quantidade de trabalhadores aumentou de 800 para 1200 depois de nacionalizada a indústria e aumentamos a produção, o que permitiu vencer a batalha da produção e manter o abastecimento, combatendo o mercado paralelo e o boicote empresarial e comercial.”¹²⁷

No início de 1972 o governo entrou em crise devido a inúmeros fatores. Dentre eles: um déficit fiscal nas contas do governo (dado pelos investimentos em saúde, educação, moradia, remuneração e outras áreas), a fuga de capital empreendido por empresários contrários ao governo, boicote econômico, aumento da demanda de consumo pelos setores populares (fruto da política de redistribuição de renda), crise de desabastecimento. Nesta conjuntura, os movimentos populares junto às organizações políticas articularam mobilizações na região de Cerrillos-Maipú por melhorias nos setores de saúde, transporte, moradia, educação, além das greves realizadas pelos trabalhadores das fábricas. Era uma região importante, pois aglutinou forças dos principais setores populares dos movimentos de pobladores, camponeses e trabalhadores. Um estudo realizado por Hugo Trancoso apontou que era uma região extremamente importante por suas mobilizações operárias. Das greves ocorridas no ano de 1972 no Chile; 9% eram em Cerrillos-Maipú, 60% por reivindicações de caráter salarial, 10% em solidariedade aos trabalhadores de outras fábricas, 40% do setor industrial e 20% reivindicavam o aumento das nacionalizações.¹²⁸

No segundo ano de governo a estratégia econômica seguiu a inicial, como observou Sandra Soto:

“Como já mencionado, a política econômica não experimentou maiores variações em relação à sua orientação estratégica. Durante o ano anterior, embora tenha sido colocado em funcionamento quase a totalidade da capacidade produtiva do país, a política redistributiva e o aumento na emissão de circulante, provocaram que a demanda se expandisse muito mais rápido que a oferta [...] a curto prazo a pressão pelo aparato produtivo originou o começo do desabastecimento que logo foi agravado pela especulação e o surgimento do mercado negro.”^{129xvii} [Tradução nossa]

¹²⁶ SOTO, op. Cit., p.138.

¹²⁷ Entrevista realizada em 08 de Setembro de 2013.

¹²⁸ TRANCOSO, op. cit., p. 299.

¹²⁹ SOTO, op. cit., p. 88.

O período foi marcado pelo incremento na política salarial da APS que refletiu nas empresas privadas, principalmente nas negociações salariais que tinham base nos valores médios das empresas nacionalizadas. Porém verificou-se o aumento do déficit fiscal e as dificuldades na criação da APS, como as mudanças na gestão das fábricas nacionalizadas o que não significou de imediato um aumento na produção. Um exemplo claro dos problemas enfrentados na APS foi a falta de matérias-primas nas fábricas nacionalizadas devido ao boicote econômico e o *paro patronal* de outubro. Além disso, a UP enfrentou a oposição da direita e da democracia cristã que se articularam para derrubar o decreto das nacionalizações. Assim a oposição apresentou o projeto “Hamilton-Fuentealba” que versou sobre a revogação das nacionalizações das empresas privadas.¹³⁰

No plano internacional o país sofreu uma desvalorização das suas reservas minerais contribuindo para a descapitalização do país.¹³¹ No setor agrícola três elementos contribuíram fundamentalmente para a crise: a fixação dos salários independente da qualidade do trabalho e dos serviços o que não estimulou a produção, a descapitalização, pois os proprietários podiam ficar com uma parte dos terrenos e escolhiam obviamente aqueles em melhores condições e a falta de subsídio técnico do governo aos camponeses.¹³² Não obstante a isso houve uma reforma agrária que colocou fim ao latifúndio e foi realizada num curto prazo de 18 meses.

As tentativas do governo para enfrentar a crise não surtiram o efeito esperado como afirmou Bitar:

“Já em setembro de 1972 o nível e o número do aumento sobrepassou as previsões do governo [...] A aceleração do processo inflacionário despertou ondas de inquietudes na UP, já que causou uma erosão na renda dos trabalhadores, não diminuía significativamente o desabastecimento e a oposição utilizava estes resultados para atacar o governo e mobilizar suas bases. Com o fim de amenizar as consequências do aumento dos preços dos bens essenciais, o executivo propôs uma bonificação em dinheiro, igual para todos os trabalhadores. Poucos dias depois resolveu outorgar um reajuste de remunerações a partir de outubro, que compensou o aumento dos preços verificados desde janeiro desse ano. A espiral preços-salários começava a operar abertamente dilatando enormemente o processo de ajuste.”^{133xviii} [Tradução nossa]

¹³⁰ Ibid., p.88.

¹³¹ Ibid., p.91.

¹³² BITTAR, op. cit. p. 74.

¹³³ Ibid., p.91.

A formação do primeiro cordón Cerrillos-Maipu, se dá posteriormente aos congressos de *Lo Curro* e *Arrayan*, na qual os partidos e movimentos que integraram a UP, principalmente o PC e o próprio Allende, reafirmaram a estratégia de aliança de classes. A conjuntura de crise significou para estes setores um momento de conter a expansão programática e consolidar as mudanças, sobretudo no controle das áreas estratégicas de economia. O desafio era diminuir o ritmo das transformações e ao mesmo tempo manter o apoio dos setores populares. Além disso, buscou-se uma aproximação com a democracia cristã, a fim de diminuir as diferenças políticas e ganhar as camadas médias, cuja tentativa foi negada pelos setores à direita do partido que defendia as mudanças via congresso nacional.

Porém os congressos de Lo Curro e Arrayan expressaram claramente as divergências internas entre os partidos e movimentos que compunham a UP em torno de temas centrais, como por exemplo, o ritmo das mudanças e a aproximação com os democratas cristãos com o intuito de conseguir o apoio da classe média progressista. Havia diferenças políticas que se acentuaram ao longo do processo, impedindo o consenso dentro da UP. De um lado estavam os chamados conciliadores: os comunistas, o PR, o PIR (Partido de Izquierda Radical) e o próprio Allende que defendiam, por exemplo, a importância de conter o ritmo das mudanças para consolidá-las e o diálogo com a DC. Já os setores mais radicalizados como o PS e a IC se manifestaram contra a desaceleração das mudanças reforçando a importância da continuidade da implementação total do programa de governo e contrários à tentativa de aliança com a DC alegando que esta já estava atrelada à direita e contra os trabalhadores. O MAPU se manteve entre os dois pólos, manifestando-se a favor de um ou outro em conjunturas específicas. Devido ao fracasso nas tentativas de aproximação com os democratas cristãos, o PIR se retirou da coalisão.

Após estes conclaves e os problemas econômicos crescentes, como a alta inflação e a contenção do processo de mudanças por parte do governo, houve uma insatisfação dos trabalhadores. Contudo ocorreu uma forte desaprovação dos trabalhadores relacionada à desaceleração do ritmo das mudanças proposto pelo governo e as ocupações de fábricas aumentaram juntamente com as mobilizações.

Como parte desta conjuntura foi realizada uma convocatória que ficou denominada como “*Asamblea del Pueblo*”, realizada no mês de julho de 1972 na cidade de Concepción, na qual participaram dirigentes e militantes do PS, MAPU, IC, PR e MIR. O PC não aderiu ao chamado da reunião. A assembleia foi realizada com o intuito

de convocar os trabalhadores do campo e da cidade e os *pobladores* para realizar um balanço crítico sobre o ritmo das transformações, refletir sobre as ações da oposição no Parlamento e, principalmente, fortalecer e avançar na perspectiva do Poder Popular frente à institucionalidade burguesa através de uma assembleia do povo.¹³⁴ Para os partidos e movimentos da UP que participaram da assembleia, o desenvolvimento e fortalecimento do poder popular não deveria ser dar de forma paralela ao governo, mas em seu apoio. O MIR defendia que a construção do poder popular se daria de forma paralela ao governo, com o fim de fortalecer a autonomia dos trabalhadores. Mesmo assim, houve uma aproximação entre os setores radicalizados da UP e o MIR, principalmente com os socialistas. Allende se manifestou sobre a assembleia no seguinte informe:

“Nos últimos dias ocorreram alguns acontecimentos dos quais julgo conveniente chamar a atenção dos dirigentes da Unidade Popular. Mesmo com relevancia delimitada nestes momentos, estes fatos encerram em si mesmos uma potencialidade perturbadora da mais extrema gravidade [...] Enfatizo que em nenhum caso é cabível que surjam contradições entre as tarefas específicas que se estabelecem e a estratégia da Unidade Popular. É por isso que rejeito qualquer tentativa de desenhar táticas paralelas espontaneistas sobre o pretexto de que pessoas ou grupos se sintam depositarias da verdade e persistam com a ansia de desviar a marcha do Povo para coloca-los frente a riscos dos quais a vida de homens, mulheres e jovens estão desnecessariamente expostas. A Unidade Popular tem que ser um movimento homogêneo e as decisões dentro dela devem ser acatadas porque refletem conclusões tomadas com responsabilidade pelos seus dirigentes de acordo com um pensamento em comum.”¹³⁵ [Tradução nossa]

Conforme o conflito foi se radicalizando grande parte dos trabalhadores que defendiam a radicalização do processo, criticavam a postura dos “conciliadores”, ou seja, dos que se mantiveram a favor da negociação com setores médios identificados como progressistas, defendendo que eles estavam ameaçados tanto pela direita como pela esquerda.¹³⁶ Alertavam ainda para a necessidade de incorporar os cordones aos *comandos comunales* a fim de unificar as ações. Esse era um tema que foi apontado por muitos dos entrevistados. Alguns deles lamentaram a falta de avanço na organização dos comandos comunales que eram organismos de articulação das demandas dos pobladores

¹³⁴ SOTO, op. cit., p.107.

¹³⁵ ALLENDE, Salvador. “A los partidos partidos de la UP: en esse momento debe imponerse la claridade y definicion”, Santiago, 31 de julio de 1972. Disponível em <www.salvador-allende.cl/UnidadPopular/UP.HTML> Acesso em 10.10.2013.

¹³⁶ *Tarea Urgente*, n.6, Santiago, 23 de junho de 1973, p.1.

e trabalhadores da cidade e do campo, ressaltando que o tempo não permitiu que eles se desenvolvessem plenamente, outros apontaram que eles foram a forma de organização mais próxima do poder popular. Charly ressaltou que os esforços não foram o suficiente, para articular na prática a incorporação dos cordones aos comandos comunales, salientando que eles existiram, mas se desarticularam ao longo do processo:

“Penso porque não insistimos no comando comunal era o mais próximo do poder popular, o prefeito comparecia à reunião do comando comunal, o socialista Mauricio Tapia. A maior parte dos trabalhadores vivia em Renca mesmo ou próximo e eram envolvidos nos cordones e nos comandos, na prática o cordão industrial não se desarticula, mas o comando sim.”^{137xx} [Tradução nossa]

Os comandos comunales, como mencionado, eram frentes de lutas comuns para enfrentar os problemas relacionados à produção e comunitários que aglutinavam trabalhadores do campo e da cidade, *pobladores* e estudantes de determinadas regiões e *comunas* com o fim de articular demandas locais dos bairros e setores industriais. Existiram aproximadamente 20 comandos comunales que funcionaram principalmente durante o paro de outubro.¹³⁸ Diferentemente de como observou Charly, não podemos afirmar que eles se desarticularam, pelo contrário há pesquisas que afirmam que eles existiram e em certa quantidade e foram fundamentais no enfrentamento ao paro patronal. Entre eles: o “*Comando Comunal de Trabajadores Estación Central*”, o comando de *Renca*, *Quinta Normal* que era localizado na região do centro de Santiago. É possível que na organização dos comandos comunales houvesse uma maior presença de operários sindicalistas, o que de certa forma, daria mais peso às demandas dos cordones. Na Revista Punto Final foi publicada uma matéria na qual abordavam a importância dos *cordones industriales*, dos *comitês coordinadores* e dos *comandos comunales* para o desenvolvimento do poder popular e defendiam que “o objetivo máximo do Comando Comunal é se converter em órgão de luta política da classe operária pela conquista do poder.”¹³⁹ A defesa do fortalecimento do poder popular pelos setores à esquerda da UP e o MIR, através destes novos organismos de classe, era clara e muitas vezes manifestaram-se criticamente com relação ao governo, como foi o caso da *Asamblea de Concepción*.

Contudo havia uma insatisfação dos trabalhadores com relação à postura do

¹³⁷ Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de setembro de 2013..

¹³⁸ CANCINO, op. cit., p. 344.

¹³⁹ *Punto Final*, n.171 pg.26.

governo sobre o ritmo das mudanças. Esse descompasso sobre a dinâmica do processo e a atuação dos trabalhadores contribuiu para o aumento das mobilizações, greves, ocupações que marcaram o segundo ano da UP.

O paro patronal de outubro de 1972 foi fundamental para a radicalização da luta e para a proliferação dos cordones industriales diante das manobras da elite econômica, porém o primeiro cordão industrial foi criado anteriormente ao paro em Julho de 1972. O cordão Cerrillos-Maipu nasceu nesse momento de intensas mobilizações e greves das bases trabalhadoras e tornou-se uma espécie de vanguarda nesse processo. Era o cordão de maior concentração industrial com mais de 46.000 trabalhadores e que agrupou mais de 250 empresas de diversos ramos produtivos.¹⁴⁰

As greves e ocupações ocorreram em inúmeras empresas como resultado da pressão dos trabalhadores e de conflitos com os donos das fábricas. Muitas das greves ocorreram em junho de 1972, eram reflexo de conflitos trabalhistas que não haviam sido resolvidos e da insatisfação dos trabalhadores com relação à não aceitação dos donos das fábricas das reivindicações. Neste contexto, trabalhadores de indústrias como Perlack, Polycron e alumínios El Mono começaram a exigir a intervenção das indústrias e mobilizaram-se bloqueando os caminhos até Cerrillos-Maipu com apoio e participação de pobladores e campesinos.

A maioria das greves realizadas no período não era contrárias ao governo em si, mas grande parte delas era reflexo da luta dos trabalhadores por mais nacionalizações. Os motivos principais eram as relações com os patrões. O governo, ao defender os interesses dos trabalhadores, ganhou sua confiança e esse cenário contribuía para o nascimento e desenvolvimento de novas demandas vindas destes trabalhadores. Os trabalhadores da indústria eletro-metalúrgica Eduardo Bernard localizada no *cordón* Vicuña Mackenna paralisaram o trabalho por duas semanas, em julho de 1973, pelos seguintes motivos: baixa da produção provocada pelos empresários (por causar o desabastecimento e atingir a economia do país), o não cumprimento da ata de compromisso entre trabalhadores e empresa, a expulsão de um trabalhador que entregou informações para a gerência após uma reunião dos trabalhadores da empresa, falta de comunicação entre a empresa e a diretiva do sindicato e a reserva de espaço do *casino* um espaço para o almoço e lazer no qual era destinado apenas para os que exerciam

¹⁴⁰ BORGES, op. cit., p.78.

cargos profissionalizados, executivos e de gerencia.¹⁴¹ O quadro de greves abaixo nos mostra que houve um aumento substancial entre os anos de 1971 e 1972, principalmente nos setores industriais, onde ocorreu a maior parte das greves consideradas ilegais.

**Quadro 2 – Greves ilegais e a porcentagem de greves em cada setor:
M (Minas); I (Industria) e C (Construção)¹⁴²**

1 Semestre de 1971		M	I	C
	Greves ilegais	51	174	87
	Total de greves por setor	65	232	98
	% de greves por setor	78,5%	75%	88,8%
2 Semestre de 1971	Greves ilegais	54	214	133
	Total de greves por setor	60	241	137
	% de greves por setor	90%	88,8%	97%
1 Semestre de 1972	Greves ilegais	141	249	198
	Total de greves por setor	147	278	200
	% de greves por setor	96%	89,6%	99%

As greves ilegais são mais numerosas que as legais como nos mostra o quadro abaixo. Elas foram maiores no setor privado, principalmente nas pequenas e médias indústrias, provavelmente por estas empresas não estarem na lista das nacionalizações e pela precariedade das condições de trabalho.

Quadro 3 – Greves legais e ilegais 1971-1972.¹⁴³

Períodos	Total de greves	Greves Legais	Greves ilegais
1 Semestre de 1971	1.265	107 (8,5%)	1.158 (91,5%)

¹⁴¹ *Tarea Urgente*, n.7, Santiago, 3 de julho de 1973, p.4.

¹⁴² TRONCOSO, op. cit., p.219.

¹⁴³ TRONCOSO, op. cit., p.218.

2 Semestre de 1971	1.444	71 (5%)	1.353 (95%)
1 Semestre de 1972	1.763	60 (3,4%)	1.703 (96,6%)

Foi no setor privado que houve maior número de greves. Possivelmente, porque no setor público (da área social) as condições de trabalho eram melhores (salários melhores, seguros doenças, auxílios para creches e moradia, etc). As empresas privadas que não estavam na lista das nacionalizações eram em sua maioria médias e pequenas, excluídas do programa das estatizações. As greves nos setores privados compreendiam as pequenas e médias indústrias, os pequenos e médios comércios, a construção, e empregados profissionais do setor de serviços.¹⁴⁴

A burocratização da CUT também era um elemento importante e ligado diretamente com as greves ilegais que fez com que os trabalhadores buscassem outros meios para manifestar tanto suas insatisfações e reivindicações quanto para pressionar pela intervenção das fábricas. A CUT possuía uma estrutura vertical e burocrática sem muita relação com as organizações de bases, além de incluir diferentes tendências políticas na sua estrutura. Muitos trabalhadores de indústrias médias e pequenas estavam fora da atuação sindical devido às deficiências da legislação trabalhista. Com a eleição de Allende essa estrutura tornou-se atrasada devido à dinâmica que adquiriu o processo. Como lembra Sandra Soto, havia que defender o governo, mas a total adesão causou divergências entre os que defendiam o governo e os trabalhadores de outras correntes que compunham os sindicatos, como por exemplo, os democratas-cristãos.¹⁴⁵

Nesse período muitos donos de fábricas começaram a boicotar a produção através, por exemplo, da não entrega de matérias-primas e produtos como forma de desestabilizar a produção do país. Os trabalhadores começaram então a fazer greves por motivos como a não aprovação das suas reivindicações e ocupações de fábricas para pressionar o governo a intervir nas empresas para estatiza-las. Há greves em empresas como El Mono (fábrica de alumínio), na fábrica Indubal, Polycron, Perlack, entre outras, cujos trabalhadores exigiram o controle operário da produção. Muitas outras empresas foram ainda requisitadas por pressão dos trabalhadores como foi o caso de CIC, DESCO e American Crew.

¹⁴⁴ TRONCOSO, op. cit., p.218.

¹⁴⁵ SOTO, op. cit., p.129.

Nessa conjuntura realizou-se uma reunião com trabalhadores de mais de 30 empresas e com participação de militantes do PS, MAPU, FTR, PC-Bandera Roja e IC que resultou no nascimento do Comando de Trabalhadores de Cerrillos-Maipu em 29 de junho de 1972.¹⁴⁶ A comuna de Maipú era uma região próxima da comuna de Cerrillos (zona industrial), onde estava concentrada *poblaciones* rurais que viviam na pobreza extrema, cuja produção de alimentos nos latifúndios abastecia a cidade de Santiago. Tal conformação foi particular e importante, pois envolveu os trabalhadores juntamente com os pobladores rurais na luta por transporte, habitação, saúde e educação numa região extremamente carente e despossuída. O processo de formação do cordão foi marcado pelas mobilizações e bloqueios dos caminhos que acessavam a comuna, envolvendo numa maior articulação os trabalhadores e os moradores das duas comunas. Muitos deles eram militantes de base principalmente socialistas, já nas empresas havia uma forte presença da base sindical e organizações da esquerda, o que contribuiu para uma maior coordenação das lutas locais.

Os setores populares foram os mais afetados pelo paro de outubro e não possuíam recursos suficientes para estocar produtos. As ocupações de fábricas e terrenos (que se iniciaram antes do governo da UP como reflexo de um crescimento urbano e industrial e que gerou uma massa miserável vinda das províncias a procura de trabalho) foram neste contexto tanto produto de ações e políticas partidárias como de uma maior articulação dos trabalhadores e pobladores e de suas necessidades num governo eleito por eles e que representava suas demandas por transformação e justiça social.

Na bibliografia sobre o tema encontrei menções a uma reunião aberta que deu origem ao primeiro cordão, o *Cabildo Abierto de 1972*, realizada em Cerrillos com moradores e trabalhadores dos bairros vizinhos, organizada por militantes do PS que habitavam as comunas com o intuito de discutir as necessidades referentes à saúde, moradia e transporte, através das comissões formadas e com objetivo de criar um conselho comunal de trabalhadores, que seria discutido e aprovado na reunião do qual não se tem um consenso sobre a data exata da sua realização.¹⁴⁷ O prefeito da região era da democracia cristã e o cabildo foi realizado em maio sob a consígnia “*La comuna en poder del Pueblo*”. Tinha o objetivo de articular a união entre pobladores, trabalhadores e campesinos que contou com a participação de militantes do PS, MIR, JRR, MAPU,

¹⁴⁶ MORALES, Guillermo R. *De La Brigada Secundaria Al Cordón Cerrillos*. Santiago: Editorial Universidad Bolivariana, 2007, p. 92.

¹⁴⁷ MUJICA, Dolores. *Cordones Industriales. Cronologia comentada*. Santiago: Ediciones Clase contra Clase, 2005, p.79.

alguns moradores que também eram militantes de base do PC, pobladores, trabalhadores de empresas como Perlak, Fensa, American Screw e o sindicato campesino “la rinconada de Maipu”. O documento seria entregue às autoridades locais que não estiveram presentes. Como deliberação principal, aprovaram a substituição da municipalidade por um conselho comunal. O termo *trabajadores*, utilizado na reunião, incorporou os camponeses, pobladores e operários com intuito de superar a atomização das lutas populares.¹⁴⁸

Porém as reuniões não se mantiveram periodicamente e houve um fortalecimento das lutas dos operários nas zonas industriais. Um grupo de estudiosos da Universidade Católica afirmou que o refluxo destas reuniões se deram pela conjuntura política e por ser uma região industrial, cuja tradição sindical apontava para uma luta a partir do interior das fábricas. Acrescentaram ainda que faltou uma organização maior nas *poblaciones* que fortalecesse uma direção e articulasse maiores mobilizações.

As mobilizações na comuna de Maipú foram retomadas em junho de 72, a partir de greves nas indústrias Perlak (conserva de alimentos), Polycron (indústria química) e El Mono (alumínios), organizados por sindicatos locais e com apoio de militantes do PS e MIR. As greves ocorreram para denunciar as ações de boicotes à produção e para exigir que elas sofressem intervenção e fossem transpassadas para a área social. Neste contexto, com apoio da população local nas greves e mobilizações dos trabalhadores destas indústrias foi formado o Comando de Coordenação de lutas dos trabalhadores do Cordón Industrial Cerrillos-Maipu.¹⁴⁹ Participaram da reunião aproximadamente 30 empresas e militantes do PS, FTR-MIR, MAPU, PCBR, IC.¹⁵⁰ Os trabalhadores e moradores da região ocuparam o caminho que dava acesso à comuna, denominado *Pajaritos*, em apoio às ocupações das fábricas e ergueram barricadas. No dia seguinte houve intervenção por parte do governo na Perlak e ainda a garantia do mesmo processo nas outras duas empresas. Allende criticou fortemente estas ocupações afirmando que elas não ocorreram em outros governos, que eram fruto de ações da esquerda ultraradical e que contribuíam para enfraquecer o governo da UP.

O cordão de Cerrillos¹⁵¹ foi o primeiro a ser criado em junho de 1972 no

¹⁴⁸ BORGES, op. cit., p.79.

¹⁴⁹ Ibid., p.81.

¹⁵⁰ Ibid. p.82.

¹⁵¹ Localizado na periferia de Santiago, junto a comuna de Maipú, o cordón Cerrillos aglutinava importantes setores fabris que produziam bens de capital, a chamada “gran indústria por excelência” e sindicatos combativos como assim observado no livro: CORDEIRO, Cristina; SADER, Eder; THRELFALL, Monica, op. cit., p. 58.

contexto de alta inflação, crise de desabastecimento e ações contraofensivas da oposição. Os setores populares dos bairros pobres vizinhos, junto aos trabalhadores e militantes se organizaram para pressionar o governo a avançar nas transformações. Quando o “Comando de Coordenação das lutas dos trabalhadores do Cordón Cerrillos-Maipu” foi criado a principal reivindicação foi a “passagem das indústrias ao setor estatal”.¹⁵² Assim após a criação de Cerrillos, dada a mobilização social e as ações diretas dos trabalhadores contra o boicote patronal e às paralizações da produção, a população intensificou suas ações para pressionar o governo a estatizar inúmeras indústrias. Nesse momento surgem inúmeros outros cordones nas zonas industriais chilenas como mecanismo de luta diante da ofensiva contrarrevolucionária, entre eles, os cordones: Vicuña Mackenna, San Joaquín e Panamericana Norte.¹⁵³ Assim surgiu o primeiro cordão industrial, Cerrillos-Maipu, através das ações de trabalhadores da região junto à pobladores com o intuito de denunciar as ações de boicote de setores da direita política. Cerrillos surge antes mesmo da paralização patronal de outubro; porém em decorrência do paro multiplicaram-se os cordones.

O paro patronal de outubro intensificou a luta entre os trabalhadores e aqueles contrários ao governo da UP que defendiam a paralização. Os periódicos que representavam as aspirações da direita, cuja maioria era de grande circulação e parte de conglomerados midiáticos, saíram em defesa da greve patronal e condenaram a atuação dos trabalhadores. O periódico *La Tercera de la Hora*, que apoiou o golpe militar e a ditadura de Pinochet junto com outros dois jornais existentes até os dias atuais, *Mercurio* e *La Nación*, publicou uma matéria sobre a atuação dos cordones, em 23 de outubro de 1972 na qual denunciava a atuação dos trabalhadores nas ocupações das fábricas paralisadas: “Do cordão Cerrillos extremistas chamam a abrir os estabelecimentos.” E, denunciavam o chamado que a direção do cordão fez às *jap's*, sindicatos e *juntas de vecinos* para que contribuíssem com a abertura dos comércios que estavam sendo mantidos fechados pelos seus proprietários, acrescentando que os trabalhadores e operários através do poder operário deviam ocupar as indústrias, cujos proprietários pretendiam paralisa-las.¹⁵⁴ O periódico *La Prensa* do partido Demócrata Cristiano que se aproximava cada vez mais dos grupos favoráveis ao golpe publicou

¹⁵² SADER, Emir. Cordón Cerrillos e poder proletário no Chile em 1972. In: SARTRE, Jeal P. (org.). “Les Temps Modernes” n. 347, junho de 1974. p.2.

¹⁵³ Vicuña Mackenna surge em outubro de 1972 durante o paro patronal e aglutinava inúmeras empresas de ramos distintos. Foi um dos cordones mais combativos e permanentes.

¹⁵⁴ *La Tercera Hora*, 23 de outubro de 1972.

notícias em outubro de 1972 apoiando a paralisação dos caminhoneiros e publicando um manifesto da CUT Provincial Santiago em solidariedade ao paro.

Nesta conjuntura o paro patronal contribuiu fortemente para a ampliação e desenvolvimento dos cordões que buscaram defender o governo diante das ações da direita e, ao mesmo tempo, que sobrepassaram suas orientações, constituíram-se como germens do poder popular.

2.3 – Debates sobre o poder popular e as posições político-partidárias da esquerda chilena

Os debates sobre a questão do poder popular, desenvolvidos pela esquerda chilena durante o governo da UP foram marcados pelas divergências entre os movimentos e partidos políticos. A ampliação do poder popular foi umas das questões fundamentais frequentemente presentes nas discussões dos trabalhadores dos cordones, que deveriam lutar para mobilizar forças e concretizar o controle político e econômico sobre as riquezas do país. Assim a produção deveria estar em suas mãos bem como a distribuição. Porém os partidos e movimentos que compunham a UP e o MIR tinham divergências com relação ao entendimento de como se daria o poder popular e o seu lugar no período de Allende. Tais debates ganharam relevância após o paro de outubro conforme se radicalizava a luta política.

As discussões produzidas por trabalhadores, pobladores, campesinos, partidos e organizações da esquerda durante o governo da UP sobre a participação dos setores populares no processo revolucionário apontaram para a existência de divergências entre estes setores da esquerda que são fundamentais para a compreensão do tema. O resgate dos debates produzidos sobre a construção do poder popular durante a UP, entre os partidos e movimentos populares da esquerda no período é fundamental para entendermos a complexidade do tema e as divergências existentes. Antes de localizarmos tais debates na conjuntura do período é importante retomarmos de forma breve e sem extendermos no assunto, visto que esse não é o objetivo deste trabalho, as concepções de autores clássicos sobre o tema como Rosa Luxemburgo, Lenin, Trotsky e Gramsci.

O poder popular foi objeto de inúmeros debates produzidos no seio da esquerda no mundo e são inúmeras as concepções formuladas e em conjunturas distintas. Para contribuir na análise irei retomar algumas destas posições para situar os debates realizados entre as organizações políticas da UP. O objetivo aqui não é realizar uma análise extensa sobre a questão, mas retomar o pensamento destes autores e revolucionários com o intuito de abordar a complexidade do tema.¹⁵⁵

¹⁵⁵ Para um debate profundo sobre o tema recomendo o livro de TRONCOSO, Hugo C. *La problemática del poder popular en el proceso de la via chilena al socialismo. 1970-1973*. Aarhus: Aarhus University Press, 1988.

Para compreender a questão do poder popular e a participação das massas trabalhadoras nos processos revolucionários em especial na unidade popular é essencial resgatar o pensamento de revolucionários sobre o tema, como Trotsky, Rosa Luxemburgo, Lenin e Gramsci que tiveram como referencia a Revolução Russa e a problemática do poder dual. No caso chileno os trabalhadores dos cordões não eram opostos ao governo, mas exerciam pressão para o avanço no ritmo das transformações. Embora tenham sido experiências desenvolvidas em lugares e períodos distintos e em conjunturas específicas, as discussões sobre o poder popular e os processos desenvolvidos durante o governo de Allende dialogaram com estas concepções.

Nos textos marxistas clássicos não há uma análise profunda sobre o poder popular e sua função. Como defende Hugo Cancino, há duas posições contraditórias nos textos, de Marx e Engels, sobre a função do poder popular na transição do capitalismo para o socialismo. Por um lado localiza-se uma orientação centralista, cujo Estado centralizaria todos os meios de produção, sendo o “proletariado organizado como classe dominante”, mas Marx e Engels não indicaram precisamente as formas de exercício desse domínio proletário. Por outro lado, no texto “Mensagem do Comitê Central para a Liga dos Comunistas” de 1850, apareceu pela primeira vez a definição de uma organização de poder popular ou democracia de base, aquilo que seria os soviets para Lenin e Trotsky, e que teriam a função de controlar e pressionar o governo burguês influenciando na dinâmica do processo revolucionário através de uma democracia radical de base. Como observou Cancino, é nos escritos sobre a Comuna de Paris que se pode verificar de forma mais clara as formas de exercício de dominação do proletariado e os limites da democracia parlamentar e a democracia direta ou comunal. Para Marx a Comuna foi expressão de um governo operário; foi ela a ditadura do proletário. Porém as contradições entre a orientação centralista e outra centrada na autonomia e autogestão continuaram presentes nos escritos clássicos.

Durante a Revolução Russa de 1905 os soviets, ou seja, os conselhos operários, foram a expressão do poder popular caracterizados por Lenin e Trotsky como “resultado da dinâmica espontânea do movimento operário e popular na revolução russa de 1905”, e descrita por Lenin como “uma organização de massas original: os cérebros soviets de deputados operários ou assembleias de delegados de todas as fábricas.”¹⁵⁶

Trotsky foi presidente do primeiro soviet e analisou a função destes organismos

¹⁵⁶ TRONCOSO, op. cit., p.19.

nos textos denominado “1905”, assim como Lenin, observou que sua origem se deu devido à “necessidade surgida no curso dos acontecimentos”. Assinalou ainda que careciam de uma organização para a luta contra o czarismo. Os conselhos reaparecem quando o segundo soviets foi constituído em São Petersburgo em fevereiro de 1917 fazendo frente ao governo provisional de Kerensky como germem de poder alternativo.¹⁵⁷

Trotsky defendia que o controle operário da produção era o caminho principal para a destruição da sociedade de classes e apoiado no Estado operário rumo à revolução socialista. O controle operário da produção seria o eixo central no processo revolucionário de transição ao socialismo. Através dele se colocaria em xeque o papel e o poder do capitalismo e se planificaria o processo produtivo.

Lenin em seu texto “O que fazer?” escrito em uma conjuntura de luta de classes específica, o czarismo, escreveu sobre o movimento operário e a incompatibilidade de seus interesses com o sistema capitalista. Para ele, as organizações sindicais não tinham um potencial revolucionário porque suas lutas eram reduzidas ao plano econômico por melhores salários e condições de trabalho, marcada ainda pela hegemonia da ideologia burguesa.¹⁵⁸

Para Lenin os organismos de massa deveriam ser autônomos e organizados para enfrentar o capitalismo preparando o caminho para a revolução. Neste sentido a questão do poder popular envolvia a teoria do poder do Estado e das classes dominantes. Este último seria representado através da criação de um novo poder operário e popular, constituído através dos conselhos de trabalhadores. Lenin postulou que a revolução não poderia ocorrer no marco da democracia burguesa e novas formas de organização deveriam ser criadas. Como afirmou Julieta Haidar, para Lenin o papel dos partidos era conscientizar os trabalhadores sobre a importância de uma nova democracia proletária:

“A tarefa principal dos partidos comunistas – naqueles países onde os soviets não havia se constituído ainda – seria então conscientizar sobre a necessidade de uma nova democracia proletária; organizar soviets entre os operários da indústria, camponeses e soldados; e conseguir uma maioria comunista neles.”¹⁵⁹ [Tradução nossa]

Portanto para Lenin e Trotsky os movimentos revolucionários deveriam criar

¹⁵⁷ TRONCOSO, op. cit., p.20.

¹⁵⁸ HAIDAR, Julieta. “Gramsci y los consejos de fabrica. Discusiones sobre el potencial revolucionário del sindicalismo.” In: *Revista Trabajo y Sociedad*, n.15, Santiago del Estero, diciembre de 2010.

¹⁵⁹ Ibid.

novas formas de organização dos trabalhadores, apresentando-se como um poder alternativo ao Estado burguês, cujos soviets foram a expressão destes organismos. O poder alternativo representaria a “ditadura do proletariado” em contraposição ao capitalismo.

Para Rosa Luxemburgo a participação popular nos processos revolucionários era essencial para o avanço no caminho ao socialismo. Tal participação deveria ser ampla e massiva de forma a garantir a democratização do processo. A aquisição de autonomia era fundamental, cuja participação “ativa e criativa” das camadas populares e a experiência compartilhada seriam determinante para a continuidade do processo revolucionário: “a massa do proletariado é chamada não só a fixar claramente o objetivo e a orientação da revolução, mas é preciso que ela mesma, passo a passo, através da sua própria atividade, dê vida ao socialismo.”¹⁶⁰

Para Luxemburgo a tomada do poder político não era fundamental no processo revolucionário, mas a participação efetiva e massiva das camadas populares era o que levaria ao fortalecimento e expansão do processo, um projeto das massas por elas construído e conduzido. Dessa forma o poder político instituído deveria levar em consideração os desejos e necessidades das massas. Nesse sentido as massas trabalhadoras deixariam de ser governada e atuariam essencialmente no processo como condutora: “A essência da sociedade socialista consiste no seguinte: a grande massa trabalhadora deixa de ser uma massa governada, para viver ela mesma a vida política e econômica na sua totalidade, e para orienta-la por uma autodeterminação consciente e livre.”¹⁶¹ Além da participação nas decisões políticas sua participação envolveria o aprendizado em administrar a produção na sociedade socialista, surgindo assim uma nova forma de organização social. A ação das massas trabalhadoras seria central no processo revolucionário e deveria se dar de maneira direta. Para Rosa “o socialismo deve ser feito pelas massas, por cada proletário”.¹⁶² O projeto socialista deve ser levado a cabo através da participação direta das massas, sendo a autonomia popular um elemento essencial neste processo de construção de uma sociedade socialista, cujo poder é construído a partir das bases. Luxemburgo defendeu ainda que não há uma teoria sobre a ação que se aplique na prática; isso deve ser construído a partir da própria prática. A experiência levaria ao aprendizado e isso reflete a própria concepção de

¹⁶⁰ LUXEMBURGO, Rosa. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991, p. 102.

¹⁶¹ Ibid. p.103.

¹⁶² LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburgo: os dilemas da ação revolucionária*. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.333.

consciência em Luxemburgo que defendeu que somente a participação efetiva das massas trabalhadoras no processo revolucionário poderia levar à consciência de classe. O logro no processo de transformação social dependeria então da participação efetiva dos setores populares no processo, de forma a garantir a autonomia, cujas experiências na prática levariam ao aprendizado. As experiências das greves de 1905 e dos conselhos operários de 1918 representavam estruturas inovadoras e eram exemplos na prática sobre sua concepção de poder popular essencial à revolução. As experiências adquiridas na prática levariam a uma nova forma de organização social a medida que reorganizaria a política a partir de baixo. Neste sentido afirma Isabel Loureiro, “é eliminada a separação entre dirigentes e dirigidos, base do autoritarismo, da burocracia, da dominação e da exploração.”¹⁶³

Os conselhos teriam poderes alternativos ao Estado vigente baseado na autogestão e com participação massiva e deveriam ter fóruns permanentes de discussão sobre as decisões políticas. Eles tinham um caráter formativo que apontariam para uma nova forma de organização distinta do capitalismo sem o qual a revolução estaria fadada ao fracasso. Para Luxemburgo não há separação entre revolução e democracia. Suas existências deveriam ser intrínsecas. O caminho para a revolução somente se completa com a efetiva e massiva participação popular, construída através de ações coletivas que garantam a real participação das massas nas decisões políticas. Os objetivos somente podem ser alcançados se os processos forem construídos coletivamente de forma a garantir a autonomia, que de acordo com seu pensamento, é a capacidade da massa oprimida de decidir sem ser dirigida. De acordo com a autora revolução e democracia não podem ser dissociadas, do contrário, não se realizam. Os processos revolucionários somente avançariam no seu objetivo se houvesse uma participação democrática efetiva e massiva.

As críticas da autora em relação aos partidos que incluíam a burocratização, uma organização estrutural verticalizada e o autoritarismo, alertaram sobre os riscos de uma organização que não estava sendo construída a partir das experiências democráticas. Para ela os partidos têm um papel fundamental e revolucionário, mas não como dirigentes das experiências geradas nos processos de transformações sociais e sim como apoiadores e participantes no caminho até o socialismo. Rosa Luxemburgo defendeu ainda que: “históricamente os erros cometidos por um movimento

¹⁶³ LOUREIRO, op. cit., p.39 - 40.

verdadeiramente revolucionário são infinitamente mais frutíferos que a infabilidade do comitê central mais astuto”.^{164xxi} Segundo a perspectiva da autora a revolução deve ser realizada por todos aqueles que sofrem a opressão e somente dessa forma, com uma ampla participação, seria legítima. A experiência da revolução seria a base para a sua continuidade juntamente com a participação de todos os trabalhadores. Assim uma vanguarda que ocuparia o papel de condutora não é recusada por Rosa, mas desde que haja uma ampla participação nos processos políticos e, por isso, o desenvolvimento e o fortalecimento do poder popular que garantisse a participação dos trabalhadores nas instancias de decisões foi central para a autora e fortemente reafirmado nos seus textos.

Gramsci defendeu como Lenin e Trotsky que os conselhos de fábricas seriam as novas formas de organização que encarnariam a democracia proletária em contraposição à burocratização e falta de democracia das organizações sindicais. Os conselhos de fábricas seriam organizações específicas dos produtores, representando assim o controle operário da produção. Para ele, “toda tentativa de subordinar o conselho ao sindicato não pode ser julgado mais que como reacionária”.¹⁶⁵ A experiência soviética de 1917 foi central para Gramsci pensar uma “teoria da organização das classes subalternas”.¹⁶⁶ A experiência dos conselhos de fábrica em Turim na Itália, uma cidade industrial principalmente metalúrgica com foco na produção de automóveis, foram exemplos para o autor do controle operário da produção, sendo os soviets russos a principal referência de organização dos trabalhadores nesse período do seu pensamento. Para o autor estes organismos reforçaram a solidariedade entre os trabalhadores e os laços afetivos contribuindo para a formação de “uma consciência comunista, o operário sente que pertence a um todo orgânico, a um sistema homogêneo que trabalha com fins úteis, produz a riqueza social e realiza sua liberdade criadora.”¹⁶⁷ Além disso, era um lugar de conscientização da classe operária sobre suas responsabilidades e funções na construção do Estado proletário.

Para Gramsci e Togliatti, outro líder comunista e teórico italiano, as comissões internas das fábricas representariam a democracia operária. O funcionamento dos conselhos deveriam ter certas características como a organização por indústria, onde cada empresa seria composta por sessões de trabalho representadas pelas equipes

¹⁶⁴ LUXEMBURGO, Rosa. *Escritos Políticos*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1977. p.549.

¹⁶⁵ GRAMSCI, Antonio. Sindicatos y consejos obreros. Disponível em: < <http://www.gramsci.org.ar/>> Acesso 10.11.2014.

¹⁶⁶ HAIDAR, op. cit., p.78.

¹⁶⁷ Ibid. p.82.

específicas de trabalhadores, cada equipe deveria eleger um representante com mandato imperativo e condicionado.¹⁶⁸ A assembleia dos delegados formaria o Conselho que elegeria um comitê executivo e a assembleia dos secretários políticos elegeria o comitê central dos conselhos, responsável por um comitê urbano de estudo, no caso italiano foi formado pela seção turinesa do Partido Socialista Italiano e dirigido por Togliatti.

Os conselhos de fábrica deveriam ser organizados através de eleições diretas, com a revogabilidade dos mandatos e com a participação das massas. Organizados por indústrias, os conselhos tinham uma concepção territorial, assim como os cordões. Os trabalhadores dos diversos setores produtivos estavam organizados de forma a unificar as ações, dessa forma, não estariam separados pelos sindicatos específicos, contribuindo assim para uma unidade nas ações e uma ampla visão sobre as necessidades que envolvia o controle da produção. Os conselhos deveriam encarnar o processo revolucionário, representando a conquista pelos trabalhadores do poder industrial e radicando a consciência dos operários adquirida através da luta por autonomia e emancipação. Os conselhos não instaurariam por si só o novo Estado, mas teriam papel central na sua construção, como afirmou Julieta Haidar: “Através da organização dos conselhos da classe operaria pode-se transcender a fase economica corporativa para se constituir em classe dirigente, para exercer a “direção intelectual e moral” ou em otros términos, para passar a ser hegemônica.”¹⁶⁹

As concepções sobre o poder popular citadas acima, não divergem com relação à participação do partido que deve orientar os processos espontâneos contribuindo para o desenvolvimento da consciência de classe. Porém para uns o papel do partido é central como para Lenin e Trotsky; já para Rosa, por exemplo, sua importância se dá na esfera de orientação, e não como uma vanguarda que deve essencialmente conduzir o processo, interferindo na autonomia das massas.¹⁷⁰

Para o governo da UP o poder popular deveria se desenvolver em seu apoio e de acordo com a aliança entre trabalhadores, camponeses e setores progressistas da cidade e do campo. Para isso deveria ser criado conselhos diretivos que representassem a base social, cujas organizações sindicais, de bairros, estudantis, teriam a função de fiscalizar os conselhos e até mesmo intervir neles.¹⁷¹ O objetivo era integrar estes organismos à

¹⁶⁸ Ibid. p.83.

¹⁶⁹ Ibid. p.85.

¹⁷⁰ Para outras experiências de poder popular no século XX, ver BARKER, Colin. (ed.) *Revolutionary Rehearsals*. Chicago: Haymarket, 2008 [1987].

¹⁷¹ BORGES, op. cit., p. 108.

estrutura do governo de forma a criar uma nova forma de poder, através dos seus conselhos diretivos. Tal proposta representava para o governo uma nova concepção “em que o povo adquire uma intervenção real e eficaz nos organismos do Estado”¹⁷² cujos organismos de representação dos trabalhadores teriam papel fundamental:

“Os instrumentos da política econômica e social do Estado constituirão um sistema nacional de planificação, terão caráter executivo e sua missão será dirigir, coordenar e racionalizar a ação do Estado. Os planos com que opere deverão ser aprovados pela Assembleia do Povo. Os organismos dos trabalhadores terão uma intervenção fundamental no sistema de planificação.”^{173xxii}

Para além das concepções dualistas sobre o processo, de que as disputas entre a esquerda chilena naquele período eram conduzidas de um lado pelo partido comunista e socialista e de outro pelo MAPU, MIR, a IC e setores do PS é essencial compreender como se articularam na prática e até que ponto representou concepções tradicionais do movimento operário chileno. Hugo Cancino resgatou o discurso de Allende para referenciá-lo como maior representante das tradições democráticas, nacional-populares dos setores socialista chileno e acrescenta:

“No discurso tragicamente interrompido pelo presidente Allende emerge a intuição de um projeto socialista nacional que pretendia aprofundar e ampliar a democracia parlamentar com as formas embrionárias do poder popular [...] O discurso e gestão de Allende é a expressão quase solitária das tradições do movimento socialista chileno que surgiu no começo da década de 1930 como a manifestação de um socialismo que retomava a metodologia crítica do marxismo para analisar a realidade chilena, rompendo deste modo com o marxismo dogmático e os modelos da III Internacional”^{174xxiii} [Tradução nossa]

O autor acrescenta ainda que o modelo alternativo a via chilena, baseado na revolução de outubro de 1917, que tinha como elementos a insurreição conduzida pelo partido proletário de vanguarda, a construção de milícias operárias e a tomada do poder de Estado seria inviável no caso chileno dado as condições histórica e estrutural da sociedade chilena. O modelo baseado na Revolução de Outubro tinha como contexto o Estado despótico czarista diferentemente do sistema político chileno baseado em diversos canais de articulação das demandas sociais com o Estado como as instituições

¹⁷² Programa..., op. cit., p. 14.

¹⁷³ Ibid., p. 16.

¹⁷⁴ TRONCOSO, op. cit., p. 14.

parlamentares, partidos políticos, grêmios e sindicatos, além da complexidade da sociedade chilena, como por exemplo, a gravitação dos setores médios.¹⁷⁵ Para ele, a busca por maior autonomia e autogestão empreendida pelos movimentos sociais chilenos durante a UP que se sobrepuseram aos canais tradicionais de representação teve seus antecedentes na “tradição política e organizativa do movimento operário e popular chileno” junto com o triunfo da UP que criou condições para o desenvolvimento de um processo de democratização do poder a partir das bases.¹⁷⁶

A participação popular estava garantida de acordo com o programa de governo da UP e compunha um dos seus eixos fundamentais deste processo. Porém na prática existiram inúmeros conflitos sobre como se daria esta participação. As expectativas dos setores populares com relação ao governo foram enormes e muitas vezes suas ações foram fortemente criticadas principalmente pelos militantes do PC e setores do PS. As greves e ocupações de fábricas pelos trabalhadores, por exemplo, que exigiam a nacionalização de empresas que não estavam na lista daquelas que deveriam ser estatizadas foram alvos de críticas destes setores da esquerda que defendiam uma transição ao socialismo gradual e pactuada. Por outro lado, muitos trabalhadores, *campesinos*, *pobladores*, militantes, discordavam desta posição e defendiam outras formas de construção do processo. No caso dos trabalhadores dos cordões as ocupações de fábrica e a participação na gestão das empresas seriam formas imprescindíveis para garantir a participação no processo e o avanço nas mudanças que ocorriam no país.

Hugo Cancino ressaltou que Allende e setores dos socialistas chilenos tentaram conciliar a democracia representativa com o poder popular durante a UP antecipando o debate iniciado por setores da esquerda eurocomunista. Ele inclusive defende essa posição apoiado na ideia de que a sociedade chilena se aproxima do modelo de sociedade ocidental descrita na tipologia de Gramsci e que tal modelo seria o único possível para a sociedade chilena.

No programa estava descrito que haveria uma Assembleia do Povo que seria órgão de expressão máxima do poder. Os organismos de poder popular juntamente com as organizações tradicionais como os sindicatos seriam a base do Estado Popular. Porém as bases para tal participação não estavam descritas de forma clara, apenas que elas deveriam ser regidas por leis específicas:

¹⁷⁵ Ibid., p.15.

¹⁷⁶ Ibid., p.15.

“Os organismos regionais e locais de poder do Estado Popular exercerão autoridade no raio geográfico que os corresponda e terão faculdades econômicas, políticas e sociais. Poderão ainda entregar iniciativas e exercer a crítica aos organismos superiores. Contudo, o exercício das faculdades dos organismos regionais e locais deverá ser ajustado aos marcos fixado por leis nacionais e pelos planos gerais de desenvolvimento econômico e social.”^{177xxiv} [Tradução nossa]

Apesar de conter no programa de governo que a participação dos trabalhadores na gestão das fábricas seria uma das suas bases fundamentais, a descrição de forma genérica no programa sobre como se daria tal participação implicou, provavelmente, na falta de um consenso das organizações de esquerda que faziam parte da UP sobre a questão do poder popular. Allende defendia a institucionalidade do Estado de acordo com sua concepção de revolução. Neste sentido é compreensível que ele tenha sido contrário ao desenvolvimento dos cordones que muitas vezes se sobrepuseram às orientações do governo. Para Allende e os comunistas o poder popular deveria estar atrelado às definições sobre a participação dos setores populares propostas no programa de governo. Da mesma forma, o PC defendia que os cordões não podiam ser organismos paralelos ao governo e deveriam integrar as organizações de base da CUT. De acordo com suas concepções não havia uma correlação de forças favoráveis à revolução e o governo de Allende não era uma etapa do socialismo, mas representava “uma revolução democrática, anti-imperialista, antimonopolista com vistas ao socialismo, ratificando, portanto, a continuidade da linha de Libertação Nacional aprovada pelos comunistas desde os anos 50.”¹⁷⁸

Dessa forma, o desenvolvimento do poder popular para além das diretrizes do governo colocaria em perigo os rumos do projeto político defendido pelos comunistas. No entanto, os comunistas viam com hostilidade a existência dos cordones porque eles ameaçavam a aliança de classes e o projeto da UP, cujas reuniões de Lo Curro e Arrayan afirmaram tal posição de contenção das reformas pelo PC e por Allende. Para eles, a existência dos cordones implicava na construção de organismos paralelos que debilitariam a CUT e ocasionariam a perda do controle do governo e dos próprios comunistas do processo em curso. Na prática muitos sindicatos e dirigentes sindicais participaram e inclusive compunham a maioria na direção dos cordones, mas eram principalmente, socialistas e miristas, a presença dos comunistas nas instâncias diretivas se deu principalmente em determinadas fábricas que sofreram intervenção e

¹⁷⁷ Programa..., op. cit., p. 16.

¹⁷⁸ BORGES, op. cit. p. 112.

nacionalizadas, como o caso das indústrias têxteis da cidade de Tomé, por exemplo.

Os comunistas negavam qualquer manifestação que significasse o caminho dos *soviets* construídos durante a Revolução de 1917. O poder dual não tinha fundamento no caso chileno porque iria contra o governo revolucionário e criticava fortemente setores mais radicalizados do PS e os miristas alertando ainda que a teoria marxista-leninista deveria ser uma referencial mais que um dogma, e que as experiências específicas de cada lugar deveriam ser levadas em consideração.¹⁷⁹

Os miristas e setores a esquerda do PS defendiam o fortalecimento e ampliação do poder popular, cujo paro patronal de outubro e a emergência dos cordões representaram a possibilidade de sua construção. Para eles havia uma contradição entre o aparato do Estado e o movimento popular e por isso era necessário organizar-se e fortalecer a participação popular. No interior do próprio PS havia divergências em relação ao poder popular. Carlos Altamirano representava a posição oficial do partido e defendia a radicalização do processo, cujo partido teria papel de condução das massas trabalhadoras e Allende representava as concepções do governo. No XXII Congresso de Chillán realizado em 1967 o PS definiu a estratégia marxista-leninista da revolução reconhecendo a luta armada como inevitável. No Congresso foi aprovada a resolução na qual constava a afirmação de que a violência revolucionária era inevitável e legítima, cujo aparelho burocrático e militar do estado burguês deveria ser destruído, para a construção do socialismo.¹⁸⁰ O PS defendia a linha política de Frente de Trabalhadores em contraposição à aliança com a burguesia nacional defendida pelos comunistas, pois, na visão dos socialistas, ela estava atrelada ao imperialismo. Para os socialistas a luta armada era inevitável e deveria estar em consonância com o desenvolvimento do controle operário e popular, organizado através dos conselhos de trabalhadores e que contribuíram para a conscientização a partir das experiências compartilhadas entre os trabalhadores do processo. A ampliação da APS e da participação popular deveriam estar atreladas ao caráter revolucionário do processo. Os cordões seriam uma espécie de germen do poder popular, junto aos comandos comunales, aos organismos de abastecimento direto, de vigilância da produção e em defesa do processo, que deveriam ser ampliados e construídos de forma autônoma, porém na prática tal autonomia foi relativa. A organização e inserção dos partidos (principalmente do PS e PC) se dava principalmente nas fábricas que sofreram intervenção ou foram nacionalizadas,

¹⁷⁹ Ibid., p. 114.

¹⁸⁰ Ibid., p.115.

provavelmente porque eram maiores, com maior número de trabalhadores e organização sindical. Os trabalhadores de muitas empresas pequenas não tinham inserção no movimento sindical, pois a legislação permitia a sindicalização apenas para empresas com mais de 25 trabalhadores como acima mencionado. A partir das entrevistas pude perceber que os militantes do MIR e MAPU tinham mais força nas empresas menores, possivelmente pelo fato das empresas grandes com maior atividade no movimento sindical sofrer maior inserção dos partidos com tradição sindical como PS e PC.

Os cordões como órgãos de poder operário através de seus trabalhadores deveriam controlar a produção segundo as orientações dos setores da esquerda radicalizada como MIR e PS. Os comunistas criticavam a formação dos cordões e as ocupações de fábrica, pois não estavam de acordo com a autogestão dos trabalhadores nas empresas. Como foi o caso do comunista Orlando Millas que criticou os cordões ressaltando que o socialismo implica “a propriedade estatal dos meios de produção” e acrescentou:

“A quimera anarquista de uma propriedade direta das fábricas, das minas e dos bancos, assumida pelos trabalhadores de cada empresa, pelos conselhos operários ou por conselhos ou congressos de produtores se transformou faz tempo em uma consigna revisionista de direita elaborada por setores oportunistas contra o socialismo.”^{181xxxv}
[Tradução nossa]

Parte dos socialistas nos cordões apoiava o controle da produção exercido pelos trabalhadores sendo os cordões a vanguarda do poder popular.¹⁸² Para eles o processo deveria se dar com a condução de uma vanguarda política. A IC, o MAPU e o MIR eram favoráveis à autogestão dos trabalhadores nas empresas. O MIR, organização que não fazia parte da UP e defendia o apoio crítico ao governo, fazia a defesa das conquistas alcançadas pela classe trabalhadora no período, ao mesmo tempo, que criticava fortemente as tentativas do governo de aliança com setores “progressistas” da burguesia e da classe média. Mario Olivares trabalhador do cordão Vicuña Mackenna e militante do MIR abordou em entrevista como estava dividida a esquerda em relação às ocupações de fábrica e o desenvolvimento do poder popular:

“Havia um grande problema entre a esquerda tradicional chilena, PC e PS, que dirigia e controlava majoritariamente a classe operária do

¹⁸¹ MILLAS, Orlando. *La classe obrera en las condiciones del gobierno popular*. Apud, op. cit., p. 228.

¹⁸² *Tarea Urgente*. n. 9, Santiago, 20 agosto de 1973, p.1.

país, em geral a CUT era controlada pelo PC que era contra a radicalização do processo em consequência militavam por todos os meios, mobilizações, confrontações, então tratavam de buscar um controle através da CUT. A CUT e o PC tentavam controlar as mobilizações, mas os setores mais radicais não permitiam, chegamos a encontrar com as brigadas comunistas durante a noite e tinha confrontos, mesmo quando já sabíamos que haveria o golpe o PC não se radicalizou. No cordão Vicuña Mackenna havia muitas indústrias têxteis, de calçados, com muitos setores produtivos, elétrico, metalúrgico, mecânico e muitas pequenas e médias empresas, então muitas das grandes empresas foram estatizadas como a Textil Progreso, Sumar, Comandari, Andina. Muitas daquelas que foram estatizadas tinham hegemonia dos comunistas e a gente do MIR tinha muitas divergências com eles a respeito da tática e estratégia e no começo eles tinham hegemonia depois produto de toda mobilização, polarização e a partir do paro fortalece a visão, ou até mesmo antes, dos setores mais radicais de que não era possível enfrentar a burguesia, através dos mecanismos clássicos como a CUT. Nas empresas estatizadas, que sofreram intervenção do cordão Vicuña Mackenna constituiu-se uma participação dos militantes de setores mais a esquerda como o MIR, PS entre outros, e isso se inscreveu no marco de ir avançando para estabelecer os embriões do poder popular que estava relacionado ao ponto de vista estratégico.^{183xxvi} [Tradução nossa]

Carlos Altamirano defendia que havia uma contradição entre a estratégia via institucionalidade do estado democrático-liberal e o caráter revolucionário do programa. Para Altamirano essa contradição contribuiu para o “desenvolvimento de uma autonomia das massas” cujo desenvolvimento do poder popular deveria ser constituído através da base e não pelo governo.¹⁸⁴ Na plenária do PS realizada na região de Algaborro em fevereiro de 1971, Altamirano se manifestou sobre o poder popular alertando que embora os partidos da esquerda, e aqui ele falou se referindo ao PC e Allende, defendessem a participação dos trabalhadores na construção do governo, condenavam a radicalização resultante da ação espontânea das massas, expressando assim a discordância com relação às ocupações indiscriminadas sem deliberações prévias junto às direções políticas.¹⁸⁵ Para ele, o poder popular não deveria ser oposto ao governo, mas deveria ter sua independência e autonomia. A organização dos *cordones industriales* era, para os setores radicalizados da esquerda, a expressão germinal do poder popular, cujo desenvolvimento se daria com o objetivo de tornar o poder real. Portanto as posições políticas da esquerda radicalizada exigiam que o governo partisse

¹⁸³ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

¹⁸⁴ ALTAMIRANO, op. cit., p.102.

¹⁸⁵ Ibid. p.102 e 103.

para a ofensiva política, cuja participação efetiva dos trabalhadores na gestão do sistema produtivo seria essencial e reflexo do desenvolvimento do poder popular e da autonomia das organizações. Para além das concepções políticas das organizações da esquerda com relação à natureza do poder popular, é fundamental assinalar que a maioria dos entrevistados, afirmaram que o entendimento deles sobre o poder popular estava diretamente relacionado à participação das bases no processo. Mas não houve unanimidade com relação a como se daria tal participação, e aqui as divergências políticas refletiram as concepções das organizações da esquerda.

Capítulo 3 - Dinâmica de funcionamento dos *cordones industriales* e das indústrias têxteis de Tomé

3.1 – Dinâmica de funcionamento dos cordones

Neste capítulo abordo como estavam organizados os cordones em relação à sua dinâmica de funcionamento e das fábricas que o compunham e a composição social destes organismos. O segundo item do capítulo é composto por um breve histórico das empresas têxteis da cidade de Tomé, seguido da análise sobre o funcionamento das fábricas. A escassez de bibliografia sobre o funcionamento dos cordões foi uma das principais dificuldades para a realização deste trabalho. Muitos documentos foram destruídos com o advento do golpe, portanto apoiaremos nas entrevistas por mim realizadas e aquelas contidas no livro de Franck Gaudichaud “Poder Popular y Cordones Industriales”, além da tese de doutoramento da pesquisadora brasileira Elisa Campos Borges. Dessa forma, os depoimentos orais foram fundamentais para buscar uma compreensão, a partir das memórias dos trabalhadores, de como estavam organizados os cordões e de como se deu a participação.

Os cordones industriales eram organizados a nível territorial. Localizados em determinadas regiões industriais da cidade de Santiago, os cordões incorporaram reivindicações tanto tradicionais de classe representadas nos sindicatos como de controle operário defendido por setores mais radicalizados da esquerda chilena. A estrutura dos cordões segundo o critério geográfico contribuiu estrategicamente para as ações dos trabalhadores, que em momentos de greves e mobilizações bloqueavam através de barricadas os caminhos que davam acesso às entradas e saídas de Santiago, permitindo um controle das vias de acesso. Neste sentido as ações diretas e as ocupações das fábricas tiveram um papel extremamente importante no enfrentamento às ações da direita, em defesa do governo, mas também exercendo pressão no sentido de buscar garantir os avanços que consideravam necessários.

O boicote dos empresários à produção, o não cumprimento dos acordos feitos entre sindicato e empregador, o controle das matérias-primas pelos empresários para

desestabilizar a economia, eram alguns dos principais elementos que argumentavam os trabalhadores sobre a necessidade de avançar nas propostas do governo. As nacionalizações eram o caminho pelo qual o governo tiraria das mãos dos grandes empresários setores fundamentais da riqueza do país e para a sobrevivência e desenvolvimento dos setores mais pobres. Por isso, as ocupações de fábricas pelos trabalhadores tornaram-se cada vez mais parte das suas experiências na esfera do trabalho, na tentativa de denunciar tais ações dos empresários e de pressionar o governo para nacionalizá-las.

Para compreender a participação dos trabalhadores nos cordões e nas fábricas da área social e mista no período da UP é importante compreender como estava organizada a classe trabalhadora chilena. De acordo com o censo realizado em 1970 os trabalhadores operários compunham 42% da força de trabalho no Chile e os empregados (profissionais ou técnicos especializados) 28%.¹⁸⁶ Os trabalhadores das pequenas e médias empresas do setor industrial compunham 56% dos assalariados e estas fábricas formavam 97% do total de indústrias.¹⁸⁷

Um elemento essencial para os estudos sobre os cordões é que aproximadamente 1/4 dos trabalhadores de empresas privadas estavam sindicalizados durante a UP, apenas 20% num universo total de cerca de 2.165.947 trabalhadores. Em abril de 1972, este número subiu para 28%.¹⁸⁸ Somando os trabalhadores do setor público e privado este número aumentava para 37,5%.¹⁸⁹ O principal motivo era a debilidade da legislação trabalhista que exigia um número mínimo de 25 trabalhadores de uma empresa para a constituição de um sindicato industrial. Aproximadamente 50% da classe trabalhadora trabalhavam em pequenas empresas com menos de cinco trabalhadores.

Nos cordões havia uma forte presença dos partidos e sindicatos; não havia uma direção única pra todos eles além de diferenças na sua forma de organização e no número dos representantes que compunham suas direções. Embora não houvesse um número comum de integrantes na direção e administração dos cordões, optou-se por denominar o conjunto de fábricas existentes em uma determinada região de cordão com o intuito de integrar as demandas do conjunto de trabalhadores, inclusive daqueles de pequenas e médias indústrias excluídos da sindicalização pela legislação trabalhista

¹⁸⁶ TRONCOSO, op. cit., p.212.

¹⁸⁷ Ibid. p.213.

¹⁸⁸ Ibid. p.214.

¹⁸⁹ *Punto Final*, n.180 pg.15.

chilena da época.¹⁹⁰

Através dos depoimentos e das demais fontes consultadas pudemos perceber que embora não houvesse uma estrutura organizativa padronizada para todos os cordões havia instâncias comuns como a assembleia dos trabalhadores, os comitês de produção e a direção ou conselho do cordão. A maioria dos entrevistados relatou que estas três estruturas eram as principais instâncias que compunham os cordões, salientando que na assembleia dos trabalhadores eram eleitos os delegados dos comitês de produção e debatidos acontecimentos da conjuntura. Nos jornais da época vinculados de alguma forma aos cordões as três estruturas eram frequentemente citadas. Por outro lado, observaram que a composição da direção dos cordões era fruto de acordos políticos, portanto não havia uma votação do conjunto dos trabalhadores para eleger esta instância.

Nos cordones industriales havia grandes empresas de monopólios, médias e pequenas. As fábricas que compunham os cordões eram heterogêneas em relação ao ramo de produção. Existiam fábricas da indústria metalúrgica, eletroeletrônica, de alimentos, têxtil, da construção, de minérios, florestal, de energia e do transporte, entre outras. A estrutura de funcionamento dos cordões contava com a Assembleia de Trabalhadores, o Conselho e a Direção do cordão.¹⁹¹ Os trabalhadores nas assembleias de cada fábrica que compunha o cordão elegiam de dois a três representantes para o Conselho. Para serem delegados não era necessário ser dirigente sindical, embora na prática a maioria compusesse as instâncias diretivas dos sindicatos. Os delegados das fábricas eleitos em assembleia compunham o Conselho do Cordão. O Conselho elegia entre seus membros a Direção do cordão que era composta por um presidente e representantes das secretarias de organização, defesa, agitação e propaganda, cultura e imprensa. Os nomes das secretarias variavam de um cordão para outro, embora em alguns cordões as secretarias tivessem algumas denominações diferentes, como a secretaria de vigilância em alguns e de defesa em outros, suas atribuições eram parecidas. O quadro abaixo nos mostra aproximadamente como era a estrutura de funcionamento dos cordões.

¹⁹⁰ BORGES, op. cit., p.130.

¹⁹¹ TRONCOSO, op. cit., p. 212.

Quadro 4 – Estrutura de Funcionamento de um Cordão Industrial.¹⁹²

No periódico *Tarea Urgente* estava descrito como se daria a representatividade: cada empresa deveria estar representada por um delegado eleito por votação universal na base, além disso, as empresas seriam representadas por um delegado para cada 100 trabalhadores. Os camponeses, pobladores e estudantes podiam assistir as assembleias, como convidados e sem direito a voto. Porém baseado nas fontes documentais e nos testemunhos não podemos afirmar que tal forma de representação era igual em todos os cordões, pois havia heterogeneidade nas estruturas dos cordões e das fábricas que o compunham.¹⁹³

A maior parte dos trabalhadores e dirigentes entrevistados eram militantes de partidos e membros do sindicato; esta fração era majoritária nas estruturas das empresas que faziam parte da APS. As demais empresas ou estavam ainda nas mãos dos seus

¹⁹² TRONCOSO, op. cit., p. 336.

¹⁹³ *Tarea Urgente*, n.5, Santiago, 11 de junho de 1973, p.2.

antigos donos (principalmente médias e pequenas empresas) e muitas delas sofreram pressão dos trabalhadores para que o governo intervisse ou já estavam sob intervenção. Como já citado, os motivos para que os trabalhadores ocupassem as fábricas no intuito de exigir o controle operário da produção incluíam, entre outros, as medidas tomadas pelos empresários e donos das fábricas como o boicote ou diminuição da produção, o controle das matérias-primas, a falta de cumprimento dos acordos sindicais. Nesse sentido as tarefas imediatas eram de manter a produção e vigiar a sua manutenção para garantir o abastecimento à população.

Nos cordones havia empresas privadas, que sofreram intervenção e foram nacionalizadas. Havia diferenças com relação à intervenção e nacionalização de uma fábrica que é necessário distingui-los para uma melhor compreensão do processo. Quando uma fábrica sofria intervenção significava que os donos continuavam sendo donos, mas o governo por diversos motivos, seja por pressão dos trabalhadores ou pela importância econômica da empresa, nomeava um interventor para analisar as questões que poderiam levá-la a ser nacionalizada. Como afirmou Raul Silva, dirigente sindical e interventor da fábrica Bellavista, que foi também nacionalizada: “Na estatização todos os bens são expropriados e o Estado fica responsável por toda a empresa e a intervenção era um processo de análise do Estado, para decidir se ele se tornaria o responsável ou se seria uma empresa de propriedade mista.”^{194xxvii}

No caso da intervenção a administração era compartilhada entre o dono e os representantes do governo, o que na prática muitas vezes significava que as decisões eram tomadas pelos trabalhadores e interventores, como afirmou Hernan Ortega, interventor da empresa Fantuzzi e presidente do cordão Cerrillos-Maipú: “Nas empresas que estavam sob intervenção o dono não participava, mas se eles nos pedissem informações sobre as empresas não a negávamos.”^{195xxviii}

Hernan acrescentou ainda quais eram as principais diferenças entre nacionalização e intervenção:

“A intervenção era um processo intermediário, as intervenções aconteciam por conflitos laborais não resolvidos que duravam mais tempo. O governo utilizou uma lei da constituição dos anos 1930 que permitia que o governo intervisse para restabelecer a ordem econômica com o sentido de fazer a empresa voltar a trabalhar e solucionar o conflito quando os empresários privados não tinham a vontade nem faziam esforço para isso. Agora uma vez que a empresa

¹⁹⁴ Entrevista realizada com Raul Silva em 29 de Setembro de 2013.

¹⁹⁵ Entrevista realizada com Hernan Ortega em 25 de Setembro de 2013.

estava sob intervenção poderia permanecer nesta situação por um período de três anos antes de decidir qual seria seu futuro, a empresa poderia voltar para as mãos do dono e em caso contrário se não houvesse conduta ou interesse de sua parte ou se a empresa fosse considerada estratégica para a economia havia a possibilidade de passa-la à APS e assim poderia ser estatizada, na Fantuzzi estávamos na zona intermediária. A duas empresas que trabalhei sofreram intervenção neste período fazíamos parte da CORFO, estávamos na área de planificação e atuamos como se fôssemos estatizados sentíamos como delegados do governo, pertencíamos a CORFO e planificamos a atividade da empresa.^{196xxxix} [Tradução nossa]

Na empresa nacionalizada a gestão estava a cargo somente dos representantes do governo e dos trabalhadores. Grande parte das empresas requisitadas a passar para a APS e nacionalizadas foram feitas por pressão dos trabalhadores, cujas ocupações inicialmente eram condenadas pelo governo porque excediam o número de empresas que deveriam ser nacionalizadas de acordo com a lista do próprio governo.

Carlos Cortes militante da FTR e dirigente do cordão San Joaquin, em entrevista, falou sobre as diferenças entre as indústrias privadas, nacionalizadas e que sofreram intervenção do governo:

“No cordão havia fábricas privadas como a que eu trabalhava e outras que eram estatizadas como as da APS (Pañal, Caupolican, Metal, etc.). O dono não aparecia na fábrica e ela seguiu produzindo, não foi estatizada porque estava sob o controle do exército e tudo que era produzido nela tinha que passar pelo exército. Tinha também Callama que antes era Dupon e depois de estatizada era Enaex (Empresa Nacional de Explosivos). Havia duas formas de estatização, uma era por decreto e outra através dos trabalhadores e estes dois âmbitos eram absolutamente distintos. O primeiro foi onde se produziu maiores problemas pelo descompromisso daqueles que produziam menos, por outro lado, aquelas que foram produto das ocupações de fábricas funcionaram com o próprio esforço dos trabalhadores e sem patrão, nós defendíamos que a fábrica estatizada não deveria ter um interventor e sim direção operária e na fábrica privada deveria ter controle operário o que parece ser muito teórico, mas tiramos isso das negociações coletivas quando começa o acenso das mobilizações. Os trabalhadores sabiam tudo que entrava e saía e quanto era produzido. A textil Pañal tinha aproximadamente 5.200 trabalhadores em três fábricas e turnos e foi estatizada através de uma ocupação e a textil Caupolican que tinha 900 trabalhadores foi por decreto. Em Caupolican as pessoas estavam jogando bola, não havia muito compromisso. Era um processo de aprendizagem perceber que não necessitávamos de patrão. Nas empresas estatizadas havia comitês de produção e o interventor participava da administração, quem estava acima era a CORFO que fazia parte do Ministério da Economia.^{197xxx} [Tradução nossa]

¹⁹⁶ Ibid.

¹⁹⁷ Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de Setembro de 2013.

A partir das entrevistas utilizadas como fonte para esta dissertação, pode-se perceber que os trabalhadores e dirigentes disputam uma memória sobre o processo de acordo com as posições políticas que defendiam no período. Carlos Cortez, por exemplo, afirmou no trecho acima citado que havia duas formas de estatização uma delas realizada pelo governo e outra fruto da pressão dos trabalhadores, sendo esta última a que mais beneficiou os trabalhadores pelo fato de terem experimentado o processo de ocupação o que lhes conferiu maior aprendizado e compromisso com o processo de transformação que estavam vivenciando. Por outro lado, Hugo Valenzuela dirigente da empresa têxtil Sumar, estatizada por decreto e não por pressão dos trabalhadores ressaltou:

“Na empresa os trabalhadores tinham compromisso. Havia uma grande efervescência política e logo a maior parte dos trabalhadores participavam dos partidos políticos, aqueles que não participavam de algum partido faziam parte da UP, ou seja, se sentiam parte do processo. Penso que durante a UP os trabalhadores cresceram muito principalmente a personalidade, sabiam o que era importante para a economia do país, não tinham condições de fazer uma grande análise, mas se envolveram no processo e se interaram das necessidades e sobre a solução dos problemas.”^{198xxxxi} [Tradução nossa]

Hugo Valenzuela ressaltou que havia problemas, mas que se tratavam principalmente do nível de relação dos trabalhadores com as empresas estatizadas:

“Um dos problemas era que os trabalhadores pensavam que podiam pedir o que queriam então houve muitos conflitos e no começo tínhamos que explicar que não éramos os donos, que não tínhamos patrão e nosso compromisso era elevar a produção, éramos representantes do Estado e tínhamos que aumentar a produção, criar mais empresas e dar trabalho aos que estavam desempregados, terminando de uma vez por todas com o desemprego. Esse foi o primeiro grande problema que tivemos com os trabalhadores e entenderam que tinham uma grande responsabilidade trabalhar em uma empresa estatizada. E, logo, fizemos as comissões de produção que trabalhavam diretamente com os sindicatos. Antes tínhamos a negociação coletiva com os patrões, mas na UP nós mesmos regulávamos nossos salários e a regulação foi discutida primeiro com os sindicatos e depois levantávamos a questão com os delegados dos setores produtivos e no fim chamávamos uma assembleia. No início as pessoas não entendiam muito e queriam ganhar muito mais de imediato, mas logo entenderam e isso contribuiu para que as empresas

¹⁹⁸ Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

das áreas estatizadas fossem cada vez mais poderosas.^{199xxxii}
[Tradução nossa]

Os testemunhos dos trabalhadores de diferentes fábricas tanto nacionalizadas como aquelas empresas que foram ocupadas, são fundamentais para uma melhor compreensão da dinâmica de funcionamento existente nos dois exemplos, pois possibilitou resgatar a memória destes sujeitos e suas visões tendo em vista que a situação era distinta em cada uma das empresas. As demandas e problemas eram diferentes, os trabalhadores daquelas empresas nacionalizadas tinham o desafio de buscar mecanismos democráticos de gestão e aumentar a produção já os trabalhadores das fábricas ocupadas tinham outras tarefas como manter a produção e pressionar o governo a estatizá-las. Eram dinâmicas diferentes e que apontam para a pluralidade de desafios dos trabalhadores durante o governo de Allende, bem como da própria UP em lidar com as expectativas dos trabalhadores.

Outro tema fundamental para abordar era o fato das decisões políticas nos cordones, como afirmou Elisa Borges, serem muitas vezes frutos de acordos partidários e sindicais:

“As características internas da fábrica e o funcionamento do sindicato local determinavam a dinâmica do processo. Geralmente, respeitava-se a correlação de forças partidárias dentro do sindicato, ou seja, o partido que tivesse maioria de representantes no sindicato elegeria a maioria de delegados para a assembleia do Cordón”.²⁰⁰

A maioria dos entrevistados afirmou que a direção dos cordões era composta através de acordos entre os partidos. Carlos Cortez, dirigente sindical e militante do MIR ressaltou que a direção dos cordões se dava através de acordos partidários:

“No momento do golpe fazia um ano e meio que eu era dirigente do cordão. A presidência do cordão era votada entre os partidos. Com um tempo determinado dirigente sindical membro da diretiva do cordão se tornava presidente e não era eleito, os dirigentes desta instância nos auto convocávamos e a decisão era tomada entre aqueles que estavam presentes. Basicamente era acordo partidário, fazíamos reuniões da diretiva na qual participavam todos os dirigentes e então tomávamos a decisão e planificávamos o que seria feito. Os dirigentes das indústrias eram eleitos pelos trabalhadores e pelas bases. A única vez que teve votação universal na história da CUT foi no governo de Allende, nesta ocasião os dirigentes foram eleitos universalmente por todos os

¹⁹⁹ Ibid.

²⁰⁰ BORGES, op. cit., p.130.

trabalhadores do país independente do setor produtivo.”^{201xxxiii}
[Tradução nossa]

Mario Olivares, em entrevista para o livro de Gaudichaud, também afirmou que a composição da direção dos cordões era fruto de acordos políticos: “Diretamente, não havia eleição, eram acordos políticos [...] Nas assembleias dos dirigentes fazíamos acordos sobre quem ia dirigir o cordão no próximo mês, quem seria o “cabeça” na condução do cordão. Mas era um acordo, no fundo, político.”^{202xxxiv} Mario Olivares, ressaltou ainda que sua memória com relação à estrutura das fábricas era falha e abordou como era o funcionamento dos cordões, reafirmando que as direções eram compostas segundo acordos político-partidários:

“Não lembro exatamente como era a estrutura da fábrica, mas o governo nomeou um representante do Estado na fábrica, a fábrica não era dos trabalhadores, mas do Estado. Não lembro muito, mas havia duas instâncias um comitê de administração onde estava o interventor que era constituído também pela diretiva do sindicato dos operários e empregados, era como um conselho de gestão e, outra instância de participação de base, o comitê de produção, que eram eleitos democraticamente no interior da fábrica. Mas convenhamos que nesse tempo a sociedade chilena estava politizada principalmente os trabalhadores, que eram militantes dos partidos e havia uma forte presença deles no interior dos sindicatos e fábricas.”^{203xxxv}

Nas fábricas que tinham maioria comunista nos sindicatos, a direção dos cordões era eleita pelas lideranças operárias, visto que os comunistas não participaram dos cordões até meados de 1973. Como afirmou Elisa, havia exceções de trabalhadores comunistas que, contrariando a direção do partido, participaram dos cordões inclusive nas suas instâncias diretivas.²⁰⁴ É o caso, por exemplo, de Miguel Pizarro, trabalhador comunista e participante do cordão San Joaquin: “Trabalhei na fábrica Sumar, era comunista, fui dirigente, impulsionei e dirigi a escola da empresa que um projeto de educação de trabalhadores e tivemos bastante êxito, também fui delegado do cordão industrial representando a empresa.”^{205xxxvi}

Nas reuniões do cordão participavam, principalmente, os dirigentes sindicais que

²⁰¹ Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de Setembro de 2013.

²⁰² Entrevista com Mario Olivares realizada por Franck Gaudichaud. Apud GAUDICHAUD, op. cit., p.168.

²⁰³ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

²⁰⁴ BORGES, op. cit., p. 131.

²⁰⁵ Entrevista realizada com Miguel Pizarro em 02.10.2013.

eram os representantes dos trabalhadores de cada fábrica. Os dirigentes davam os informes das reuniões nas assembleias de trabalhadores. As reuniões eram realizadas normalmente para discutir problemas específicos e conjunturais. Discutia-se, por exemplo, as mobilizações em apoio às ocupações de fábricas, os problemas de desabastecimento e como seriam enfrentados, discutiam ainda as ações conjuntas em defesa de determinados interesses em comum dos trabalhadores, entre outros. A atuação de cada dirigente dependia da sua orientação política. Muitos tinham uma orientação política de desenvolver o poder popular e garantir a participação dos trabalhadores nas decisões tomadas pelo governo, caso representado principalmente por militantes do MIR e de setores do PS. Já os comunistas buscavam manter certo controle das ocupações de fábricas a fim de não atemorizar os setores médios progressistas e com isso inviabilizar possíveis novas alianças.²⁰⁶

Os cordões não foram organizados, a partir, de uma direção única. Havia inúmeros debates sobre o tema, cujos esforços para criar uma direção única culminaram em meados de 1973 na criação da “*Coordinadora Provincial de Los Cordones Industriales*” por iniciativa dos socialistas, fortalecendo ainda mais sua predominância nos cordões. O fato dos cordões não terem tido uma direção única não significava que não havia comunicação entre eles. Os dirigentes se reuniam com frequência para discutir e promover ações conjuntas dos cordões e elaborar pautas reivindicativas. Como exemplo, podemos citar as mobilizações contra o plano Millas do governo organizadas por iniciativa dos trabalhadores dos cordões Cerrillos, Vicuña Mackenna, San Joaquin, Panamericana Norte, e outros, a construção de uma plataforma programática dos cordões no ano de 1973 e as ações coordenadas frente à tentativa de golpe da direita no final de junho de 1973 que ficou conhecida como Tanquetazo.²⁰⁷

As empresas que compunham os cordões eram diferentes com relação ao tamanho (grandes, médias e pequenas), ao número de trabalhadores, ao seguimento produtivo (têxtil, alimentício, metalúrgico, etc) e a importância econômica. A maioria das empresas fazia parte da APS, mas havia inúmeras pequenas e médias que foram ocupadas e que recebiam apoio dos cordões nos conflitos entre os trabalhadores e os patrões. Estudiosos do tema afirmam que nos cordões prevaleciam pequenas e médias empresas e muitas daquelas que sofreram intervenção ou foram estatizadas foi por pressão dos trabalhadores e não por iniciativa do governo visto que a estratégia era a de

²⁰⁶ BORGES, op. cit., p.137.

²⁰⁷ TRONCOSO, op. cit., p. 338.

ganhar o apoio da classe média, por isso o governo foi contra muitas das ocupações.²⁰⁸

Em entrevista Miguel Pizarro comunista e dirigente sindical da empresa Sumar afirmou que a empresa sofreu intervenção por pressão dos trabalhadores:

“Este decreto de intervenção da Sumar, se não estou equivocado, foi em novembro de 1971 por pressão dos trabalhadores, então a empresa teve um interventor e isso significava que a empresa continuava ser do dono, ela nunca foi do Estado, se a empresa gerava lucro tinha que depositar na conta do dono, todo o restante era revolucionarismo barato, ou seja, essa era a realidade, tínhamos que seguir trabalhando no processo de desenvolvimento da consciência, de educação dos trabalhadores, no desenvolvimento dos comitês de produção e na estrutura de participação.”^{209xxxxvii} [Tradução nossa]

O trabalhador Mario Olivares relatou que a fábrica em que trabalhou também sofreu intervenção por pressão dos trabalhadores:

“No ano de 1971 os trabalhadores dos sindicatos nos organizamos e ocupamos a empresa devido aos abusos cometidos pelos empresarios e as terríveis condições de trabalho. A ocupação durou um mês mais ou menos, depois a indústria sofreu intervenção e passou para o controle dos trabalhadores. O primeiro interventor foi Cosme Montanola que era um velho revolucionário espanhol que lutou na revolução espanhola e militava no partido socialista chileno.”^{210xxxxviii} [Tradução nossa]

O cordão Cerrillos-Maipú foi uma referência para os outros cordões, provavelmente pelo fato de ter sido o primeiro a se constituir e dado à importância de suas atividades políticas e mobilizações. As formas implantadas de organização e participação foram seguidas por outros cordões como o Vicuña Mackenna. O socialista Henán Ortega interventor da indústria Fantuzzi, relatou como era a estrutura do cordão que presidiu o Cerrillos-Maipú:

“O cordão tinha um território determinado e por isso não tinha uma política de crescimento para além do seu território definido. Depois, no interior dos cordões, havia uma assembleia de delegados representante de cerca de 5000 mil trabalhadores que se reuniam em assembleia periodicamente para analisar a evolução do processo. Existiam ainda diferentes comissões de trabalho constituídas pelos trabalhadores como forma de ir enfrentando as ações da burguesia e ir gerando nossas próprias alternativas e resposta. Neste contexto tínhamos, por exemplo, as comissões de transporte para enfrentar a sabotagem do transporte e garantir o transporte dos trabalhadores, das

²⁰⁸ SOTO, op. cit., p. 226.

²⁰⁹ Entrevista realizada com Miguel Pizarro em 02.10.2013.

²¹⁰ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

matérias-primas e da produção. Tínhamos as comissões de abastecimento que através da empresa e em conjunto com os pobladores criávamos as formas de abastecimento direto [...] Havia ainda uma comissão de segurança e defesa, o comite de vigilância que tinha a preocupação de defender a empresa e evitar a sabotagem.”^{211xxxix}
[Tradução nossa]

Sobre as indústrias que foram estatizadas ou que sofreram intervenção Hernan afirmou que as mais importantes dos cordones passaram, ao menos, por um destes processos: “O cordão tinha mais ou menos 161 empresas, entre elas Pizarreño, America Screw, Fantuzzi; as principais empresas sofreram intervenção ou foram estatizadas, eram empresas dos setores mecânico, alimentício, de conservas, têxteis, etc. No nosso cordão havia também a fábrica Fensa, fabricante de linha Branca.”^{212xl}

Hernan Ortega reafirmou que as empresas dos cordões que sofreram intervenção ou foram estatizadas, era fruto das ações dos trabalhadores para pressionar o governo no avanço das transformações:

“A empresa Fantuzzi sofreu intervenção dado aos conflitos não solucionados entre os trabalhadores e o dono que durou quase dois meses. Então os trabalhadores ocuparam a fábrica e solicitaram ao governo a intervenção, a maioria das intervenções era assim, através da pressão dos trabalhadores. No caso da Fantuzzi não houve resolução, então o governo me nomeou administrador da empresa. Eu era muito jovem nesse periodo e estava estudando, tinha começado uma carreira universitária e não pude terminar porque as tarefas como dirigente social e político e trabalhador me impediram de seguir os estudos”^{213xli} [Tradução nossa]

Além das ações dos trabalhadores para pressionar o governo a intervir nas fábricas, havia a preocupação em fortalecer os comandos comunales, ou seja, integrar as ações dos trabalhadores dos cordões com os moradores dos bairros populares para enfrentar o boicote dos patrões. No periódico *Tarea Urgente* foi publicada uma matéria na qual os representantes do cordão Santiago-Centro chamavam os trabalhadores a fortalecer os comandos comunales com o objetivo de superar a falta de direção, apresentava a organização do Cordón Santiago-Centro e suas tarefas principais.²¹⁴ É importante citar como esse cordão estava organizado, mesmo não sendo um dos estudados nesta dissertação, porque nos mostra que embora os cordões tivessem

²¹¹ Entrevista Hernan Ortega para Franck Gaudichaud. Apud GAUDUCHAUD, op. cit., p. 195.

²¹² Entrevista realizada com Hernan Ortega em 25 de Setembro de 2013.

²¹³ Ibid.

²¹⁴ *Tarea Urgente*. n. 8, Santiago, 13 de julho de 1973, p.3.

estruturas organizativas diferentes, havia muitas semelhanças entre eles. De acordo com a matéria os cordones deveriam ser órgãos de defesa do governo, de massa, com objetivo de formular e executar ações revolucionárias a partir de ações coordenadas junto aos comandos comunales, pontos defendidos principalmente por aqueles que tinham uma orientação mais radicalizada do processo, principalmente setores dos socialistas. O cordão Santiago-Centro estava organizado hierarquicamente da seguinte forma: 1) Assembleia Popular 2) Comando do cordão 3) Centro de Operações, 4) responsáveis pelos setores produtivos. A assembleia popular era expressão máxima do cordão que elegia os representantes do comando que era composto por um presidente e quatro secretários. A direção política dos cordones, segundo a matéria, seria “o braço executor encarregado de mobilizar e executar as ações” e a responsável por formar as comissões de: a) seguridade, proteção e defesa; b) informação e difusão; c) abastecimento; d) transporte e comunicações.²¹⁵ Ao mesmo tempo, que apresentava a Assembleia dos Trabalhadores como expressão máxima, apontava que deveria haver uma direção paralela ao Comando “formada por representantes das organizações políticas revolucionárias e que tenham se integrado aos cordones como tais”, dando, assim, peso à atuação das organizações político-partidárias e à concepção de vanguarda revolucionária:

“A união existente entre o comando do cordão e a direção política tem como finalidade fortalecer a aliança da classe operária e sua vanguarda política, desta forma ampliamos a perspectiva de ação do cordão já que a ação do cordão estaria vinculada a uma ação nacional. Assim o Comando do Cordão e a Direção Política formam a Direção Operativa.”²¹⁶ [Tradução nossa]

A formação do cordão San Joaquín, segundo o jornal *Aurora de Chile*, se deu em fevereiro de 1973 com a participação de nove empresas e 60 delegados que representavam aproximadamente 5000 trabalhadores. Segunda a matéria, a primeira direção era composta por três militantes do PS, dois militantes do MIR-FTR e um militante do PC. Joaquín Abarzua, militante do PC, foi delegado sindical da Sumar e contou em entrevista que o cordão tinha aproximadamente 20 empresas. Dentre as fábricas estavam: Sumar (têxtil), Coca-Cola (bebidas), Condumer, Famasol

²¹⁵ *Tarea Urgente*. n. 8, Santiago, 13 de julho de 1973, p.5.

²¹⁶ *Ibid.* p.5.

(maquinaria), Bodega Dinac, etc.²¹⁷

O conselho do cordão era eleito pelos delegados de cada indústria e normalmente, era dirigido pelos sindicatos ou partidos que tivesse o maior número de delegados eleitos nas indústrias. Para a escolha dos representantes de cada empresa geralmente respeitava-se a correlação de forças políticas presente em cada uma delas.²¹⁸ As assembleias de trabalhadores eram feitas por indústrias e organizadas pelos sindicatos locais. As assembleias do cordão eram abertas e delas participavam principalmente dirigentes sindicais e representantes de partidos políticos. Hugo Valenzuela afirmou que os cargos nos comitês de produção e administrativo: “eram eleitos pelos sindicatos, o sindicato enviava um representante do sindicato para o comitê de produção igualmente no comitê administrativo e esse comitê era presidido pelo interventor.”^{219xliii}

Com relação ao funcionamento da empresa Hugo Valenzuela relatou que estava estruturada da seguinte forma:

“Nos sindicatos havia seções e tinha um delegado em cada seção, cada problema que tínhamos nos dirigíamos ao sindicato para tentar solucioná-lo. Os trabalhadores de cada sessão discutiam os problemas e se dirigiam ao sindicato para tentar resolver a questão. Já nas empresas havia um interventor nomeado pelo governo que tinha a tarefa política de explicar aos trabalhadores o que significava a unidade popular e a importância da produção. Os sindicalistas da UP tinham uma liberdade para atuar politicamente, eu, por exemplo, nunca ocultei que era do PS e os trabalhadores votavam em nós da mesma forma. Antigamente quando dizíamos que éramos de partido os trabalhadores ficavam desconfiados por conta da propaganda anticomunista. Na empresa tínhamos um Conselho de Administração formado por um representante do sindicato dos operários, um dos empregados, o interventor e os técnicos. Tinha também um Comitê Produção constituído de técnicos das máquinas e os sindicatos que nomeavam seus representantes para compor as estruturas do comitê de produção. Estava tudo controlado para que pudéssemos fazer as coisas grandes que tínhamos que fazer, por exemplo, levantamos ao comitê de produção que tínhamos que construir nossa própria tinturaria e assim a fizemos.”^{220xliv} [Tradução nossa]

Miguel Pizarro dirigente sindical da empresa Sumar também relatou como era a estrutura da empresa:

²¹⁷ BORGES, op. cit., p. 131.

²¹⁸ Ibid. p. 133.

²¹⁹ Entrevista com Hugo Valenzuela realizada em 21 de Setembro de 2013.

²²⁰ Ibid.

“O que aconteceu foi que o poder operário gerou uma estrutura de participação. Cada sessão de trabalho tinha um comitê de produção com o propósito de fiscalizar o cumprimento das tarefas designadas e desenvolver técnicas para melhorar a produção. Esta estrutura organizativa tinha uma coordenação no comitê da empresa que era responsável pelos assuntos ligados à produção e no conselho de administração estava o interventor e os executivos da empresa, no nosso caso não tivemos nenhum representante dos donos da empresa. O comitê de produção era eleito pelos trabalhadores em assembleia, era muito democrático, a estrutura era democrática, não havia somente trabalhadores, mas profissionais, gerentes, etc.”^{221xlv} [Tradução nossa]

Hernan Ortega abordou em entrevista como estava organizado o funcionamento e a participação dos trabalhadores na empresa Fantuzzi:

“Bom, depois que a empresa sofreu intervenção nomeamos um conselho de administração composto por 50% representantes dos trabalhadores e 50% por representantes do governo, alguns nomeados pelo interventor e outros pela CORFO, depois disso, nos encargamos da administração e planificação da produção para reativar a empresa. O comitê de administração responsável pela gestão empresarial necessitava também de uma estrutura técnica de apoio então criamos o comitê de finanças com profissionais da empresa, mas também criamos o comitê de produção constituídos pelos trabalhadores das próprias sessões produtivas. O comitê de produção tinha o papel de garantir que a planificação fosse cumprida e para isso verificava se tinha a matéria-prima e os recursos humanos necessários, controlava o tempo para se programar, e trabalhavam para garantir a máxima utilização da capacidade produtiva da empresa. Tinha que utilizar as máquinas, garantir sua manutenção, os comitês de produção foram muito importantes. Como interventor fazia reuniões com os técnicos do conselho, com os delegados dos comitês de produção, de imprensa e abastecimento também. Tivemos uma boa administração, posso dizer que tivemos bons resultados na empresa, depois do golpe quando os empresários recuperaram a empresa ela estava funcionando de acordo com sua plena capacidade.”^{222xlv} [Tradução nossa]

Hernan relatou que os conselhos e comitês das empresas eram eleitos democraticamente: “Os comitês e conselhos das empresas eram eleitos democraticamente pelos trabalhadores, em cada oficina de trabalho elegiam seus representantes, por assembleia e seus representantes elegiam os conselhos administrativos”.^{223xlvii} Acrescentou que os donos não participavam dos conselhos de administração, mas que não era negado a eles, informações sobre a empresa quando

²²¹ Entrevista realizada com Miguel Pizarro em 02 de Outubro de 2013.

²²² Entrevista realizada com Hernan Ortega em 25 de Setembro de 2013.

²²³ Ibid.

eram solicitadas:

“O dono não participava do conselho de administração, mas se ele solicitasse alguma informação não a negávamos, nossa obrigação era impedir que eles tomassem decisões, tinha até familiares dos donos trabalhando na empresa, mas nunca despedimos eles. O responsável pelas finanças continuou sendo o mesmo, um engenheiro também, um encarregado da produção cunhado do dono também, mas estes que ficaram não fizeram nada relacionado a boicote, com exceção do cunhado que não participava muito.”^{224xlviii} [Tradução nossa]

As demandas que prevaleciam nos cordones, de acordo com as fontes consultadas, eram relacionadas à conjuntura do período com caráter mais imediato e envolviam uma complexidade de temas e problemas. Entre eles estavam, por exemplo, a falta de matérias-primas resultante do boicote dos empresários que impedia a continuidade ao processo produtivo, as mobilizações em solidariedade aos trabalhadores, cujos interesses estavam ameaçados, a melhoria nas condições de trabalho e a conjuntura política e econômica. Por exemplo, quando uma fábrica era ocupada por trabalhadores para exigir do governo sua intervenção, os trabalhadores e dirigentes reuniam-se com dirigentes dos cordões e de outras fábricas para planejar as ações e organizar as mobilizações. Tal coordenação dos trabalhadores da empresa ocupada e os demais trabalhadores do cordão contribuiu para fortalecer as reivindicações e a pressão para a estatização ou intervenção das fábricas.

A composição social dos cordones industriales não era de certo modo heterogênea com relação à função dos trabalhadores nas fábricas. Eles eram compostos de trabalhadores sem nenhum tipo de especialização e trabalhadores especializados, formados principalmente nos colégios técnicos, além de profissionais graduados (como engenheiros, advogados, administradores, etc). Grande parte desses trabalhadores apoiava ou militava em algum partido político. Neles prevaleciam militantes de partidos tradicionais da esquerda chilena como os partidos Socialista e Comunista, mas tinha também representantes do MIR, que atuavam através da Frente de Trabajadores Revolucionarios (FTR), um braço operário da organização. Além desses trabalhadores havia também militantes da Democracia Cristiana, que de acordo com seu programa de uma “*revolución en libertad*”, acabou por atrair a esperança e apoio de uma parte considerável dos setores populares nos anos de 1960, mas esse cenário sofreu mudanças

²²⁴ Ibid.

devido ao fracasso do governo democrata-cristão e a eleição de Allende.

Os trabalhadores eram em sua maioria jovens e tinham entre 20 e 30 anos, advindos de inúmeras partes do país. Eles geralmente viviam nas comunidades próximas dos cordões, as chamadas *poblaciones*.

Nas grandes empresas, como as de minérios e metalúrgicas prevaleciam trabalhadores com algum tipo de especialização e com salários um pouco superior às outras e a organização sindical era mais forte. Nas médias e pequenas empresas o nível de especialização não era tão presente como nas grandes empresas, os salários e condições de trabalho eram mais precários e em alguns casos não havia sequer sindicato. Consequentemente, trabalhadores de muitas empresas pequenas estavam à margem da luta sindical formal. Os trabalhadores dos cordões em sua maioria estavam organizados na luta sindical e tinham geralmente salários e certas garantias um pouco melhores que os trabalhadores que trabalhavam nas pequenas empresas (que também fizeram parte dos cordões) e comércios. Eram melhores organizados, possuíam sindicatos, diferentemente daqueles que não estavam organizados e uma das causas foi principalmente a deficiência da própria legislação trabalhista.

A maioria dos trabalhadores eram homens, principalmente nas indústrias metalúrgicas, porém as mulheres eram maioria, por exemplo, nas fábricas têxteis. A participação dessas mulheres no governo foi fundamental, muitas eram militantes e simpatizantes da esquerda, cuja origem era das *poblaciones* e atuavam tanto nos seus bairros, nas *juntas de vecinos* e *centros de madre*, nas ocupações de terreno, como nas fábricas. À medida que participavam das mobilizações e ocupações criavam uma identidade baseada na luta por uma vida mais justa e na solidariedade de classe.

A trabalhadora têxtil da empresa Textil Progreso e militante comunista Emperatriz Sagredo em entrevista para o documentário “*Nosotros somos gobierno: testimonio obrero de la Unidad Popular*” relatou um pouco sobre a organização dos trabalhadores do período e seu interesse em participar do processo:

“Toda essa coisa de trabalhar me fez gostar da organização dos trabalhadores porque eu na verdade não a conhecia e segui passo a passo o trabalho de me integrar ao movimento e conquistar gente para o movimento sindical. Antes o trabalhador não tinha participação alguma, não tinha como mudar para uma vida melhor ou trabalhar, estudar e participar, a ideia era não fazer apenas o trabalho cotidiano, mas participar como pessoa, se envolver, mas antes de Allende, era apenas trabalhar e receber seu “dinheirinho”. Mas nós fomos os protagonistas da história do Chile naquela época, era muito bom ser jovem e ganhar voto a voto, sem metralhadora, para que tivesse mais

justiça social. Antes não havia essa opção.”^{225xlix} [Tradução nossa]

Hugo Valenzuela comentou sobre a situação das mulheres que trabalhavam na Sumar, indústria que fazia parte do cordão San Joaquín:

“As mulheres sempre ganhavam menos pelo mesmo trabalho e, em grande parte, isso mudou e na convenção coletiva conseguimos garantir que as mulheres ganhassem o mesmo que os homens, mas não conseguimos uma equiparidade radical. Porém conseguimos, por exemplo, acordos feitos com trabalhadoras para cuidar dos filhos das outras trabalhadoras, fizemos berçários, jardim infantil, para os filhos das trabalhadoras, para que não se preocupassem e podiam ver e alimentar seus filhos enquanto trabalhavam.”^{226l} [Tradução nossa]

Edmundo Jiles, trabalhador de uma cooperativa que fazia parte do cordão Cerrillos em entrevista contou como era a participação das mulheres nas empresas:

“No cordão Cerrillos a participação das mulheres era muito pouca, eu diria que não havia mulheres nessa época nos sindicatos. O que não quer dizer não havia mulheres trabalhadoras, mas no nível de dirigentes e ação eram na maioria homens. Havia mulheres nos centros de mães, na área da saúde, nas feiras, havia muitas mulheres campesinas. Diferentemente da situação de Cerrillos, o mundo sindical segue sendo muito machista aqui no Chile. Hoje em dia em sindicatos como Mimosa, onde trabalham fundamentalmente mulheres, os dirigentes dos sindicatos são homens; em Caffarena, por exemplo, trabalham 600 mulheres e algo como 10 homens e os dirigentes do sindicato são homens.”^{227li} [Tradução nossa]

A participação das mulheres era maior nas empresas têxteis e nas empresas que não havia quase mulheres esta participação obviamente não existia. Talvez por este fato Edmundo tenha negado a participação, porém através das fontes e testemunhos o papel das mulheres foi fundamental nas empresas em que era maioria. Os estudos sobre a atuação das mulheres no governo Allende são escassos e sua realização seria fundamental para ampliar o conhecimento sobre o processo.

A participação dos trabalhadores na área privada era difusa. A CUT convocou constantemente estes trabalhadores a fazerem parte dos comitês de vigilância da produção, mas o papel dos trabalhadores deste setor se sobrepôs às orientações da CUT e em diversos casos agiram de forma a exigir o transpasso dessas empresas para a APS. A CUT defendia a participação dos trabalhadores no sentido de romper com a estrutura

²²⁵ Depoimento de Emperatriz Sagredo para o documentário: “Nosotros como gobierno: testimonios obreros de la Unidad Popular.”

²²⁶ Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

²²⁷ Entrevista Edmundo Jiles para Franck Gaudichaud. GAUDICHAUD, op. cit., p.262.

capitalista das indústrias, porém isso só valia para as empresas da APS, no seu entendimento. Dessa forma, os trabalhadores do setor privado em muitos casos se sentiam excluídos do programa e mesmo não sendo contrários ao governo tornaram-se protagonistas à medida que decidiram lutar pelas reivindicações políticas e econômicas pressionando o governo. Assim, se apropriaram do discurso revolucionário e tornaram-se sujeitos no processo de transformação social a partir das experiências adquiridas na luta cotidiana.

No Chile a tradição sindical foi caracterizada pela vinculação entre a CUT e os partidos políticos. A organização sindical deveria manter a unidade operária e conciliar as diversas tendências existentes no seu interior que era composta por socialistas, comunistas, radicais, democratas-cristão, entre outros. No ano de 1962 houve a implementação do sufrágio universal dos trabalhadores para a eleição dos dirigentes. Com a eleição de Allende e a chegada ao poder de um governo popular a CUT assumiu um novo papel. As organizações sindicais deveriam apoiar o governo que representava as ânsias dos setores populares. No entanto, esse apoio era constituído também de questionamentos sobre qual o novo papel que os sindicatos e a CUT deveriam assumir, se deveriam integrar as estruturas do governo, entre outros. Outra dificuldade enfrentada pela CUT era de como seria a participação dos trabalhadores na APS.

Durante o paro de outubro esta estrutura não foi o suficiente, pois não respondia à dinâmica territorial para enfrentar a greve patronal. O paro de outubro deveria ocasionar a paralisação da produção, a entrega de matérias-primas e o abastecimento, como forma de parar o país, mas os trabalhadores buscaram se organizar para enfrentar o *blackout* (termo usado para as ações de boicote e tentativa de desestabilização) a partir das suas áreas produtivas, organizadas territorialmente.

A organização da CUT por setor de produção dificultou o enfrentamento ao paro e impedia a organização de tomar contato com os problemas específicos dos trabalhadores, ou seja, a falta de uma concepção de poder territorial contribui para fragilizar o papel da CUT com relação às políticas de enfrentamento ao paro. No cenário de acirramento de luta de classes, os trabalhadores atuaram no sentido de defender seus postos de trabalho e o governo da UP, sentindo-se parte do processo histórico que resultou num deslocamento da política institucional a um cenário onde a luta de classes se tornou mais concreta. As ocupações de fábricas foram uma das formas encontradas de fortalecer a luta dos trabalhadores. Quando começaram a surgir os cordones, novos organismos das bases operárias, a CUT começou a perder sua

hegemonia, apesar disso a Central continuou sendo órgão de representação máxima dos trabalhadores, com predominância dos partidos tradicionais da esquerda, PS e PC. Nas empresas nacionalizadas estes partidos também eram majoritários. A presença do MIR através da FTR era significativa nas pequenas e médias indústrias e em alguns sindicatos de carvão e empresas têxteis, mas tal presença não alterou as relações de força no movimento sindical no nível nacional representada respectivamente por PC, PS e DC.²²⁸ A estrutura hierarquizada baseada no acordo CUT-governo impediu uma organização a partir da base trabalhadora e privilegiava a relação de forças existentes. A organização dos cordões, segundo o critério territorial seria uma alternativa à organização dos sindicatos que era por rama produtiva o que impedia a integração das demandas do conjunto dos trabalhadores.

A maioria dos entrevistados criticaram o processo de burocratização da CUT e a estrutura excessivamente partidarizada, mas nos cordões pudemos perceber a forte presença dos militantes de partidos nas instâncias diretivas de forma similar à Central. A historiadora Elisa Borges também observou tal prática e acrescentou:

“[...] a essência da CUT e dos Cordones eram distintas, já que a primeira era uma entidade classista que primava pela reivindicação em torno das questões trabalhistas e organizava-se por rama produtiva, enquanto o Cordón era um organismo de coordenação política conjuntural de uma determinada região industrial que primava pela organização territorial. Os Cordones atuavam e discutiam questões relativas à atuação política imediata, ao processo de estatização e de ocupação de indústrias, à organização de armazéns populares, excluindo da sua pauta política, assuntos diretamente ligados à produção ou às melhorias nas condições de trabalho dos operários.”²²⁹
[Tradução nossa]

Com relação às diferenças apontadas pela historiadora entre os cordões e a CUT estou de acordo, com exceção da parte final quando ela sugere que assuntos ligados à produção e condições de trabalho não faziam parte da pauta política dos operários dos cordões. Os cordões eram organismos novos com estruturas de funcionamento e organização distintas da CUT. Neles havia inúmeros debates sobre a produção, por exemplo, a questão da falta de matérias-primas (devido ao boicote dos empresários) e para manter o processo produtivo, era frequentemente discutida como relatou a maioria dos entrevistados e como constam principalmente nos jornais do

²²⁸ TRONCOSO, op. cit., p. 217.

²²⁹ BORGES, op. cit., p. 131.

período. E as questões relacionadas às melhorias das condições trabalho também eram discutidas, como por exemplo, a construção de refeitórios nas fábricas e creches para os filhos das trabalhadoras.

Dentre os problemas mais identificados pelos entrevistados esta a hierarquização das estruturas das fábricas que dificultava o andamento do processo produtivo e muitas vezes, contribuía para deixar nas mãos dos administradores decisões que na visão dos trabalhadores deveriam ser tomadas por eles. As estruturas deveriam ter uma disposição que permitisse uma participação mais ampla nas decisões políticas que em muitas vezes dependia da correlação das forças políticas, dos sindicatos e partidos. Por outro lado nas empresas que sofreram intervenção e nas estatizadas os trabalhadores não estavam divididos por seções de trabalho o que contribuiu para uma maior integração e compartilhamento sobre as etapas do processo produtivo. Segundo os pesquisadores da CIDU houve uma democratização das estruturas das empresas através dos comitês de produção que contribuíram para o aumento das expectativas e envolvimento dos trabalhadores.²³⁰

Havia ainda uma discussão sobre a representatividade nos cordões: se os partidos deveriam participar das direções dos cordões ou se já estavam representados pelos sindicalistas. A posição dos partidos que integravam a UP e o MIR sobre tal questão representava a correlação de forças do período: aqueles que tinham maior inserção no movimento sindical defendiam que os sindicalistas representavam a base dos sindicatos. Dessa forma, o PS e o PC teriam a maioria das direções nos cordões. Por outro lado o MIR que não tinham muita inserção nos sindicatos reivindicava que a direção dos cordões deveria ser eleita pelos seus trabalhadores, integrando assim os trabalhadores que não estavam sindicalizados.

Contudo, tal polêmica representava principalmente as divergências entre as próprias organizações político-partidárias que integravam a UP, para além das discussões sobre a representação tais debates era fruto das diferentes concepções de esquerda que existiam no processo chileno do período, como afirmou o comunista que foi dirigente sindical da empresa Sumar, Miguel Pizarro:

“Creio que o tema dos cordões é complexo, você vai encontrar pessoas que os defendem e os que criticam, tudo depende do lugar que

²³⁰ CHEETHAM, Rosemond; RODRIGUEZ, Alfredo; ROJAS E., Gaston; ROJAS E., Jaime. Comandos urbanos: alternativa de poder socialista. Documento de Trabajo n. 65. Santiago: CIDU/PI/DT, mar. 1973, p. 2

ocupou cada um no processo da Unidade Popular. São visões controvertidas [...] tem gente que tem uma visão muito guevarista do processo e dos cordões e outros como eu que estavam mais próximos da visão similar do que era o problema da UP. Um tema muito complexo, tinha a Guerra Fria, a Revolução Cubana, todos estes elementos estavam no Chile. Uma das visões que tenho mais forte foi as brigas que tive com o pessoal do MIR. Os cordões industriais, refletiram, de alguma forma, essa batalha ideológica.”²³¹ [Tradução nossa]

Além disso, havia interventores nomeados pelo governo que não tinham nenhuma relação com os trabalhadores e com a fábrica. Não conheciam o funcionamento do processo produtivo e das suas necessidades o que dificultava o andamento nas melhorias e decisões. Quando isso acontecia, na maioria das fábricas, por iniciativa dos trabalhadores, exigia-se a substituição do interventor. Os interventores eram designados pelo Estado e tinham principalmente o papel de verificar se a empresa estava funcionando de acordo com sua plena capacidade produtiva. Os trabalhadores denunciavam as ações de boicote dos empresários e o governo designava um interventor para verificar a situação da empresa. A designação dos interventores muitas vezes era questionada pelos trabalhadores e os motivos eram diversos, entre eles: o pouco conhecimento sobre a dinâmica de funcionamento das fábricas, o forte controle sobre os trabalhadores, a falta de participação na gestão das empresas e de diálogo com o conjunto dos trabalhadores. Tal tema foi produto de discussão entre os trabalhadores reunidos em assembleia da empresa Vinex que tinha sido ocupada fazia um mês e pertencia ao cordão Vicuña Mackenna.²³² Os trabalhadores nomearam um interventor provisório porque o gerente dava pouca participação aos trabalhadores na gestão da fábrica e, segundo eles, manipulava fundos fiscais da empresa. De acordo com a matéria os trabalhadores pediam apoio do governo para resolver tal situação, cujo comando geral do cordão com apoio da sua base, solicitou a ratificação do acordo da assembleia de trabalhadores da empresa Vinex S.A. Segundo a matéria a solidariedade dos trabalhadores das outras fábricas era fundamental para a defesa da radicalização do processo revolucionário, “apoando o governo popular e contra a burocratização e a corrupção administrativa.”²³³

Hernan Ortega ressaltou que a sugestão para que ele fosse o interventor partiu dos trabalhadores e não foi uma imposição do governo: “Eles, os trabalhadores, pediram

²³¹ Entrevista realizada com Miguel Pizarro em 02 de outubro de 2013.

²³² *Tarea Urgente*, n.8, Santiago, 13 de julho de 1973, p.3.

²³³ *Tarea Urgente*, n.8, Santiago, 13 de julho de 1973, p.4.

meu nome porque eu era presidente do cordão Cerrillos e o governo nomeou outra pessoa, mas os trabalhadores pediram que fosse eu e o governo aceitou.”²³⁴liii

Embora estes problemas tenham sido citados pelos trabalhadores, a maior parte deles ressaltou que a dinâmica marcada pela efervescência política, como as inúmeras mobilizações políticas empreendidas nos cordões e até os problemas que surgiam no contexto, contribuíram fundamentalmente para uma maior aproximação dos trabalhadores com a política. Acrescentaram ainda que a forma de organização segundo o critério territorial foi uma das principais características dos cordões e contribuiu para uma maior integração das demandas dos trabalhadores, diferentemente da CUT, cuja estrutura dos sindicatos de base era por setor produtivo. A organização dos cordões por regiões foi fundamental, principalmente para articular as mobilizações, ocupações e greves, pois nelas participavam os trabalhadores de distintos setores produtivos, fortalecendo assim as lutas do conjunto dos trabalhadores e não apenas de um determinado setor produtivo.

Além disso, nos cordões havia muito da tradição sindical chilena, como a forte presença dos partidos políticos tradicionais da esquerda chilena. Porém a forma de organização e dinâmica era distinta dos sindicatos, os cordões foram germens do poder popular, no sentido de busca por um controle operário da produção e participação dos trabalhadores nas decisões políticas através, por exemplo, das ocupações de fábricas. Nos cordões prevaleceu a relação dialética de apoio e crítica ao governo. Tal dinâmica possibilitou uma maior participação dos trabalhadores no processo em relação à busca por autonomia e independência de classe. Os cordões representaram uma nova forma de organização de base, cujos comitês de produção democratizaram as estruturas de funcionamento das fábricas à medida que possibilitavam uma maior troca de informações entre os trabalhadores dos diversos setores produtivos.

²³⁴ Entrevista realizada com Hernan Ortega em 25 de Setembro de 2013.

3.2 - Tomé: as experiências dos trabalhadores nas indústrias nacionalizadas durante o governo de Allende

Nesta parte do trabalho trato das experiências dos trabalhadores das indústrias têxteis *FIAP*, *Bellavista* e *Paños Oveja* localizadas na cidade de Tomé durante o governo da UP. Inicio com um panorama histórico do desenvolvimento destas indústrias ao longo do século XX, em seguida abordo o período da intervenção e nacionalização das empresas no governo Allende e a participação dos trabalhadores na gestão das fábricas.

Inclui tais experiências nesta dissertação por se tratar de uma região que não estava no epicentro da efervescência política do período, mas que teve um papel importante no processo de construção do socialismo no Chile. As empresas não faziam parte de um cordão industrial, mas através dos depoimentos colhidos pudemos perceber que mesmo de longe houve um intercambio dos trabalhadores de Tomé com alguns trabalhadores dos cordões de Santiago, principalmente no que se refere à solidariedade durante as greves, por exemplo, e atividades de integração realizadas na indústria Sumar do cordão San Joaquin nas quais famílias de trabalhadores *tomecinos* participaram.

A empresa Bellavista foi a primeira indústria a ser nacionalizada no governo de Allende. A fábrica FIAP (Fábrica Italo Americana de Paños) também foi nacionalizada e Paños Oveja sofreu intervenção. No curso da campanha eleitoral em 1969, Allende foi até o município localizado a noroeste da cidade de Concepción durante uma greve que acontecia nas empresas para saber da situação dos trabalhadores e nesta ocasião se comprometeu a nacionalizar a empresa caso fosse eleito, promessa que se cumpriu logo após sua posse no final de 1970.

Tomé teve um importante desenvolvimento econômico que se iniciou nos anos 1850 devido ao porto e de onde eram exportados os principais produtos que saíam do país, sendo seus principais destinos a Califórnia e, posteriormente, a Austrália. O principal produto exportado era o trigo e na cidade se desenvolveu inúmeros moinhos, cujo produto era destinado aos exploradores de ouro no contexto da febre do ouro ocorrida na Califórnia em 1948.²³⁵ Juntamente com Valparaíso, Santiago e o norte do

²³⁵ SOTO, César Reyes; PARDO, Víctor Saavedra. “Poder Popular en la Vía Chilena al Socialismo: Aproximaciones Teóricas y Prácticas. Dos Experiencias Locales, Constitución y Tomé (1970-1973)”. Tesis para optar al grado de Profesor de Estado de Historia y Geografía. Universidad de Concepción,

país Tomé foram os principais locais de constituição da classe operária e de uma forte elite local dona da maior parte das indústrias. Posteriormente, no início do século XX Talcahuano ocuparia o lugar de Tome se tornando um dos principais portos do país. Tomé começou um novo ciclo industrial com foco no setor manufatureiro a partir de 1865 com a transformação do Moinho Bellavista, fábrica de trigo, em Paños Bellavista. A empresa foi construída por um empresário de origem norteamericana, que já investia em minérios e trigo, mas com o período de decadência deste último optou por investir um valor considerável no novo setor produtivo que era o têxtil. Bellavista teve inúmeros donos e durante a Guerra do Pacífico se tornou a principal empresa a fornecer uniformes para as forças armadas chilenas.²³⁶

Durante a I Guerra a produção decaiu e o dono buscou investir em melhores equipamentos para atender as necessidades nacionais e estrangeiras. No início dos anos 1920 a produção da indústria nacional cresceu 53% e a fábrica tornou-se uma sociedade anônima denominada *Sociedad de Fabrica Nacional de Paños Bellavista*, sendo o alemão Werner seu principal acionista. Neste período tinha aproximadamente 400 trabalhadores; em 1934 esse número passou para 700 entre homens e mulheres. O período de Werner foi marcado pelo investimento em infraestrutura da empresa e pelos recursos destinados à moradia e assistência social aos trabalhadores. As moradias construídas para as famílias dos trabalhadores, ao mesmo tempo, que propiciaram certa estabilidade, vinculou fortemente o trabalhador à empresa, pois caso perdesse o emprego perderia a casa também. Tais medidas de assistência social (assistência médica, construção de clubes esportivos para os trabalhadores e escolas noturnas) foram marcadas, conforme observaram César Soto e Víctor Pardo, pela implementação do “Estado Empresario e Protetor” decorrente da crise de 1929.²³⁷

O Chile neste período assim como os demais países da América Latina passou de um modelo exportador de matérias-primas para um modelo de substituição das importações, do qual buscou o desenvolvimento das indústrias nacionais e privadas. Neste contexto, a última empresa do ramo têxtil surgiu em 1927 e veio posteriormente a ser denominada FIAP.

Os trabalhadores das empresas têxteis se sentiam parte de um grupo privilegiado em relação aos demais trabalhadores dado as medidas assistenciais e condições salariais

Concepción, 2011, p.233.

²³⁶ Ibid., p.35.

²³⁷ Ibid., p.244.

que tinham nas empresas. O trabalhador Armando Coloma nos contou em entrevista que os trabalhadores têxteis eram os mais bem vestidos e muitos deles tinham o sentimento de “pertencer a uma classe privilegiada, coisa que não era verdade, muitos não eram politizados e tinham essa ilusão”.^{238liv} Os autores César Soto e Victor Pardo escreveram sobre o tema:

“As indústrias têxteis de Tomé não limitou seu desenvolvimento apenas à criação de empregos diretos, a isso devemos acrescentar que por todas as partes se multiplicaram as costureiras e os alfaiates, cujo ofício era de fundamental importância para a confecção das elegantes roupas utilizadas pelos trabalhadores têxteis [...] O trabalho na indústria têxtil era muito bem visto e de fato alguns trabalhadores levantaram a questão sobre se sentirem parte de um grupo privilegiado dentro da classe trabalhadora.”^{239lv} [Tradução nossa]

Nos anos 1940 a empresa Bellavista sofreu um processo de modernização e implementação do modelo de substituição das importações. A empresa que passou por inúmeras direções desde final do século XIX até ser nacionalizada em 1970 no governo de Allende foi uma das principais indústrias têxteis chilena. A principal atividade econômica da cidade no período de governo da UP era a têxtil, porém outros produtos eram produzidos em menor escala como os cereais, o vinho, o carvão, etc. A pesca artesanal também foi uma atividade importante para os moradores da região.²⁴⁰ Tomé se tornou um importante centro urbano, cuja economia era caracterizada pela indústria têxtil que abastecia todo o país. No contexto da UP a força de trabalho era composta por operários urbanos e trabalhadores rurais.

Para melhor compreender o tema é fundamental fazer um panorama geral das condições dos trabalhadores de Tome. As primeiras organizações trabalhistas que surgiram na cidade eram as *mutuales*, ou seja, aquelas baseadas no mutualismo que sugeria “a superação das condições de pobreza da sociedade mediante o apoio mútuo”.^{241lvi} As *mutuales*, segundo Soto e Pardo, eram diferentes das *mancomunales* “que nascem como uma ferramenta para a organização solidária e o enfrentamento classista contra os capitalistas.”^{242lvii} As iniciativas eram feitas principalmente por artesãos. César Soto e Victor Pardo abordaram quais eram as bases teóricas que serviram como referências às *mutuales*, *mancomunales* e as sociedades de *resistencia*:

²³⁸ Entrevista realizada com Armando Coloma em 15 de setembro de 2013.

²³⁹ SOTO; PARDO, op. cit., p.245.

²⁴⁰ Ibid., p. 236.

²⁴¹ Ibid., p. 247.

²⁴² Ibid., p. 247.

“As mutuales são filhas do liberalismo ou do socialismo utópico enquanto que as mancomunales são criadas com base nas ideias do socialismo científico, mais concretamente as idéias marxistas e constituem, junto às sociedades de residência de orientação anarquista, os antecedentes diretos do sindicalismo.”^{243lviii} [Tradução nossa]

Os centros de medidas assistenciais aos trabalhadores foram criados pelos empresários e tinham como finalidade, segundo César Soto e Víctor Pardo, “reforçar a moral dos trabalhadores, o apego do trabalhador ao seu local de trabalho e sua identificação com o patrão, sobretudo na hora de defender o clube esportivo em encontros com os adversários.”^{244lix} O primeiro sindicato da cidade de Tomé foi criado em 1931 logo após a promulgação do Código del Trabajo e era constituído por operários marítimos, barqueiros, jornaleiros, entre outros. Os trabalhadores das empresas têxteis historicamente não tiveram um papel fortemente combativo, como por exemplo, os trabalhadores do porto e estivadores, isto provavelmente porque tinham mais influências dos patrões, tanto que o sindicato da empresa Bellavista, a mais antiga da cidade, foi o último a ser criado e o sindicato da FIAP surgiu em abril de 1937. O Sindicato da Sociedad Nacional Paños de Tomé, posteriormente Bellavista Tomé, formou-se em março de 1939 conforme relato de um trabalhador:

“Em 1939 fomos reclamar ao chefe da praça, um tenente da Marinha, muito cavalheiro, que as senhoras não tinham leite, porque as mulheres tinham que madrugar e trabalhavam desde as seis da manhã até a tarde e o leite secava e tinham que dar às crianças leite de vaca para que seus filhos não morressem. Quando teve o terremoto a fábrica paralisou e o chefe disse: “Se não tem trabalho não tem salário e leite, não tem nenhum benefício assim que a culpa não é minha” Estávamos debaixo da sua tenda quando o tenente disse: “neste lugar, com toda essa gente da Fábrica Nacional vamos formar um sindicato e vamos eleger a diretiva agora, sob a minha responsabilidade e vamos ver quem manda aqui, o império alemão, os gringos ou nós os chilenos [...] O apoio oficial (que veio do governo Aguirre Cerda, cujo Ministro da Saúde era Allende) estimulou e facilitou a fundação do sindicato, mas a fundação e o apoio ocorreram graças aos esforços dos trabalhadores e seus líderes muitos dos quais foram reprimidos de diversas formas. As autoridades nos perseguiram pela formação do sindicato a mando do dono da fábrica.”^{245lx} [Tradução nossa]

Os autores apontaram ainda que os patrões não queriam a formação dos

²⁴³ Ibid., p. 247.

²⁴⁴ Ibid., p. 247.

²⁴⁵ SOTO; PARDO, op. cit., p. 248.

sindicatos, mas que os trabalhadores por outro lado não entendiam ainda a necessidade de se organizarem:

“A dificuldade para a conformação destas organizações de classe na época era uma constante, os empresarios temiam a organização dos trabalhadores e o descobrimento de seu potencial como tal. Além disso, algumas vezes os mesmo trabalhadores não tinham a consciência da necessidade de se organizar e a conciencia de classe não era algo muito desenvolvido.”²⁴⁶ [Tradução nossa]

A criação do sindicato, sem dúvida, contribuiu para uma maior organização e luta dos trabalhadores por melhores condições de vida. Após a criação do sindicato, César e Vitor afirmam que as ações dos trabalhadores tinham foco na solidariedade e na melhora das condições de vida, cuja trajetória contribuiu para um maior desenvolvimento da consciência de classe:

“Uma vez formado o sindicato dos operarios da Bellavista, entre suas principais ações podemos destacar a promoção da solidariedade de classe, tanto entre os trabalhadores da indústria como com os trabalhadores de outras empresas. Para isso realizaram diversas coletas para ajudar pessoas que estavam doentes ou trabalhadores que estavam em greve. Dessa forma, amplia-se a consciência de classe no interior das empresas, a solidariedade se transforma em uma constante e os trabalhadores estavam cada vez mais conscientes da sua capacidade, que tem como base necessária a união [...] O sindicato criou uma biblioteca para a educação dos sócios e suas famílias. Entre as reivindicações estava a obtenção de um salario minimo a nivel nacional, para isso fizeram inumeras reuniões com outras empresas da area textil. As mobilizações dos trabalhadores das indústrias texteis marcaram uma busca constante de melhora das condições de vida, sem sair dos marcos legais o que não significou imobilidade, pelo contrario, através de toda sua história os sindicatos continuaram suas reivindicações solidarizando-se com o restante da classe trabalhadora.”²⁴⁷ [Tradução nossa]

As mulheres tinham papel muito significativo nas indústrias dos setores texteis e formavam, em muitos casos, a maioria da força de trabalho. Em 1869, como afirma o historiador chileno Sérgio Gres Toso, as mulheres já eram majoritárias na empresa Bellavista, formando aproximadamente 80% da força de trabalho. Um dos motivos apontados, pelo historiador, das mulheres serem maioria neste tipo de indústria é dado à sua habilidade com o trabalho manual e o baixo custo da mão de obra.²⁴⁸

²⁴⁶ Ibid., p. 250.

²⁴⁷ Ibid., p. 251.

²⁴⁸ TOSO, Sérgio Grez. *De la #egeneración del pueblo'a la huelga general. Génesis y evolución del movimiento popular (1810-1890)*. Santiago: Ril Editores, 2007, p. 147.

A partir da década de 1950 a indústria textil do Chile começou a decair devido à falta de investimento na infraestrutura das empresas, a baixa produtividade e a saturação do mercado nacional. O caráter monopólico das indústrias têxteis contribuiu fortemente para a decisão de Allende em nacionalizar algumas das principais do país, entre elas: Sumar, Yarur, Bellavista, entre outras. Em 1968, apenas cinco empresas da indústria textil controlavam 41% dos ativos. No final de 1972, Allende havia nacionalizado um total de 19 empresas da área textil por considera-las monopólios.²⁴⁹

A fábrica Bellavista, como acima mencionado foi a primeira a ser nacionalizada em 2 de dezembro de 1970, a textil FIAP foi nacionalizada no mês de março de 1971 e Oveja Tomé em maio do mesmo ano. Nas três empresas trabalhavam aproximadamente 5000 mil trabalhadores, 1500 na FIAP, 1600 na Oveja e 1900 na Bellavista como afirmou o dirigente sindical Armando Coloma.²⁵⁰

Na ocasião da visita de Allende aos trabalhadores em greve da empresa Bellavista no ano de 1969, o candidato a presidente foi questionado por um dos trabalhadores sobre a possibilidade das empresas serem nacionalizadas durante o seu governo. A resposta foi a promessa de que a empresa seria a primeira a ser estatizada caso ele fosse eleito. E foi o que aconteceu ao assumir a presidência do país Allende transferiu estas empresas para a área de propriedade social. A greve de 1969 tinha um caráter reivindicativo e de denuncia às promessas não cumpridas pelos patrões. A greve durou 132 dias e participaram da greve os sindicatos das três empresas. O principal acionista da empresa Bellavista era Teofilo Yarur da poderosa família Yarur, era dona também da FIAP e da fabrica textil Yarur em Santiago que também foi nacionalizada. A empresa Yarur na capital fazia parte do cordón Vicuña Mackenna. Dessa forma, as três indústrias têxteis de Tomé formavam parte de um oligopólio têxtil. Raul Silva, trabalhador e dirigente sindical da empresa FIAP falou em entrevista sobre o dono da empresa, a relação com os trabalhadores e as causas da greve de 1969:

“Bellavista foi a primeira fábrica a ser nacionalizada no ano de 1970. Teofilo Yarur tinha uma fábrica no Uruguai e era um empresario muito despota, ele tinha um guarda costas e não chegava sozinho na fábrica, tinha medo dos trabalhadores e as pessoas tinham medo dele, não podíamos falar com ele. Então o sindicato industrial viu que o triunfo de Yarur estava chegando - era dono de uma importante indústria textil em Santiago também - porque começou a levar os materiais da fábrica

²⁴⁹ MONTORY, Armando; SAN MARTIN, Rodrigo Luppi; TOLEDO, Luis Lopes. *Bellavista Oveja Tomé: uma fábrica en el tiempo*. Concepcion: Ediciones Universidad San Sebastian, 2012, p.37.

²⁵⁰ Entrevista realizada com Armando Colomo em 15 de setembro de 2013.

e tirar o capital, por isso, as pessoas se armaram e paralisaram o trabalho, praticamente em 1970 a fábrica Bellavista não tinha nada.”²⁵¹_{lxi} [Tradução nossa]

Raul Silva abordou na entrevista o compromisso de Allende em relação à nacionalização:

“Quando estávamos em greve e Allende na sua campanha presidencial, ele se reuniu com os dirigentes sindicais e firmou o compromisso de que se fosse eleito a empresa seria a primeira a ser nacionalizada e cumpriu. Uma vez eleito a primeira indústria estatizada foi Bellavista e começou a chegar os materiais. Ele assume em quatro de novembro e no dia um de dezembro decretou a nacionalização. Isso foi resquício de uma lei, não conhecíamos a estatização e expropriação, havia uma lei de fomento e construção do Ministerio da Economia que versava sobre a ruína e catástrofe por responsabilidade dos empresários e a aplicaram.”²⁵²_{lxii} [Tradução nossa]

Durante o governo da UP a cidade de Tome foi um importante centro de mobilização política. A participação dos partidos tradicionais da esquerda e da DC era inegável no interior das fábricas. Tomé foi a primeira cidade onde surgiu a *Frente de los Trabajadores Revolucionarios*, um braço operário do MIR, cujo dirigente Alejandro Alarcon da Bellavista foi o único representante a concorrer as eleições da CUT em 1972.²⁵³

Alguns fatos contribuíram para a expropriação da empresa Bellavista. Desde 1967 havia conflitos trabalhistas relacionados principalmente a uma reestruturação da fábrica e implementada pelos empregadores que visou à racionalização do trabalho, cuja proposta incluiu a redução da força de trabalho. Neste contexto se produziu uma greve de 30 dias que culminou na ocupação da fábrica pelos trabalhadores. A crise instaurada na fábrica era produto da má gestão dos donos e dos conflitos ocorridos entre os trabalhadores e os patrões principalmente pela falta de pagamento dos salários.²⁵⁴ No início de 1970 ocorreu uma greve dos trabalhadores e em setembro do mesmo ano as atividades da fábrica estavam praticamente paralisadas. Esta situação junto à pressão dos trabalhadores para a estatização da fábrica e a postura de combate da UP aos monopólios contribuíram decisivamente para a nacionalização da empresa. O caráter monopolístico destas indústrias têxteis juntamente com os conflitos entre os trabalhadores

²⁵¹ Entrevista realizada com Raul Silva em 29 de Setembro de 2013.

²⁵² Ibid.

²⁵³ SOTO; PARDO, op. cit., p. 255.

²⁵⁴ Ibid., p. 258.

e dono, as dívidas das fábricas e as péssimas condições de trabalho foram determinantes na decisão de Allende em estatizar ou intervir em parte delas. Como foram os casos das têxteis da cidade de Tomé e as localizadas em Santiago, como Sumar e Yarur.

A Bellavista empresa conseguiu um empréstimo do Banco do Estado, mas não pagou os salários dos trabalhadores que foram surpreendidos ainda com a fuga de Yarur para Argentina.²⁵⁵ Neste contexto as demais empresas têxteis fizeram doações aos trabalhadores da Bellavista em solidariedade à situação destes trabalhadores e de suas famílias.²⁵⁶ Frente a tal situação a empresa é expropriada em dezembro de 1970. O Estado ficou com os bens materiais como edifícios, equipamentos, etc, mas não herdou as dívidas que seriam descontadas da indenização aos donos pela expropriação.²⁵⁷ No dia 2 de dezembro o jornal do PC, *El Siglo*, publicou uma matéria na qual informava a expropriação devido a fuga do dono Yarur, salientando que a indústria estava em falência e recesso e seu dono tinha fugido do país com o dinheiro. Na mesma matéria há um pronunciamento de Allende na qual justificava a expropriação e condenava os abusos praticados pelos donos: “[...] os donos dessa empresa não cumpriram com suas obrigações chegando ao extremo de paralisar primeiro parcialmente e depois totalmente a indústria.”²⁵⁸^{lxiii} No informe Allende alertou que houve um acordo do qual participaram trabalhadores e representantes do governo com o dono da empresa Yarur, destacando que não foi cumprido pelo dono da empresa, mas não manifestou os termos deste acordo. E, completou:

“E se eu disse que foi o primeiro decreto, aqui mais que um ato simbólico é um ato exemplificador, é porque quero advertir de forma muito serena, mas muito firme aos empresarios que exploram os trabalhadores, que não cumprem as leis tributarias, que utilizam o crédito público a seu interesse particular, que seus dias, desde o ponto de vista do abuso, estão contados.”²⁵⁹ [Tradução nossa]

A chegada de Allende ao poder produziu uma série de expectativas nos trabalhadores que viam no governo uma possibilidade real de melhoria das suas condições de vida. A expropriação da Bellavista abriu precedente para a luta de trabalhadores de outras fábricas atuarem no sentido de pressionar o governo a

²⁵⁵ Ibid., p. 258.

²⁵⁶ Ibid., p. 258.

²⁵⁷ Ibid., p. 260.

²⁵⁸ *El Siglo*, 2 de dezembro de 1970.

²⁵⁹ Ibid.

nacionalizar mais fábricas. A expropriação da fábrica repercutiu em todo o país e serviu de exemplo direto aos trabalhadores da empresa têxtil Yarur estatizada por pressão dos trabalhadores em abril de 1971. O contexto de aguda mobilização social contribuiu fortemente para que os trabalhadores se transformassem em protagonistas do processo, buscando desenvolver o poder popular, não no sentido de criar uma dualidade de poderes, mas em apoio ao governo.

A indústria FIAP foi nacionalizada em março de 1971 e estava em recesso desde janeiro do mesmo ano. Em maio de 1971 a fábrica Paños Oveja sofreu intervenção do Estado junto com a têxtil Caupolicán através da pressão de seus trabalhadores. Armando Coloma fez um relato sobre as diferenças entre as empresas nacionalizadas e as que sofreram intervenção, acrescentando que a FIAP foi nacionalizada por pressão dos trabalhadores:

“No caso da estatização o interventor substituiu o antigo gerente, nós tínhamos amplas atribuições econômicas por outro lado nas empresas que sofreram intervenção não se podia fazer isso, o companheiro interventor tinha que consultar também o dono, não tinha essa liberdade. Quando o governo expropriou as fábricas de Tome, elas estavam quebradas, o dono Yarur tinha ido embora do Chile, estavam sem produzir e Bellavista estava ocupada pelos trabalhadores. Logo depois ocorreu a intervenção na fábrica similar de FIAP, a Oveja, devido a um lockout patronal e a pressão dos trabalhadores obrigaram o governo a intervir, mas ela não foi estatizada.”^{260lxiv} [Tradução nossa]

A nacionalização e intervenção destas indústrias era parte de um projeto do governo da UP de desenvolver o mercado nacional e combater a dependência econômica estrangeira. Com isso alguns convênios foram realizados durante o governo, um deles foi o convênio entre a fábrica FIAP e o Sindicato Comunal de Trabajadores Agrícolas da região que forneceu créditos à organização de camponeses para a aquisição dos tecidos.²⁶¹

Na cidade de Tomé não havia cordones industriales, como relatou um militante da FTR e trabalhador da empresa Bellavista, ressaltando que embora não existisse um cordão, na prática havia uma ação coordenada dos trabalhadores e das lideranças sindicais em diversos momentos:

“Eu não me lembro de falarmos de cordões industriais, mas lembro que havia uma forte unidade entre as três empresas FIAP, OVEJA e

²⁶⁰ Entrevista realizada com Armando Colomo em 15 de setembro de 2013.

²⁶¹ SOTO; PARDO, op. cit., p. 264.

Bellavista, onde tínhamos que ir estávamos todos, fomos nas mobilizações de Chiguayante, nas passeatas, havia uma unidade coordenada pelos dirigentes sindicais, mas eu nunca vi uma declaração de um cordão industrial de Tomé.^{262lxv} [Tradução nossa]

Em relação à participação dos trabalhadores têxteis de Tomé nas empresas, e de acordo com seus depoimentos, pode-se ressaltar que ela se deu de forma próxima ao que descrevia o documento básico das normas de participação dos trabalhadores proposta pelo governo e discutida no capítulo dois desta dissertação. A estrutura das empresas, como relatou, Raul Silva contava com comitês de produção, conselhos administrativos e comitês coordenadores:

“Havia conselhos eleitos pelos trabalhadores. Eles eram compostos por cinco representantes dos trabalhadores e cinco representantes do governo. Dentro das empresas havia o papel dos sindicatos que era fundamental e não queríamos ter problemas com eles. Havia comitês de produção em cada seção, formou-se também comitês paritarios de prevenção, havia companheiros que vinham dar cursos para os trabalhadores. Os comitês de produção se reuniam e davam informes aos conselhos. Os comitês paritarios se preocupavam com a saúde, a prevenção e tudo que era relacionado com a integridade do trabalhador. O comitê de produção tinha que cumprir com as metas produtivas. Nós cumprimos as metas e houve um aumento da produção [...] Nas outras duas empresas os administradores se reuniam e viam quais eram as necessidades e planificavam a produção. Para o Conselho de Administração normalmente os partidos nomeavam um representante e faziam propaganda do seu candidato, as cinco primeiras maiorias eram eleitas, principalmente, do PS e PC, mas também da DC, independentes e militantes do MIR-FTR, mas estes últimos eram poucos. Os conselhos participavam dos comitês paritarios. A Bellavista teve um conselho de administração e foi de apoio ao processo, tínhamos uma boa relação e o PS era majoritario aqui.^{263lxvi} [Tradução nossa]

Raul Silva era militante socialista, dirigente sindical e foi designado como interventor da empresa Bellavista como relatou em entrevista: “[...] Então me chamaram desde Santiago, mais precisamente do Ministerio da Economia, dizendo que eu seria o responsável pela administração da empresa.”^{264lxvii} O interventor era designado pelo Estado, mas poderia haver rejeição por parte dos trabalhadores por algum motivo, o que não foi o caso de Raul Silva, provavelmente porque era socialista e dirigente sindical há anos e tinha o respeito dos trabalhadores da indústria. O que reforça a hipótese de

²⁶² Entrevista realizada por César Soto e Victor Pardo. SOTO; PARDO, op. cit., p. 273.

²⁶³ Entrevista realizada com Raul Silva em 29 de Setembro de 2013.

²⁶⁴ Ibid.

que nas fábricas estatizadas prevaleciam socialistas e comunistas e a forte tradição sindical. Raul Silva ressaltou que para ele foi um desafio trabalhar na administração da empresa e contou como era a dinâmica de formação da equipe técnica e que sua tarefa era, principalmente, de caráter político:

“Como eu fazia o trabalho administrativo tive que contar com uma equipe porque não tinha muita experiência com a administração, foi um desafio, somente tinha noções através dos cursos que tinha feito pela CUT e na Universidade de Santiago que me serviram como base. A primeira coisa que fiz foi conversar com um engenheiro comercial que o partido me enviou e ele se tornou o chefe administrativo, outro companheiro ficou responsável pela auditoria contábil e o trabalho de relações públicas, a equipe era formada por nós três. Eu tinha um papel mais político e eles administrativo e nos entendíamos com o comitê de produção, com o conselho administrativo representado pelos trabalhadores e pelo Estado e eu era o moderador. Havia um distanciamento entre os trabalhadores e os técnicos que se sentiam alheios ao processo, depois fizemos uma reunião na qual afirmei que precisávamos estar unidos para o funcionamento da empresa e eles entenderam que tínhamos que ter disciplina e tudo ocorreu bem.”^{265lxviii} [Tradução nossa]

Havia críticas dos trabalhadores com relação a determinados temas, como o envio de alguns interventores que não estavam comprometidos com o projeto da Unidade Popular. Raul Silva abordou o tema e contou que dois interventores foram substituídos devido às críticas dos trabalhadores:

“Conheci as empresas do setor têxtil, inclusive Bellavista, por ser dirigente sindical e técnico têxtil. O primeiro interventor que enviaram, o senhor Masa, foi um erro. Nós o conhecíamos como uma pessoa de direita e quando chegou em Bellavista assumiu a gerência e ela foi estatizada. Durou pouco tempo na gerência e teve um movimento para tirar esse senhor e então Carlos Niemayer foi nomeado como novo interventor, era um jovem socialista que tinha saído recentemente da Universidade de Concepción, mas ele não era muito pontual e os trabalhadores não gostaram disso, principalmente em um período que tínhamos metas a cumprir então o partido socialista tirou ele e me chamaram do Ministério da Economia informando que eu ficaria responsável pela empresa.”^{266lxix} [Tradução nossa]

Os interventores eram enviados pelo governo para contribuir na gestão e fiscalização das fábricas, verificando, por exemplo, o uso da capacidade produtiva das

²⁶⁵ Ibid.

²⁶⁶ Ibid.

fábricas para evitar o desabastecimento e o mercado paralelo. Porém a postura de alguns interventores era questionada pelos trabalhadores, que em determinados momentos exigiram a substituição.

A estrutura de participação era composta pelas instancias propostas pelo governo e os dirigentes eram fundamentalmente do PS e PC. Arsenio Vasquez, trabalhador da empresa FIAP e depois Bellavista afirmou que havia comitês de produção, e que inclusive foi delegado de seção, eleito pelos trabalhadores em assembleia.²⁶⁷ Acrescentou que a maioria dos trabalhadores era ou apoiava a esquerda e que havia uma boa relação entre eles, com exceção dos democratas cristãos que eram: “chamados de “amarillos” e a gente não gostava muito deles por suas posições políticas contrárias ao governo”.²⁶⁸ Outros dois entrevistados, Armando Coloma e Raul Silva afirmaram em entrevista realizada, que as divergências no interior das empresas eram maiores com os militantes da DC do que entre os setores da esquerda.

A fuga de capital e de empresários do Chile durante a UP era fruto das mudanças empreendidas pelo governo. Dentre as mudanças mais profundas, como citou Raul Silva, destacou-se os esforços por parte do governo de acabar com os abusos dos empresários cometidos contra os trabalhadores:

“Tínhamos que fazer uma revolução a vinho tinto e empanadas, como dizia Allende, que fazia referencia a construção de uma revolução com uma forma própria nacional, foi um modelo autentico e próprio, a diferença mais profunda é que a estatização parecia próxima do que fez Cuba, mas no Chile foi feita dentro de um estado de direito, aqui não tiramos nada dos capitalistas que não estavam contra o governo. Nós produzimos panos e entregavamos para as empresas confeccionistas nunca deixamos de vender a eles. Foi uma revolução e os que abandonaram o país foi porque deixaram de tirar proveito dos trabalhadores, nunca investiram capital para o bem estar dos trabalhadores, então esta foi a luta que ocorreu, alguns perceberam e foram embora do país, a luta entre capital e trabalho.”²⁶⁹ [Tradução nossa]

Com relação ao salário Raul afirmou que não havia diferenças grandes e desproporcionais como era no sistema capitalista, mas diferenças significativas em relação ao salario dos interventores e dos trabalhadores e acrescentou que a relação entre socialistas e comunistas nas empresas era de unidade:

²⁶⁷ Entrevista realizada com Arsenio Vasquez em 22 de Setembro de 2013.

²⁶⁸ Ibid.

²⁶⁹ Ibid.

“A diferença salarial era maior entre os gerentes e os demais, mas não era muita diferença, um trabalhador ganhava entre cinco, seis mil escudos e um administrador ou interventor como 40 mil, meu salário era entre oito e dez mil escudos, comprei minha casa quando era operário [...] Sobre os salários havia uma razão do ponto de vista político: havia uma unidade entre os dirigentes socialistas e comunistas, eu era amigo de Armando Coloma, não tínhamos grandes salários, pelo contrário, todas as compras que eu fazia na empresa eram descontadas, lutamos por uma equiparação salarial.”²⁷⁰
[Tradução nossa]

Os trabalhadores e dirigentes entrevistados afirmaram que embora houvesse divergências e discussões sobre determinados aspectos do processo, havia boa uma relação no interior das empresas entre os militantes do PS, PC e MIR. Por outro lado todos expressaram alguma crítica sobre as disputas que havia entre os campos da esquerda. Vale ressaltar que se tratava de empresas nacionalizadas ou que estavam sob intervenção e nestes tipos de fábricas havia uma presença maior de comunistas e socialistas de acordo com a tradição sindical e a composição social da UP. Nos cordões a presença maior era de socialistas e miristas, principalmente os primeiros, os comunistas somente reconheceram os cordões em meados de 1973, salvo algumas exceções que o fizeram em desacordo com suas direções.

Arsenio Vasquez ressaltou em entrevista que a maior dificuldade foi que havia muita gente contrária ao processo e era necessário que os trabalhadores, para enfrentar a oposição, mantivessem um ritmo de trabalho, mas isso não ocorreu, de acordo com sua visão: “Na verdade talvez não coperamos tanto com o processo, muitos acreditavam que eram donos da empresa e nada de trabalhar, privilegiavam a atividade política.”²⁷¹
No entanto, Raul Silva, afirmou que houve aumento na produção e que a maioria dos trabalhadores contribuíram para elevar a capacidade produtiva da indústria Bellavista.²⁷² O momento era de intensa agitação política, provavelmente em determinados períodos os trabalhadores priorizaram as atividades políticas em detrimento da produção, mas isso me parece não ter afetado de forma grave a produção das indústrias têxteis de Tomé.

Juan Reyes, trabalhador da fábrica Bellavista e militante do MIR-FTR ressaltou em entrevista que houve incorporação considerável de novos trabalhadores nas empresas o que contribuiu para o aumento da produção e a queda do desemprego:

²⁷⁰ Ibid.

²⁷¹ Entrevista realizada com Arsenio Vasquez em 22 de Setembro de 2013.

²⁷² Entrevista realizada com Raul Silva em 29 de Setembro de 2013.

“O problema do aumento da produção era visto sobre outro ponto de vista, o de erradicar o desemprego. Então o assunto não era somente o aumento da produção, mas também de ajudar as pessoas que estavam sem trabalho e dessa forma, aumentamos os postos de trabalho, na Bellavista tínhamos aproximadamente 1500 a 1700 trabalhadores em 1973, isso era a consciência de que o social deveria estar conectado ao aumento da produção.”²⁷³_{lxxiii} [Tradução nossa]

A participação das mulheres foi intensa nas empresas têxteis. Principalmente no que se refere à defesa do governo, como afirmou Arsenio Vasquez: “havia muitas mulheres nas empresas têxteis e sua participação foi fundamental, sempre organizavam manifestações em defesa do governo, ocupando as ruas de Tomé.”²⁷⁴_{lxxiv} Sobre a participação das mulheres Raul Silva ressaltou:

“Havia muitas mulheres na empresa responsáveis por reparar as telas que estavam ruins com falhas era um trabalho minucioso manual e de alta qualidade. Havia mais ou menos 200 mulheres tecendo nos telhais, havia de tudo, militantes socialistas como Maria Reyes que segue até hoje trabalhando com exilados políticos. O salário era o mesmo que dos homens e as vezes ganhavam até mais que eles, tudo dependia do trabalho que faziam.”²⁷⁵_{lxxv} [Tradução nossa]

O sistema de participação dos trabalhadores proposto pelo governo nas empresas nacionalizadas tanto de Tomé como de Santiago, de acordo com os depoimentos e fontes consultadas, era limitado e não alcançou incorporar o conjunto de trabalhadores como já mencionado, cujos principais impedimentos foram a lentidão na implantação e a forte presença dos partidos e sindicatos. Arsenio Vasquez afirmou que nas fábricas havia hegemonia do PS e PC e que as decisões, em última instância, ficaram a cargo dos partidos e dirigentes, o que dificultou uma participação a partir das bases. Porém, a partir das fontes consultadas, pude perceber que mesmo com a forte presença dos partidos nas estruturas das fábricas, houve uma maior participação dos trabalhadores nas suas instâncias, um envolvimento com os problemas específicos das empresas e com o processo político. Foram construídas diversas mobilizações em solidariedade aos trabalhadores de empresas distintas que viviam períodos de conflitos com os patrões e foram fundamentais não apenas na defesa do governo, mas na pressão que exerceram ao governo para ampliar as nacionalizações.

²⁷³ Entrevista realizada por César Soto e Víctor Pardo. SOTO; PARDO, op. cit., p. 269.

²⁷⁴ ²⁷⁴ Entrevista Arsenio Vasquez, 22 de Setembro de 2013.

²⁷⁵ Entrevista realizada com Raul Silva em 29 de Setembro de 2013.

Capítulo 4 – Desenvolvimento dos *cordones* e as formas de organização da classe trabalhadora chilena durante a UP

4.1 - Desenvolvimentos dos Cordones, radicalização da luta e golpe militar

Neste capítulo abordo a conjuntura política do período partindo do desenvolvimento dos cordones até o golpe militar, tratando de destacar as principais ações dos trabalhadores desses organismos na defesa dos seus interesses. Em seguida, trato das novas formas de sociabilidades surgidas nos cordões, como a solidariedade entre os trabalhadores de empresas distintas nas lutas empreendidas no período vinculadas à criação de melhorias nas fábricas, como a construção de bibliotecas, postos médicos, etc.

Com o advento do paro, os cordones se proliferaram através das ocupações de fábricas. Com isso, somente em outubro, foram requisitadas mais de 15 empresas, fruto da pressão dos trabalhadores para ampliar a APS, entre elas estavam Elecmetal, Coresa, Soprole, Comarsa, Petro Dow, Dow Chemical, Codina, Metalugica Cerrillos, etc. No jornal *Chile Hoy* foi publicado uma matéria durante a paralização de outubro sobre a APS e a contenção das mudanças, cuja conjuntura modificou tal definição:

“Depois da reorientação da política econômica do inverno passado ocorreu certo estancamento no ritmo das requisições, intervenções e expropriações das empresas. No começo de outubro, aproximadamente metade das 90 empresas que deveriam passar para a APS estavam nas mãos do setor privado. Nas últimas semanas fez-se necessário requisitar ou intervir em um grande número de empresas porque os donos tentaram paralisar suas atividades. Assim passaram ao controle estatal mais de 15 empresas.”²⁷⁶_{lxxxvi} [Tradução nossa]

A matéria alertava ainda que das 90 empresas que integrariam a APS até meados de 1972 somente 45 faziam parte da APS. Muitas empresas monopólicas ficaram de fora da área social como é o caso de indústrias alimentícias e da Petroquímica Dow e Dow Chemical da Dow International, empresa mundialmente conhecida por fabricar

²⁷⁶ *Chile Hoy*, año I, n. 19, 1972, p. 9.

gases letais e produtos bélicos usados na guerra do Vietnã pelos norte-americanos, cujas fábricas no Chile foram requisitadas pelo governo durante a paralização de outubro. A matéria finalizou com um alerta sobre a importância da atuação dos trabalhadores na luta pelas nacionalizações: “Tudo isto demonstra que devemos considerar a lista das 90 empresas como um programa mínimo de expropriações e que é a luta dos trabalhadores que confeccionará a melhor lista de empresas para a área social”.²⁷⁷

Durante a UP aumentaram as ocupações de fábricas: em 1971 foram 378 e até maio de 1972 foram 299. Após esse período, durante a paralização patronal elas se generalizaram “como um meio de assegurar a continuidade do processo produtivo baixo o controle operário e a defesa do governo, especialmente à raiz do paro de outubro de 1972.”²⁷⁸

O programa de governo da UP continha os setores que deveriam passar prioritariamente pelo processo de nacionalização e compor a APS, incluindo, os minérios, o sistema financeiro em especial os bancos e seguradoras, o comércio exterior, as grandes empresas e os monopólios de distribuição, os monopólios industriais estratégicos, produção e distribuição de energia elétrica, o petróleo e seus derivados, o transporte, as comunicações, a siderurgia, a petroquímica, celulose e papel e o cimento.²⁷⁹ O número de empresas a serem nacionalizadas inicialmente era de 91. O governo logo em novembro de 1970 chegou a controlar completamente os setores de cobre, iodo, salitre, ferro, aço, 90% do setor bancário e financeiro, 80% das exportações e 50% das importações, o controle de 70 empresas de diversas áreas (têxtil, indústria, cimento, etc).²⁸⁰ Em 1972 das 91 empresas que estavam na lista das nacionalizações e que foram rejeitadas pelo parlamento, 28 delas foram requisitadas pelo governo ou sofreram intervenção e 10 foram nacionalizadas. Em meados de 1973 a APS compreendia 320 indústrias representando 1% das 35.000 existentes no país, era composta por 40% da produção total e empregava aproximadamente 140.000 trabalhadores que compunham 30% da força de trabalho industrial.²⁸¹ A maioria das fábricas ocupadas pelos trabalhadores não estavam na lista das empresas que deveriam prioritariamente ser nacionalizadas, isso demonstrou que a CUT e o governo não tinham o controle das ações dos trabalhadores que atuaram de forma independente para

²⁷⁷ Ibid.

²⁷⁸ TRONCOSO, op. cit., p. 219.

²⁷⁹ Programa..., op. cit., p. 20.

²⁸⁰ Troncoso, op. cit., p. 222.

²⁸¹ ESPINOSA; ZIMBALIST, op. cit. p. 177.

pressionar o governo.

Com o boicote da produção, a paralisação patronal de outubro de 1972, a criação do mercado paralelo e a crise de desabastecimento, umas das principais discussões realizadas pelos trabalhadores dos cordones era a necessidade do controle da distribuição de produtos à população. Entre as exigências dos trabalhadores estava a participação na planificação da distribuição, a fim de evitar “os planos feitos nos gabinetes”, distantes das reais necessidades da população e a burocratização. Para isso deveriam incrementar a criação das JAP's em cada organização dos bairros e expropriar ou intervir nas empresas distribuidoras que tinham forte influencia da DC e contribuíam para a especulação e o boicote.²⁸² O tema sobre o desabastecimento apareceu em quase todas as edições do jornal *Tarea Urgente*. Umas das principais reivindicações é o abastecimento direto criado através de empresas de abastecimento e transporte nacionalizadas e do controle popular destes organismos. O abastecimento deveria se dar através de distribuidoras estatais diretamente às ocupações de terrenos e poblaciones, das juntas de vecinos, dos comandos comunales e das juntas de abastecimento.²⁸³

Os comerciantes pequenos que apoiavam o governo acabaram na prática por ter um papel importante nas JAP's e nas estratégias de vigilância da distribuição, embora muitos outros tenham tomado uma postura de oposição ao governo. A conjuntura de desabastecimento contribuiu para que as camadas populares dos bairros pobres que estavam se organizando para vigiar a produção pressionassem o governo a criar uma empresa estatal de distribuição, a Dirinco que seria a responsável por fazer este papel e acabar com as grandes empresas monopólicas e de distribuição. Uma das críticas dos trabalhadores dos cordones foi que as juntas de abastecimento deveriam estar sob a responsabilidade dos pobladores através das suas organizações, mas na prática a distribuição ficou muitas vezes nas mãos dos pequenos e médios comerciantes que não apoiavam o governo e que utilizava estes organismos para seus próprios interesses criando o mercado paralelo e a especulação. Neste sentido os setores médios acabaram por apoiar a burguesia no processo de transformação, salvo algumas exceções. O contexto exigia então o fortalecimento do poder popular, através dos cordones industriales, dos comandos comunales, dos conselhos campesinos, dos armazéns populares, frentes de vigilância, das juntas de abastecimento, das juntas de vecinos, além da necessidade de expropriar as grandes distribuidoras, os grandes comércios e as

²⁸² *Tarea Urgente*, n.1, 1973, p. 1.

²⁸³ *Ibid.* p. 1.

indústrias de produtos de primeira necessidade.

As exigências muitas vezes resultaram numa maior pressão dos trabalhadores ao governo para tomar medidas mais radicalizadas e esse fator causou muitas vezes um clima de tensão entre eles, cujo contexto é de agravamento da crise durante o ano de 1973. Allende e o PC não apoiavam as ocupações das fábricas que não estavam na lista de prioridades do governo para a nacionalização, chegando até mesmo propor a devolução de fábricas aos seus antigos donos. Por outro lado os setores da esquerda do PS, o MIR e os movimentos populares eram totalmente contra tal medida que significava o retrocesso no processo. No início de 1973 foi aprovado o Plano Millas-Prats, cujo nome se referia ao ministro da economia e membro do PC, Orlando Millas, e ao general Carlos Prats. O projeto redefiniu a política macroeconômica e da APS, sugeriu uma maior disciplina no trabalho e o aumento da produção. Além disso, propunha uma discussão em torno da possibilidade de devolução de 123 indústrias ocupadas, que sofreram intervenção e as nacionalizadas que não estavam na lista das 91 empresas prioritárias, lembrando que a ideia inicial do governo era de 250. Além disso, propôs a redução das empresas nacionalizadas para 49.

O Comando Cerrillos-Maipú realizou um chamado aos trabalhadores a se mobilizar contra a devolução das empresas sugerida no Plano Millas e às “demandas reformistas” empreendidas pelo governo.²⁸⁴ Entre as exigências estavam: a não devolução das empresas ocupadas; a constituição do controle operário nas indústrias pequenas e médias; o apoio às organizações revolucionárias; o controle real dos trabalhadores nas indústrias da área social, nas suas estruturas, sejam nos conselhos de produção, administração ou coordenadores e na planificação nacional, territorial e setorial. Além disso, vale ressaltar as fortes críticas dos trabalhadores com relação à lei de controle de armas aplicada em outubro de 1972 pelo governo, que possibilitou a repressão empreendida contra os cordones. Dessa forma a apresentação do plano Millas-Prats aumentou ainda mais o descontentamento dos trabalhadores em relação ao governo.

As principais tarefas eram preparar-se para a guerra, recusar as práticas stalinistas da minoria reformista do MAPU, consolidar o poder dos trabalhadores e fortalecer a aliança entre operários e camponeses, solucionar os problemas de

²⁸⁴ Tarea Urgente, n.2, 1973, p. 4.

abastecimento e reafirmar a linha do poder popular.²⁸⁵ Até o Congresso da organização, em dezembro de 72, o MAPU tinha experimentado uma radicalização com forte participação de trabalhadores operários, camponeses e *pobladores*, reflexo da agudização da luta política. Após o Congresso, no entanto, a organização tomou uma postura mais reformista ao apoiar o Plano Millas e ao buscar uma aproximação com parlamentares reformistas e contrários ao governo.²⁸⁶ Entre as tarefas estava descrito conforme avançava o processo: destruir o grupo de extrema direita *Pátria y Libertad*, colocar os meios de comunicação ao serviço dos trabalhadores, impulsionar uma nova lei de reforma agrária, criar a central única de comercialização e abastecimento.²⁸⁷

Por um lado a CUT e o governo insistiram na contenção das mudanças para buscar uma aproximação com a DC e conseguir uma maioria no congresso e dada às ações da direita e por outros setores mais radicalizados dos trabalhadores que apoiavam o governo, mas realizavam inúmeras críticas, dada à insuficiência da sua política para enfrentar a crise. O período de acirramento da luta política de outubro de 1972 até o advento do golpe foi marcado por discussões empreendidas pelos setores radicalizados da esquerda sobre como fortalecer o governo e o poder popular. Os jornais da esquerda em sua maioria continham análises sobre o poder popular enquanto a direita buscava mecanismos institucionais para exigir a devolução das empresas ocupadas. Marta Harnecker, em sua cronologia sobre o período escreveu:

“A Controladoria devolveu vários decretos de intervenção e o poder judicial estabeleceu uma série de medidas precatórias que impossibilitaram praticamente a gestão das empresas visto que não podiam comprar, vender e nem contratar, sem a aprovação do seu antigo dono.”²⁸⁸ [Tradução nossa]

Os esforços realizados através de representantes dos aparatos institucionais e opositores ao governo, para retomar as empresas ocupadas, foram inúmeros e Allende, pressionado, apresentou o controverso *Proyecto Millas* que versava sobre a devolução de parte destas empresas. A iniciativa do executivo foi rejeitada de imediato pelo PS e MAPU, contrários à devolução das empresas.

O periódico La Última Hora, vinculado ao PS, publicou uma notícia na qual

²⁸⁵ Ibid. p. 4.

²⁸⁶ Tarea Urgente, n.3, 1973, p. 2.

²⁸⁷ Tarea Urgente, n.4, 1973, p. 2.

²⁸⁸ HARNECKER, Marta. *La lucha de un Pueblo sin armas (los três años de gobierno popular)*. Santiago, 2006. Disponível em < <http://www.rebellion.org/docs/95161.pdf> > Acesso em: 15/09/2012. p. 40.

abordava a relação do governo com os cordones, cuja matéria era intitulada “Allende con trabajadores de los Cordones Industriales” e versava na verdade sobre o Plano Millas. Nela informava que os trabalhadores dos cordões Cerrillos, Vicuña, Macul, Panamericana Norte e O’Higgins, que juntos agrupavam mais de 350 empresas, convidaram o presidente Allende para um debate público sobre a APS, o abastecimento e o reajuste ou bonificação compensatória. Na mesma notícia constava que houve uma mesa redonda com representantes de organizações da esquerda, entre elas, PS (Carlos Altamirano), MAPU (Oscar Garretón), IC (Nieves Yankovic) e PR (Anibal Palma) para discutir a APS e acrescentava que:

“Todos eles estiveram de acordo em considerar um erro o envio, por parte do governo, de um novo projeto para incorporar à APS 49 das 90 empresas que estavam na lista inicial do executivo, consideradas monopólicas ou estratégicas.”²⁸⁹xxxx [Tradução nossa]

Estes setores junto aos trabalhadores rejeitavam a incorporação de apenas 49 empresas visto que o número inicialmente proposto pelo governo era de 90. Para os trabalhadores a devolução de empresas que foram ocupadas pelos trabalhadores, através da pressão que exerceram para que o governo intervisse ou estatizasse muitas delas, seria um retrocesso na luta pela construção do socialismo. O governo respondeu alegando que estas 49 empresas viviam conflitos intensos e, por isso, era fundamental, primeiro organizar a produção e funcionamento destas fábricas para depois incorporar as outras que faltavam, mas essa declaração não convenceu os trabalhadores que criticaram fortemente tal postura do governo. Neste contexto e contrários ao projeto Millas, os trabalhadores organizaram o documento intitulado “Plataforma de lutas dos cordones”, publicado no periódico *Tarea Urgente* e apresentavam as principais tarefas e reivindicações dos cordones:

“1) Que não se devolva nenhuma empresa que haja o consenso geral dos trabalhadores para não devolve-la; 2) Que se discutam os problemas das empresas em geral com os respectivos coordenadores e de nenhuma forma em particular; 3) Assegurar um mecanismo para que cada projeto referente às empresas cheguem diretamente aos coordenadores para evitar confusões e más interpretações; 4) A reintegração imediata dos 30 companheiros da Corfán e da Calçados Alys e Camel que sofreram perseguição por estar junto ao governo e aos trabalhadores durante o paro patronal de outubro; 5) Retiro

²⁸⁹ *La Ultima Hora*, 10 de fevereiro de 1973.

imediate do projeto e entrega de um novo projeto criado com consulta e elaboração junto aos trabalhadores e coordenadores dos cordões; 6) Que as empresas sejam dirigidas e administradas pelos trabalhadores e não em conjunto com os patrões; 7) Expropriação das grandes distribuidoras privadas; 8) Expropriação de todos os terrenos com mais de 40 hectares; 9) Controle operário da produção e controle popular da distribuição e dos preços; 10) Que seja formada uma única distribuidora estatal que distribua diretamente ao povo [...]; 11) Para os pequenos comerciantes o controle popular através das forças das massas e no futuro transforma-los em trabalhadores do Estado; 12) Expropriação de toda a grande indústria e todas aquelas relacionadas à fabricação de produtos de primeira necessidade; 13) Impulsionar as cestas populares e o controle da distribuição direta ao povo através dos armazéns populares.”^{290lxxxix} [Tradução nossa]

O propósito da declaração do governo era lançar uma plataforma conjunta da esquerda para as eleições de março de 1973, que foi apresentada num comício massivo da UP, no Estádio Nacional em 5 de fevereiro de 1973. As eleições ocorreram e mesmo com a crise que vivia o país, a UP obteve 43% dos votos. Os setores contrários a UP esperavam obter maioria para justificar formalmente a rejeição ao governo e exigir a saída de Allende, mas foram surpreendidos com o resultado das eleições.

O Plano Millas foi possivelmente o elemento que causou maior divisão no governo da UP, como afirmou Marta Harnecker: “pela primeira vez partidos incorporados ao governo criticaram publicamente medidas tomadas pelo executivo.”^{291lxxxii} Somente seis dias depois de iniciada esta disputa foi superada as contradições no interior da esquerda e a declaração conjunta e unitária foi criada.

Neste contexto de extrema polarização os cordones foram alvo de inúmeras críticas dos grupos ligados à direita, através delas podemos perceber que a atuação dos trabalhadores nestes organismos tornou-se uma preocupação para a direita. A revista *Qué Pasa* de linha editorial oposta ao governo, cujo diretor apoiaria veemente o golpe militar mais tarde, publicou um artigo em 12 de abril de 1973, com inúmeras informações sobre os cordones e acampamentos, apresentando inclusive um mapa com a localização deles e indicando a proporção dos grupos da esquerda neles presentes. Nela os autores dirigiram fortes críticas aos trabalhadores dos cordones, aos pobladores dos acampamentos e às organizações político-partidárias da esquerda como PS, MAPU e FTR-MIR. Os qualificaram como “*milicias ultraizquierdistas*” e grupos “terroristas

²⁹⁰ *Tarea Urgente*, n.01, 1973, p. 1.

²⁹¹ HARNECKER, op. cit., p. 41.

com experiência cubana” e informaram as indústrias em que atuavam.²⁹² Inúmeros informes saíram nestes jornais de grande circulação e vinculados à direita. Eles versavam principalmente sobre o processo de formação dos cordones e das ocupações de terrenos, a composição social destes organismos de poder popular, o número de dirigentes e as vinculações que tinham com as organizações político-partidárias de esquerda.

Em abril de 1973 a crise política se agravou e o governo passou por mais um período de extrema dificuldade quando os trabalhadores da empresa mineira nacionalizada *El Teniente* entraram em greve referente a um reajuste salarial, cuja reivindicação apresentava contradições entre o acordo coletivo e a política nacional de remunerações. A greve durou 70 dias e produziu graves consequências para a economia. As diretivas sindicais ligadas a DC e ao PN se negaram a negociar inclusive com a CUT e a Condederação Nacional dos Trabalhadores do Cobre e houve atos de violência contra aqueles que tentaram voltar aos seus postos de trabalho. Neste momento percebeu-se que a greve era sustentada por setores contrários ao governo e que tinham o objetivo de construir uma paralisação semelhante ao paro de outubro de 1972. A greve recebeu apoio de grupos ligados à extrema direita como a Federação de Estudantes da Universidade Católica vinculados ao grupo *Pátria y Libertad*.²⁹³

A CUT organizou uma mobilização chamada “Paro Nacional”, realizada em 21 de junho de 73 que contou com a participação de diversos trabalhadores dos cordones que saíram das fábricas em direção ao palácio La moneda. A mobilização era em apoio ao governo popular frente à greve dos trabalhadores mineiros de “El Teniente” ligados a DC e ao PN. No periódico *Tarea Urgente* foi publicada uma crítica sobre o paro chamado pela CUT e a postura dos dirigentes da Central de não dialogar com os dirigentes dos cordones:

“Os cordões nasceram no calor da luta durante o paro de outubro e foram – e segue sendo – uma forma de organização das massas para atuar de maneira rápida e eficaz contra as manobras da direita; 2) Os cordões não dependem da CUT mesmo que a maioria de seus membros sejam filiados a ela e a reconhecem como organização máxima dos trabalhadores chilenos. A CUT não deve esquecer dos cordões nos seus discursos.”²⁹⁴ [Tradução nossa]

²⁹² *Que Pasó*, 12 de abril de 1973, p. 3.

²⁹³ BITTAR, Sérgio. *Chile (1970-1973): Asumir la historia para construir el futuro*. 2 edição. Santiago: Pehuen, 2011, p. 244.

²⁹⁴ *Tarea Urgente*, n. 8, 1973, p.5.

Após a mobilização foi publicado no periódico *Tarea Urgente* uma avaliação dos dirigentes do cordão Vicuña Mackenna sobre a mobilização. Os dirigentes do cordão avaliaram de forma positiva a mobilização em apoio ao governo, mas criticaram a mudança repentina do lugar de saída da marcha o que causou a dispersão de trabalhadores que deveriam seguir marchando juntos e apontaram que isso foi uma manobra sectária de dirigentes da CUT, principalmente comunistas. No mesmo texto apontaram outras críticas salientando que os máximos dirigentes da CUT deviam ter um diálogo com os dirigentes dos cordões. E, terminaram ressaltando, que da mesma forma que o governo recebeu dirigentes máximos da CUT, deveriam receber também os dirigentes dos cordões. O diálogo entre os cordões e o governo, seria a condição fundamental para que o poder popular caminhasse em harmonia com o governo.²⁹⁵ Tais informes expressavam as divergências internas à UP, ao mesmo tempo, que era controverso, pois muitos dirigentes dos cordões eram dirigentes sindicais, por isso, provavelmente era dirigido especificamente aos comunistas.

Hernan Ortega último presidente do cordão Cerrillos-Maipú e dirigente do PS, abordou as divergências entre o governo da UP e os trabalhadores em relação à APS e o ritmo das mudanças. Apontou ainda os limites da institucionalidade burguesa criticada pelos trabalhadores e alertou que o espontaneísmo pode ser evitado à medida que o governo analisa a conjuntura de acordo com as aspirações e expectativas das bases dos trabalhadores.²⁹⁶ Neste período de forte polarização houve críticas dos setores da esquerda radicalizada com relação ao ritmo das mudanças. O PS e o MIR criticaram a atitude do governo com relação, por exemplo, à contenção das transformações.

Em meados de julho de 1973 o cordão Cerrillos fez uma convocatória para discutir os pontos fundamentais a serem discutidos no encontro do cordão que se realizaria nos dias seguintes ao chamado. O presidente Hernan Ortega ressaltou que a diretiva do cordão fez as bases dos temas a serem discutidos e havia a necessidade de formar uma comissão para a elaboração dos documentos para a discussão. Os temas foram divididos em cinco eixos: 1) Área Social (planificação de economia, controle de matérias-primas, distribuição, saúde e educação), 2) Cordão Industrial (representatividade, organização, relação Cordão-CUT, papel condutor da classe operária nos setores aliados e comando comunal, plataforma de luta do cordão), 3)

²⁹⁵ Ibid. p.4.

²⁹⁶ *Tarea Urgente*, n. 5, 1973, p.4.

Trabalhadores-Governo (institucionalidade política, reforma constitucional, política de abastecimento, controle da economia pela classe, incorporação da classe através da ação das massas e a discussão das políticas de governo) 4) Análise, estratégia e tática do processo (análise dos anos de governo, ação do imperialismo e da burguesia, papel dos trabalhadores, estratégia e tática daquele momento em diante a propor pelos trabalhadores para o desenvolvimento do processo) e 5) Papel dos meios de comunicação.²⁹⁷

No periódico *Tarea Urgente* foi feito um chamado às direções políticas, CUT, federações operárias e camponesas, organizações de estudantes e *pobladores* para atuar contra as ações da direita:

“fortalecer e desenvolver cada dia mais e em todo o país os germens do poder popular que se manifestam hoje nas organizações da classe trabalhadora: cordones industriales, comandos comunales, conselhos campesinos, juntas de abastecimento e organismos de participação e que terão a tarefa de conquistar cada dia mais poder, ser capazes de defender o processo o que nos permitirá ir destruindo as antigas estruturas da institucionalidade burguesa [...] e contruir as bases do novo estado socialista.”^{298lxxxiv} [Tradução nossa]

Em julho de 1973 foi publicado um texto de reflexão sobre as ações da direita e a questão do poder popular que versava sobre as transformações que estavam ocorrendo advinda das experiências que levaram a uma maior politização dos trabalhadores:

“Consideramos que o novo poder popular nascente esta demonstrando a nova mentalidade e consciência de classe e, por isso, temos a absoluta segurança do nosso papel e talvez o mais importante que pode ter qualquer organismo na luta pela conquista do poder e o fortalecimento e mudanças das estruturas necessárias nas organizações tradicionais da classe operária, inclusive nos partidos políticos e proletários que certamente devem se adequar à realidade atual para continuar o papel tão necessário em um processo revolucionário que é o de conduzir e dirigir politicamente as massas.”^{299lxxxv} [Tradução nossa]

A forma da escrita nos mostra que tais textos eram escritos por militantes que tinham uma compreensão e contato com os textos teóricos marxista-leninistas, provavelmente foram escritos por dirigentes socialistas que participaram da formação dos cordones e tinham a perspectiva de uma revolução de massas dirigida por uma

²⁹⁷ Ibid., p. 5.

²⁹⁸ *Tarea Urgente*, n. 6, 1973, p. 4.

²⁹⁹ Ibid., p. 4.

vanguarda política. Isso reforça ainda mais a idéia de que os militantes e dirigentes socialistas tinham uma forte participação nos cordones e nas suas estruturas diretivas.

No texto continha ainda as tarefas que deveriam ser prioritárias naquele momento, entre elas:

“A expropriação de 39 predios agrícolas para que sejam colocados nas mãos dos trabalhadores, exigir a troca de alguns funcionarios burocratas que têm impedido o avanço na conquista do poder, exigir que seja discutido no seio da classe leis de reforma agrária, da área social, de distribuição e remunerações, no cordão Cerrillos exigimos a expropriação das indústrias: Pizarreño, Philips Chilena, Distribuidora de combustivel (COPEC), Isesa, Pinturas Blundell, Luis Prieto Vial, Cobre Cerrillos e chamamos os trabalhadores das indústrias restantes a construir organizações que permitam o controle operário da produção como uma responsabilidade e tarefa de hoje, exigimos que com o suporte das empresas da APS e os organismos de massa se inicie a construção de um posto de emergencia, maternidade e consultorio para a comuna de Maipu, tarefa levantada pelo conselho local de saude.”³⁰⁰xxxvi [Tradução nossa]

Neste sentido, pode-se perceber que o Plano Millas proposto pelo governo não impediu o avanço nas ocupações e os trabalhadores continuaram a exigir mais expropriações e estatizações.

Um ano depois do nascimento do cordão Cerrillos foi publicado uma avaliação na qual constava a necessidade de fortalecer o poder popular. Avaliaram de forma positiva e fundamental as conquistas do governo da UP como a nacionalização do cobre, a estatização de alguns bancos, a realização de uma reforma agrária, a criação da APS e defenderam a necessidade de:

“Fixar políticas que permitam um controle da economia, que seja feito do cobre o salário do Chile, que seja feita uma nova lei de reforma agrária a partir da discussão feita junto aos campesinos, a estatização dos monopólios de distribuição como único meio que permita garantir ao povo um abastecimento racional e contínuo, a destruição do fascismo, a criação da consciência antimperalista que unifique os trabalhadores através das suas bandeiras políticas. Também deve haver modificações nas estruturas organicas das instituições, como da CUT (autêntica e principal organização dos trabalhadores) e dos partidos politicos de forma que se permita através do contato permanente e direto da classe, assumir o papel que corresponde a eles como entregar as orientações politicas, táticas e estratégicas que hoje os trabalhadores acreditamos necessário implantar para reforçar os avanços e defender o governo e a estabilidade do mesmo, através do

³⁰⁰ Ibid., p. 4.

Enquanto isso as ações da direita agravaram ainda mais a crise no país. *El Siglo*, periódico do Partido Comunista, publicou uma notícia em meados de 1973, sobre uma paralisação de caminhoneiros nas regiões de Talca, Iquique e Concepción que continha um balanço das perdas econômicas geradas para o país, resultantes do paro de outubro de 1972.³⁰² No informe continha uma análise sobre a situação das seguintes áreas: produção e distribuição de alimentos, indústria, transporte, construção civil, educação e saúde. Nele foi ressaltado que milhões de escudos (moeda chilena do período) foram perdidos durante o paro de outubro de 1972 e noticiaram o processo de negociação da paralisação nestas regiões e as exigências apresentadas pelos dirigentes dos grêmios e caminhoneiros aos interventores militares designados pelo governo. As exigências incluíram medidas de proteção e de organização da normalização das atividades. Dias depois foi publicado no mesmo jornal denúncias sobre as manobras de boicote ao governo por parte de Leon Villarin que presidia a Confederação Nacional de Transporte durante o paro de outubro e foi membro do grupo paramilitar de extrema direita *Patria y Libertad*.

Com a forte polarização do período, os dirigentes dos cordões alertavam os trabalhadores sobre a importância da tarefa de construir os comitês de vigilância e defesa nas fábricas que não tinham os respectivos organismos e fortalecer naquelas já existentes. Tais organismos eram definidos como: “um organismo que serve para defender todas as indústrias dos intentos dos patrões de recuperar ou destruir tais fontes de trabalho”. Na matéria informaram que tal resolução tinha sido acordada com os sindicatos e estava sujeita à ratificação por assembléia: “[...] da organização sindical da indústria de acordo com as instruções da CUT e esta integrada por companheiros propostos pela direção do sindicato sujeitos a ser ratificados pela assembleia e todos os companheiros conscientes organizados em brigadas.”^{303lxxxviii} A importância dos comitês de vigilância se justificava por eles representarem: “Uma arma eficaz dos trabalhadores para a defesa de seus meios de trabalho, é uma ferramenta ideológica para unir o trabalhador à sua indústria, defendendo seus interesses: a propriedade coletiva frente ao interesse do patrão que é a propriedade individual.”^{304lxxxix} O significado destes

³⁰¹ *Tarea Urgente*, n. 7, 1973, p. 4.

³⁰² *El Siglo*, 17 de agosto de 1973.

³⁰³ *Tarea Urgente*, n. 8, 1973, p. 5.

³⁰⁴ *Ibid.*, p. 5.

organismos estava relacionado à sua contribuição em elevar o nível de relação dos trabalhadores com a política, partindo das suas experiências na luta por avanços, ao mesmo tempo, que os aproximavam da tomada do poder.

O conteúdo político ideológico contido no informe expressava a concepção marxista-leninista daqueles que escreveram a matéria, seguramente dirigentes do PS que eram majoritários nas directivas de muitas fábricas dos cordones: “todas estas formas de organização dadas ao povo irá se estruturando uma vanguarda que conduzirá corretamente as massas à tomada do poder.”^{305xc} Tal compreensão indicava que o papel de condução da revolução deveria ser realizado por uma vanguarda revolucionária de dirigentes aptos a realizar tal tarefa.

Em 29 de junho de 1973 ocorreu o *tanquetazo*, uma tentativa de golpe militar organizada pelos setores ultraconservadores e por membros do grupo *Patria y Libertad*. Neste contexto os setores da esquerda radicalizada condenaram fortemente o tanquetazo em balanços e apontaram quais eram as tarefas prioritárias do período: a) a necessidade de avançar e passar a ofensiva defendendo o governo popular, criticando principalmente os “conciliadores” que dialogavam com a burguesia; b) nenhuma empresa deveria ser devolvida; c) organizar os trabalhadores em esquadras de combate, d) reforçar os comitês de vigilância e proteção em cada fábrica, e) organizar os pobladores de cada bairro por quadras e; e) formar quartéis populares e vigiar o inimigo de classe.³⁰⁶

Inúmeros cordões se manifestaram contra a tentativa de golpe. Os participantes do cordão Vicuña Mackenna apontaram que as tarefas prioritárias frente ao tanquetazo foram a necessidade do transpasso imediato das empresas Luchetti y Loncole Che para a APS e a não devolução destas empresas ocupadas, a manutenção do estado de alerta para os trabalhadores que deveriam criar brigadas populares e a divisão do cordão em quatro setores, com cada setor tendo uma indústria “cabeça”, cuja sede seria formada por comissões de comunicação, defesa, transporte, abastecimento, agitação e propaganda.³⁰⁷ No cordão Cerrillos as tarefas contra a tentativa de golpe eram continuar formando os comitês de auto defesa e brigadas de defesa nas fábricas, no campo e *poblaciones* de forma a fortalecer e ampliar os *comandos comunales*. Apesar das inúmeras análises sobre a necessidade de construir brigadas populares, na prática poucos foram os esforços relacionados à criação de táticas de defesa e treinamentos para

³⁰⁵ Ibid., p. 5.

³⁰⁶ *Tarea Urgente*, n. 8, 1973, p.6.

³⁰⁷ Ibid., p. 6.

um enfrentamento caso houvesse a tentativa de golpe. Os partidos de esquerda que aderiram à luta armada produziram focos de resistência contra o golpe, mas não havia construído um trabalho prévio, de treinamento militar, embora nos seus discursos alertassem para tal necessidade.

Em julho de 73, após o tanquetazo, militantes do PS ligados aos cordones reafirmaram a política de frente de trabalhadores e de massas através de uma união entre camponeses, operários e classes médias empobrecidas, como apontaram na reunião que antecedeu o "cabildo abierto". Segundo a análise contida no artigo tal frente deveria se dar sob a direção da classe operária e reforçada através da incorporação dos setores estudantis e intelectuais revolucionários.³⁰⁸ Argumentaram que o poder popular deveria ser aprofundado através da gestão direta das instituições e organismos do Estado. Dessa forma, sectores a esquerda do PS junto ao MIR e a IC, buscaram imprimir uma dinâmica de desenvolvimento do poder popular nos cordones e como expressão de uma vanguarda revolucionária. Sobre o poder popular, no mesmo artigo, acrescentaram: "A participação direta dos trabalhadores deve constituir o pilar fundamental para tornar irreversível o processo, consolidar as bases do poder popular, iniciar a planificação socialista, mudar as relações de produção e educar política, técnica e administrativamente as massas."³⁰⁹xi

Em julho de 1973 foi criada a Coordinadora Providencial dos Cordones Industriales por iniciativa dos socialistas. Tinha o intuito de integrar as ações dos cordones existentes em Santiago, que até então não eram organizados e conduzidos por uma direção única. Por outro lado houve críticas dos militantes do MIR sobre o impedimento dos representantes dos *comandos comunales* de votarem na assembleia de criação, restringindo assim o direito a voto aos trabalhadores dos cordões. Mesmo depois de Hernan Ortega, dirigente do PS, ter afirmado que era apenas uma questão de ordem com o intuito de organizar a vanguarda da classe trabalhadora, cuja relação com os comandos seria pensada numa etapa posterior, as desconfianças continuaram. Os socialistas foram acusados pelos miristas de direcionar suas ações estratégicas somente aos operários sem se preocupar em ampliar as alianças, por exemplo, com os camponeses e *pobladores*. Os comunistas e Allende também criticaram a criação da coordenadora afirmando que tal ação se tratava de paralelismo e colocava em risco a unidade dos trabalhadores.

³⁰⁸ Ibid., p. 5.

³⁰⁹ Ibid., p. 5.

Neste contexto de intensa crise a relação da CUT com os cordones industriales gerou grandes polêmicas no período da UP e tal relação se inseriu na dinâmica entre cordones, partidos e sindicatos. A posição dos partidos e movimentos que integravam a UP demonstraram também suas posições com relação ao “poder popular” na construção do socialismo. O PC tentou participar dos cordones, porém sem muito êxito e isso somente ocorreu em agosto de 1973, um pouco antes do golpe. Há relatos de trabalhadores e dirigentes dos cordones sobre a tentativa dos comunistas de construir um cordão paralelo junto da CUT, na empresa Textil Progreso, localizada no cordão Vicuña Mackenna. Um deles é o do mirista Mario Olivares:

“Quando os cordões industriais começaram a tomar força e se massificar, o PC e os setores mais conservadores da UP se deram conta que a condução começa a escapar das suas mãos. Eles através da CUT e através dos dirigentes do PC eram maioria precisamente na Textil Progreso. Os dirigentes da CUT convocam a ampliar a CUT, assumindo um pouco das características do cordão. Mas isso foi basicamente para criar vanguardismo e dividir os trabalhadores.”^{310xcii}
[Tradução nossa]

Tal tentativa advinha dos esforços de representantes provinciais da CUT, após debates e reuniões sobre o tema, em integrar os cordones a ela e coordenar ações conjuntas. Porém muitas direções dos cordones não eram reconhecidas por estes representantes, que eram na maioria comunistas e, buscavam organizar novas eleições, “acarretando a organização de cordones paralelos, além é claro, de tensionar a relação de sindicatos, CUT e Cordón”.³¹¹ Um panfleto produzido pela CUT continha alguns aspectos do que deveria ser os cordones e sua relação com outros organismos de base:

“1) Os cordones industriales devem ser organismos de base da CUT. A eles podem se incorporar todos os sindicatos do setor respectivo. 2) Contudo não podem pertencer ao cordão as juntas de vecinos, as JAP’s, [...]; 3) Os dirigentes de uma cordão industrial devem ser designados pela assembleia dos dirigentes sindicais de todas as organizações de base do cordão, independente da sua tendência ideológica. Os dirigentes votam de acordo com o número de trabalhadores que representam. A assembleia do cordão é constituída pela reunião dos dirigentes sindicais; 4) A organização de um cordão industrial [...] é incompatível com o paralelismo sindical. Dessa forma, reiteramos que estas organizações devem pertencer a CUT-Chile, como organismos de base.”^{312xciii} [Tradução nossa]

³¹⁰ Entrevista a Mario Olivares realizada por Franck Gaudichaud. GAUDICHAUD, op. cit., 170.

³¹¹ BORGES, op. cit., p. 62.

³¹² Panfleto da CUT sem data Apud SOTO, op. cit., p.62.

Neste processo, havia então a participação de inúmeros dirigentes sindicais nos cordones, mas estes foram fundamentalmente socialistas e miristas. A participação, portanto, dos partidos que seguiam uma linha mais rupturista, principalmente o PS e o Mir que não integrava a UP, era predominante nos cordones. Porém o MIR, o PS e o PC compartilharam de alguns aspectos sobre os cordones como a necessidade deles serem incorporados a CUT e como forma de democratização da Central. Miguel Henriquez, dirigente do MIR, fez a seguinte declaração: “A CUT deve impulsionar independentemente a transformação e democratização da atual estrutura sindical, organizando os cordones industriales como órgãos territoriais de base”.^{313xciv} Na prática o MIR concordava com os socialistas em relação à necessidade de transformar as estruturas da CUT, como afirmou Mário Olivares:

“Nós dizíamos que o povo necessitava de órgãos de poder, alternativos ao poder burguês e independentes do governo, que permitiriam a classe trabalhadora conduzir o processo e para isso necessitávamos um motor impulsionador que podia ser a CUT se ela modificasse suas estruturas.”^{314xcv} [Tradução nossa]

Na declaração de princípios da Coordenadora Provincial dirigida à Allende em meados de 1973 estava descrito que:

“Em nenhum caso defendemos que os cordones sejam paralelos a CUT, organização máxima dos trabalhadores chilenos a nível nacional [...] Os cordones defendem o problema do Poder e a constituição das organizações gérmenes do Poder Popular (comandos comunales de trabalhadores), o que requer autonomia necessária para cumprir o papel de condutores dos diferentes setores sociais aliados ao proletariado na luta pelo socialismo”^{315xcvi} [Tradução nossa]

Segundo a declaração de princípios os cordones não deveriam ser organismos paralelos à CUT, sendo esta a máxima expressão dos trabalhadores, mas gérmenes do “poder popular” com autonomia para atuar representando o proletariado na construção do socialismo. À medida que as estruturas da CUT fossem se transformando, a tendência era para o desaparecimento da coordenação dos cordones. Portanto, os dirigentes do PS e do MIR não negavam que a CUT era expressão máxima dos trabalhadores, mas

³¹³ Revista Chile Hoy, n. 59, Santiago, 2 de agosto de 1973.

³¹⁴ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

³¹⁵ *Tarea Urgente*, n. 9, 1973, p. 4.

argumentaram que suas estruturas deveriam se democratizadas, cujo processo seria condicionante para a incorporação dos cordões às suas instâncias. Para esses setores, a CUT tinha se incorporado à institucionalidade burguesa, subordinando-se ao governo e esta posição deveria ser combatida, sendo o papel dos cordones não apenas de apoio ao governo, mas principalmente, de pressão para o avanço e cumprimento do programa de governo.³¹⁶ No entanto havia questionamentos de como se daria a incorporação dos cordones na CUT. Mario Olivares ressaltou que esta questão deveria ser debatida junto à discussão sobre o próprio papel dos partidos nos cordones, buscando formas de garantir a participação a partir das bases.³¹⁷ A criação da Coordenadora possibilitou os socialistas, como observou Elisa: “coordenar e padronizar as formas de atuação em todos os cordones, fortalecendo aqueles com situação organizativa precária, além é claro, de consolidar a liderança socialista”.³¹⁸ Contudo, Gaudichaud resalta que a UP e o MIR tinham a consciência da necessidade de garantir a unidade dos trabalhadores junto às ações do movimento popular que integrariam o comando comunal.³¹⁹ Vale ressaltar que o período que antecedeu o golpe é marcado por um clima de alerta extremo e os esforços da esquerda que defendia o avanço nas transformações foram de fortalecer o poder popular e buscar formas de defender o governo, mas na prática não havia condições para um enfrentamento armado.

Havia de fato inúmeros vínculos orgânicos entre a CUT e os Cordones. Muitos sindicatos filiados a CUT participaram deles. Por outro lado os comunistas tentaram formas de se incorporarem na direção dos cordones, como foi mencionado acima. Isso ocorreu, por exemplo, na Textil Progreso e foi denunciada como manobra sectária pelos dirigentes dos cordones. O PC somente reconheceu os cordones no dia do Tanquetazo, quando tiveram um papel importante na contraofensiva e os setores do PS denunciaram tal tentativa:

“Alguns setores que passaram por cima das instruções da CUT e dos acordos realizados pela superestrutura do seu partido tem atuado no sentido de dividir o cordão Vicuña Mackenna. Como trabalhadores, consideramos uma obrigação alertar as bases sobre as tentativas dos companheiros dirigentes do PC, da Textil Progreso. Estes companheiros, que somente hoje reconheceram como autêntica expressão do poder da classe operária organizada os cordones

³¹⁶ GAUDICHAUD, op. cit., p. 46.

³¹⁷ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

³¹⁸ Borges, op. cit., p. 157.

³¹⁹ Ibid., p. 43.

industriales, pretendem neste momento que o fascismo se levantou em armas, criar um cordão paralelo.”³²⁰ [Tradução nossa]

Como afirmou Gaudichaud, a questão da autonomia em relação ao governo era defendida pela esquerda do PS.³²¹ Este setor não era contrário à integração dos cordões à CUT, mas antes disso, a Central deveria sofrer mudanças em suas estruturas. Os cordões trouxeram uma nova forma de organização dos trabalhadores que antes era por setores produtivos e quando surgiram incorporaram o critério da territorialidade, ou seja, trouxeram uma nova concepção, integrando desta forma, as demandas de trabalhadores de distintas ramas produtivas. Para os socialistas esta nova forma de organização deveria ser discutida na CUT servindo como referencia para o debate sobre a necessidade de transformação da Central marcada fortemente pela burocratização. Foi o que afirmou o socialista Victor Muñoz:

“Não defendemos que os cordões devam ser paralelos à CUT o que defendemos é que a CUT deve readequar sua organização a realidade concreta que se vive neste momento [...] A potencial integração dos cordões implica que a CUT readéque sua estrutura orgânica e que os cordões tenham um papel importante nesta discussão.”³²² [Tradução nossa]

Sobre o tema, o mirista Mario Olivares acrescentou que a decisão sobre a incorporação à CUT foi feita pelos dirigentes socialistas e que não houve consulta às bases. Salientou que os trabalhadores chilenos compunham aproximadamente três milhões e a CUT agrupava somente por volta de 650 mil trabalhadores. De acordo com sua visão a organização não representava o conjunto dos trabalhadores, mas apenas setores da classe e, tal fato, se dava principalmente às deficiências da legislação trabalhista. Para Mario tais elementos impediam afirmar que a Central era a expressão máxima dos trabalhadores chilenos e a questão da integração dos cordões à CUT e deveria estar relacionada, imprescindivelmente, à transformação das suas estruturas como forma de possibilitar sua democratização.³²³ O socialista Victor Munoz defendeu que a qualidade dos cordões estava justamente no fato de agruparem industriais que não estavam integradas à CUT. Para ele pensar a incorporação dos cordões à CUT era uma tarefa que

³²⁰ *Tarea Urgente* n.09, Santiago, 1973, pg. 2.

³²¹ GAUDICHAUD, op. cit., p. 43.

³²² MUÑOZ, Victor. Los cordones industriales y la CUT. Disponível em <<https://www.archivoleontrotsky.org/download.php?mfn=7627>> Acesso em 25.03.2014.

³²³ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

exigia, por exemplo, uma definição de como se daria a participação das indústrias, de como seriam eleitos os delegados e o número (e aqui ele defendia que os delegados deveriam ser eleitos independentemente de serem ou não dirigentes sindicais), entre outras tarefas. Victor Munhoz acrescentou que havia falhas nos cordões, mas que à medida que incorporassem todos os setores dos trabalhadores poderiam fazer um debate ideológico e político com relação às tarefas principais daquele momento. E, finalizou, defendendo que o partido que esteja realmente interpretando os interesses dos trabalhadores será o mesmo que conduzirá o processo.³²⁴

Após o Tanquetazo a CUT reconheceu formalmente os cordões enviando inclusive delegados para cada um deles³²⁵, mas logo em seguida ocorreu o golpe, impedindo assim o avanço nas discussões sobre os cordões e a relação com a CUT.

Em 5 de setembro de 1973 a Coordenadora Provincial dos Cordones, junto com o Comando Provincial de Abastecimento Direto e a Frente Única de Trabalhadores enviaram uma carta à Allende³²⁶ na qual alertaram para a iminência do golpe e a instauração do fascismo. Nela constam algumas reivindicações como a implementação total do programa de governo, a elaboração de uma nova Constituição, a criação da Assembleia do Povo, de uma Câmara Única e de Tribunais Supremos e criticaram, por exemplo, a constituição do gabinete cívico-militar (criado como forma de enfrentar o paro de outubro, mas que causou inúmeras divergências entre a esquerda). Porém, na carta não há indicações na prática de como deveria se dar o enfrentamento de um povo sem armas, diante da real possibilidade do golpe.

Nos meses após a tentativa de golpe, a UP e inclusive os setores rupturistas salientaram a importância da defesa do governo e apostaram também na atuação de oficiais de baixa patente do exército para a sua defesa. Por outro lado, a direita realizava diversos chamados às forças armadas para a derrubada do governo.³²⁷ Os partidos da esquerda e a CUT realizaram um chamado aos trabalhadores dos cordões para que estes se mantivessem nas fábricas e, em alerta, para defender o governo. Os militantes dos setores à esquerda do PS, junto ao MAPU Garretón e o MIR, tentaram organizar grupos armados e iniciaram um treinamento militar, que ficou conhecido como Plan Santiago.³²⁸ Nos cordões formaram-se brigadas de defesa, por exemplo, na empresa

³²⁴ MUNHOZ, op. cit., p. 1.

³²⁵ GAUDICHAUD, op. cit., p. 47.

³²⁶ SOTO, op. cit., p. 321.

³²⁷ SOTO, p. 281.

³²⁸ Ibid., p. 281.

Sumar, com presença do aparato militar do PS e do GAP (Grupo de Amigos do Presidente).³²⁹ Conforme relatou de Hernan Ortega, os trabalhadores permaneceram nas indústrias para resistir ao golpe, mas não havia armas e nem capacidade militar de enfrentamento, somente a vontade de resistir e lutar em defesa do governo. Hugo Valenzuela contou que conforme o golpe foi se tornando real, com a notícia do bombardeio de *La Moneda* e da morte de Allende e o envio, por exemplo, de militares às indústrias para reprimir os trabalhadores, estes percebiam que não havia mais como reagir e reunidos nas diversas assembleias das respectivas indústrias decidiram pouco a pouco retornar para suas casas. Acrescentou que um grupo de aproximadamente 30 pessoas decidiu permanecer na empresa, inclusive ele e foram se refugiar na *población La Legua*, pois o exército já tinha chegado até o cordão e ficaram aproximadamente três dias escondidos na *población* com a ajuda dos moradores do bairro.³³⁰ Houve resistência em inúmeras indústrias, como Indumet, IRT, Easton, Cristaleria Chile, entre outras, com a participação dos trabalhadores, estudantes e pobladores.³³¹ Entretanto na prática não havia condições nem preparo para o enfrentamento ao golpe militar que recebeu forte apoio político e financeiro do governo norteamericano.

³²⁹ Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

³³⁰ Entrevista realizada com Hernan Ortega em 25 de Setembro de 2013.

³³¹ BORGES, op. cit., p. 214.

4.2 – A organização dos trabalhadores e as novas formas de sociabilidade: a questão da solidariedade de classe

Neste item do capítulo busco resgatar as ações de solidariedade empreendidas entre os trabalhadores nas lutas pelas reivindicações políticas, econômicas e sociais. Nos cordões foram geradas novas formas de sociabilidade, como expressou a historiadora Sandra Soto, que foram pautadas na solidariedade de classe e essenciais para enfrentar o processo de luta pela transformação da sociedade.

A solidariedade entre estes setores populares foi construída historicamente desde as organizações dos trabalhadores em *mancomunales* e sociedades de resistência do século XIX, passando pelas diversas formas de exploração enfrentadas por eles no campo e latifúndios, nas minas de carvão, de minérios, nas salitreiras, desde o extremo norte até o extremo sul. Foram nas tomas e ocupações dos anos 1960, no movimento sindical, campesino e urbano que estes setores construíram uma identidade de luta. O governo da UP, por suas propostas de transformação profunda da sociedade apareceu como um catalisador dessas histórias e produziu junto aos trabalhadores e pobladores um cenário de possibilidade real de mudança. Durante as entrevistas que realizei com militantes do período, muitos alertaram sobre a importância de resgatar a história do movimento operário e de *pobladores* para entender a mobilização dos setores populares no período da UP que foi fruto de um longo processo de luta. Tais experiências em comum forjaram uma identidade e ainda articularam uma solidariedade de classe através dos interesses em comum que eram opostos aos de outras classes. Hugo Valenzuela abordou em entrevista como era a solidariedade entre os trabalhadores durante a UP:

“Foi uma solidariedade extraordinária, havia um incentivo a nível nacional dos trabalhadores, o trabalho voluntário foi fundamental, os estudantes estavam ajudando nas fábricas, uma grande esperança. A direita começou a criar um ambiente ficcional de escassez de alimentos e de produtos, o mercado negro, em seguida, os cordones nomearam todos os dirigentes como inspectores e podíamos ir a qualquer lugar monitorar os armazéns e, assim, conseguimos surpreender muitos que escondiam produtos. No paro de outubro saíamos na rua e fazíamos com que os caminhoneiros paralisados voltassem ao trabalho.”³³² [Tradução nossa]

³³² Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

A experiência de participação destes trabalhadores no governo da UP foi caracterizada pela energia autodidata³³³ que juntamente com as lutas empreendidas para transformar a sociedade representaram fundamentalmente um amadurecimento a partir da experiência de classe no sentido marxista e a ampliação dos conhecimentos dos trabalhadores sobre sua própria condição na sociedade. A transmissão e compartilhamento a partir de uma educação não formal baseada, por exemplo, na construção de bibliotecas nas fábricas indicou um envolvimento dos trabalhadores em aprimorar suas noções sobre a realidade.³³⁴ Tal energia pode ser compreendida no sentido de que a conjuntura histórica, as ações empreendidas pelos trabalhadores no período, acrescida do acúmulo das lutas construídas na trajetória do movimento operário chileno permitiram fortalecer e difundir a busca por conhecimento o que resultou num forte processo de conscientização a partir das vivências cotidianas compartilhadas ao longo do processo. Tal energia autodidata permitiu ampliar o entendimento destes trabalhadores sobre o seu universo político e econômico.

O depoimento de um dos trabalhadores entrevistados da fábrica FIAP-Tome, expressou tal esforço dos trabalhadores em ampliar seu conhecimento e a possibilidade de atuar criticamente:

“Construímos bibliotecas nas fábricas para os trabalhadores e fazíamos debates e aulas de formação política. Havia um espaço e ambiente de forte participação e debate, crescia nos trabalhadores a vontade de participar e ampliar seu conhecimento, compartíamos livros e idéias.”³³⁵ [Tradução nossa]

O sentimento em jogo de acabar com a exploração e qualquer tipo de abuso dos empresários que era sentido pelos trabalhadores por décadas impulsionou as práticas de atuação no sentido de construção de uma sociedade socialista baseada na solidariedade de classe. O cenário de mudanças profundas que incluíam temas historicamente reivindicados pelos trabalhadores, militantes de esquerda, *campesinos* e *pobladores*,

³³³ Tal energia autodidata foi citada por Thompson em sua obra “*A Formação da classe operária inglesa*” para expressar a atuação dos trabalhadores ingleses em determinados momentos de experiência do radicalismo popular do século XIX, cujo compartilhamento de vivências e a busca por conhecimento ressoavam entre estes atores ampliando a politização. In THOMPSON, E. P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p.303.

³³⁴ Durante as entrevistas muitos militantes comentaram sobre as melhorias que fizeram tanto no ambiente de trabalho como nas *comunas* vizinhas. Hugo Valenzuela destacou a construção de uma biblioteca na empresa Sumar, como forma de incentivar os trabalhadores a se envolver no mundo da política.

³³⁵ Entrevista realizada com Armando Coloma em 15 de setembro de 2013.

como a reforma agrária, a estatização das riquezas nacionais, o controle dos bancos, a questão da habitação e construção de casas para os moradores dos bairros periféricos, entre outros, catalisou a luta por transformações. Tais projetos incorporados no programa de governo da UP começaram imediatamente, após a eleição de Allende. Esse clima de mudanças profundas sentido pelos trabalhadores e como fruto da luta histórica do movimento operário de trabalhadores juntamente com as inúmeras tentativas da direita de desestabilização do governo provocou a radicalização da luta.

O controle da consciência foi uma das formas mais violentas de abusos cometidos pelos patrões nas indústrias do Chile. Um exemplo do controle e abuso exercido pelos empresários sobre os trabalhadores foi representado no filme “*A Guerra de los momios*” dos alemães da antiga Berlim oriental Heynowsky e Scheumann. No filme há uma cena em que um trabalhador conta que para serem admitidos eram obrigados a jurar obediência a uma caveira que representava o dono da fábrica têxtil Yarur, de nome homônimo. A obediência incluía juramento de não violar os bens do patrão e não rebelar-se contra ele. O trabalhador entrevistado no filme conta que antes da ocupação da fábrica os trabalhadores eram humilhados e maltratados, tinham salários baixos e que durante o governo da UP as condições de trabalho e os salários eram melhores, a produção aumentou e havia liberdade de expressão. A fábrica durante o governo da UP foi ocupada pelos trabalhadores e se tornou “*Ex-Yarur: Territorio Libre de Explotación*”. Embora tais depoimentos tenham sido feitos durante o governo da UP em um clima de radicalização da luta política e por isso as falas apresentam tonalidades de extrema indignação, o sentimento acumulado historicamente de abuso, exploração e controle desses trabalhadores também eram elementos fundamentais, cujo momento político permitiu uma liberação da ira diante de décadas de sofrimento e a solidariedade foi um dos principais elementos de constituição do processo.

Nos depoimentos colhidos muitos trabalhadores contam que eram filhos de mineiros e que foram para Santiago na tentativa de fugir da exploração porque não queriam seguir trabalhando nas minas como seus pais. Charly, militante do MIR, contou que viveu toda sua infância e parte da juventude em uma mina no norte do país onde seu pai trabalhava e lembrou que não havia salário e que este era pago em alimento; a casa onde viveu era muito pequena com três cômodos e recorda que dormia junto com seus irmãos e seus pais num quarto pequeno.³³⁶ Além disso, não tinham educação e eram

³³⁶ Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de setembro de 2013.

obrigados a ir todos os dias nas mercearias coletivas para buscar comida depois de horas numa fila imensa. Ele acrescentou que isso na sua infância foi terrível porque se lembra do tempo que perdia e que podia estar estudando ou brincando na rua. Acrescentou ainda que o governo Allende fomentou a solidariedade de classe e que muitas ações foram feitas para melhorar as condições dos setores pobres como a organização de feiras para a venda direta de produtos de primeira necessidade e a construção de casas através dos mutirões feitos em fins de semana pelos trabalhadores.

Os pesquisadores do CIDU mencionaram sobre os convênios realizados entre os trabalhadores da cidade e do campo para organizar o abastecimento direto, salientando que eram ações pontuais relacionadas às conjunturas específicas e que deveria haver uma planificação a nível nacional.³³⁷ Embora tenham sido ações específicas para enfrentar a crise de desabastecimento, o papel destes trabalhadores do campo e da cidade e dos pobladores foi fundamental no enfrentamento à crise e representou um protagonismo das classes populares no curso do processo. Raul Silva interventor da empresa Bellavista, comentou como era a solidariedade de classe no período:

“A solidariedade foi muito cultivada, reparamos e construímos casas, a empresa ajudava com empréstimos aos trabalhadores. Fizemos intercâmbio entre trabalhadores da empresa Textil Progreso de Santiago. Os partidos faziam as atividades de formação política e nós tínhamos referência nos trabalhos de Marta Hamecker.”^{338c}
[Tradução nossa]

A maior parte dos trabalhadores vivia nas poblaciones próximas aos cordões, como foi o caso de trabalhadores do cordão Vicuña-Mackenna e o bairro La Legua. Esta población se constituiu através de uma toma de terreno em 1965 e era fortemente combativa. Este trânsito entre os cordones e as *poblaciones* via trabalhadores e trabalhadoras foi fundamental para dinamizar o processo de politização através das experiências compartilhadas nas lutas cotidianas.

Muitos trabalhadores se diziam ser *allendistas*, inclusive nas entrevistas, como por exemplo, afirmou Arsênio Vasquez, trabalhador da empresa FIAP e depois Bellavista: “Eu me identifico como allendista, Tomé se caracterizou por ser um povo muito solidário com a UP.”³³⁹ A identificação dos trabalhadores com Allende significou que ele consolidou um apoio popular ao longo da sua carreira política e que canalizava

³³⁷ CHEETHAM, op. cit., p.27.

³³⁸ Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

³³⁹ Entrevista realizada com Arsenio Vasquez 22 de Setembro de 2013.

as reivindicações desses setores. Para o historiador Sérgio Grez Toso o “allendismo” se expressou como sentimento e corrente política de massas e representou a tentativa de buscar uma síntese entre a via moderada revolucionária e a via rupturista revolucionária. Ele apontou ainda que estes termos de polarização que marcou as divergências entre a esquerda chilena durante a UP já não se inserem mais no contexto mundial dos dias atuais após a queda do muro de Berlim, a terceirização das economias, as transformações tecnológicas, o avanço da globalização neoliberal e a consolidação de um modelo de dominação.³⁴⁰ Mas a atualidade e relevância do debate da UP e sua estratégia pode contribuir à medida que se pensa na crítica ao modelo neoliberal e de dominação imperialista. Para ele o reformismo rupturista como elemento central no governo de Allende pode servir de referência para as discussões atuais e como herança política de conteúdo “reformista revolucionário”.

Com a eleição de Allende, os setores populares tinham a expectativa de ver suas aspirações concretizadas. Depois de anos de espera e campanha para sua eleição os trabalhadores e pobladores finalmente assistiram sua vitória e compartilharam dela em todas suas esferas. A participação aumentou à medida que as transformações começaram a ser implantadas e atingiu seu ápice nas lutas, greves e mobilizações para a defesa do governo, frente a uma possível derrubada produzida pela elite dirigente e apoiada pelo governo norte-americano.

Neste contexto a solidariedade entre os setores populares foi marcante e crucial. As mobilizações e ações na tentativa de defender o governo durante os seus mil dias que antecederam um golpe de estado brutal foram construídas através dos laços comunitários, das articulações já existentes antes do governo e fortalecidas nesse processo. As organizações de base como os *centros de madres*, as *juntas de vecinos*, os *comandos comunales* assumiram um papel fundamental junto aos militantes orgânicos que viviam principalmente nas *poblaciones*. A luta envolvia tanto aspectos mais particulares das *comunas*, como melhorias das condições de vida (moradia, saúde, habitação) bem como tarefas mais gerais de defender o governo, de se solidarizar com companheiros de outras poblaciones e apoiar e participar das mobilizações, das greves e da defesa dos cordones industriales.

Nos depoimentos e estudos realizados durante o processo e posteriormente, há observações a respeito de como era produzido na prática a solidariedade de classe que

³⁴⁰ TOSO. op. cit.

gerava novas formas de sociabilidade entre estes trabalhadores e *pobladores*. A articulação entre trabalhadores das indústrias têxteis com as *poblaciones* no sentido de abastecer diretamente estes setores evitando assim o mercado paralelo e o boicote compõe um dos exemplos de ajuda solidária construídos no período. Embora, na prática, não seja possível afirmar, por não ser o foco deste estudo, que os cordões tiveram uma intensa atividade de cooperação com as JAP's e outros conselhos comunais, em tese se discutiu em várias instâncias a importância de articulação com estes organismos de base. Houve exemplos de cooperação e ajuda mútua, como por exemplo, na crise de desabastecimento, onde trabalhadores saíam com caminhões desde a indústria têxtil Yarur para levar e vender os produtos diretamente aos moradores dos bairros populares.³⁴¹

Outros exemplos que podemos citar foram as melhorias realizadas no interior das fábricas como a construção de refeitórios, de creches para as mães, de ambulatorios médicos, bibliotecas. Alguns entrevistados ressaltaram que em determinadas empresas os trabalhadores formaram cooperativas para ajudar, por exemplo, na construção de casas para aqueles trabalhadores mais pobres. Quanto mais organizados estavam os trabalhadores das empresas mais pressionavam o governo para dar continuidade às mudanças. Hugo Valenzuela abordou algumas melhorias que fizeram nas fábricas durante a UP:

“A empresa era muito grande e moderna, mas não tinha refeitório para os trabalhadores que tinham que comer na rua, somente tinha para os profissionais técnicos, havia muitas mulheres, aproximadamente 3.700, muitas eram mães e não havia uma creche para elas deixarem seus filhos, os salários eram péssimos e quando fomos eleitos observamos tudo isso, as diferenças entre empregado e trabalhador. Então o primeiro trabalho do sindicato foi fazer um grande refeitório onde comiam todos juntos, construímos creches para as mães. Tínhamos também uma área bem estar social composto por uma assistente social, um representante sindical e um dos empregados.”^{342ci}
[Tradução nossa]

Sobre as melhorias nas fábricas, ele ressaltou ainda que foi feito um convênio com Quimantu, importante grupo editorial de esquerda, e através dele conseguiram livros por preços baixos e isso ajudou a formar a biblioteca da empresa.³⁴³ Acrescentou que havia

³⁴¹ SILVA, Miguel. *Los Cordones Industriales y el Socialismo desde Abajo*. Santiago: Imprenta Lazor, sem data. pg. 223.

³⁴² Entrevista realizada com Hugo Valenzuela em 21 de Setembro de 2013.

³⁴³ Ibid.

uma grande demanda de construção de casas para os trabalhadores e inclusive tinha sido feito um acordo coletivo com os patrões para que designassem 5% das utilidades da empresa para as construções, mas que tal acordo nunca tinha sido cumprido. Quando a empresa foi ocupada e sofreu intervenção foi discutido aspectos deste acordo e conseguiram um convenio para a construção das casas:

“Conseguimos um convênio para construir apartamentos e casas e isso era responsabilidade da comissão de bem estar social, eles visitavam as famílias dos trabalhadores e determinavam a necessidade de cada um. Agora estas casas quando ocorreu o golpe, foi tirada dos trabalhadores. As casas eram feitas por uma empresa construtora e a gente pagava ela.”^{344cii} [Tradução nossa]

Os cordones foram caracterizados pela diversidade, tanto em relação às empresas e espaço geográfico como pelo estabelecimento de novas formas de relações sociais fruto da participação e criatividade dos trabalhadores. O caráter comunitário empreendido por eles remetia às primeiras organizações de trabalhadores chilenos que estavam baseados na solidariedade de classe. Sandra Soto afirma que a emergência do sindicalismo e “a ênfase colocada nos conflitos de caráter econômico, introduziu certa “racionalidade” sobre um fator mais “comunitário” e que permaneceu nos trabalhadores.”^{345ciii} A autora salientou que o caráter comunitário dos movimentos populares prevaleceu na UP e se manifestou com maior frequência entre os trabalhadores e as camadas populares.³⁴⁶

Inúmeras foram as formas de mobilização durante o período do governo da UP contra os boicotes empresariais, o mercado paralelo e o desabastecimento, para pressionar o governo para avançar nas mudanças e como reação frente à ameaça dos interesses dos trabalhadores. Entre elas estavam greves e mobilizações em solidariedade aos trabalhadores de empresas ocupadas, ações diretas como as ocupações de fábricas contra boicotes dos donos ou reivindicações não atendidas, abastecimento direto para combater o mercado negro e convênios com empresas de distintos ramos para abastecer os setores populares. Em agosto de 1972 houve uma manifestação de trabalhadores do setor têxtil contra a restituição das empresas Tejidos Capupolican e Chiguayante com o apoio dos trabalhadores de Tomé que se somaram às mobilizações.³⁴⁷ Os trabalhadores

³⁴⁴ Ibid.

³⁴⁵ SOTO, p. 229.

³⁴⁶ Ibid., p. 229.

³⁴⁷ *Tarea Urgente*, n. 5, 1973, p.2.

afirmaram com frequência que era comum tais manifestações de solidariedade, inclusive organizavam paralisações em diferentes fábricas para apoiar as reivindicações de trabalhadores de determinada indústria. O socialista Juan Carlos mencionou a importância da solidariedade durante as greves dos trabalhadores dos cordões:

“A UP foi um processo revolucionário. Nos cordones se estabeleceram vínculos entre as empresas, os dirigentes das distintas empresas tinham que se comunicar entre eles sobre o processo produtivo e isso permitiu desenvolver a solidariedade entre os trabalhadores. Havia muitas mobilizações e greves em solidariedade a empresas que estavam em greve. As pessoas começaram a entender e a falar mais sobre política.”^{348civ} [Tradução nossa]

Carlos Cortez militante da FTR e dirigente do cordão Panamericana Norte falou em entrevista sobre algumas ações dos trabalhadores em situações, cujos interesses estavam ameaçados e como atuavam para enfrentar o boicote da produção:

“No paro de outubro a preocupação era chegar no trabalho e isso não foi o problema, buscamos tratores, ônibus e bicicletas para ajudar os trabalhadores e fazíamos almoço coletivo. As pessoas ocupavam terrenos em Renca e nos terrenos ocupados viviam trabalhadores das diferentes fábricas. No cordão tinha empresas de alimentos e levávamos estes alimentos para os trabalhadores das fábricas, assim nos organizamos para ajudar uns aos outros. Tinha ainda os problemas com o transporte, necessitávamos de caminhões para o abastecimento e para que as matérias-primas chegassem nas empresas, então organizamos o comando comunal.”^{349cv} [Tradução nossa]

Carlos Cortez acrescentou que a solidariedade entre os trabalhadores de fábricas distintas foi marcante no período da UP e que havia ajuda mútua quando os patrões não atendiam as reivindicações coletivas:

“Eu me lembro de uma fábrica a Papelera Sur que fazia caixas de papelão para as bananas e seus trabalhadores tinham que apresentar as reivindicações para a negociação coletiva, mas tinham poucas possibilidades porque a empresa era muito pequena e então o cordão se manifestou dizendo que o problema não era apenas dos trabalhadores da empresa, e que se o problema não fosse resolvido parariamos todos. Construímos a solidariedade o tempo todo durante a

³⁴⁸ Entrevista realizada com Juan Carlos Espinosa 15.09.2013.

³⁴⁹ Entrevista realizada com Carlos Cortez em 15 de setembro de 2013..

A solidariedade dos trabalhadores era vinculada principalmente a eventos e acontecimentos que ameaçavam os interesses comuns desse setor e dos quais estavam em desacordo. A historiadora Sandra Soto mencionou os conflitos dentre os dirigentes e os trabalhadores da empresa Paños Continental, situação na qual atuaram em defesa do interventor. O exemplo foi retirado de uma matéria do jornal *La Aurora de Chile* no qual um trabalhador relatou tal experiência:

“Outra vez ocupamos a fábrica, mas não deixamos de produzir. No dia 26 a tarde a direção sindical nos comunicou que “alguém” queria tirar o interventor Tomás Inostroza, o que nos pareceu incorreto. Trouxemos este companheiro, durante o paro de outubro, para dirigir a indústria e agora querem tira-lo sem ao menos nos consultar. É óbvio que este “alguém” não pertence à indústria, não é um dos que trabalham oito horas diante de uma máquina, mas que ocupam um destes altos cargos [...] Tomara que entendam nossa posição, consultar as bases para tomar decisões, caso não entendam a indústria seguirá ocupada. Estamos lutando contra uma das grandes taras do capitalismo e um dos problemas maiores do socialismo, a burocracia.”^{351cvii} [Tradução nossa]

O processo histórico ocorrido no Chile durante o governo de Allende foi acompanhado de uma intensa luta política entre os setores da direita contrários ao governo e grupos da esquerda que apoiavam o governo, mesmo que criticamente. Porém dentro da própria esquerda havia divergências com relação às estratégias sobre o processo rumo ao socialismo. Os partidos eram fortemente representados nas estruturas das fábricas e através do movimento sindical. A presença dos partidos e organizações de esquerda nas fábricas era intensa e as assembleias e discussões eram normalmente dirigidas por aqueles trabalhadores mais próximos das estruturas partidárias, conforme lembraram alguns destes trabalhadores entrevistados. Porém, o ambiente de forte mobilização política aproximou os trabalhadores menos politizados da vida política, ao menos no ambiente de trabalho que era parte de um processo político mais amplo e que representada uma esfera dele. As atividades de formação política, as reuniões e assembleias mesmo que organizadas e dirigidas em sua maioria por representantes dos partidos e organizações da esquerda possibilitou uma troca entre os trabalhadores das

³⁵⁰ Ibid.

³⁵¹ Entrevista de um trabalhador publicada no periódico *La Aurora de Chile*, n. 17, Santiago, 5 de abril de 1973, p. 5. Apud. SOTO, op. cit., p.228.

experiências vividas no período e que caracterizou o processo de politização de setores populares, operários e camponeses. As atividades de lazer como os jogos de futebol, os almoços realizados nas fábricas, as apresentações musicais eram acompanhados de conversas e trocas de experiências e impressões sobre o período. Como afirmou Arsênio Vasquez, trabalhador da empresa Bellavista:

“Na UP compartilhamos muito com a cidade Santiago, trouxemos conjuntos musicais folclóricos da indústria textil Sumar e íamos também até lá para tocar. Além disso, fazíamos almoço para as famílias dos trabalhadores e havia muita integração e discussão sobre os acontecimentos políticos e econômicos da época.”^{352cviii} [Tradução nossa]

A solidariedade de classe, durante as greves, paralizações e ocupações fortaleceu as mobilizações dos trabalhadores. Inúmeras atividades foram realizadas com intuito de estimular a troca de experiências entre os trabalhadores. Muitas delas era fruto da atuação do partido no interior das fábricas e inúmeras outras fruto da atuação dos trabalhadores. Não houve um limite rígido entre a atuação dos partidos e a atuação dos trabalhadores com relação à construção das mobilizações, pois a maioria desses trabalhadores era militante ou apoiava alguma organização da esquerda. O que podemos perceber é que a UP contribuiu fortemente para o desenvolvimento da solidariedade de classe, a medida que representava os interesses dos trabalhadores e estimulava a criação de organismos baseados nas relações de solidariedade como as juntas de vecinos, os comitês de vigilância, as juntas de abastecimento. Porém a construção das relações solidárias, somente foi possível pela forte mobilização e organização das camadas populares. A dinâmica das ocupações de fábricas, das greves, paralizações, mesmo com o intuito de pressionar o governo, estimulou a relação solidária e possibilitou uma maior independência dos cordões que foi marcada pela criatividade dos trabalhadores para enfrentar os momentos de acirramento da luta política. Os laços estabelecidos entre os trabalhadores dos cordões e as poblaciones com o fim de assegurar o abastecimento, de apoiar as ocupações de terrenos, de mobilizar os setores populares contra os intentos dos grupos ligados à direita, configuraram novas formas de sociabilidades e foram determinantes para a organização dos trabalhadores, camponeses e pobladores e a defesa do governo.

³⁵² Entrevista realizada com Arsenio Vasquez, 22 de Setembro de 1973.

Considerações Finais

A eleição de Allende e o governo da UP representaram para os setores mais pobres da sociedade chilena uma real possibilidade de transformação. No programa de governo estava descrito a necessidade de implantação de um sistema mais justo que envolvia uma educação de qualidade, o acesso à saúde e habitação, cujas instâncias não estavam mais a serviço do capital, mas sim de um desenvolvimento social e econômico mais igualitário.³⁵³ Este cenário favoreceu a participação e o envolvimento na luta pela concretização do programa. Os cordões eram uma esfera que representava tal envolvimento, cujos trabalhadores buscaram fortalecer o poder local e garantir uma participação mais direta nas transformações que ocorriam no país.

A participação dos setores populares era um dos fatores centrais defendidos no programa da UP, através do sistema de participação dos trabalhadores proposto pelo governo na administração das empresas da Área de Propriedade Social. O sistema proposto pelo governo trouxe inúmeras expectativas aos trabalhadores que viram nele uma possibilidade de deixarem de ser explorados. Por outro lado, o sistema proposto tinha limitações e insuficiências e os trabalhadores denunciaram alguns problemas como, a lenta implantação e o papel meramente consultivo das instâncias de base, entre outros. As condições impostas pelo sistema de participação proposto pelo governo foram extrapoladas e os trabalhadores dos *cordones industriales* propuseram um forma de participação baseada no controle direto da produção.

A insígnia *Crear Poder Popular!* representava não apenas a necessidade de radicalização, mas o envolvimento das massas na defesa do governo. As ações de boicote da produção criadas pelos empresários, a fuga de capital, os problemas causados pelo desabastecimento, as ações de grupos da extrema direita como o *Pátria y Libertad*, entre outros legitimavam a luta pela sobrevivência do governo eleito. Tal processo foi marcado pela radicalização política e social, cujo auge culminou no *paro patronal* de outubro. A base de sustentação do governo (os setores populares e militantes da esquerda) atuou em sua defesa, nas *jap's* e na fiscalização da produção, numa tentativa de coordenar coletivamente as ações. Neste contexto a atuação desses setores transpassaram as definições do governo como forma de responder ao paro e pressionar o governo a avançar nas propostas. Mesmo com as dificuldades de articulação e

³⁵³ Programa de Governo da Unidade Popular, pg. 03.

desenvolvimento próprias de momentos instáveis e de mudanças, a sua atuação refletiu um intenso processo de politização que fez com que esses atores tomassem o processo em suas mãos e atuassem tendo como referência o acúmulo histórico de luta dos movimentos e partidos da esquerda chilena.

O governo não se converteu em um centro único de decisões. As ações dos setores populares e militantes tornaram-se germens do poder popular e reflexo da própria dinâmica do processo de construção do socialismo. Nesse sentido pude perceber tanto nas entrevistas como nos documentos e jornais consultados que o governo deixou de ser o centro da tomada de decisões e passou a enfrentar a pressão dos trabalhadores.

A estratégia utilizada pela UP que incluía uma negociação e busca por apoio dos chamados “setores médios progressistas” não permitiu que o governo incentivasse o avanço no que se refere ao desenvolvimento do poder popular para além das instituições do Estado. O governo manteve a mesma posição tática e estratégica até o fim da UP, inclusive quando aceitou a entrada das forças armadas no governo, representado na construção do gabinete cívico-militar, como uma das formas de enfrentamento do paro de outubro e presumindo uma trajetória democrática na história do país, o que mostrou uma análise equivocada sobre a “certa neutralidade” das forças armadas no Chile.

Um dos motivos principais de se entender este período é a originalidade do processo: a insígnia *crear, crear poder popular!* mostrou como os trabalhadores junto aos setores mais pobres sobressaíram à vanguarda dos partidos tradicionais da esquerda chilena. Os cordones industriales foram germens de poder popular, e os trabalhadores buscaram aprofundá-lo através das ocupações de fábricas, criando assim espaços para a participação na direção da economia do país. Durante o processo de construção do governo da UP estes organismos foram ganhando autonomia e se ampliando, não sem contradições, além de fortalecer a solidariedade de classe. A presença dos partidos era clara, mas o processo incentivou a participação popular através das experiências compartilhadas entre os trabalhadores.

O processo de acirramento da luta, que foi refletido, por exemplo, nas ocupações de fábricas pelos trabalhadores, criticadas pelo governo era fruto também das transformações empreendidas pela UP e não apenas da radicalização das massas frente ao paro de outubro. A burguesia estava completamente contrária ao governo e desde o início já se articulava para deslegitimar a UP. A defesa de uma estratégia institucional não foi o suficiente para defender o projeto revolucionário proposto pela UP. Faltaram esforços da UP em explorar e entender melhor como seria o caminho institucional até o

socialismo. Como bem lembrou Tomas Moulian, a originalidade do processo exigia esforços maiores e mais profundos de pensar questões de como seria esse caminho, de como se daria as formas de aliança, o funcionamento do aparato jurídico, o papel das forças armadas no processo, etc.³⁵⁴ À via chilena e a Allende faltou impulsionar o desenvolvimento do poder popular desde o início do governo, umas das formas, como observou Moulian, de ir experimentando as novas possibilidades de participação e organização no caminho para uma nova sociedade. Embora no programa de governo tal desenvolvimento ocupasse um dos eixos centrais, na prática houve tentativas por parte da UP de controle, com o intuito de conseguir o apoio da pequena burguesia, o que muitas vezes foi criticado pelos setores operário-popular, porém tal tática não impediu a articulação dos trabalhadores do campo e da cidade, estudantes e militantes da esquerda na luta pelo socialismo. No entanto sabemos que se trata de reflexões posteriores ao processo do qual já havia passado certo tempo, possibilitando a construção de um razoável universo de análises sobre o período, mas são fundamentais para pensar os limites da UP e os esforços contrarrevolucionários internos e externos que desde o começo do governo já se expressava no país.

Allende defendia que a participação dos trabalhadores estava diretamente relacionada à necessidade de fortalecer os sindicatos, representados pela CUT. Essa seria, portanto, umas das principais tarefas. Dessa forma, as ações dos trabalhadores deveriam estar de acordo com as diretrizes do movimento organizado, buscando garantir que a atuação deles não sobrepassassem o ritmo das mudanças proposto pelo governo. A CUT continuou sendo a expressão máxima dos trabalhadores, mas a sua adesão completa ao programa da UP a distanciou das lutas cotidianas desses trabalhadores. Os cordões surgiram com uma dinâmica distinta da CUT e propôs novas formas de organização da classe trabalhadora. Além disso, vale ressaltar que os cordões não eram organismos opostos ao governo: seus trabalhadores inúmeras vezes saíram em defesa do governo, através, por exemplo, das mobilizações e da construção dos comitês de vigilância do qual buscaram garantir a distribuição das matérias-primas, do abastecimento e a continuidade da produção.

Uma questão fundamental que refletiu a construção dos cordões foi a importância de fortalecer as organizações locais para ampliar a participação dos setores populares a nível local. Nesse sentido eles foram uma alternativa às organizações

³⁵⁴ MOULIÁN, Tomás. “La vía chilena al socialismo: itinerario de la crisis de los discursos estratégicos de la Unidad Popular.” In: PINTO, Julio (orgs.), op. cit., p. 40.

tradicionais como os sindicatos, cuja representação a nível nacional, a CUT, estava organizada de forma hierárquica e burocratizada. Os trabalhadores dos cordões superaram as pautas reivindicativas para criar formas mais diretas de participação dos trabalhadores. Estes organismos representaram ainda uma tentativa de superar os problemas político-econômicos de empresas isoladas e de impulsionar uma coordenação coletiva que fortalecesse a luta contra os empresários.

Os cordões não tinham uma direção única, mas os partidos tentavam dirigi-los através dos sindicatos que, politicamente, o controlavam.³⁵⁵ Embora houvesse uma diversidade na forma de organização dos cordões, ações conjuntas dos trabalhadores de diferentes indústrias e cordões foram articuladas o que contribuiu para uma maior integração e troca de experiências entre os trabalhadores. O historiador Franck Gaudichaud ressaltou que o desenvolvimento dos cordões foi embrionário e contou com a participação dos dirigentes sindicais que mobilizaram os trabalhadores em conjunturas de crises. Para ele os cordões tinham caráter limitado e a ausência de uma direção unificada que trouxesse uma alternativa ao modelo de governo proposto pela UP, foi uma das principais deficiências.³⁵⁶ Mas as limitações estavam ligadas ainda, a certa burocratização das instâncias diretivas, cuja dinâmica geral de composição das direções muitas vezes pautada em acordos políticos impediu, em muitos casos, uma ampla participação nos processos e instâncias dos cordões. A existência das disputas partidárias entre os setores da esquerda e a forte presença das organizações que se autodenominavam à esquerda da UP nos cordões é inegável, inclusive alguns entrevistados questionaram se houve de fato uma participação a partir das bases ao ponto de interferir nas decisões, estes por sua vez, também eram militantes e refletiram as posições das organizações que participavam no período. Embora os cordões tenham se constituído como germens do poder popular, o papel hegemônico dos partidos impediu uma maior participação desde as bases trabalhadoras visto que a própria direção destes organismos não era eleita pelas bases, mas fruto de acordos partidários. Por outro lado vale acrescentar que a curta duração do processo interrompido pelo golpe militar que empreendeu as formas mais brutais de repressão aos trabalhadores e militantes de esquerda, impediu o avanço nos debates sobre os rumos do governo e as formas de participação.

³⁵⁵ CHEETHAM, Rosemond; RODRIGUEZ, Alfredo; ROJAS E., Gaston; ROJAS E., Jaime, op. cit., p.11.

³⁵⁶ GAUDICHAUD, op. cit., p. 49.

Uma das críticas com relação aos cordões foi que as medidas tomadas no seu interior eram de caráter mais imediato e não estavam inseridas num contexto de planificação mais global.³⁵⁷ Ou seja, as ações estavam centradas num objetivo imediatista que era a manutenção e vigilância da produção para garantir o abastecimento no contexto de uma paralisação nacional contra o governo. Porém a própria conjuntura de enfrentamento entre a esquerda que defendia o governo e a direita que o atacava dificultou o avanço na organização interna das fábricas. Os trabalhadores tinham que apoiar o governo na manutenção da produção, mas também tinham que se mobilizar em sua defesa nas manifestações e greves próprias e em solidariedade a companheiros de outras fábricas. O caráter das ações dos trabalhadores, como por exemplo, nas ocupações de fábricas e greves tinha mais a ver com a conjuntura do período que exigia uma maior mobilização, do que com um sentido imediatista destas práticas, no fundo tais ações expressavam um maior envolvimento político destes trabalhadores no processo. O ritmo dos acontecimentos era intenso e os mil dias de duração do governo da UP certamente foi um dos períodos mais importantes da história da sociedade chilena.

A importância de uma articulação das lutas dos cordones com os demais organismos de classe, como as organizações de bairros e campesinas era constantemente reafirmada, por exemplo, no jornal dos cordones, o *Tarea Urgente*. Houve ações articuladas com os trabalhadores do campo e *pobladores* no sentido de organizar a distribuição dos alimentos e de fazer chegar a estes setores populares os produtos produzidos nos cordões, como por exemplo, a organização de feiras para a venda direta, inclusive a criação do primeiro cordão Cerrillos-Maipú foi fruto da organização de um Comando Coordenador das lutas que envolviam trabalhadores do campo e da cidade e *pobladores*. Porém não podemos excluir a atuação de uma vanguarda política, principalmente de setores do PS, na sua criação e direção, que buscou coordenar as lutas a partir principalmente de uma perspectiva operária, no contexto em que as nacionalizações assumiram papel fundamental no processo. Portanto os esforços não mobilizaram forças o suficiente para ampliar a coordenação das lutas e aqui é importante ressaltar novamente o curto período de duração da UP que impediu um maior desenvolvimento dos esforços para a articulação das lutas. Contudo, mesmo com todos os problemas no processo de construção de uma nova sociedade, enfrentados e

³⁵⁷ Ibid., p.15.

existentes nestes organismos de classe, suas ações foram fundamentais e extremamente importantes na tentativa de superar os caminhos tradicionais do mercado capitalista e defender o governo.

A tentativa de nivelar de forma mais igualitária os salários também era um dos elementos ressaltados por Zimbalist e Espinosa. Isso possibilitou junto com a supressão da figura do supervisor e a formação dos comitês de produção uma maior democratização nas estruturas da empresa. O trabalhador começou a criar uma relação nova e distinta com o seu trabalho e com seus companheiros à medida que se sentia parte das avaliações sobre o processo produtivo nas empresas e na tomada de decisões o que influenciou decididamente no processo de conscientização a partir das experiências compartilhadas no processo. A nova estrutura propôs um diálogo maior entre os trabalhadores e seus superiores.

A atuação dos trabalhadores foi fundamental para a nacionalização de empresas monopólicas que não estavam na lista daquelas inicialmente propostas pelo governo. Havia impasses sobre o número de empresas cujo critério era flexível, sendo um dos principais o caráter monopólico das indústrias, mas na prática o governo retrocedeu nas expropriações e intervenções, a partir principalmente da apresentação do Plano Millas, com intuito de estabelecer um acordo com setores médios progressistas, principalmente a DC. Tal postura ocasionou inúmeras manifestações contrárias ao plano por parte dos trabalhadores dos cordones que viram nela um retrocesso na luta.

Os cordones industriales e as mobilizações a eles relacionadas foram respostas encontradas pelos trabalhadores às conjunturas específicas do período e aos problemas cotidianos frente à incapacidade do governo de formular respostas para os impasses enfrentados pelos setores populares. Como observou Sandra Soto, a dinâmica de acelerar o processo de mudanças, incorporada pelos cordones foi fundamental para enfrentar a conjuntura de forte crise política, econômica e social. A estrutura da CUT organizada por setores produtivos embora em outros momentos da história dos operários chilenos ter contribuído para lutas e vitórias, neste período, dificultou a atuação conjunta dos trabalhadores. De acordo com a estrutura da Central, embora os trabalhadores estivessem fisicamente agrupados trabalhando nas mesmas fábricas, faziam parte de sindicatos distintos, isolando estes organismos de base e dificultando uma atuação conjunta. Os cordones tiveram o papel de reorganizar as demandas dos trabalhadores de distintos setores produtivos de forma conjunta, respondendo às

deficiências a nível local.³⁵⁸ Embora houvesse uma diversidade nas formas de organização dos cordones, a atuação conjunta dos trabalhadores contribuiu para uma maior integração das demandas. Sandra Soto salientou que os cordones contribuíram para uma ação unitária dos trabalhadores e para uma maior democracia sindical ao propor novas formas de representação e participação política dos trabalhadores.³⁵⁹

Os trabalhadores tiveram uma intensa atuação nas mobilizações a favor do governo e pressionando-o a avançar nas mudanças. A experiência dos cordões contribuiu para que estes trabalhadores comessem a ver suas vidas como parte de disputas mais gerais na sociedade. Tal experiência não era uniforme para todos os trabalhadores, uns participavam mais das mobilizações enquanto outros não estavam fortemente envolvidos, mas a defesa do governo se tornou uma tarefa prioritária para a maioria dos trabalhadores envolvidos no processo.

Mesmo as instâncias diretivas dos cordões sendo compostas principalmente por dirigentes sindicais e partidários - o que significou certa burocratização dos cordones como apontaram os pesquisadores do CIDU³⁶⁰ - é inegável que a forma de organização dos cordones com base no critério territorial alterou a dinâmica da relação com a CUT, os partidos e o governo. As ocupações de fábricas se proliferaram por iniciativa dos trabalhadores na sua maioria e foi uma das principais formas utilizadas para enfrentar os patrões e pressionar o governo. Ao mesmo tempo, que os cordões representaram uma inovação na organização baseada no critério territorial, também representaram certa continuidade da tradição sindical chilena. As instâncias diretivas dos cordões eram escolhidas de acordo com a representação dos partidos nas indústrias. No entanto a organização territorial dos cordões contribuiu fundamentalmente para fomentar a solidariedade entre os setores populares de trabalhadores rurais, *pobladores* e operários, ampliando as discussões sobre os problemas que afetaram cada setor e possibilitando que os trabalhadores se organizassem para atuar caso seus interesses em comum estivessem ameaçados. A organização de feiras para a venda direta de produtos de primeira necessidade é um exemplo claro de solidariedade de classe e das tentativas para articular uma maior integração das lutas. Outro exemplo foi a articulação de inúmeras mobilizações realizadas em conjunto e em solidariedade aos demais trabalhadores de fábricas que foram ocupadas devido ao boicote da produção por parte

³⁵⁸ SOTO, op. cit., p. 217.

³⁵⁹ SOTO, op. cit., p. 218.

³⁶⁰ CHEETHAM, op. cit., p.11.

dos empresários.

As indústrias têxteis de Tomé foram nacionalizadas e sofreram intervenção devido à pressão dos trabalhadores. A organização dos trabalhadores no sentido de pressionar o governo a intervir num setor industrial, cujos donos cometeram inúmeros abusos durante décadas a estes trabalhadores, foi essencial para o fortalecimento do governo da UP. Embora as empresas têxteis tivessem uma dinâmica distinta dos cordones, visto que faziam parte da APS, enquanto nos cordones haviam fábricas privadas e estatizadas, os laços solidários entre os trabalhadores destas indústrias junto aos trabalhadores de outras indústrias como Sumar, Caupolican, entre outras, contribuíram para enfrentar as ações de boicotes da direita e se constituíram como novas formas de organização da classe trabalhadora baseada na solidariedade e criatividade.

A complexidade do processo não nos permite afirmar que a formação dos cordones industriales foi somente fruto da ação “espontânea” das massas nem tampouco produto somente da atuação dos partidos e organizações políticas. É fundamental lembrar que nos setores populares, nos campamentos, ocupações e fábricas havia militantes orgânicos expressivos que não ocupavam cargos dirigentes e que tinham um importante papel na história de luta dos movimentos populares. Esses militantes foram importantes na mediação desse processo entre os partidos e os movimentos populares tanto com relação às divergências sobre os projetos e táticas como com relação às formas de defesa do governo. Esse foi um dos pontos fortemente citado pelos entrevistados. O papel de militantes de base nesse processo, como afirmou o mirista Mario Olivares, trabalhador do Cordón Cerrillos-Maipú, foi essencial: “os militantes de base foram muito importantes neste processo porque tinham vínculos mais diretos com os trabalhadores e buscaram integrar suas demandas com as das fábricas.”³⁶¹

Os cordones se constituíram como espaços de encontros dos trabalhadores, intercâmbio de experiências e discussão política baseados na solidariedade comum. Possibilitaram uma organização para além dos limites estruturais da CUT e das reivindicações somente econômicas. Propuseram pautas políticas radicais muitas vezes oposta ao governo (como as ocupações de fábricas e exigindo a ampliação das nacionalizações) e criaram novas formas organizativas, dentre elas a organização territorial que sobrepassou as estruturas tradicionais do movimento sindical. As lutas empreendidas pelos trabalhadores dos cordões, do campo e pelos pobladores apontavam

³⁶¹ Entrevista realizada com Mario Olivares em 23 de Setembro de 2013.

para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária e foram interrompidas brutalmente pelo golpe que marcou o início de um processo que durou mais de quinze anos, cujos representantes reprimiu, torturou e assassinou milhares de militantes e trabalhadores que atuaram fortemente na construção do governo da UP.

Fontes primárias: jornais e revistas

Clarín – Santiago, 1973.
El Cordonazo – Santiago, 1973.
El Mercurio – Santiago, 1970 à 1973.
El Siglo – Santiago, 1970 à 1973.
La Aurora de Chile – Santiago, 1972 e 1973.
La Prensa – 1970 à 1973.
La Tercera – 1970 à 1973.
Las Noticias de Ultima Hora – 1970 à 1973.
Chile Hoy – Santiago, 1970 à 1973.
Punto Final – Santiago, 1970 à 1973.
Puro Chile – Santiago, 1972 à 1973.
Tarea Urgente – fev. 1973 à ago. 1973.

Filmografia

Chove sobre Santiago. Diretor: Helvio Soto, França/Bulgária, 1975.
La Guerra de los momios. Diretores: Walter Heynowsky e Gerhard Scheumann, Santiago 1974.
La Batalla de Chile. Parte I: La insurrection de la burguesia. Direção: Patricio Guzman, Santiago, 1976.
La Batalla de Chile. Parte II: La insurrection de la burguesia. Direção: Patricio Guzman, Santiago, 1976.
La Batalla de Chile. Parte III: La insurrection de la burguesia. Direção: Patricio Guzman, Santiago, 1979.
La Espirale. Direção: Armand Mattelart, Jacqueline Meppiel e Valerie Mayoux. Paris, 1976.
Machuca. Direção: Andres Wood, Chile/Espanha, 2004.
Tomé, memória obrera: Direção: Taller Audiovisual Lalliypacha. Santiago, sem data.

Referências Bibliográficas

Aggio, Alberto. Democracia e Socialismo: A Experiência Chilena. São Paulo: Annablume, 1998.

ALLENDE, Salvador. Los trabajadores y la via chilena (discursos). Archivo Salvador Allende. México: Centro de Estudios Latinoamericano Salvador Allende, 1990.

Altamirano, Carlos. Dialética de uma Revolta. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Anderson, Perry. Las ideas y la accion politica em el cambio histórico. In: BORON, Atilio et al. (comp.). La teoria marxista hoy. Problemas y perspectivas. Buenos Aires: Clacso, 2006.

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. *A Revolução Boliviana*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

Angell, Alan. Partidos politicos y movimiento obrero em Chile. México: Era, 1974.

BANDEIRA, Luiz M. Fórmula para o Caos: A Derrubada de Salvador Allende (1970-1973). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

BAÑO, Rodrigo et al. Unidad Popular 30 años después. Santiago: LOM, 2003.

BITTAR, Sergio. Transição, Socialismo e Democracia. Chile com Allende. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

BATALHA, Cláudio; Fernando Teixeira da Silva; Alexandre Fortes. (Orgs.). *Culturas de Classe. Identidade e Diversidade na Formação do Operariado*. Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2004.

BLANK, Gary. "The Centrality of Social Relations: E.P. Thompson's Concept of Class and the Renewal of Historical Materialism". *Workers of the World: International Journal of Strikes and Social Conflicts*. vol.1, n.4, January 2014.

BORGES, Elisa Campos. Con la UP ahora somos Gobierno! A experiencia dos cordones industriales no Chile de Allende. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2011.

CHEETHAM, Rosemond; RODRIGUEZ, Alfredo; ROJAS E., Gaston; ROJAS E., Jaime. Comandos urbanos: alternativa de poder socialista.. Documento de Trabajo n. 65. Santiago: CIDU/PI/DT, mar. 1973.

COGGIOLA, Osvaldo. *Governos militares na América Latina*. São Paulo: Editora Contexto, 2001, p. 20.

CORDEIRO, Cristina; SADER, Eder; THRELFALL, Monica. Consejo Comunal de Trabajadores y Cordón Cerrillos-Maipú: balances y perspectivas de um embrión de poder popular. Documento de trabajo n. 67. CIDU-U.Catolica de Chile, agosto 1973.

Cordova-Claure, Ted. Chile, sí? Buenos Aires: Ediciones de la Flor, 1973.

COSTA, E. V. da. “Estrutura versus experiência. Novas tendências da historiografia do movimento operário e das classes trabalhadoras na América Latina: o que se perde e o que se ganha”. *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais (BIB)*. Rio de Janeiro, n.29, 1º sem. 1990.

CURY, Márcia C. O. *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 2013.

Dalmás, Carine. Brigadas Muralistas e Cartazes de Propagandas da Experiência Chilena (1970-1973). *Dissertação de Mestrado* – USP. São Paulo, 2006.

ESPINOSA, Juan G.; ZIMBALIST, Andrew. *Democracia Economica: la participacion de los trabajadores em Industria Chilena, 1970-1973*. México: Fondo de Cultura Económica México, 1984.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Edição. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

FORTES, Alexandre (orgs.). *História e perspectivas da esquerda*. São Paulo: Perseu Abramo/Argos, 2005.

GARCES, Joan. Allende e as armas da política. São Paulo: Scritta Editorial, 1993.

GAUDICHAUD, Franck. *Poder Popular y Cordones Industriales: Testimonios sobre el movimiento popular urbano, 1970-1973*. Santiago: LOM Ediciones, Centro de Investigaciones Barros Arana, 2004.

HARNECKER, Marta. *Tornar possível o impossível*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____, Marta. Los comandos comunales y el problema del poder. In: *Chile Hoy*. Santiago Año I, Numero 26, 8 a 14 de Diciembre de 1972.

HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário? *Revista Brasileira de História*. São Paulo, VOL.5, n. 10, março/agosto 1985.

HOBBSBAWN, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

JOBET, Julio César. Luis Emilio Recabarren. Los orígenes del movimiento obrero y del socialismo chileno. Santiago: Prensa Latinoamericana S/A, 1955.

KAYE, Harvey. *The British Marxist Historians: An Introductory Analysis*. Oxford: Polity Press, 1984.

KELLEY, Robin. *Hammer and Hoe: Alabama Communists During the Great Depression*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1991.

KLUBOCK, Thomas M. “From Welfare Capitalism to the Free Market in Chile:

Gender, Culture, and Politics in the Copper Mines". In: JOSEPH, Gilbert; LEGRANDE, Catherine and SALVATORE, Ricardo (orgs.). *Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of United States-Latin America Relations*. Durham: Duke University Press, 1998.

Las normas de participación de los trabajadores em las empresas de las áreas social y mixta. Santiago, maio 1971.

Leiva, Sebastián. "El MIR y los Comandos Comunales: poder popular y unificación de la movilización social." Disponível em <http://www.archivochile.com/Archivo_Mir/experiencia_neltume/Otras_experiencias/mirexpe0001.pdf> Acesso em 10.10.2011.

Lenin, Vladimir Illicch. *Estado e Revolução*. São Paulo: Democracia Proletária, 1973.

LOUREIRO, Isabel. *Rosa Luxemburgo: os dilemas da ação revolucionária*. 2. ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

LUXEMBURGO, Rosa. *Escritos Politicos*. Barcelona: Ediciones Grijalbo, 1977.

_____. *A Revolução Russa*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1991.

LOWY, Michael (Org.). *O Marxismo na América Latina: uma antologia de 1909 aos dias atuais*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999. 2ª Edição Ampliada, 2006.

Marx, Karl. *O Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1984.

MERMELSTEIN, Waldo. "Poder Popular no governo de Allende." Disponível em: <http://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/selecao/2012/trabalhos/6749_Mermelstein_Waldo.pdf> Acesso em 20/05/2014.

MILOS, P.; GARCES, M. *Cuadernos de historia popular: serie Historia del movimiento obrero*. Santiago, CETRAL/CEAL N. 1, 1983.

MATTOS, Marcelo Badaró. "E.P. Thompson no Brasil". *Outubro*. n.14, 2006, pp. 83-110; MUNHOZ, Sidnei. "Fragmentos de um possível Diálogo com Edward Palmer Thompson e com alguns de seus críticos". *Revista de História Regional*. vol.2, n.2, 1997.

_____. Trajetórias entre fronteiras: o fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, vol.1, n. 1, janeiro-junho de 2009

MORALES, Guillermo R. *De La Brigada Secundaria Al Cordón Cerrillos*. Santiago: Editorial Universidad Bolivariana, 2007.

MOULIAN, Tomas. *Conversacion Interrumpida com Allende*. Santiago: LOM Ediciones – Universidad Arcis, 1988.

MUJICA, Dolores. *Cordones Industriales. Cronología Comentada*. Santiago: Ediciones Clase Contra Clase, 2005.

NARANJO, Pedro (org.). *Miguel Enriquez y el proyecto revolucionario em Chile: discursos y documentos del Movimiento de Izquierda Revolucionaria – MIR*. Santiago, LOM, 2004.

PINTO, Julio; SALAZAR, Gabriel. *Historia Contemporanea de Chile II: Actores, identidad y movimiento*. Santiago: LOM, 1999.

PINTO, Julio (orgs.). *Cuando Hicimos História: la Experiência de La Unidad Popular*. Santiago: LOM, 2005

POZO, Jose Del. *Rebeldes, reformistas y revolucionarios. Una historia oral de la izquierda chilena em la época de la Unidad Popular*. Santiago: Ediciones: Documentas, 1992.

Programa Básico de Gobierno de La Unidad Popular, 6 edição, 1969, p.20.

REIS FILHO, D. A.; SÁ, J. F. de. (Orgs.). *Imagens da Revolução*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

SADER, Emir. *Cordón Cerrillos e poder proletario no Chile em 1972*. IN: SARTRE, Jeal P. (org.). “Les Temps Modernes”, n. 347, junho de 1974.

SADER, Emir. *Democracia e Ditadura no Chile*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVA, Miguel. *Los Cordones Industriales y el Socialismo desde Abajo*. Santiago: Imprenta Lazor, sem data.

SERON, Jorge Barria. *Breve Historia del Sindicalismo Chileno*. Facultad de Ciencias Economicas de la Universidade de Chile. Santiago: Insora, 1967.

SOTO, Sandra C. *Cordones Industriales: nuevas formas de sociabilidade obrera y organización política popular*. Concepción: Escaparate Ediciones: 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOTO, César Reyes; PARDO, Víctor Saavedra. “Poder Popular en la Via Chilena al Socialismo: Aproximaciones Teóricas y Practicas. Dos Experiencias Locales, Constitución y Tomé (1970-1973)”. Tesis para optar al grado de Profesor de Estado de Historia y Geografía. Universidad de Concepcion, Concepción, 2011.

TOSO, Sérgio Grez. “*Escribir la historia de los sectores populares. Con o sin la política incluída? A proposito de dos miradas a la Historia Social (Chile siglo XIX)*” Política, vol. 44, Santiago: Otoño, 2005.

_____. *De la fegeneración del pueblo" a la huelga general. Génesis y evolución del movimiento popular (1810-1890)*. Santiago: Ril Editores, 2007.

_____. “Salvador Allende en la perspectiva histórica del movimiento popular

chileno”. Revista Universum v.19 n.2 Talca, 2004. Disponível em: <
http://www.scielo.cl/scielo.php?pid=S0718-23762004000200014&script=sci_arttext>
Acesso em 05/10/2013.

TRANCOSO, Hugo C. *La problemática del poder popular em el processo de la via chilena al socialismo (1970-1973)*. Aarhus: Aarhus University Press, 1988.

VARELA, Andrés. Gestion de los trabajadores em las empresas del Area de Propriedad Social: un analisis testimonial. In: LAWER, Miguel et al. (Org.). Salvador Allende: Presencia em la ausencia. Santiago: LOM, 2008, P. 225-247.

VITALE, Luis. *¿Y despues del 4, Que? Perspectivas de Chile después de las elecciones presidenciales*. Santiago: Ediciones Prensa Latinoamericana, 1970.

ZAPATA, Francisco. *Las relaciones entre el movimiento obrero y el gobierno de Salvador Allende*. México: Centro de Estudios Sociologicos, 1976.

Winn, Peter. *A Revolução Chilena*. São Paulo: UNESP, 2010.

_____. *Tejedores de la Revolución: Los Trabajadores de Yarur y la via chilena al socialismo*. Santiago: LOM, 2004.

ⁱ “Como supuesto teórico y metodológico, rechazo la dicotomía maniquea de lo social versus lo político (o la política), así como la tentación de buscar refugio en el terreno supuestamente inmaculado de lo social popular...Doy por sentado que la historia social tiene una dimensión, que la política no es un simple reflejo de otras esferas (como la economía o la cultura) sino que goza de cierta autonomía y que tiene lógicas y tempos que lo son propios. Una parte de mi opción como historiador consiste en *hacer una historia social de la política*, descubrir las *condicionantes* de la política por lo social y, a la vez, desentrañar las influencias de la política sobre lo social. ¿Cuáles son los caminos y las formas de incorporación de los trabajadores a las luchas políticas?, ¿cuáles han sido las relaciones entre las opciones políticas populares y sus reivindicaciones?, son algunas de las preguntas que han guiado mis investigaciones.”

ⁱⁱ “En los fines de los años 1950 yo ya participaba en los campamentos y empecé a participar también en las brigadas de salud. Las tomas de terrenos en Chile fueron muy importantes y contribuyeron fuertemente para el desarrollo de la solidaridad de clase. Nueva Habana y Fidel Castro son dos terrenos que vienen de la toma por los miristas. En Fidel, por ejemplo, había brigadas como, la brigada de la basura, de la autodefensa, el formato era como lo hacía el MIR, había otro formato distintos de los comunistas, socialistas, demócratas cristianos. Las tomas del MIR no era muy significativo dentro de 340 que hubieron en este año teníamos como 8, pero era significativo la forma como se enfrentaron los problemas, las asambleas, con mayor participación y protagonismo popular, las milicias de autodefensa, de la basura, las brigadas de salud. Dividíamos el campamento en 4, alrededor de 40 brigadistas y muchos de los problemas se discutían en las asambleas, todos ayudaban en la construcción de la toma.

ⁱⁱⁱ “Llegué acá muy joven tenía 17 años, mi papa no quería que trabajásemos en la mina porque las condiciones de vida era muy malas no pagaban en dinero, era *pulpería* hasta 1958 (90% en alimento y 10% en plata) que era o que la gente llamaba el *suple*, es decir, lo que falta para. En la *pulpería* nosotros conocíamos solamente 3 frutas, la manzana, el plátano y la naranja solo esas, tenía que sacar el pan todos los días a la pulpería, había que hacer una fila para sacar las listas con copia y quedar en las colas de pan, verdura, carne, así todos los días. Nosotros como niño que tenían que ir todos los días a la pulpería nos caían mal los gringos por eso, porque todos los días perdíamos 3, 4 horas que era la hora de no jugar la pelota. Teníamos una escuela primaria de hombre y primaria, estudávamos 6 años no más, porque el pensamiento de ellos era que el hijo de minero bastaba que supiese leer y escribir, entonces esperaba que salía de la escuela hiciese servicio militar y después entraba en la compañía.”

^{iv} “El PS tenía muchas fracciones, tenía de todo, anarquistas, pró-China, maoísta, etc pero era como su riqueza pero también su principal debilidad.”

^v “casi todas las fábricas de Santiago funcionando sin patrones, los obreros poniendo a andar las cosas más sofisticadas, diseñando zapatos, en fin y vendíamos las cosas en la feria. A mí me tocó organizar la movilización, hacer una lista de los camiones por industria, para llevar los productos, ver cuántos obreros habían en las fábricas y ir a buscarlos y dejarlos, íbamos con los basureros a buscar gas a Maipú y los llevábamos a todo Santiago, los estudiantes iban a la estación a buscar verduras y las distribuían en las poblaciones. Y todo esto duro más de uno mes.”

^{vi} “Respecto de las empresas del sector público, sus consejos directivos y sus comités de producción deben contar con mandatarios directos de sus obreros y empleados...Pero, no se trata únicamente de estos ejemplos, sino de una nueva concepción en que el pueblo adquiere una intervención real y eficaz en los organismos del Estado.”

^{vii} “Se creará una organización única del Estado estructurada a nivel nacional, regional y local que tendrá a la Asamblea del Pueblo como órgano superior de poder. La Asamblea del Pueblo será la Cámara Única que expresará nacionalmente la soberanía popular. En ella confluirán y se manifestarán las diversas corrientes de opinión. Este sistema permitirá suprimir de raíz los vicios de que han adolecido en Chile tanto el presidencialismo dictatorial como el parlamentarismo corrompido. Normas específicas determinarán y coordinarán las atribuciones y responsabilidades del Presidente de la República, ministros, Asamblea del Pueblo, organismos regionales y locales de poder y partidos políticos, con el fin de asegurar la operatividad legislativa, la eficiencia del gobierno y, sobre todo, el respeto a la voluntad mayoritaria [...]. La generación de todo organismo de representación popular deberá realizarse por sufragio universal, secreto y directo, de los hombres y mujeres mayores de 18 años, civiles y militares, alfabetos y analfabetos.”

^{viii} Las transformaciones revolucionarias que el país necesita sólo podrán realizarse si el pueblo chileno toma en sus manos el poder y lo ejerce real y efectivamente. El pueblo de Chile ha conquistado, a través de un largo proceso de lucha, determinadas libertades y garantías democráticas por cuya continuidad debe mantenerse en actitud de alerta y combatir sin tregua. Pero el poder mismo le es ajeno. Las fuerzas populares y revolucionarias no se han unido para luchar por la simple sustitución de un Presidente de la

República por otro, ni para reemplazar a un partido por otros en el Gobierno, sino para llevar a cabo los cambios de fondo que la situación nacional exige sobre la base del traspaso del poder, de los antiguos grupos dominantes a los trabajadores, al campesino y sectores progresistas de las capas medias de la ciudad y del campo.

^{ix} De esta manera, la CUT inicia un proceso de integración orgánica en el aparato del Estado, principalmente en el ámbito de las instituciones de planificación nacional, tales como la CORFO, y si constituye ante todo como uno de los agentes promotores del sistema de participación de los trabajadores, tal y como lo concibe la UP, alejándose así de su papel tradicional de reivindicación económica y salarial.

^x “La participación de los trabajadores es un problema político, que permitiera la consolidación de las transformaciones de las estructuras económicas y sociales. Esto se refleja en la capacidad de los trabajadores para tomar decisiones y de que éstas se cumplan adecuadamente.”

^{xi} “por una parte, una actitud burocrática, que en verdad deja a los trabajadores al margen de toda participación (...) y por otra parte una actitud que quiere prescindir de él (el Estado) y establecer desde ya la administración directa de los trabajadores”.

^{xii} “He dicho que en las empresas privadas y públicas debe haber comités de producción porque nuestra necesidad fundamental, nuestra prioridad básica, es aumentar la producción... También es conveniente saber que el nuevo sentido del trabajo implica nuevas obligaciones. Antes, cuando el Estado estaba al servicio de los capitalistas, los trabajadores del sector público o privado adoptaban necesariamente una actitud requeritiva, postulando aumentos de sueldos y salarios frente al alza del costo de la vida. Es decir, luchaban reivindicativamente. Hoy, tienen que entenderlo, los trabajadores son Gobierno; el pueblo es Gobierno. El sector público no está financiando a una minoría. Está poniendo los excedentes económicos al servicio de ustedes, al servicio del pueblo y de Chile. Por eso es necesario mirar desde otro lado de la barricada, para asumir la responsabilidad, la enorme, la trascendente responsabilidad que implica ser Gobierno... Fortalecer, ampliar y consolidar el poder popular significa ganar la batalla de la producción.”

^{xiii} “la lentitud del proceso de implementación de las Normas Básicas, la ausencia de motivación en los trabajadores en la eficacia de esas estructuras y, en general, el creciente desbordamiento de la CUT y los sindicatos desde el paro patronal de octubre de 1972, por la dinámica de movilizaciones de los trabajadores que comienzan a crear organismos de democracia de base, impulsaron a los directivos de la CUT, a revisar el convenio CUT-Gobierno.”

^{xiv} La participación no ha funcionado como debiera por motivos reglamentarios y del ámbito de decisiones. Y vemos como estas quedan remitidas al criterio de un burocrata de Comité Têxtil o de otro organismo. Así es una burla hablar de participación. Lo único que puede ser garantía realmente de que ese proceso vaya en beneficio de los trabajadores, es que esos tengan un poder verdadero de decisión a todos los niveles [...] La buena marcha del área social la garantizan los propios trabajadores, imponiendo su criterio de clase, sus intereses sin que nadie pueda actuar en representación de ellos [...] Hay que instaurar el Control Obrero de la Producción. Hay que instaurar la vigilancia revolucionaria y en esa tarea los trabajadores de la área social tienen que ser vanguardia de los trabajadores del sector privado.

^{xv} “Lo característico de la coyuntura de hoy (...) es que la correlación de fuerzas ha sido afectada en contra de la clase obrera y del gobierno popular, por errores políticos y económicos que podemos resumir diciendo que constituyen transgresiones al programa de la UP (...) Sería funesto seguir ampliando el número de enemigos y, por el contrario, deben hacerse concesiones.”

^{xvi} “Las utilidades de las empresas servirán, en parte, para mejorar los sueldos y salarios de los que allí trabajan, pero el más alto porcentaje de esas utilidades y esos excedentes deben ser invertidos para crear nuevas fuentes de trabajo, nuevas empresas, para movilizar la capacidad ociosa de muchas de ellas.”

^{xvii} “Como ya se ha mencionado, la política económica no experimentó mayores variaciones en cuanto a su orientación estratégica. Durante el año anterior, si bien se había puesto en funcionamiento la casi totalidad de la capacidad productiva del país, la política redistributiva y el aumento en la emisión de circulante, provocaron que la demanda se expandiera mucho más rápido que la oferta... a corto plazo la presión por el aparato productivo originaron el comienzo del desabastecimiento que luego se vería agravado por la especulación y la aparición del mercado negro.”

^{xviii} “Ya en septiembre de 1972 el nivel y el número de alzas sobrepasaba las previsiones del gobierno. [...] La aceleración del proceso inflacionario despertó hondos sentimientos de inquietud en la UP, ya que erosionaba los ingresos de los trabajadores, no disminuía significativamente el desabastecimiento y la oposición utilizaba estos resultados para atacar al gobierno y movilizar a sus bases. A fin de paliar las consecuencias del aumento de precios de los bienes esenciales, el ejecutivo propuso una bonificación en dinero, igual para todos los trabajadores. Pocos días después resolvió otorgar un reajuste de remuneraciones a partir de octubre, que compensara los aumentos de precios verificados desde enero de ese año. La espiral precios-salarios comenzaba a operar abiertamente dilatando enormemente el proceso de ajuste”.

^{xix} “En los últimos días han acaecido algunos acontecimientos sobre los que estimo conveniente llamar la

atención de los dirigentes máximos de la Unidad Popular. Aunque de relevância delimitada em estos momentos, estos hechos encierran em sí mismos una potencialidade perturbadora de la más extrema gravedad. [...] Recalco que em ningún caso cabe que surjam contradicciones entre las tareas específicas que se establecen y la estrategia de la Unidad Popular. Es por eso que rechazo cualquier intento de diseñar tácticas paralelas espontaneistas, so pretexto de que personas o grupos se sientan depositarias de la verdad y persistan em su afán de desviar la marcha del Pueblo para colocarlo frente a riesgos em los cuales la vida de hombres, mujeres y jóvenes está innecesariamente expuesta. La Unidad Popular tiene que ser um movimiento homogéneo, y las decisiones que dentro de ella se temem deben ser acatadas porque reflejan conclusiones tomadas com responsabilidade por sus dirigentes de acuerdo com um pensamiento común.”

^{xx} “Pienso porque no insistio em el comando comunal era lo mas cerca del poder popular, el alcalde iba em la reunion del comando comunal, um alcalde socialista Mauricio Tapia. La mayor parte de los trabajadores vivian em renca mismo o cercano y eran involucrados em los cordones y em los comandos, em la practica el cordon industrial no se desarticula pero el comando si.”

^{xxi} “históricamente los errores cometidos por un movimiento verdaderamente revolucionario son infinitamente más fructíferos que la infalibilidad del comité central más astuto.”

^{xxii} “Los instrumentos de la política económica y social del Estado constituirán un sistema nacional de planificación, tendrán carácter ejecutivo y su misión será dirigir, coordinar y racionalizar la acción del Estado. Los planes con que opere deberán ser aprobados por la Asamblea del Pueblo. Los organismos de los trabajadores tendrán una intervención fundamental em el sistema de planificación.”

^{xxiii} “em el discurso tragicamente interrumpido por el presidente Allende se perfila la intuición de um proyecto socialista nacional que pretendia profundizar y ampliar la democracia parlamentaria con las formas embrionarias de poder popular [...] El discurso y gestion de Allende, es la expresión casi solitaria de las tradiciones del movimiento socialista chileno, surgido a comienzos de la década de los treinta como la manifestación de um socialismo que retomaba la metodología critica del marxismo para analizar la realidad chilena, rompendo de este modo con el marxismo dogmático y los modelos de la III Internacional.”

^{xxiv} “Los organismos regionales y locales de poder del Estado Popular ejercerán autoridad em el radio geográfico que les corresponda y tendrán facultades económicas, políticas y sociales. Podrán, además, entregar iniciativas y ejercer la crítica a los organismos superiores. Sin embargo, el ejercicio de las facultades de los organismos regionales y locales deberá ajustarse a los marcos fijados por las leyes nacionales y por los planes generales de desarrollo económico y social.”

^{xxv} “La quimera anarquista de una propiedad directa de las fabricas, las minas y los bancos, assumida por los trabajadores de cada empresa, por Consejos Obreros o por Consejos o Congresos de productores, se transformo hace tiempo, em una consigna revisionista de derecha enarbolada por sectores oportunistas contra el socialismo”.

^{xxvi} “habia un grande problema entre la izquierda tradicional chilena PC y PS que conducia y controlaba mayoritariamente la clase obrera del pais, em general la CUT era controlada por el PC y estaba em contra que se radicalizara el proceso em consecuencia militaban por todo los medios las mobilizaciones las confrontaciones, entonces trataba de controlar a traves de la CUT. La CUT y PC intentaba controlar las mobilizaciones y los setores mas radicales no permitian, llagamos a encontrar com brigadas comunistas em la noche y tenia peleas bueno cuando ya teniamos claro que iba ocurrir el golpe y el PC no se radicalizo nunca. El cordon Vicuña Mackenna se formo, bueno fue un sector industrial hoy dia es un cementerio de fabrica, pero em aquella época era un sector muy ativo que partia de vicuna com avenida mata hasta el sur casi hasta punta alto com muchas insidrias teciles calzados, de mucho sectores productivos electro mecanica metalurgica y muchas mediana y pequenas empresas entonces muchas de las grandes empresas fueron estatizadas como Textil Progreso, Sumar, Comandari, Andina, muchas que fueron estatizadas tenia hegemonia del Partido Comunista y nosotros del mir teniamos muchas divergencias con ellos a respecto de la táctica y estrategica y al principio ellos teniam hegemonia despues producto de toda mobilizacion, polarizacion y a partir del paro surge incluso antes, la necesidad de los sectores mas radicales que no era posible enfrentar la burguesia a traves de los mecanismos clasicos como la Central de los Trabajadores, surge em las empresas estatizadas, intervenidas se constituen el cordon de Vicuña con sectores mas a izquierda del PS, MIR y outros sectores mas a izquierda, y eso se inscribe em el marco de ir avanzando para establecer los embriones del poder popular que va em la direccion del punto de vista estratégico.”

^{xxvii} “Es que la estatización se expropiaran todos los bienes y el Estado le hacia cargo de toda la empresa y em cambio la intervencion era un proceso de analise del Estado, se iba hacer cargo de toda la empresa o si seria una empresa de propiedad mista”.

^{xxviii} “Es que em la estatización se expropiaran todos los bienes y el Estado le hacia cargo de toda la

empresa y en cambio la intervencion era un proceso de analise del Estado, se iba hacer cargo de toda la empresa o si seria una empresa de propriedade mista.”

^{xxix} “La intervencion era um proceso intermédio, las intervenciones se producian a raiz de conflictos laborales no resuelto que duraban mas tempo, el gobierno utilizaba un articulo de la ley de la constitucion de los años 30 que permitia que el gobierno interveniera para restablecer la orden económico en el sentido que la empresa volviera a trabajar y hacerse cargo de la solucion del conflicto cuando los empresáριο privados no tenian la voluntad ni hacian esfuerzo para lograr eso. Ahora una vece que la empresa estaba intervenida podria permanecer intervenida por um período de 3 años antes de decidir cual era su futuro, la empresa podria volver a las manos de sus propietarios y en caso contrario si no hubiera interese o conducta de su parte y si la empresa se determinara una empresa estratégica para la economia habria la posibilidad de pasarla a la área de propiedad social y por lo tanto podria ser estatizada, en la Fantuzzi estabamos en la zona intermedia. Las dos empresas que trabaje fueron intervenida, yo no trabaje em ninguna estatizada, estaban en la área estatizada, en el momento que estaba intervenida haciamos parte de la Corfo, de los comités de Corfo, estabamos en la área de planificacion y atuabamos como si fuéramos estatizados sentíamos nosotros como delegados del gobierno, pertenenciamos a la Corfo y planificabamos la atividade de la empresa.”

^{xxx} “En el cordon habia fabricas privadas como a que yo trabajada y otras que eran estatizadas como las del área de propriedade social o em vias de estatizacion, las estatizadas eran Pañal, Metal, Caupolican, etc. Lo dueño no aparecia em la fabrica, la fabrica seguio produciendo, no fue estatizada porque estaba en control del ejercito todo que se producía ahí tenia que pasar por el ejercito. Tenia la Callama tambien que antes era Dupon y despues de estatizada era Enaex - Empresa Nacional de Explosivos. Habia dos formas de estatizacion una por decreto y outra por los trabajadores y estos dos ambitos era absolutamente distintos, el primero fue donde se produjo mayores problemas por el descompromiso de la gente que producian menos, em cambio las que eran productos de la toma de la fabricas funcionaram con el próprio esfuerzo de la gente y sin patrón, nosotros lo que planteabamos era que la fabrica estatizada no debia tener interventor sino que direccion obrera y em la fabrica privada deberia haber control obrero que parece ser algo muy teórico pero los sacabamos de los pliegos de peticiones cuando empieza el ascenso de las mobilizaciones. Los trabajadores sabian todo que entraba y salia, cuanto se producía. Pañal (têtil) tenia como 5200 trabajadores em 3 plantas y três turnos y fue estatizada por médio de toma y Caupolican (têtil) por decreto , tenia 900 trabajadores. Y uno veia em Caupolican la gente estaba jugando la pelota, No tenia mucho compromiso. Porque era un processo de aprendizaje que nosotros no necesitabamos de patron y todo. En las empresas nacionalizadas tenian los comités de produccion, y la administracion donde estaba el interventor, quien estaba arriba era la Corfo que pertenecia al Ministério de la Economia.”

^{xxxi} “En la empresa logramos que los trabajadores estuviera comprometido. Habia una grand efervescencia política y luego la mayor parte de los trabajadores participaban de los partidos políticos, aquellos que no participaban de alguno partido era parte de la UP o sea se sentian parte del proceso. Yo pienso que en la UP los trabajadores crecieron mucho principalmente la personalidad, se interaron de cosas importantes de la economia del pais, no tenian condiciones de hacer un grand analise pero de se interar del proceso y de las necesidades, las soluciones de los problemas.”

^{xxxii} “Unos de los problemas era que los trabajadores pensaban ahora pedimos lo que nosotros queramos entonces hubieron mucho conflicto en lo comienzo teniamos que explicar, no nosotros no eramos los dueños no teniamos patrones y que nosotros teniamos el compromiso de elevar la produccion que eramos el representante del Estado y teniamos que elevar la produccion crear mas empresas y dar trabajos a los que estaban sin trabajo y terminar una vez por todas con la cesantia. Eso fue el primero gran problema que tuvimos com los trabajadores y entendieron que tenian una gran responsabilidad de trabajar em una empresa estatizada. Y pronto hicimos las comisiones de produccion que trabajaban estrechamente com los sindicatos, antes tenia los pliegos de peticiones para ser negociados con los patrones en la up nosotros mismo teniamos que regular nuestro próprio sueldo y la regulacion del sueldo era discutido primero com los sindicatos despues planteados con los delegados de secciones y despues llamabamos una asamblea a principio la gente no entendia mucho y queria a ganar mucho mas de inmediato pero luego entendieron y eso servio para que las empresas de las areas estatizadas fuesen cada vece mas poderosa.”

^{xxxiii} “En el momento del golpe estaba como un ano y medio como dirigente del cordon. La presidencia del cordon se votaba partidariamente la conduccion, con un tiempo determinado, un dirigente sindical miembro de la directiva del cordon hacia presidente del partido y no era elegido, nos auto convocamos los dirigentes en esta instancia quiene estaba si tomaba la accion. Basicamente era acuerdo partidarios hacia reuniones con la directiva todos los dirigentes y ahí se tomaba decisiones y se planificaba lo que hacer. Los dirigentes de las industrias eran elegidos por los trabajadores y por la bases. En el gobierno de Allende unica vece que hubo una votacion universal, en la historia de la CUT fueron elegidos universalmente por todos trabajadores del pais independiente de la rama productiva.”

xxxiv “Derechamente, no habia elecci3n, eran acuerdos pol3ticos. [...] En las asambleas de dirigentes se acordaba qui3n iba a dirigir el pr3ximo m3s, quien iba estar em la cabeza de la conducci3n del cord3n. Pero era um acuerdo em el fondo politico.”

xxxv “La estructura no me acuerdo com exactud, el gobierno nombr3 un representante del Estado en la fabrica, la fabrica no era de los trabajadores era del Estado. No me acuerdo mucho pero habia dos instancias un Comite de empresa o administracion algo asi donde estaba el interventor y estaba constituido tambien por la directiva de los sindicatos de los obrero y empleados como un consejo de administracion y gestion, habia outra instancia de participacion mas abajo que era el Comite de Produccion, eran electos democraticamente en el interior de la empresa pero covengamos que como en ese tiempo la sociedad chilena estaba politizada principalmente la clase obrera, la maioria de los trabajadores era militante de los partidos entonces habia una ingerencia fuerte de los partidos que existia en el interior del sindicato o de la fabrica.”

xxxvi “Yo trabaj3 em Sumar, era comunista, fui dirigente, impulsor y diretor de la escuela de Sumar, um proyecto de educacion de trabajadores tuve en eso bastante 3xito digamos y fui delegado del cord3n industrial representando a la empresa.”

xxxvii “Este decreto de intervencion de Sumar si no me equivoco fue em noviembre del a3o de 1971 por presion de los trabajadores, entonces la empresa tuvo um interventor, eso significa que la empresa sigue sendo de propiedad de los Sumar, esa empresa nunca fue del Estado, ella fue intervenida, si esa empresa generaba utilidad tenia que depositar en la cuenta del due3o de la empresa, todo lo demas es revolucionarismo barato o sea esa era la realidad que tenia nosotros aqui y en estas condiciones habia que seguir trabajando, trabajando en el proceso de desarrollo de consci3ncia, de educacion de los trabajadores, em el desarrollo de los comit3s de produccion, em la estructura de participacion, etc.”

xxxviii “En el a3o 71, abril, los trabajadores de los dos sindicatos por el abuso del empres3rio y las terribles condiciones de trabajo, nosotros trabajadores nos organizamos y tomamos la f3brica em abril del a3o de 71, mantenemos asi 1 m3s ma o menos despues la industria es intervenida y pasa al controle de los trabajadores. El primero interventor fue Cosme Montanola que era un viejo revolucionario espanol que habia luchado em la revolucion espanola, militaba em el partido socialista chileno”.

xxxix “3l cord3n tenia un territorio determinado, por lo tanto no tenia politica de crecimiento m3s all3 del territorio definido. Despues, al interior de eso, habia uma Asamblea de delegados representantes de cerca de 500 mil trabajadores que se reunian en asambleas periodicamente para analizar la evolucion del proceso. Despues de eso existian las diferentes comisiones de trabajo que constituian los trabajadores como uma forma de ir enfrentando las acciones de la burguesia y de ir generando nuestras pr3prias alternativas de soluci3n y respuesta. En ese marco teniamos, por ejemplo, las comisiones de transporte para ir enfrentando el sabotaje del transporte y garantizar el transporte de los trabajadores y tambien de nuestras materias primas y de nuestra produccion. [...] Teniamos las comisiones de abastecimiento que a trav3s de la empresa y em conjunto com los pobladores, cre3bamos las formas de abastecimiento directo. [...] Teniamos tambi3n, por supuesto, uma comisi3n de seguridad y defensa (comit3 de vigilancia) que se preocupaba de evitar la sabotaje em la empresa.”

xl “El cord3n tenia mas o menos 161 empresas, entre ellas Pizare3o, America Screw, Fantuzzi, las principales empresas fueron intervenidas o estatizadas, eran empresas de mec3nica, de alimentacion, conserveras, empresas t3xtils, em nuestro cord3n tenia tambien Fensa fabricante de linea blanca, Perlak que era conservera, etc.”

xli “La empresa la empresa Fantuzzi fue intervenida por conflicto no resuelto de los trabajadores com el due3o, que duro casi dos meses. Entonces los trabajadores la tomaron y solicitaron al gobierno la intervencion, la maioria de las intervenciones era asi, por presion de los trabajadores. No hubo la resoluci3n en el caso de Fantuzzi, entonces el gobierno me nombro administrador de la empresa, yo era muy jovem en ese tempo estaba estudiando y tenia empezado una carrera universitaria pero de noche y no pude terminar porque las tareas como dirigente social y politico y trabajador me impedian de seguir estudiando.”

xlii “La union existente entre el Comando del Cord3n, y la Direccion Politica tiene como finalidad fortalecer la alianza de clase obrera y su Vanguardia Politica, ademas, que de esta forma se da uma perspectiva de acci3n mucho mas amplia al Cord3n em su conjunto, ya que la acci3n del Cord3n encontraria vinculado a la nacional en su globalidad. Asi el Comando del Cord3n y la Direccion Politica forman la Direccion Operativa.”

xliii “eran elegidos por los sindicatos, el sindicato enviaba un representante del sindicato para el comite de produccion igual en el comite administrativo y ese comite era presidido por el interventor.”

xliv “En los sindicatos habia secciones nosotros tenia un delegado en cada secci3n entonces cada problema que tenia el tenia que dirigirse al sindicato para tratar de solucionar el problema. Los

trabajadores de cada seccion discutia sus problemas y planteaba al sindicato a traves del delegado la solucion del problema. Ya en las empresas teniam un interventor que nomeado por el gobierno que tenia un labor mas politico para explicar a los trabajadores lo que significaba la unidad popular y la importancia de la produccion. Los sindicalistas en la UP tenia mas libertad para actuar politicamente y por ejemplo nunca oculte que era del PS y los trabajadores igual votaban por nosotros. Antiguamente cuando decia que era de partido los trabajadores quedaban desconfiado por cuenta de la propaganda anti-comunista. Nosotros con relacion a la empresa teniamos un Consejo de Administracion formado por un representante del sindicato de obrero, uno de empleado, el interventor y los tecnicos y con eso formaban el Comité de Administracion. Tenia tambien Comité de Producción, lo conformaba los tecnicos de las maquinas y los sindicatos (lo sindicato nombraba a su representante en esa estructura del comité de produccion). Estaba todo realmente controlado para poder hacer las cosas grandes que teniamos que hacer, por ejemplo planteamos al Consejo de Produccion que tuviesemos nuestra propia tintureria porque no teniamos y antes del golpe ya teniamos contruido nuestra tintureria asi creamos esta gran tintureria.”

^{xlvi} “Lo que pasa es que el poder obrero género una estructura de participacion. Cada sesion de trabajo tenia un comité de produccion, o proposito del comité fiscalizar el cumplimiento de las tareas designadas y desarrollar técnicas para mejorar la produccion. Esta estructura organizativa tenia una coordinacion en el comité de empresa que veia todo el tema de la produccion y el consejo de administracion donde estaba el interventor, los ejecutivos de la empresa, en el caso de nuestra planta no teniamos ninguno representante de los dueños pero en Sumar algodón sin tenia un representante de lo dueño. El Comité de Produccion era electo por su sesion de trabajadores, y el consejo tenia si trabajador elegido por los trabajadores en asamblea era muy democrático, la estructura era democrática no habia solo trabajadores, pero profesionales tambien, gerente, etc.”

^{xlvi} “Bueno, despues de intervenida la empresa lo que hicimos fue nombrar un Consejo de Administración que era 50% representantes de los trabajadores e 50% representantes del gobierno, algunos nombrados por interventores y otros por la Corfo y despues de eso hicimos la toma de la administracion y de la planificacion de la produccion para reactivar la empresa. El Comité de Administracion que tenia que ver con la gestion empresarial necesitaba tambien una estructura tecnica de apoyo entonces teniamos un Comité de Finanzas con profesionales de la empresa, pero tambien creamos nosotros el Comité de Produccion y que eran los trabajadores de su propia sesion que constituian el comité. El Comité de trabajadores tenia el labor de hacerse cargo que la planificacion se cumpliera y por lo tanto ellos se preocupaban si tenia la materia prima necesaria, los recursos humanos necesario, controlaban el tempo para que pudiera programarse y comprometerse ellos de la correcta utilizacion de la maxima capacidad que la empresa tenia. Habia que utilizar la maquinaria, ocuparse de la manutencion, los comites de produccion fueron muy importantes, yo como interventor hacia reuniones con los tecnicos del consejo pero igual con los delegados de los comites de produccion, de prensa, de abastecimiento tambien. Tuvimos una buena administracion, puedo decir que fue una empresa que tuvo buenos resultados, despues del golpe cuando los empresarios recuperaran la empresa encontraron con la empresa funcionando a plena capacidad.”

^{xlvi} “Los comités y consejos de las empresas eran electos democraticamente por los trabajadores, en cada taller elegian sus representantes, por asamblea y sus representantes elegian los consejos administrativos”.

^{xlvi} “El dueño no participaba del Consejo de Administracion, pero si el requeria alguna informacion nosotros no negabamos, nuestra obligacion era impedir que ellos tomaran decisiones, tenia hasta familiares del dueño trabajando donde yo era interventor, pero nosotros nunca los despedimos. El responsable por las finanzas siguio siendo lo mismo que trabajada con ellos, el ingeniero tambien, un encargado de la produccion cuñado del dueño tambien, pero los que quedaron no hicieron nada, como boicote algo asi, no hacian, salvo el cuñado que no participaba mucho, pero no saboteo nada tambien.”

^{xlvi} “Y todo ese cuento de trabajar me fue gustando la organizacion de los trabajadores porque yo en la verdad no la conocia y seguí paso a paso el trabajo de integrarme al movimiento y conquistar gente para el movimiento sindical. El trabajador no tenia participacion ninguna antes, no tenia como cambiar a una vida mejor o trabajar estudiar y participar, no solo ir hacer el trabajo cotidiano si no que participar como persona involucrarse mas no tenia esa opcion solo trabajar y recibir su platita antes de Allende. Pero nosotros fuimos los protagonistas de la historia de Chile de aquella época era rico ser joven y ganar voto a vot sin metralleta para que hubiera mas justicia social.”

¹ “Siempre ganaban menos las mujeres por uno mismo labor, en gran medida eso cambio y en lo pliego de peticiones logramos garantizar que las mujeres iban a ganar lo mismo que los hombres, ahora no logramos una equiparidad radical, pero se logro por ejemplo, acuerdos hechos con trabajadoras para cuidar de los niños de las otras trabajadoras, hicimos salacunas y jardines infantiles para los hijos de las trabajadoras para que no se preocupasen y podrian ver y alimentar sus hijos mientras trabajaban.”

^{li} “En el cordón Cerrillos la participación de las mujeres era muy poco, yo diría que no había mujeres en esa época en los sindicatos. Lo que no quiere decir que no hubiese mujeres trabajadoras, pero a nivel de dirigentes y de acción eran hombres. Había en los centros de madres, en los consultorios, los campesinos en las ferias, muchas mujeres. Cosa totalmente distinta a la situación de Cerrillos, es que el mundo sindical sigue siendo muy machista acá en Chile. Hoy día mismo, en sindicatos como Mimosa, donde trabajan fundamentalmente mujeres, los dirigentes del sindicatos son hombres; en Caffarena por ejemplo tenía 600 mujeres trabajando y como 10 hombres y los dirigentes del sindicato eran hombres”

^{lii} “Creo que el tema de los cordones es complejo, te vas a encontrar personas que los defienden y que los critican, todo depende del lugar que ocupó cada uno en el proceso de la unidad popular. Son visiones controvertidas...hay gente que tiene una noción muy guevarista del proceso y de los cordones y otros como yo que estaba más cerca de la visión similar a lo que era el problema de la unidad popular. Un tema muy complejo, estaba la guerra fría, la revolución cubana todos estos elementos están en Chile. Una de las visiones que tengo más fuerte fue las peleas que tuve con la gente del MIR. Los cordones Industriales de alguna manera se reflejó también esa batalla ideológica”.

^{liii} “Ellos, los trabajadores pedieron mi nombre porque yo era presidente del cordón Cerrillos y el gobierno nombro otra persona pero los trabajadores pedieron que fuera yo y el gobierno aceptó.”

^{liv} “pertenecer a una clase privilegiada, cosa que no era verdad, muchos no eran politizados y tenían esa ilusión.”

^{lv} “La industria textil tomecina no sólo limita su desarrollo a la generación de empleos directos, a estos debemos agregar que por todas partes se multiplicaban los sastres y modistos (as), cuyo oficio era de vital importancia para la confección de la elegante ropa utilizada por los trabajadores textiles [...] El trabajo en la industria textil era muy bien mirado y de hecho algunos trabajadores plantean que se sentían parte de un grupo privilegiado dentro de la clase trabajadora.”

^{lvi} “La superación de las condiciones de pobreza de la sociedad mediante el apoyo mutuo”.

^{lvii} “que nacen como una herramienta para la organización solidaria y el enfrentamiento clasista contra los capitalistas.”

^{lviii} “son hijas del liberalismo o del socialismo utópico mientras que las mancomunales son creadas bajo las ideas del socialismo científico, más concretamente las ideas marxistas y constituyen junto con las sociedades de resistencia de orientación anarquista, los antecedentes directos del sindicalismo”.

^{lix} “El reforzamiento moral de los trabajadores, el apego del trabajador a su puesto de trabajo y su identificación con el patrón, sobre todo a la hora de defender el club en encuentros con los adversarios

^{lx} “En 1939 fuimos, a reclamar al Jefe de Plaza, un teniente de marina muy baballero [...] que la señora no tiene leche, porque las mujeres tienen que madrugar, trabajan desde las seis de la mañana hasta la tarde y se les secaba la leche y tenían que darles leche de vaca para que no se les murieran los hijos. Para el terremoto la fábrica paralizó y el jefe dijo: ¡Si no hay trabajo no hay salario y si no hay salario no hay leche, no hay ningún beneficio, así que no es culpa mía! Estábamos en la plaza cuando el teniente dijo: en este lugar, con toda la gente que hay aquí de la Fábrica Nacional se va a formar el sindicato... y vamos a elegir la directiva al tiro, bajo mi responsabilidad y vamos a ver quien manda aquí, si el imperio alemán, los gringos o somos nosotros los chilenos [...] El apoyo oficial (era el gobierno de Pedro Aguirre Cerda, en cuyo ministerio de salud ejercía Salvador Allende) estimuló y facilitó la fundación del sindicato, pero la fundación y el apoyo, ocurrieron gracias al esfuerzo de los trabajadores y sus líderes, muchos de los cuales fueron reprimidos de las más diversas maneras. Las autoridades nos siguieron por la formación del sindicato a mando de lo dueño de la fábrica.”

^{lxi} “Bellavista fue la primera fábrica que se estatizó en año 1970. Es que Teófilo Yarur tenía una fábrica en Uruguay, Teófilo Yarur era un empresario muy despota, él tenía un guarda espaldas, él no llegaba solo cuando llegaba a la fábrica, tenía miedo de los trabajadores, le temía la gente, no se podía hablar con Teófilo Yarur. Entonces este sindicato industrial se veía que venía el triunfo de Yarur, dueño de la industria textil de Santiago también, desde Uruguay porque empezó a chuparse a los materiales de la fábrica y sacar el capital y por eso la gente se armó y paralizó el labor, prácticamente cuando llegó 70 la fábrica Bellavista no tenía nada”

^{lxii} “Estando en huelga y cuando Allende estaba en su campaña y se entrevistó con la gente con los dirigentes sindicales y él firmó el compromiso que cuando presidente iba estatizar la empresa y lo cumplió. Una vez elegido la primera industria que se estatizó fue la Paño Bellavista y ahí empezaron a llegar los materiales. Él asumió el 4 de noviembre y en primer día de diciembre decreta la estatización. Eso fue un resquicio que se quedó de la ley, no se conocía las estatizaciones y expropiaciones, pero si la Ley de Fomento y Construcción de los ministerios de la economía, había una ley de años atrás que hablaba de ruina y catástrofe por situación de los empresarios (21:15) esa ley la aplicaron y por eso estatizó.

^{lxiii} “[...] los dueños de esa empresa no cumplían sus obligaciones llegando hasta el extremo de paralizar

parcialmente primero y despues totalmente la indústria.”

^{lxiv} En el caso de la estatizacion el interventor que reemplazo el antiguo gerente, nosotros teniamos amplas atribuciones econômicas en cambio en una empresa intervenida no se podria hacer eso, el compañero interventor tenia que consultar tambien el dueño, no tenia esta libertad. Cuando el gobierno la toma estas fabricas de Tome estaban quebradas Yarur tenia ido de Chile y estaban sin producir Bellavista estaba tomada por los trabajadores ya y luego despues se intervio tambien la similar FIAP tras un lockout patronal en cambio seguimos trabajando, la presion de los trabajadores obligaron a gobierno intervenir, pero no estatizarla”.

^{lxv} “yo no me acuerdo que hayamos hablado de Cordones Industriales, pero si yo me acuerdo que habían harta unidad entre las tres empresas grandes que eran la FIAP, la Oveja y Bellavista que a donde había que ir íbamos todos, si había que ir a Chiguayante allá estábamos todos, si había que ir a una marcha allá estábamos todos por lo tanto había una unidad coordinada así como dirigente sindical lo que hacían, pero yo nunca vi una declaración de Cordón Industrial en Tomé.”

^{lxvi} “Había consejos electos por los trabajadores con cinco representantes de ellos y otros del gobierno, dentro tenía el papel del sindicato que era fundamental no queríamos tener problemas con los sindicatos. Había comités de produccion por cada seccion, comités paritarios tambien se formaron, teniamos comités paritarios de prevencion, teniamos companeros que veniam a darnos cursos. El comité de produccion se reunian y hacian informes a los consejos. Los comités paritarios se preocupaban con la salud, la prevencion y todo mas sobre la integridade de lo trabajador. El comité tenía que cumplir con las metas de produccion, nosotros llegamos a las metas de produccion y fuimos más ala [...] El Consejo de Administracion normalmente los partidos nombrava su representante y hacian propaganda con su candidato, las 5 primeras mayorias eran los que eran elegidos , principalmente del PC y PS, pero tambien de la DC, independientes, MIR-FTR tuvo tambien pero eran pocos (Bellavista entre 10 y 15), los consejos participaban de lo comités paritarios, tuvo uno consejo de administracion en bellavista y fue de apoyo del proceso teniamos una buena relacion. El PS era lo mayoritario aqui.”

^{lxvii} “[...] Entoces me llaman desde Santiago, mas precisamente del Ministerio de la Economia me comunicando que yo seria el responsable por la administacion de la empresa.”

^{lxviii} Como eu fazia o trabalho administrativo tive que contar com uma equipe poruqe não tinha muita experiencia com a administração, foi um desafio, somente tinha noções através dos cursos que tinha feito pela CUT e na Universidade de Santiago que me serviram como base. A primeira coisa que fiz foi conversar com um engenheiro comercial que o partido me envió e ele se tornou o chefe administrativo, outro companheiro ficou responsável pela auditoria contábil e o trabalho de relações públicas, a equipe era formada por nós três. Eu tinha um papel mais político e eles administrativo e nos entendiamos com o comite de produção, com o conselho administrativo representado pelos trabalhadores e pelo Estado e eu era o moderador. Havia um distanciamento entre os trabalhadores e os técnicos que se sentiam alheios ao processo, depois fizemos uma reunião na qual afirmei que precisamos estar unidos para o funcionamento da empresa e eles entenderam que tinhamos que ter disciplina e tud ocorreu bem.

^{lxix} “Siendo dirigente sindical conocí la Bellavista y todas fabricas textiles y conocia tambien por ser técnico têxtil. El primero interventor que enviaron el señor Masa fue un error, los conociamos como un tipo de la derecha y cuando llego a hacerse cargo en Bellavista llego como gerente y la estatizaron duro poco porque hubo un movimiento que tuvo que sacarlos y ahí se nombro a Carlos Nimayer (23:05) que era un joven socialista que recién había salido de la Universidad de Concepcion pero su puntualidade no era muy bueno y eso no gustaba los trabajadores en un período que teniamos metas a cumplir y seguir la obligacion del partido socialista de sacarlo y ahí me llaman de Santiago del ministerio de la economia e regional usted terá que quedarse a cargo de la Administracion de la Empresa.”

^{lxx} “Habiamos que hacer una revolucion a vino tinto y empanadas como decia Allende que se referia a hacer la revolucion de nuestra forma propia nacional, fue un modelo autentico y propio, la diferencia más profunda era que parecia la estatizacion próxima de lo que hice Cuba pero aqui en Chile lo hizo dentro de un Estado de derecho que tenía, aqui no quitamos nada de los capitalistas que no estaban en contra del gobierno. Nosotros produciamos paño y los entregabamos a las empresas confeccionistas yo tenía este labor, nunca se le quito y nunca se dejó de vender a ellos. Fue una revolucion y ellos los que abandonaron porque dejaron de sacar provecho de los trabajadores, nunca destinaron capital para una inversion social al bien estar de los trabajadores, entonces este fué la lucha que se dio los tipos percibieron esta lucha e se fueron, la lucha entre capital y trabajo.”

^{lxxi} “Entre los gerentes y los demas la diferencia del sueldo era mayor, pero no tanto me parece que un trabajador ganaba como 5, 6 mil escudos y un interventor y administrador como 40 mil escudos, mi sueldo estaba entre 8 y 10 escudos, compre mi casa cuando era obrero [...] En cuenta el sueldo había una razon del punto de vista político: había una cierta unidad de los dirigentes socialistas y comunistas por lo tanto

teníamos una amistad con Armando Coloma, nosotros no tuvimos grande pago, lo contrario, toda las compras que yo hacia eran descontadas y todo, luchamos por una equiparaicon salarial.”

^{lxxii} “Em la verdade quizás no coperamos tanto con el proceso, muchos creyeron que la indústria era deles y nada de trabajar, privilegiaban la actividad politica”

^{lxxiii} “El problema del aumentode la producción, también lo veíamos desde otro punto de vista , de que podíamos absorber mano de obra para que absorbiéramos la cesantía, entonces ya no era un asunto solamente de producción sino que también mirar que la gente que estaba afuera sin trabajo pudieran ingresar a trabajar de tal manera que nosotros el total de la gente que trabajó em Bellavista fueron alrededor de 1500, 1700 más o menos para el año 73 pero eso era conciencia de que lo social también tenía que ir aparejado el aumento de la producción.”

^{lxxiv} “Habia muchas mujeres em las empresas textiles y su participacion fue fundamental, siempre organizaban manifestaciones em defesa del gobierno, ocupando las calles de Tomé.”

^{lxxv} “Si habia muchas mujeres les tocaban reparar las telas que salian malas, com fallas, era un trabajo minucioso manual y de alta cualidad. Tenia mas o menos 200 mujeres en los telares tejiendo. Habia de todo militantes del partido socialista como Maria Reyes que sigue todavia trabajando com exilados. El sueldo era lo mismo que hombres y a veces ganaban mas, depende del trabajo que hacian.”

^{lxxvi} Despues de la reorientacion de la política econômica del invierno pasado se advertia um certo estancamiento em el ritmo de requisiciones, intervenciones y expropiaciones de empresas. Cerca de la mitad de las 90 firmas incluídas por el gobierno em la nomina del APS permanecian em manos privadas a comienzos de octubre. Em las ultimas semanas, sin embargo, se tuvo que requisar o intervenir um gran numero de empresas porque sus dueños intentaron paralisar sus atividades. Asi pasaron al control estatal mas de 15”

^{lxxvii} “Todo esto demuestra que debemos considerar la lista de las 90 empresas como un programa mínimo de expropiaciones y que es la lucha de los trabajadores que confeccionara la mejor nomina de empresas para la área social”.

^{lxxviii} “como um médio de asegurar la continuidad del processo productivo bajo control obrero, y la defensa del gobierno, especialmente a raiz del paro patronal de octubre de 1972”

^{lxxix} “La Contraloria devuelve varios decretos de intervención y el poder judicial establece una serie de medidas “precautorias” que imposibilitaban prácticamente el manejo de las empresas ya que éstas no podían comprar, ni vender, ni contratar, sin la aprobación de su antiguo propietario”

^{lxxx} “todos ellos estuvieron de acuerdo en considerar un error el envio por parte del gobierno de um nuevo proyecto para incorporar al área social de inmediato 49 de las 90 empresas que figuraban en la lista primitiva que el ejecutivo considero monopólicas o estratégicas”

^{lxxxi} “1) Que no se devuelva ninguna empresa donde haya consenso general de los trabajadores de no devolverla; 2) Que se discutan los problemas de las empresas em general con los coordinadores respectivos y de ninguna manera em forma particular; 3) Asegurar un mecanismo para que cada proyecto que se refiera a las empresas llegue directamente a los coordinadores para evitar confusiones desmentidos, malas interpretaciones; 4) El reintegro inmediato de los 30 compañeros de Corfan de calzados Alys y Camell que han sufrido persecucion por estar juntos al gobierno y los trabajadores durante el paro de los patrones de octubre; 5) Retiro inmediato del proyecto y entrega de un nuevo proyecto em consulta y elaboración con los trabajadores y coordinadores de los cordones; 6) Que las empresas sean dirigidas y administrada por los trabajadores y no en conjunto con los patrones; 7) Expropiacion de las grandes distribuidoras privadas; 8) Expropiacion de todos los fundos mayores que 40 h.r. básico; 9) Control obrero de la produccion y control popular de la distribucion y de los precios; 10) Que se forme una unica distribuidora estatal que distribuya directamente al Pueblo la canasta popular (Dinac, Socoagro, Graham, Gibbs, W. Balfour, etc.); 11) Para los pequenos comerciantes control popular a traves de las fuerzas de masas y en el futuro transformarlos en el trabajador del Estado; 12) Expropiacion de toda la gran indústria y todas las industrias que tengan que ver com fabricacion de produtos de primera necesidad; 13) Impulsar la canasta popular y control de la distribucion directa al Pueblo a traves de los “almacenes populares.”

^{lxxxii} “Por primera vez, partidos incorporados al gobierno criticaban públicamente medidas tomadas por el ejecutivo. Sólo seis días después de iniciada esta disputa se logra superar las contradicciones en el seno de la izquierda sacándose una declaración conjunta unitaria.”

^{lxxxiii} “1) los cordones nacieron al calor de la lucha durante el paro de ocutbre y fueron – y sigue siendo – uma forma de organizacion que se dieron las masas para actuar rápida y eficazmente contra las maniobras de la derecha 2) los cordones no depienden de la cut aunque la mayoría de sus miembros estan filiados a ella y la reconocen como máxima organizacion de los trabajadores chilenos. La cut debe prestar atencion a los cordones no deben olvidar de los cordones em sus discursos.”

^{lxxxiv} “fortalecer y desarrollar cada dia mas a lo largo del pais los germen es del poder popular que se

manifiestan hoy en organizaciones que se há dado la clase tales como: cordones industriales, comandos comunales, consejos campesinos, jap y organismos de participacion y que tendra por tarea conquistar cada dia mas poder, ser capaces de la defensa del processo y a la vez nos permitirá ir destruyendo las añejas estructuras de la institucionalidade burguesa....las bases del nuevo estado socialista.”

^{lxxxv} “Consideramos que el poder popular naciente esta demostrando la nueva mentalidad y consciencia de la clase y por lo tanto tenemos la absoluta seguridad que tenemos un papel importante y quizas el mas importante que pueda tener cualquier organismo en la lucha por la conquista del poder y el fortalecimiento y el cambio de estructuras necesarios en las organizaciones tradicionales de la clase obrera, incluso en los partidos políticos y proletarios que indudablemente deben adecuarse de acuerdo a la realidad actual para continuar jugando el rol tan necesario en un proceso revolucionario que es el del conducir y dirigir politicamente las masas”.

^{lxxxvi} “expropiacion de 39 predios agrícolas para que sean puestos inmediatamente en las manos de los trabajadores, exigir el cambio de algunos funcionarios burocratas que han impedido el avance en la conquista del poder, exigir que se discuta en el seno de la clase leyes de reforma agraria de área social de distribucion y remuneraciones, en el cordon Cerrillos exigimos la expropiacion de industrias: Pizarreño, Phillips Chilena, Distribudora de combustible (COPEC), Isesa, Pinturas Blundell, Luis Prieto Vial, Cobre Cerrillos y llamamos a los trabajadores del resto de las industrias a constituir organizaciones que permitan el control obrero de la produccion como una responsabilidad y tarea de hoy, exigimos que con el aporte de las empresas del área social y los organismos de masas se inicie la construccion de la posta de urgencia, maternidade y consultorio para la comuna de Maipu, tarea planteada por el consejo local de salud”

^{lxxxvii} “fijar politicas que permitan un control de la economia que haga del cobre, efetivamente, el sueldo de Chile, que se dicte una ley nueva de Reforma Agraria a partir de la discusion en el seno del campesinado, la estatizacion de los monopolios de distribucion como único medio que permita garantizar al Pueblo um abastecimiento racional y continuo, la destruccion del fascismo, la creacion de consciencia antimperialista que unifique a los trabajadores por sobre sus banderas politicas. Tambien se deben modificar instituciones como la CUT (autentica y principal organizacion de los trabajadores) y de los partidos políticos em su estrutura orgánica de tal manera, que les permita a través del contacto permanente y directo de la clase jugar el papel que les corresponde al entregar orientaciones politicas, como la táctica y la estrategia que hoy los trabajadores creemos necesario implantar para reforzar los logros y defender el gobierno y la estabilidad del mismo, a traves del Poder Popular.”

^{lxxxviii} “de la organizacion sindical de la industria de acuerdo a las instructivas de la CUT y esta integrado por compañeros propuestos por la Directiva del Sindicato sujetos a ser ratificados por la asamblea y todos compañeros conscientes organizados em Brigadas.”

^{lxxxix} “una arma eficaz de los trabajadores para la defensa de sus medios de trabajo, es una herramienta ideológica para unir el trabajador a su industria, defendiendo sus intereses: la propiedad colectiva frente al interes del patron que es la propiedad individual”

^{xc} “todas estas formas de organizacion que se dé al pueblo se ira estructurando una vanguardia que conducirá correctamente a las masas a la toma del poder.”

^{xcii} “la participacion directa de los trabajadores debe constituir el pilar fundamental para hacer irreversible el proceso, sentar las bases del poder popular, iniciar la planificacion socialista cambiar las relaciones de produccion y educar politica, técnica y administrativamente las masas”.

^{xciii} “Cuando los cordones industriales empiezan a tomar mucha fuerza y a masificarse, el PC y sectores más conservadores de la Unidad Popular se dieron cuenta que la conducción se empieza a escapar de sua manos. Ellos a través de la CUT y a través de los dirigentes del PC, que iban precisamente de Textil Progreso, em donde la mayoría de los dirigentes eran militantes comunistas. Los dirigentes de la CUT convocan precisamente a ampliar esta CUT, por así decirlo, y asumir um poco las características del cordón. Pero basicamente para crear vanguardismo y dividir, digamos, y bajarle el perfil.

^{xciv} “Los cordones industriales deben ser organismos de base de la CUT. A ellos pueden incorporarse todos los sindicatos del sector respectivo; 2) Por lo tanto, no pueden pertenecer a los cordones las juntas de vecinos, las Jap’s [...]; 3) Los dirigentes de un Cordón Industrial, deben ser designados por la asamblea de los dirigentes sindicales de todas las organizaciones de base del Cordón, cualesquiera su tendencia ideológica. Los dirigentes votan de acuerdo al número de trabajadores que representan. La asamblea del cordon es constituida por la reunión de los dirigentes sindicales; 4) La organización de um Cordón Industrial [...] es incompatible com el paralelismo sindical. Em consecuencia, reiteramos que estas organizaciones deben pertenecer a la CUT-Chile como organismos de base.”

^{xcv} “La CUT debe impulsar independentemente la transformación y democratización de la actual estrutura sindical, organizando los cordones industriales como órganos territoriales de base”.

^{xcv} “nosotros decíamos que el pueblo necesitaba órganos de poder, alternativos al poder burgués e independientes del Gobierno, que permitan a la clase obrera conducir tras de sí al resto de las capas aliadas y para eso necesitamos un motor impulsor que podría ser la Central Unica si ella cambiara su estructura.”

^{x cvi} “en ninguno caso se plantea paralelos a la CUT, sino que la como la máxima organización de los trabajadores chilenos a nivel nacional [...] Los cordones se plantean el problema del Poder y la constitución de las organizaciones gérmenes del Poder Popular (Comandos Comunales de Trabajadores), por lo que requieren de la autonomía necesaria para cumplir el papel de conductores de los diferentes sectores sociales aliados del proletariado en la lucha por el socialismo.”

^{x cvii} “Algunos sectores pasando por sobre las instructivas de la CUT y sobre los acuerdos tomados por la superestructura de su partido, han pretendido dividir el Cordón Industrial Vicuña Mackenna. Como trabajadores consideramos una obligación alertar a las bases sobre los intentos de los compañeros dirigentes PC, de Textil Progreso, estos compañeros que solo hoy día han reconocido como auténtica expresión de poder de la clase obrera organizada, a los cordones industriales, han pretendido en estos momentos en que el fascismo se levanta en armas, crear un cordón paralelo.”

^{x cviii} “Era una solidaridad extraordinaria, tenía un ánimo a nivel nacional de los trabajadores, el trabajo voluntario era fundamental los estudiantes ayudábamos en las fábricas una grande esperanza. La derecha empezó a crear el ambiente ficticio de escasez de alimentos y de productos, el mercado negro, entonces los cordones nombraron a todos dirigentes como inspectores y podíamos ir en cualquier parte fiscalizar los almacenes y así logramos sorprender a muchos que escondían productos. En el paro de octubre salíamos en la calle y forzábamos que volvesen al trabajo los camioneros paralizados.”

^{x cix} “Nosotros construimos biblioteca en la fábrica para los trabajadores y hacíamos debates y clases de formación política, había un espacio y ambiente de fuerte participación y debate, crecía en los trabajadores las ganas de participar y ampliar su conocimiento, mientras trabajábamos cambiábamos libros e ideas.”

^c “se cultivo mucha solidaridad reparamos y construimos casas la empresa ayudaba con prestamo o con aporte enviamos trabajadores de la sección de manutención dábamos permiso para trabajadores ayudar a reparar casas de otros trabajadores. Hicimos intercambio entre trabajadores que vinieron de la Textil Progreso de Santiago a jugar. Los partidos hacían formación política, nosotros teníamos la base de Marta Haenecker.

^{ci} “Mira esa empresa era muy grande y moderna pero tenía un casino para los empleados y los trabajadores tenían que comer afuera, había 3700 mujeres y la mayor parte era mamá y no había salacunas para sus hijos, los salarios eran pesimos y cuando fomos elegidos observábamos todas estas cosas de las diferencias entre los empleados y trabajadores entonces el primero trabajo del sindicato fue hacer un gran casino que fuese plural donde sentaba los empleados y obreros juntas para el almuerzo construimos salacunas para hijos de las madres que trabajaban ahí, había 3700 mujeres en el total y muchas compañeras mamás. Teníamos también un bienestar social compuesto por una asistente social un representante sindical y un de los empleados.

^{cii} “Logramos un convenio para construir departamentos, casas, y hacían los miembros de esta comisión de bienestar que tenía ellos visitaban la gente en su casa y determinaban la necesidad de cada uno. Ahora todas estas casas que les entregaron cuando viene el golpe se los quitaran todo. Las casas eran hechas por un empresa constructora y nosotros las pagábamos.”

^{ciii} “el énfasis puesto en los conflictos de carácter económico introdujo cierta “racionalidad” por sobre un factor de tipo más “comunitario” el que si bien permanece en los trabajadores [...]”

^{civ} “La UP fue un proceso revolucionario. En los cordones se establecieron vínculos entre las empresas, los dirigentes de empresas distintas tenían que hablar entre ellos tener noción del proceso de producción y además de eso permitieron desarrollar la solidaridad entre los trabajadores. Había muchas huelgas y movilizaciones en solidaridad a empresas que estaban en huelgas. La gente empezó a entender y hablar más de política, se empezaron a instruir.”

^{cv} “En el paro de octubre la preocupación era llegar a la pega (trabajo), eso no fue problema, buscamos tractor, buses, bicis, para ayudar a los trabajadores, además hacíamos almuerzo colectivo. La gente hacía toma de terreno en Renca y los campamentos vivía gente de las distintas fábricas también. En el cordón tenía empresas de alimentos, llevábamos para alimentar a los trabajadores de las empresas, así nos organizábamos para ayudar uno a los otros. Tenía aun problemas con el transporte, necesitábamos de los camiones para el abastecimiento y hacer llegar las materias primas en las empresas y entonces se organizaron el comando comunal.”

^{cvi} Me acuerdo de una fábrica Papelera Sur que hacía cajas de papelón para las bananas tenían que presentar el pliego de peticiones y tenían poca posibilidad porque era muy chica la empresa y entonces el cordón dijo: el problema no es solo de los trabajadores de la empresa pero si del cordón y entonces

dicemos o se resuelve el problema de la empresa o paramos todos. Construyemos la solidaridad todo tempo em la época de la UP.

^{cvii} “Otra vez nos tomamos la fábrica pero no hemos dejado de producir. El día 26 em la tarde la directiva sindical nos comunico que “alguién” queria echar al interventor Tomás Hinostroza, lo que nos pareció incorrecto. A este compañero lo hicimos traer nosotros em el mês de octubre, para que dirigiera la indústria y ahora lo quieren echar pa’fuera sin darse la moléstia de consultarnos. Por supuesto que este “alguién” no pertenece a la indústria, no es los que se paran delante de uma maquina 8 horas al dia, sino que sientan em uno de esos cargos altos [...] Ojalá entienda nuestra posición, consultar a las bases para tomar decisiones, y si no lo entiende, la indústria seguirá tomada [...] estamos luchando contra unas de las grandes taras del capitalismo y uno de los problemas más grandes del socialismo, la burocracia. [...].

^{cviii} En la UP compartimos mucho con la ciudad de Santiago, llevabamos conjuntos musicales folclóricos de la industria Sumar para Tome e ibamos a tocar ala tambien. Ademas haciamos almuerzo para las familias de trabajadores y habia mucha integracion y discussion sobre los acontecimientos políticos y econômicos de la época.”